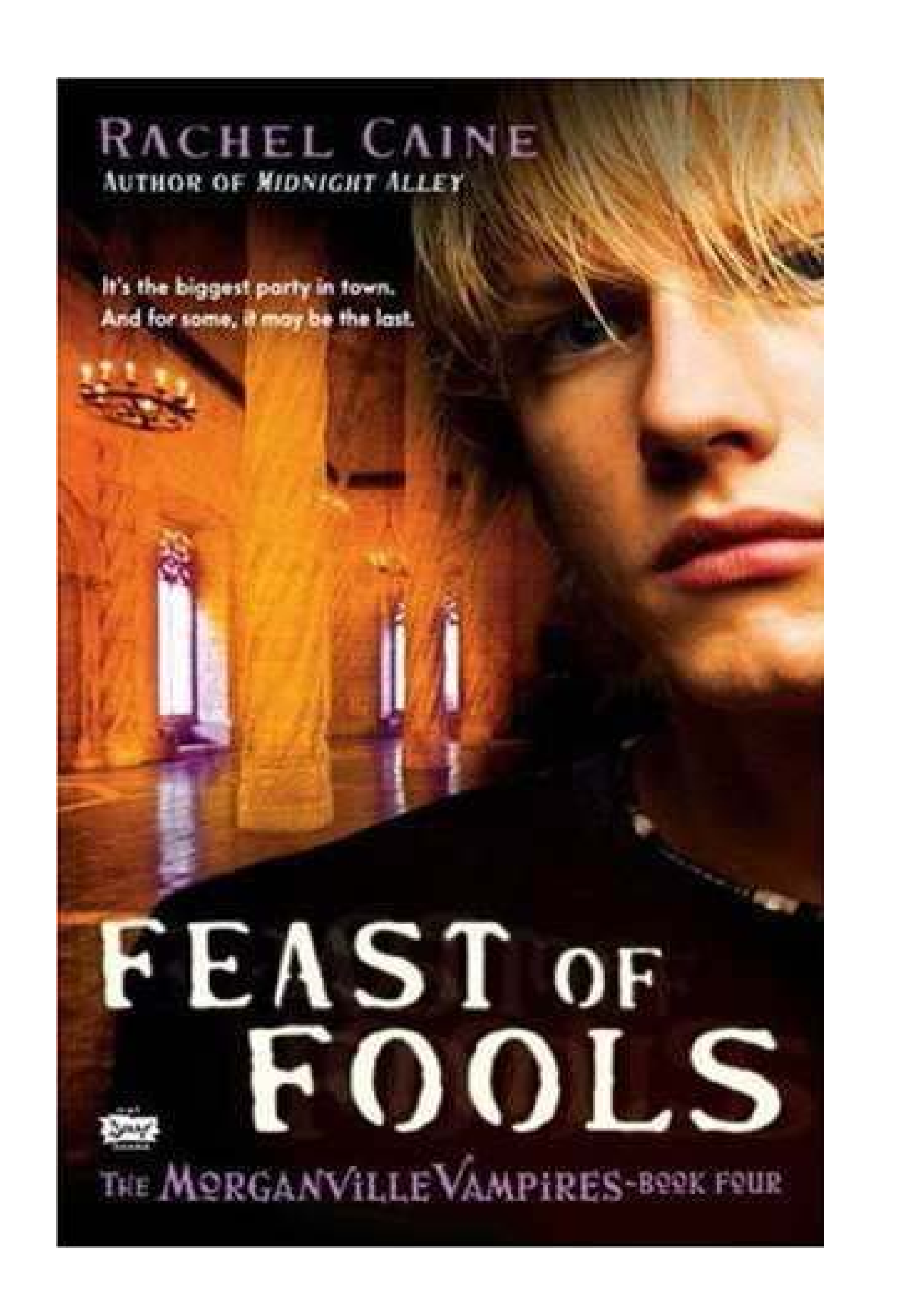




RACHEL CAINE

AUTHOR OF *MIDNIGHT ALLEY*

It's the biggest party in town.
And for some, it may be the last.

FEAST OF FOOLS



THE MORGANVILLE VAMPIRES—BOOK FOUR



DEDICATÓRIA

Para o Time Turnes, quem me incentivou a avançar... E para P. N. ELROD, que sabe porquê.

AGRADECIMENTOS

Não poderia ter acontecido sem Sondra Lehman, Josefine Corsten, Sharon Sams, e os meus amigos da LSG Sky Chefs.
Agradeço também ao Lucienne Diver e Anne Bohner, sem quem. . . bem, vocês sabem!

UMA LONGA HISTÓRIA...

Claire Danvers estava indo para Caltech. Ou talvez MIT. Ela queria as grandes escolas... mas seus pais estavam um pouco preocupados com o envio de uma menina de dezesseis anos de idade sem observação devido a alta pressão do mundo. Então eles concordaram e enviaram para um lugar seguro por um ano – Texas Prairie University, uma pequena escola localizada em Morganville, Texas, a apenas uma hora ou mais de sua casa.

Um problema: Morganville não é o que parece. É o último lugar seguro para vampiros, e que a torna não muito segura para os humanos que trabalham ou estudam. As regras dos vampiros na cidade... e todos os que vivem nela.

O segundo problema de Claire é que ela está cercada de inimigos, grandes, humanos e vampiro. Agora ela vive com seus colegas de quarto Michael Glass (recentemente um vampiro), Eve Rosser (sempre gótica), e Shane Collins (cujo pai é um assassino de vampiros). Claire é normal... ou ela seria, exceto que ela conhece profundamente os segredos de Morganville. Ela se tornou um empregado do Fundador, Amelie, e amiga do mais perigoso, ainda mais vulnerável, vampiro, Myrnin.

E só quando ela acha que as coisas não podem ficar pior... eles ficam.

O pai de Amelie está vindo para cidade, e ele não está feliz.

Quando papai não está feliz... ninguém é feliz.

HÁ UMA GRANDE FESTA NA CIDADE, E PARA ALGUNS, PODE SER A ÚLTIMA!

Era difícil imaginar como era o dia de Claire - mesmo com as normas de Morganville - poderia ser pior... e então os vampiros que a faziam refém queriam café da manhã. "Café?" Claire repetiu sem expressão. Ela deu uma olhada na janela da sala, só para provar a si mesma que, sim, ainda estava escuro lá fora. Totalmente escuro.

Os três vampiros olharam para ela. Era ruim o suficiente esse tipo de atenção dos dois que ela não tinha sido devidamente apresentada - homem e mulher, bastante bonitos - mas quando os frios, olhos do velho Sr. Bishop focavam nela, fazia ela querer correr e se esconder.

Ela sustentou o seu olhar por cerca de cinco segundo, em seguida, olhou para baixo. Ela quase poderia senti-lo sorrindo.

"Café", disse ele suavemente, "é algo a ser comidos no período da manhã. Manhãs de vampiros não são controlada pelo amanhecer. E eu gosto de ovos."

"Mexidos ou com a gema dura?" Claire perguntou, tentando não soar tão nervosa como ela se sentia. Não diga com gema dura. Eu não sei como fazer ovos com gema dura. Eu nem sei porque falei isso. Não diga com gema dura...

"Mexidos", disse ele, e a respiração de Claire ficou aliviada. O Sr. Bishop estava sentado na confortável cadeira da sala que Michael normalmente ocupava enquanto ele estava tocando sua guitarra.

Ao contrário do Michael, o Sr. Bishop fazia parecer um trono. Parte do motivo de todos estarem de pé - Claire, com o namorado, Shane, que estava por precaução do seu lado; Eve e Michael há uma pequena distância, mexendo as mãos. Claire arriscou um olhar para Michael. Ele olhou... contido. Irritado, com certeza, mas sob controle, pelo menos.

Claire estava mais assustada a respeito de Shane. Ele tinha uma história muito bem documentada de agir antes de pensar, pelo menos quando ele era para ser segurança pessoal das pessoas que ele se preocupava. Ela tomou a mão dele, e ele enviou-lhe um rápido, escuro, ilegível relance.

Não, ela não estava certo sobre ele em tudo.

A voz do Sr. Bishop puxou de volta sua atenção para ele com uma onda fria. "Você disse à Amelie que cheguei, menina?"

Aquele tinha sido o primeiro comando - avisar a filha dele que ele havia chegado na cidade. Sua filha?

Amelie - o vampiro cabeça de Morganville - não parecia humana suficiente para ter uma família,, nem mesmo uma família assustadora como o sr. Bishop. Gelo e cristal, essa era Amelie.

Ele estava esperando por uma resposta, e Claire tinha pressa em ter uma. "Eu liguei. Deixei recado no correio de voz dela", Claire disse. Ela

tentou não soar defensiva. As sobrancelhas de Bishop desenharam uma carranca.

“Eu suponho que significa que você deixou algum tipo de mensagem.” Ela concordou mudamente. Ele batia seus dedos impacientemente sobre o braço da cadeira. “Muito bem. Iremos comer enquanto aguardamos. Ovos, mexidos, como eu disse. Nós também teremos bacon, café-”

“Biscoitos”, gracejou a mulher inclinada sobre o braço da sua cadeira. “Eu adoro biscoitos. E mel.” A vampira tinha um sotaque meio lento, algo que não era do Sul e não era de muito longe, de qualquer modo.

O Sr. Bishop deu-lhe um olhar tolerante, como se fosse um ser humano olhando seu animalzinho. Ela tinha um brilho nos olhos gelados dela, e se mudou de forma suave e silenciosa que indicava que não tinha como ela ser humana.

Não escondendo isso, também, como alguns dos vampiros de Morganville tentavam fazer.

A mulher continuava sorrindo, escuro olhos fixos em Shane. Claire não gostou do jeito que ela estava olhando para ele. Era um olhar - ganancioso.

“Biscoitos”, O Sr. Bispo concordou, com um pequeno sorriso. “E eu irei ser indulgente com você no futuro concordando com isso, criança.” O sorriso desapareceu quando ele se virou para os quatro pés na frente dele. “Vão cuidar dos negócios de vocês, então. Agora.”

Shane agarrou a mão de Claire e praticamente arrastou-a em direção à cozinha. Não importa o quanto ele era rápido se movendo, Michael estava lá primeiro, empurrando Eve, através da porta. “hey!” Eve protestou. “Eu estou andando aqui!”

“E quanto mais rápido, melhor,” disse Michael. Seu rosto normalmente angelical parecia estranho, todas as rugas, e ele fechou a porta quando eles estavam seguros na cozinha. “Certo. Nós não temos muitas opções. Vamos fazer exatamente o que ele disse e esperar Amelie ajeitar tudo isso quando ela chegar.”

“Pensei que você fosse o Grande mau Sugador de Sangue nestes dias” disse Shane. “É nossa casa. Como você simplesmente não pode mandá-lo embora?” Isso era uma pergunta razoável, e Shane conseguiu dizê-lo sem parecer como um desafio. Bem, uma grande parte. A cozinha ficou fria, Claire verificou - como se toda temperatura da casa estivesse caindo progressivamente. Ela se ajeitou.

“É complicado”, disse Michael. Ele começou a abrir os armários e a montar as coisas para fazer café. “Sim, é nossa casa” - ênfase, Claire observou, no nosso - “mas se eu revogar o convite ao Sr. Bishop, ele irá chutar nossas bundas, eu garanto.”

Shane se apoiou no fogão e cruzou os braços. “Eu pensei que você seria mais forte na sua própria casa -”

“Era para ser. Eu não sou.” Michael despejou café no filtro. “Não seja um babaca agora, nós não temos tempo para isso.”

“Cara, eu não estava tentando ser.” E Claire poderia dizer que ele realmente não estava sendo. Michael parecia entender, também, e enviou à Shane um pedido de desculpas. “Estou tentando descobrir em que grande pilha de lixo estamos metidos. Não culpando por você, cara.” Ele hesitou um segundo e, em seguida, continuou. “Como você sabe? Temos ou não uma chance?”

“Como qualquer outro vampiro que conheci, eu sei quando estou com eles. Quem é mais forte, quem é mais fraco, se poderia ou eu não tê-los em uma luta ou se chegará a isso.” Michael colocou a água na máquina e esperou aquecer. “Esses caras, sei que não tenho uma chance no inferno. Não contra um deles, muito menos com os três, nem mesmo com a própria casa me apoiando. Eles são os fodões, cara. Verdadeiramente os cabeças. Será preciso Amelie ou Oliver para lidar com isso.”

“Então”, disse Shane, “estamos aterrados no lixo. Bom saber.”

Eve empurrou-o para fora do caminho e começou a tirar painéis e frigideiras para fora dos armários, fazendo um ruidoso barulho. “Uma vez que não vamos lutar, melhor fazer o café,” disse ela. “Claire, você faz os ovos, já que você nos ofereceu como cozinheiros.”

“Melhor do que nós nos voluntariarmos para ser o café da manhã,” Shane assinalou, e Eve respirou.

“Você”, disse ela, e apertou um dedo em sua camisa. “Você, senhor. Você faz o molho.”

“Você quer nos ver mortos, não?”

“Cala a boca. Vou fazer os biscoitos e bacon. Michael-” Ela virou, olhando para ele com grandes olhos escuros, quase animados pelo rímel gótico. “Café. E eu acho que você tem que ser o principal olho aqui. Desculpe.”

Ele concordou. “Eu vou ter certeza que saberei o que eles estão fazendo quando eu terminar aqui.”

Atribuir a Michael a função de barista e espião fez sentido, mas isso deixou eles com muito mais trabalho, e nenhum deles era exatamente futuros chefs em formação. Claire lutou com os ovos mexidos. Eve amaldiçoou a graxa de bacon num sussurro feroz, e independentemente do que Shane estivesse fazendo, não se parecia muito com molho.

“Posso ajudar?”

Todos eles pularam com a voz, e Claire olhou em direção à porta da cozinha. “Mamãe!” Ela sabia que parecia pânico em sua voz. Ela estava em pânico. Ela esqueceu tudo sobre seus pais – eles entraram com o Sr. Bishop, e os amigos do Sr. Bishop entraram enquanto eles discutiam todo o esquema não-entre-sem-ser-convidado em frente de casa. No grande esquema das coisas assustadoras, Bishop tinha tomado a dianteira.

Mas lá estava a mãe dela, em pé na soleira da porta da cozinha, sorrindo um frágil, confuso e bonito sorriso e parecendo... vulnerável. Cansado.

"Sra. Danvers!" Pulou Eve, sobressaltada, e orientou-a à mesa da cozinha. "Não, não, nós estamos apenas - ah - fazendo alguma comida. Você ainda não comeu, certo? E quanto ao Sr. Danvers?"

A mãe dela, - olhando exatamente cada um dos quarenta e dois anos dela - pareciam cansados, vagos, tipo fora de foco. Preocupados, também. Havia linhas em torno de seus olhos e boca que Claire não se lembrava de ter visto antes, e isso assustou ela.

"Ele -" A mãe de Claire fez cara amarrada, em seguida, inclinando a cabeça sobre a palma da sua mão. "Ai, minha cabeça dói. Me desculpe. O que você disse?"

"O seu marido, onde está ele?"

"Vou encontrá-lo", Michael disse calmamente. Ele escorregou para fora da cozinha com a graça e a agilidade de um vampiro - mas pelo menos ele era o vampiro deles. Eve sentou a mãe de Claire à mesa, trocou um desamparado com Claire, e nervosamente começou a falar sobre a longa viagem que deve ter sido até Morganville, que era uma boa surpresa eles se mudarem para a cidade, quanto Claire estaria desfrutando com a presença deles aqui. Etc, etc, etc.

Claire continuou mexer os ovos para frente e para trás na frigideira. Isto não podia acontecer. Meus pais não podem ficar aqui. Não agora. Não com Bishop. Era um pesadelo, em todos os sentidos.

"Eu poderia ajudá-la a cozinhar," a mãe disse, e fez um esforço para levantar-se. Eve olhou para Claire e murmurou, 'Diga alguma coisa!' Claire engoliu uma fria bolha de pânico e tentava fazer o seu som da voz pelo menos parcialmente sob controle.

"Não, mãe," disse Claire. "Está tudo bem. Temos tudo sob controle. Olha, nós estamos fazendo extra no caso de você e o pai estarem com fome. Você apenas senta e relaxa."

Sua mãe, que era geralmente uma aberração de controle na cozinha, propensas a dar comandos de algo errado como a água fervente, parecia aliviada. "Tudo bem, querida. Deixou-me saber se posso ajudar."

Michael abriu a porta da cozinha, e empurrou o pai de Claire. Se a mãe dela parecia cansada, seu pai só parecia... em branco. Perplexo. Ele amarrava a cara para Michael, como se ele estivesse trabalhando para saber exatamente o que estava acontecendo mas não sabia um dedo.

"O que está acontecendo aqui?" Ele bombardeou Michael. As pessoas lá fora -"

"Parentes", disse Michael. "Da Europa. Olha, eu estou arrependido. Eu sei que você queria passar algum tempo com Claire, mas talvez você devesse apenas ir para casa, e nós iremos -"

Ele pausou, então se virou, porque alguém estava de pé na porta atrás dele. Seguindo eles.

"Ninguém vai a lugar nenhum", disse um dos vampiros de Bishop – o cara. Eles estava sorrindo. "Uma grande família feliz, hein, Michael? Michael, não é?"

"O que, nós estamos nos tratando pelo primeiro nome agora?" Michael colocou o pai de Claire para dentro da cozinha e fechou a porta na cara do vampiro.

"Certo. Vamos fazer vocês darem o fora daqui," ele disse aos pais de Claire, e abriu a porta de trás, a que levou para o quintal. "Onde está o carro? Na rua?"

Lá fora a noite parecia preta e vazia, nem sequer uma lua mostrando. O pai de Claire continuava com a cara amarrada para Michael novamente e, em seguida, tomou um lugar à mesa da cozinha com a esposa.

"Fecha a porta, meu filho," disse ele. "Nós não vai a lugar nenhum."

"Senhor –"

Claire tentou, também. "Pai-"

"Não, querida, há algo estranho acontecendo aqui, e eu não estou indo. Não até que eu saiba que está tudo ok." Seu pai transferiu a carranca para Michael novamente. "Só quem são estes... parentes?"

"Do tipo que ninguém quer falar," disse Michael. "Cada família tem eles. Mas eles estão aqui apenas por um pouco tempo. Eles estarão saindo em breve."

"sairemos depois que eles fizerem," disse o pai.

Claire tentou se concentrar no ovos mexidos ela estava fazendo.

Suas mãos estavam tremendo.

"Hey", Shane sussurrou, inclinando perto. 'Está tudo ok. Nós vamos ficar todos bem." Ele era uma grande, sólida, quente presença ao lado dela, agitando o que não poderia ser realmente molho. Ela sabia isto principalmente porque a exclusiva capacidade culinária de Shane era o chili. Mas pelo menos ele estava tentando, o que era novo e diferente e, provavelmente, mostrou quão seriamente ele estava levando tudo isto.

"Eu sei", disse Claire, e engoliu. O braço de Shane pressionado contra ela, uma coisa do tipo deliberada, e ela sabia que suas mãos não estavam ocupadas, ele colocou os braços em torno dela. "Michael não irá deixá-los nos machucar."

"Você não está ouvindo?" Eve se juntou a eles no fogão, sussurrando ferozmente. Ela mexia a fritura do bacon. "Ele não pode detê-los. Por mais que ele tente se machucará no processo. Então talvez você deva ligar novamente para Amelie e dizer a ela para vir aqui com seu todo-

poderoso rabo agora.”

“Sim, boa idéia, chatear o único vampiro que podemos ajudar. Olha, se eles vão nos matar, eu não acho que iam pedir ovos primeiro,” disse Shane. “Sem mencionar biscoitos. Se você perguntar por biscoitos, claramente, você acha que você é uma espécie de convidado.”

Ele tinha um ponto. Isso realmente não pararia o tremor na mão de Claire, apesar de tudo.

“Claire, querida?” A voz da sua mãe, mais uma vez. Claire pulou e quase capotou a espátula cheia de ovos para fora do fogão. “Essas pessoas. O que eles realmente estão fazendo aqui?”

“O Sr. Bishop – ele, uh, está à espera de sua filha para vir buscá-lo.” Isso não era mentira. Não de tudo.

O pai de Claire se levantou da mesa e foi para a cafeteira, que estava chiando, se dizendo pronta; ele derramou duas canecas e levou-as de volta para a mesa. “Bebe um café, Kathy. Você está cansada,” disse ele, e havia uma nota suave na sua voz que Claire fez olhar para ele fortemente. Seu pai não era o mais emocional dos caras, mas ele parecia preocupado agora, quase tão preocupado como a mãe.

Pai tomava seu café como se fosse água depois de uma tarde quente de relva roçada. Mãe acrescentava creme e açúcar, em seguida, mexia. Nenhum deles falou novamente.

Michael escorregou para fora da cozinha, levando canecas de café para os outros. Quando ele voltou, ele fechou a porta e se inclinou contra ela por um minuto. Ele parecia branco, tenso, pior do que ele estava nos meses que ele se transformou totalmente em um vampiro. Claire tentou imaginar o que eles disseram para ele ficar parecido com isso, e não podia sequer começar a adivinhar. Algo ruim. Não, alguma coisa horrível.

“Michael”, disse Eve tensa. Ela olhou para os pais de Claire. “Mais café?”

Ele concordou e se afastou da porta para pegar a cafeteira, mas ele nunca chegou a mesa. A porta da cozinha abriu novamente, e Sr. Bishop e sua comitiva entraram nela.

Alto e ativo como a realeza do século XIX, os três vampiros enchiam a cozinha. Os outros dois vampiros eram bonitos, jovens, e assustadores, mas o Sr. Bishop era o responsável; não havia como negar. Quando seu olhar caiu sobre ela, Claire vacilou e voltou para ovos.

A fêmea vampira foi até o fogão e colocou o dedo no molho que Shane estava mexendo e, em seguida, levou o dedo lentamente ao seu lábios para chupá-lo. Ela encarou Shane o tempo todo. E Shane, Claire percebeu que parecia indefeso, com um desagradável choque, e desviava o olhar.

“Nós vamos sentar para a refeição agora,” disse Bishop a Michael. “Você terá o prazer de servir-nos, Michael. E se seus amigos decidirem tentar me envenenar, vou ver seu estômago para fora, e acredite, um

vampiro pode sofrer muito, muito tempo quando eu desejar fazer."

Michael engoliu e concordou uma vez. Claire enviou um involuntário olhar em direção a seus pais, que não poderia eventualmente ter perdido isso.

E eles não tinham. "Desculpe-me?" O pai de Claire perguntou, e começou a se levantar de sua cadeira. "Está ameaçando essas crianças?"

Bishop colocou os olhos frios na direção deles, e Claire desesperadamente pensou se o ferro quente da frigideira cheia de ovos fritos poderia ser uma arma útil contra um vampiro. Seu pai congelou, a meio caminho para cima.

Ela sentiu uma onda de alguma coisa passar na cozinha, e os pais dela tinham os olhos brancos e vagos. Seu pai afundou novamente e pesadamente em sua cadeira.

"Sem mais perguntas", Bishop disse. "Eu estou cansado do seu falatório."

Claire sentiu uma onda preta de fúria. Ela queria saltar sobre o velho maligno e tirar seus olhos para fora. A única coisa que segurava de volta, nesses dois longos segundos, era o fato de que se ela tentasse, todos eles acabariam mortos.

Mesmo Michael.

"Café?" Eve quebrou o silêncio com um desesperado, quebradiço brilho no seu tom. Ela agarrou a cafeteira de Michael e colocou nas xícaras do pai e da mãe de Claire como um anjo negro vingador de cafeína. Claire se perguntou o que os pais dela fariam com Eve, com sua maquiagem de pó de arroz e batom preto e rímel, e seus cabelos tingidos de negro esmiuçavam em ferozes espigas.

Então, novamente, ela tinha o café, e ela estava sorrindo.

"Claro", disse a mãe, e tentou um sorriso em troca. "Obrigado, querido. Então - você disse que o homem é um parente seu?" Ela jogou um olhar em direção à Bishop, que estava saindo da cozinha e para a mesa de jantar na área de estar. O bonitão jovem do sexo masculino capturou o olhar de Claire do olhar e piscou, e ela voltou apressadamente a se concentrar em Eve e seus pais.

"Não", disse Eve, com as bochechas meio rosadas. "Parente distante de Michael. Da Europa, você sabe. Creme?"

"Os ovos estão prontos," disse Claire, e desligou o fogo. "Eve-"

"Espero que tenhamos pratos suficientes," Eve interrompeu, mais do que um pouco frenética. "Nossa, eu nunca pensei que eu ia dizer isto, mas onde estão os chineses? Existe os chineses?"

"Significa pratos sem fichas nas bordas? Sim. Lá em cima." Shane apontou para um gabinete cerca de quatro pés mais alto que a cabeça de Eve. Ela deu-lhe um olhar. "Não me olhe - Eu não posso pegá-los. Ainda ferido, você sabe." Ele estava. Claire tinha esquecido isso, também, na pressa de todas as outras coisas - ele estava melhor, mas ele só estava

fora do hospital por poucos dias. Dificilmente há tempo suficiente para realmente curar-se de ferida de facada que quase o matou.

Isso era um outro bom motivo para não fazer absolutamente nada - sem Shane, capacidade deles para brigas estava seriamente comprometida.

Eve subiu no balcão, encontrou os pratos, e entregou-os a Claire. Uma vez que foi feito, Claire colocou o prato de Shane no fogão, mexendo a coisa que supostamente era o molho. Parecia algo como um vômito alienígena.

"Essa menina", disse Claire à Shane.

"Que garota?"

"Você - sabe. Lá fora."

"Você quer dizer a chupadora de sangue? Sim, o que tem ela?"

"Ela estava olhando para você."

"O que posso dizer? Irresistível."

"Shane, não é engraçado. Eu apenas - você deve ser cuidadoso."

"Sempre sou". Que era uma absoluta mentira. Os olhos de Shane fixaram nos dela, e ela sentia uma explosão de calor dentro dela que penetrou até queimar suas bochechas. Sorriu lentamente. "Ciúmes?"

"Talvez."

"Não há razão. Eu gosto das minhas damas com um pulso." Ele tomou a mão dela e apertou seus dedos suavemente em forma de punho. "Sim, você tem uma. Está batendo bem rápido, também."

"Eu não estou brincando, Shane."

"Nem sou." Ele chegou mais perto, e eles foram um pouco além respiração. "Nenhum vampiro vai ficar entre nós. Você acredita em mim?"

Ela concordou pesadamente. Pela vida dela, ela não poderia ter forçado a uma única palavra que bastaria. Seus olhos estavam escuros, cor de veludo castanho, com um aro de ouro fino. Ela olhou nos olhos dele recentemente, mas ela nunca reparou o quão bonito eram.

Shane parou novamente enquanto a porta abria novamente. Michael virou primeiro para eles, oferecendo uma muda desculpa e, em seguida, Claire enfrentou seus pais.

"Sr. e Sra. Danvers, o Sr. Bishop gostaria para que se juntassem a ele para o jantar," disse ele. "Mas se vocês tiverem de ir para casa-"

Se Michael estava esperando que eles mudaram de idéia, Claire poderia ter dito a ele que não ia acontecer. Enquanto o pai tinha idéia de que algo engraçado estava acontecendo, ele não faria a coisa sensata. Claro o suficiente, ele estava de pé, segurando sua xícara de café. "Eu

poderia tomar um café da manhã. Nunca provei os ovos de Claire antes. Kathy? Você vem?"

Patricinha, Claire pensou em desespero, mas novamente, não tinha sido tão ruim quando desde a primeira vez que ela veio para Morganville. Ela não tinha levado fortes sugestões, ou mesmo as instruções definitivas, a sério. Talvez ela desejasse ser esquecida por seus pais, juntamente com a pele clara e cabelo crespo ligeiramente. Em sua defesa, no entanto, o Sr. Bishop estava jogando com a mente deles.

E eles ficaram com medo por ela.

Ela assistiu como seus pais seguirem Michael para a outra sala e, em seguida, ajudou Eve a colocar os ovos e bacon e biscoitos nos pratos – ou isso. O esquisito molho não podia ser ajudado. Eles derramaram em uma tigela e esperava o melhor, então silenciosamente transportou-os para a mesa de jantar, o que era na verdade um canto da sala de estar.

Claire foi atingida novamente, como ela das outras vezes, como o humor da casa poderia mudar em um momento. Não é só o humor das pessoas dentro dela – era o humor da própria casa. Neste momento, ela sentiu escuro, frio, agouro. Quase hostil. E ainda que todas emoções escuras pareciam dirigidas aos vampiros intrusos.

A casa estava preocupada, e em guarda. A sólida mobília vitoriana amarrotada e deformada, não era calorosas ou dava boas-vindas sobre isso. Mesmo as luzes pareciam esbatias, e Claire podia sentir alguma coisa, quase uma presença - do jeito que ela tinha sido capaz de por vezes sentir Michael quando ele estava preso no casa como um fantasma. Os pêlos finos nos braços ficavam eriçados, e sua pele sentia arrepios.

Claire colocou os ovos e bacon sobre a mesa de madeira e apoiada à distância. Ninguém havia pedido dela, Eve, e Shane para se sentarem, embora houvesse lugares vazios na mesa; ela capturou os olhos de Eve e voltou à cozinha, grato por escapar. Michael permaneceu na mesa, colocando a comida nos pratos. Servindo. Havia uma apertada, definida ruga em seu rosto pálido e um frio medo em seus olhos, e Deus, se Michael estava pânico, havia razão para um total descontrole.

Enquanto a porta da cozinha fechava novamente, Shane agarrou ela e Eve e as arrastou rapidamente para o canto. "Certo," ele sussurrou. "É oficial – isto está ficando cada vez mais arrepiante. Você sente isso?"

"Sim", Eve respirou. "Uau. Acho que se a casa tivesse dentes, seria uma boa hora para eles aparecerem. Você tem de admitir, isso é legal."

"Legal não vai nos levar a nenhum lugar. Claire?"

"O quê?" Ela olhava para ele de modo estranho por alguns segundos, em seguida, disse, "Ah. certo. Sim. Vou chamar Amelie novamente." Ela cavou o celular do seu bolso. Ele era novo, e veio com alguns números pré-gravados. Um deles - o primeiro da discagem rápida, na verdade - era um número para contato com Amelie, o Fundador da Morganville.

O vampiro cabeça. O patrão de Claire, tipo. Em Morganville, o termo técnico era Patrono, mas Claire tinha conhecimento desde o início, que era apenas uma palavra por mais educada para proprietário.

Ela telefonou - novamente - correio de voz. Claire deu um apressado urro, meia esperando chegar na parte que deixa os recados "venha a nossa casa, por favor, nós precisamos de sua ajuda," e desligou. Ela olhou mudamente para Eve, que suspirou e tomou o telefone e, em seguida, discou outro número.

"Sim, oi," disse ela, quando ela tinha alguém na linha. "Deixe-me falar com o patrão." Longa pausa, e Eve parecia que ela estava sozinha fazendo algo realmente desagradável. "Oliver. É Eve. Não vou me incomodar dizendo que é bom falar com você, porque não é, e isto são negócios, então salve o BS. Desligando."

Eva entregou o telefone para Claire. Congelada, boca aberta, Tem a certeza? Eve fez um enfático gesto para ela colocar o telefone em sua orelha.

Claire relutantemente assumiu a chamada.

"Oliver?" Ela perguntou. Na outra extremidade da linha, ela ouviu um baixo, preguiçoso riso.

"Bem", disse ele. O proprietário da Common Grounds, o café local, tinha uma voz quente - o tipo que fazia ela pensar que ele era um cara legal quando ela o conheceu pela primeira vez. "Se não é a pequena Claire. Eve não quis ouvir, mas vou dizer-lhe - é bom que você me ligue num momento de necessidade. É um momento de necessidade, eu suponho? E não um convite para socializar?"

"Alguém está aqui", ela disse tão suave como ela poderia dizer. "Na casa."

O calor da voz de Oliver, deixava um forte incômodo. "Então chame a polícia se tiver um vagabundo. Eu não sou o seu serviço de segurança. É a casa de Michael. Michael pode-"

"Michael não pode fazer nada sobre isso, e eu não acho que devíamos chamar a polícia. Esse homem, ele diz que seu nome é o Sr. Bishop. Ele quer falar com Amelie, mas eu não consigo falar com El -"

Oliver cortou-a. "Fique longe dele", disse ele, e sua voz tinha crescido. "Não faça nada. Não diga nada. Diga aos seus amigos a mesma coisa, em especial Michael, sim? Isto é muito para qualquer de vocês. Vou encontrar Amelie. Faça o que ele diz, qualquer coisa que ele diga, até chegarmos."

E Oliver desligou. Claire piscou para o telefone mudo, confusa, e olhou para seus amigos. "Ele disse para fazer o que estamos fazendo," ela disse. "Seguir as ordens enquanto esperamos."

"Conselho fantástico," disse Shane. "Lembre-me de ter um estoque do kit matador de vampiro sob a pia para momentos como estes."

“Nós vamos ficar bem”, Eve disse. “Claire tem a pulseira.” Ela agarrou o punho de Claire e levantou para mostrar a delicada pulseira de identificação –o bracelete que tinha o desenho de Amelie, em vez de um nome. Identificando como propriedade sua, alguém que tinha dado a vida e limbo e alma a um vampiro por certas proteções e considerações. Ela não queria fazê-lo, mas parecia que tinha sido o único modo, no momento, para salvar seus amigos. Especialmente Shane, que já estava mau visto pelos vampiros.

Ela sabia que a pulseira poderia trazer seu próprio risco, mas pelo menos obrigava Amelie (e talvez até mesmo Oliver) a chegar em sua defesa contra outros vampiros.

Em teoria.

Claire escorregou o telefone para seu bolso. Shane tomou suas mãos nas dele e esfregou levemente, um gentil, fazendo um tipo de movimento para ela se sentir segura, pelo menos, um pouco, só por um momento.

“Nós vamos passar por isso,” disse ele. Quando ele tentou beijá-la, porém, ele teve um estremecimento. Ela colocou uma mão levemente sobre seu estômago.

“Você está machucando”, disse ela.

“Só quando eu faço mais força. Quando você chegou tão perto, afinal?”

“Cinco minutos atrás.” Ela rolou os olhos, tentando parecer engraçada, mas ela estava preocupada. De acordo com as regras de Morganville, ele estava fora dos limites dos vampiros durante a sua convalescença; o a pulseira do hospital ainda estava em torno do seu punho, plástico branco brilhante com uma grande cruz vermelha sobre ela, garantindo para qualquer sugador de sangue que ele não estava no jogo.

Se seus visitantes seguissem as regras. O que o Sr. Bishop não estava fazendo. Ele não era um vampiro de Morganville. Ele era outra coisa.

Algo pior.

“Shane, sério. Quão ruim está?” Ela pediu em um sussurro baixo, apenas nas orelhas de Shane. Ele bagunçou seu cabelo curto e, em seguida, beijou-a.

“Estou bem,” disse ele. “É preciso mais do que um punk com um canivete para colocar um Collins para baixo. Conte à ele.”

Não falar sobre o fato era uma técnica para evitar o inferno que havia sido, e ele sabia disso.

“Não faça nada estúpido,” disse ela. “Ou vou me matar.”

“Ai, menina. O que é que aconteceu ao amor incondicional por aqui?”

“Ele se cansou de você visitar no hospital.” Ela manteve seus olhos nos dele por longos segundos. “O que você estiver pensando em fazer, não faça. Temos que esperar. Temos que esperar.”

"Sim, todos os vampiros disseram. Deve ser verdade." Ela odiava ouvir isso dele dessa forma, com tanta aversão; enquanto ele dizia, ela sempre pensava em Michael, a maneira que ele sofreu quando o ódio de Shane fervia. Michael não queria ser um vampiro, e ele estava tentando o melhor que podia para viver com isso.

Shane não fazia isso ser fácil.

"Olha." Shane colocou suas mãos em torno de seu rosto e olho fervorosamente em seus olhos. "O que acontece se você pegar Eve e sair daqui? Eles não estão te observando. Eu dou cobertura para você."

"Não. Não estou deixando meus pais. Eu não estou deixando você."

E eles não tiveram tempo para falar sobre isso, porque havia uma enorme barulho vindo da sala.

A cozinha voou porta, e Michael tropeçou nela, segurado pela garganta pelo bonito jovem vampiro que chegou com Bishop. Ele bateu Michael contra a parede. Michael estava lutando, mas não parecia estar a fazendo bem.

O outro vampiro abriu sua boca com raiva, e seu grande e afiado dente de vampiro apareceu como uma faca.

Então fiz Michael, e Claire involuntariamente se meteram na frente de Shane.

Shane gritou, "Hey! Deixe-o ir!"

Michael olhou para ele, "Não!" Mas obviamente Shane não estava ouvindo, e Claire colocou seu braço para detê-lo, também.

O que parou ele foi Eve, segurando uma grande, de aspecto desagradável faca. Ela deu à Shane um olhar selvagem de advertência e, em seguida, girado ao redor e nivelando a faca no vampiro que brigava com Michael. "Você! Deixe-o ir!"

"Não até ter uma desculpa," disse o vampiro, e enfatizou isso batendo Michael contra a parede novamente, forte o suficiente para que cada peça de vidro na sala balançasse. Não - não foi o impacto; era um baixo nível de vibração proveniente da própria sala. As paredes, o chão... a casa. Como um rosar de advertência.

"Seria melhor você deixá-lo ir," disse Claire. "Você não pode sentir isso?"

O vampiro fez uma cara amarrada para ela, e seus olhos verdes bastante reduzido, mesmo quando suas pupilas estavam expandidas. "O que você está fazendo?"

"Nada," disse Eve, sinalizando a faca.

"Você está fazendo isso. A casa não gosta quando você joga sujo com o Michael. Agora fique longe dele antes algo de ruim aconteça."

Ele pensou que estavam blefando - Claire podia ver nos olhos dele - mas ele também não via muita razão para perder sua sorte. Ele deixou Michael ir, com total desprezo nos lábios. "Esconda isso, garota boba," ele disse para Eve, e antes de qualquer um deles pudesse sequer piscar, ele tirou-a de sua mão - bateu tão forte que ela voou em toda a sala e prendeu na parede. Eve agarrou a mão dela e ela verificou de perto, longe de apoio dele.

"Peça desculpas", ele disse à ela. "Implore meu perdão por ameaçar-me."

"Me morda!" Ela rebateu.

Os olhos do vampiro queimaram como cristal quente, e ele riu de Eve. Michael moveu mais rápido do que Claire tinha visto, apenas um borrão confuso e, em seguida, o estranho foi empurrado para o fogão. Apanhou-o com ambas as mãos, e ela ouviu o chiar enquanto suas palmas encostavam nos queimadores, seguido por um grito de rebelado de dor.

Isso ia ficar muito ruim, e não havia nada, nada, que eles pudessem fazer.

Shane agarrou Eve pelo ombro, Claire pelo braço, e ele arrastou-as para o canto da mesa, onde havia pelo menos uma cobertura parcial. Mas isso deixou Michael por conta própria, lutando com alguém que era fora do seu tamanho parecendo mais um gato que um homem.

Não demorou muito, talvez alguns segundos, antes da força de Michael falhar. O estranho jogou Michael no piso da cozinha e se jogou contra ele, dentes para baixo e reluzentes. A temperatura na cozinha passava de gelada para refrigerador, frio o suficiente para que Claire pudesse vê-la como ela própria respirava com medo. Essa baixa frequência começou novamente, balançando pratos e copos e panelas.

Eve gritou e lutou para ficar livre de Shane, não que ela pudesse fazer algo, absolutamente nada -

A porta traseira abriu ruidosamente e caiu em um único e poderoso golpe. Farpas de madeira voaram em toda a cozinha, e Claire ouviu as fechaduras partirem como o gelo quebrando.

Oliver, o segundo vampiro assustador da cidade (o primeiro, alguns dias), parou na porta, olhando para dentro.

Ele era um homem alto, como um tanque, todo músculos e força. Hoje à noite, ele iria renunciar ao seu habitual disfarce de cara legal; ele estava em preto, e seu cabelo foi puxado para trás em um rabo de cavalo. Seu rosto parecia esculpido no luar.

Ele bateu com a palma aberta contra o vazio ar da porta, e ele encostou em uma sólida barreira. "Tolos!" Gritou. "Me deixem entrar!"

O estranho riu, e colocou Michael em uma posição sentada, dentes posicionados um pouco mais perto de seu pescoço. "Faça isso e eu irei drenar ele," disse ele. "Você sabe o que fazer. Ele é muito jovem."

Claire não sabia, mas ela sabia que não poderia ser nada bom. Talvez nem mesmo sobreviver.

"Me convide," Oliver repetiu, em uma voz suave mortal. "Claire. Faça agora."

Ela abriu a boca, mas ela foi interrompida.

"Não há necessidade para isso," disse uma fria voz feminina. A cavalaria tinha finalmente chegado.

Amelie moveu Oliver para o lado e atravessou a barreira invisível como se ela não estivesse lá, o que, para ela, não estava, como Amelie era tecnicamente o criador e proprietário da casa. Ela estava sem seus habituais atendentes e guarda-costas, mas não era problema para ela, nem Oliver, que isso não importava enquanto ela cruzava a porta.

Como sempre, Claire pensou nela como uma rainha. Amelie estava usando um terno de seda amarela perfeitamente adaptada, e seu pálido cabelo estava empilhado em uma brilhante coroa em cima de sua cabeça e segura com pinos de ouro e diamante.

Ela não era especialmente alta, mas a aura que ela emanava era larga e tão poderosa como uma bomba prestes a explodir. Seus olhos eram frios e muitos amplos, e totalmente focado no vampiro intruso ameaçando Michael.

"Deixe o rapaz em paz," disse ela. Claire nunca tinha ouvido ela utilizar esse tom, nunca, e ela se surpreendeu embora não estivesse olhando para ela. "Eu raramente mato os nossos próprios, mas se você me testar, François, eu vou destruir você. Apenas faço um alerta."

O outro vampiro hesitou apenas um segundo, então largou Michael, que desabou completamente no chão. François passou a seus pés em um único, gracioso movimento, enfrentando Amelie.

E então ele cedeu. Claire não tinha muita experiência observando os homens, mas ela sabia que era um olhar exatamente respeitoso.

"Senhorita Amelie," disse ele, e os dentes de vampiro voltaram em sua boca, discretamente escondido. "Nós estivemos esperando por você."

"E se divertindo as minhas custas enquanto você faz isso," disse ela. Claire não achou que ela tivesse piscado. 'Venha. I gostaria de falar com o Mestre Bishop."

François sorriu. "Eu tenho certeza que ele gostaria de falar com você, também," disse ele. "Desta forma."

Ela seguiu na frente dele. "Eu conheço minha própria casa, François - Eu não preciso de um guia." Um olhar rápido por seu ombro, onde ainda se situava Oliver silenciosamente na porta. "Entre, Oliver. Vou substituir as Proteções contra você mais tarde, em nome dos nossos jovens amigos."

Ele levantou as sobrancelhas e cruzou a porta. Michael estava apenas sentado. Oliver estendeu uma mão para ele, mas Michael não pegou. Eles trocaram um olhar que fez Claire tremer.

Oliver rosnou, parou perto dele, e seguiu Amelie e François para a outra sala.

Quando a porta da cozinha foi fechada, Claire deu um tempo, respirou aliviada, e ouviu Eve e Shane fazer o mesmo. Michael sentia seus pés dolorosamente e se encostou contra a parede, agitando sua cabeça.

Shane colocou uma mão sobre seu ombro. "Tudo bem, cara?" Michael lhe deu como resposta polegares para cima, muito abalado para fazer algo mais, e Shane bateu em suas costas e agarrou a gola da camisa de Claire enquanto ela se apressava para a porta da cozinha. "Uau, uau, Flash, onde você pensa que está indo?"

"Os meus pais estão lá dentro!"

"Amelie não vai deixar que nada aconteça com eles," disse Shane. "Respire. Esta não é a nossa luta, e você sabe disso."

Agora o que Shane falava fazia sentido? Uau. Dia oposto? "Mas-"

"Seus pais estão bem, mas eu não você investigando. Entendeu?"

Ela concordou tristemente. "Mas-"

"Michael. Me ajude aqui. Diga a ela."

Michael estava fazendo equivalente para vampiro de puxar o ar, mas ele concordou, olhos desfocados e vagos.

"Sim," disse fracamente. "Eles estão bem. É por isso que François veio atrás de mim, porque eu fiquei entre ele e sua mãe."

"Ele foi depois em minha mãe?" Claire se dirigiu para a porta da cozinha, e desta vez Shane mal conseguiu segurar.

"Cara, isso não era o tipo de ajuda eu estava procurando," disse Shane à Michael, ambos os braços e embalados em volta de Claire para segurá-la no lugar. "Fácil. Fácil, Amelie está lá dentro, e você sabe que ela vai manter as coisas sob controle-"

Claire fez. Após um segundo de pensamento, ela fez a sua luta mais difícil, porque Amelie era perfeitamente capaz de ver os pais de Claire como dispensáveis se isso servisse a necessidade dela. Ela viu Claire como dispensável. Mas Shane não ia deixá-la ir lá porque ele segurava seu cotovelo e ela quase tropeçou enquanto tentava se libertar. Ela não percebeu o que tinha feito... até que ela viu uma fina linha de cor vermelha na sua camiseta, e Shane tentando se estabelecer arduamente na cadeira mais próxima disponível.

Ela bateu onde ele tinha sido esfaqueado.

"Droga!" Eve gritou, e arrastou a camisa de Shane até expor seu peito e estômago - ainda machucados - e as ataduras brancas, que estavam manchadas de sangue fresco. Claire poderia sentir o cheiro...

... e como se ela estivesse em um sonho ou um pesadelo, ela voltou-se para olhar para Michael.

Seus olhos não eram mais vagos e desfocados. Não, eles eram largos e intensos e muito, muito assustadores. A face dele ainda estava lisa e branca, e ele não estava respirando.

"Faça o sangramento parar," ele disse. "Rápido."

Michael estava certo. Shane era uma isca num tanque de tubarões, e Michael era um dos tubarões.

Shane estava olhando para ele enquanto Eve ajustava e analisava suas ataduras, tomando a certeza que estavam apertadas. "Acho que está bom, mas você precisa ter cuidado," disse ela. "Essas ataduras devem ser alteradas. Você poderia ter uma infecção ou algo assim."

Ela colocou seu ombro embaixo dos de Shane e ajudou-o a ficar de pé. Shane ainda estava assistindo Michael, e Michael não parecia ser capaz de olhar fisicamente para longe da sangrenta barra de gases sobre o estômago de Shane.

"Quer um pouco?" Shane perguntou. "Venha buscar, rapaz morcego." Ele estava quase tão pálido quanto Michael, e a sua expressão era limitada e furiosa.

Michael conseguiu sorrir. "Você não é meu tipo de sangue, irmão."

"Rejeitado novamente." Mas os olhos selvagens de Shane afrouxaram. "Desculpe."

"Não há problema." Michael virou em direção à porta fechada da cozinha por um momento. "Eles estão falando. Olha, eu vou para lá e pegar seus pais, Claire. Quero todo mundo junto que ainda -"

"Respira?" Shane perguntou.

"Em perigo," disse Michael. "Volto em um segundo." Ele hesitou um só segundo e, em seguida acrescentou, "Veja se você pode ajudá-lo enquanto eu estiver lá fora."

E então ele estava fora a porta, se deslocando inaturalmente rápido, como se fosse um alívio para se afastar o cheiro de do sangue de Shane. Claire engoliu e trocou um olhar com Eve. Eve parecia tão agitada como ela se sentia, mas ela se mexeu rapidamente com as prioridades. "Ok. Onde está o estojo de primeiros socorros?"

"Lá em cima," disse Claire. "No banheiro."

"Não, está aqui embaixo," disse Shane. "Mudei."

"Você fez? Quando?"

"Alguns dias atrás," disse ele. "Pensei que seria melhor se eu pudesse chegar até ele, pois normalmente sou eu quem está recebendo as ataduras. Olhe embaixo da pia."

Eve fez, e tirando para fora uma grande caixa metálica branca marcada com uma cruz vermelha. Ela abriu-a e puxou os medicamentos. "Tire a camisa."

"Você só me ama por causa do meu abdominal."

"Cala a boca, babaca. Camisa."

Com um olhar em direção Claire, Shane puxou-a sobre a cabeça e jogou-a na mesa do café ao lado dele. Claire levou a camisa para a pia, onde ela enxaguou com água fria, vendo como a cor do sangue de Shane deixava a água cor-de-rosa. Ela não gostava de ver o que Eve estava fazendo; vendo os danos de Shane se colocava a fazia se sentir doente e frágil, porque ele tinha feito isso - como sempre - por outras pessoas. Por ela, e Eve.

"Pronto", Eve pronunciou alguns minutos mais tarde. "Seria melhor você não sangrar por toda a minha simpática limpa atadura, ou eu vou manter um preço de venda em você e colocá-lo na esquina para a próxima pessoa que mastiga ruidosamente pescoço."

"Você é uma cadela," disse Shane. "Obrigado."

Ela deu-lhe um beijo no ar e gracejou. "Como a maioria das meninas que não se alinham a desempenhar o papel de enfermeira com você. Certo."

Claire sentiu uma indesejável, completamente surpreendente surto de ciúmes. Eve? Não, era só o habitual brincar de Eve. Nada de mais, certo? Ela não - ela não iria. Ela apenas não iria.

Claire enfresgou a camisa até sentir suas mãos doerem, em seguida pressionou-a entre duas toalhas para tentar deixá-la como seca quanto possível. Ela entregou à Shane enquanto Eve estava ocupada colocando o medicamento não utilizado de volta na caixa, e o ajudou a arrastar o úmido tecido por baixo de sua cabeça e seu peito. Ela não podia ajudar, mas deixava seus dedos correrem em sua pele, e para ser honesta, ela realmente não estava tentando. Na verdade, ela poderia ter se movimentado um pouco mais lentamente do que ela fazia.

"É uma sensação boa", Shane disse, muito calmamente, em sua orelha. "Você está bem?"

Claire concordou. Ele tocou-lhe ligeiramente a parte de baixo do queixo para levantá-la, e estudou o rosto de perto.

"Sim," disse ele. "Você está bem." Ele tocou os lábios dela com o seu e olhava ela enquanto a porta da cozinha abria.

Michael, com os pais de Claire a reboque. O nó no peito de Claire, afrouxou o aperto em torno de seu coração, batia como um coração jovem.

Seus pais pareciam... brancos. Congelados, como se eles tivessem esquecido algo importante. Quando sua mãe colocou os olhos nos delas, Claire deu até um sorriso.

“Não estávamos indo jantar?” Mãe perguntou. “Está ficando muito tarde, não é? Vocês vão cozinhar, ou-”

“Não,” disse Michael. “Nós vamos sair.” Ele agarrou as chaves do seu carro do gancho ao lado da porta. “Todos nós.”

DOIS

Não haviam muitas escolhas para um jantar tarde em Morganville para aqueles que não estão sob persuasão de presas, mas haviam alguns lugares perto do campus, o mais normal era que eram restaurantes que funcionavam 24 horas por dia. Eles acabaram em um desconfortável banco ao redor de uma mesa, os quatro mais os pais de Claire, depois de uma volta ainda mais desconfortável no carro com janelas escuras de vampiro de Michael.

Os hambúrgueres eram bons, mas Claire não conseguia se concentrar no gosto. Ela estava muito ocupada observando as pessoas fora do restaurante. Alguns eram universitários, rindo em grupos no estacionamento, ignorando os ocasionais estranhos pálidos que passavam por perto. Claire se lembrou de vídeos de leões passando perto de antílopes enquanto observavam, esperando para um ou outro ficar para trás.

Ela queria avisar aqueles garotos, e ela não podia. O bracelete de ouro no pulso dela se certificava disso.

Michael, como era esperado, teve que suportar a conversa de pais. Ele é só melhor nisso, e ele tem uma presença suave que faz tudo parecer...

...normal. Os pais de Claire não lembravam exatamente o que tinha acontecido na casa; mais da influencia do Sr. Bishop, Claire tinha certeza. Ela odiava que ele mexesse com a cabeça deles, mas de certa forma, ela estava aliviada também. Uma coisa a menos para se preocupar.

A atitude do pai dela com Shane já era o bastante.

"Então," o pai disse, enquanto fingia se concentrar na caçarola, "quantos anos você tem mesmo, filho?"

"Dezoito, senhor," Shane disse, na voz mais suavemente educada. Eles já passaram por isso. Repetitivamente.

"Você sabe que minha filha só - "

"Quase dezessete, sim senhor, eu sei."

O pai franziu mais profundamente. Dezesseis, e protegida. Eu não gosto dela vivendo numa coisa com um bando de adolescentes com hormônios-loucos - sem ofensa, eu tenho certeza que você quer fazer o certo, mas eu já fui jovem uma vez. Agora que estamos na cidade, com um lugar próprio, é provavelmente melhor que Claire se mude e venha viver com a gente."

Claire não esperava isso. Nenhum um pouco. "Pai! Você não confia em mim?"

"Querida, não é sobre não confiar em você. É sobre confiar nos dois homens adultos com quem você vive. Especialmente um que eu posso ver que você está se apegando muito, embora você saiba que isso não é muito inteligente."

Fúria explodiu dentro dela, e tudo que ela podia ver além da onda de vermelho era Shane, parado entre ela e Eve, defendendo a vida delas colocando a própria em perigo.

Shane, se afastando dela vez após vez porque ele era melhor – melhor de longe – do que ela era em auto-controle.

Claire sugou o ar e estava prestes a soltar o tornado de palavras, a todo volume, quando a mão de Shane veio por cima da dela e a apertou.

“Yeah,” ele disse. “Você tem razão sobre isso. Você não me conhece, e o você conhece provavelmente não gosta muito. Eu não sou realmente amigável com pais. Não sou como Michael.” Shane apontou o queixo para Michael, que estava tentando balançar a cabeça dele num não, não faça isso. “Eu acho que talvez você tenha razão. Talvez você melhor se Claire voltasse a morar com você por um tempo. Dar a chance de conhecer todos nós, especialmente eu.”

“O que diabos você está fazendo?” Claire sussurrou ferozmente. Ela não se importou que o pai pudesse provavelmente ouvir, e Michael certamente pudesse. “Eu não quero ir a lugar nenhum!”

“Claire, ele tem razão. Você ficará mais segura lá. Nossa casa não é exatamente uma fortaleza, caso o que aconteceu hoje não tenha sido absorvido ainda,” Shane respondeu. “Diabos, entre estranhos entrando e saindo, meu pai ameaçando voltar e terminar o que começou – ”

Claire largou o garfo. “Espere só um minuto. Você está me dizendo que é pro meu próprio bem, é isso?”

“Sim.”

“Michael? Entre a qualquer hora!”

Michael ergueu a mão se rendendo. Ele teve o bastante, e Claire não podia culpar ele.

Eve, no entanto, limpou a garganta e atravessou o pântano conversional.

“Sr. Denver, honestamente, Claire está perfeitamente bem com a gente. Todos cuidamos dela, e Shane não é tipo de cara que se aproveita – ”

“Eu não diria isso,” Shane disse, muito indulgentemente. “Eu sou exatamente esse tipo de cara., na verdade.”

Eve deu a ele um olhar ameaçador. “ – e além do mais, ele sabe que nós dois o mataríamos se ele tentasse. Mas ele não faria. Claire está bem onde está. E ela está feliz, também.”

“Sim,” Claire concordou. “Estou feliz, pai.”

Michael ainda não tinha falado. Ele estava, ao invés disso, observando o pai de Claire com um estranho tipo de intensidade; a princípio ela pensou, ele está tentando colocar algum tipo de olho vampiro nele, mas então ela mudou de idéia. Era mais como se Michael estivesse

honestamente estarecido, e tentando descobrir o que dizer a seguir.

O pai dela não tinha ouvido uma palavra do que ninguém disse. “Eu quero que você se mude para casa, Claire, e é isso. Eu não quero mais que você fique naquela casa. Fim de discussão.”

A mãe dela não estava falando, o que era raro também; ela só encarava o café e tentava parecer interessada na comida no prato na frente dela. Claire abriu a boca para fazer uma ameaça, uma resposta não muito educada, mas Michael balançou a cabeça e colocou a mão na dela. “Não desperdice seu fôlego,” ele disse. “Isso não é idéia deles. Bishop plantou essa sugestão.”

“O que? Porque ele faria isso?”

“Não faço idéia. Talvez ele queira a gente separado. Talvez ele só goste de mexer com as pessoas. Talvez ele queira irritar Amelie. Mas o importante é, eu não acho que você deveria deixar isso te atingir – ”

“Não me atingir? Michael, meu pai está dizendo que eu tenho que me mudar!”

“Você não precisa,” Michael disse. “Não se você não quiser.”

O pai de Claire, que estava franzido, ficou escuro, uma cor nada saudável de vermelho no rosto. “Você precisa sim,” ele surtou, “Você é minha filha, Claire, e até fazer 18, você faz o que eu mando. E você – ” Ele apontou um dedo para Michael. “Se eu tiver que fazer uma acusação contra você – ”

“Pelo que?” Michael perguntou suavemente.

“Por – olha, não pense que eu não sei o que está acontecendo aqui. Se eu descobrir que minha filha foi – foi...” O pai não parecia ser capaz de falar as palavras. Michael continuou observando ele firmemente, sem nenhum sinal de compreensão.

Claire clareou a garganta.

“Pai,” ela disse. Ela sentiu cor passar para as bochechas dela, e a voz dela mal estava firme. “Se você está perguntando se eu ainda sou virgem, eu sou.”

“Claire!” A voz da mãe dela se quebrou afiadamente pela última sentença dela. “Já chega.”

Silêncio total na mesa. Nem Michael parecia ser capaz de saber da onde retomar a conversa. Eve parecia estar tendo dificuldade em decidir se ela deveria rir ou recuar, e finalmente se afundou no sundae de chocolate como a melhor possível resposta.

O celular de Michael tocou. Ele o abriu, falou suavemente, ouviu, e o fechou sem responder. Ele chamou a garçonete. “Precisamos ir,” ele disse.

“Onde?”

"De volta para casa. Amelie quer nos ver."

"Você vem pra casa com a gente," o pai disse a Claire, que balançou a cabeça. "Não discuta comigo - "

"Desculpe, senhor, mas ela tem que vir conosco agora," Michael disse. "Se Amelie disser que é o certo a se fazer, eu mesmo a levo para a sua casa. Mas vamos largar vocês no caminho, e eu te aviso assim que possível." Ele disse de forma respeitosa, mas sem espaço para discussão, e tinha algo sobre Michael naquele momento que simplesmente não podia ser insistido.

O rosto do pai se afirmou, ainda velho, e muito duro. "Isso não acabou, Michael."

"Sim ,senhor," ele disse. "Isso eu sei. Nem começamos ainda."

A viagem de volta foi ainda mais desconfortável, e não só fisicamente; O pai de Claire estava lívido, a mãe dela embaraçada, e Claire estava com tanta raiva que ela mal suportava olhar para qualquer um deles. Como eles podiam? Mesmo que o Sr. Bishop tivesse feito algo com eles, mexido com a cabeça deles, eles caíram completamente. Eles sempre disseram que confiavam nela, sempre disseram que queriam que ela tomasse as próprias decisões, mas no final das contas, eles queriam que ela fosse uma garotinha indefesa.

Bem, não vai acontecer. Ela chegou longe demais para isso.

Michael parou na frente da casa nova dos pais dela - outra casa grande estilo gótico, parecendo quase exatamente como a deles a não ser pela paisagem da frente. O casa do Fundador dos pais delas tinha um carvalho se espalhando e vivo passando pela propriedade que fazia um barulho como de papel seco na brisa da manha, e o ornamento era pintando no que parecia, no escuro, com verniz preto.

O pai de Claire se inclinou para dar a ela uma ultima olhada. "Eu espero saber de você hoje a noite," ele disse. "Eu espero que você me diga quando vem para casa. E por casa, eu quero dizer aqui, com a gente."

Ela não respondeu. Depois de estender o olhar por tempo demais, o pai dela fechou a porta do carro, e Michael acelerou suavemente para longe - não rápido demais, mas não devagar também.

E todos eles suspiraram audivelmente em alivio quando a casa desapareceu na escuridão atrás do carro. "Wow," Shane disse. "O cara tem um olhar furioso. Talvez ele pertença mesmo a Morganville."

"Não diga isso," Claire disse. Ela estava brigando com todo tipo de emoções - raiva dos pais dela, frustração com a situação, preocupação, absoluto medo. Os pais dela não pertenciam aqui. Eles estavam bem onde estavam, mas Amelie tinha que tirar eles de lá e os chamar para cá. Ter os pais de Claire aqui onde ela podia controlar eles dava a ela mais vantagem.

E agora deu ao Sr. Bishop vantagem também.

Shane pegou a mão dela. "Fácil," ele disse. "Como Michael disse, você não tem que ir se não quiser. Não que eu não ficasse muito melhor se você estivesse num lugar muito mais seguro."

"Eu não acho que a casa Danvers ira ser mais segura," Michael disse. "Eles não entendem as regras, ou os riscos - eles são novos aqui. Eu acho que Bishop está tentando brincar com a cabeça de Amelie, e o que quer que seja que pensamos sobre ela, ele é pior. Eu garanto isso."

Claire tremeu. "Foi Amelie que ligou para você no restaurante?"

"Não," Michael disse, e havia um tom desgostoso na voz dele. "Era o Oliver. Eu tenho que admitir, eu não estou me sentindo bem sobre isso. Oliver nunca realmente esteve do lado dela - talvez ele tome o de Bishop. Nesse caso irmos para casa pode ser uma armadilha."

"Temos escolha?" Shane perguntou.

"Acho que não."

"Então que se dane. Estou ficando cansado." Shane bocejou. "Vamos ser comidos. Pelo menos assim eu posso dormir um pouco."

Ninguém achou engraçado - muito menos Shane, Claire suspeitou - mas eles não tiveram idéias melhores, e Michael dirigiu para casa. Morganville estava silenciosa fora das janelas escuras; Claire mal podia ver o brilho fraco de luzes, e podem ter poucos e bem separados postes de luz, ou a brilho das varandas das casas. Era como estar numa cápsula espacial, mas com um foro melhor.

Michael estacionou e desligou o carro. Enquanto Eve ia pegar a maçaneta da porta, ele disse, "Gente." Ela esperou. Todos eles esperaram. "Eu não recebi exatamente nenhuma melhora de conhecimento instantaneamente quando eu - quando eu mudei, mas tenho certeza de uma coisa. Esse Bishop, ele é problema de verdade. Problema como talvez nunca tenhamos visto antes. E estou preocupado. Então se cuidem. Eu vou tentar -"

Ele não parecia saber como terminar isso. Eve se mexeu para tocar o rosto dele, e ele virou em direção a ela, lábios separados. O olhar que passou por eles era tão nu que parecia errado. Shane limpou a garganta dele.

"Estamos nisso, cara," ele disse. "Vamos ficar bem."

Michael não respondeu, mas então, Claire achou que talvez não houvesse muito a se dizer. Ele saiu do carro, e os outros seguiram. A tarde estava ficando fria, e o vento passou pelo cabelo e roupas de Claire, procurando pele para gelar. Encontrando também. Ela colocou a jaqueta mais perto dela e correu atrás de Michael em direção a porta dos fundos.

Dentro, a cozinha estava exatamente como eles deixaram - confusa. Panelas e frigideiras ainda no fogão, embora graças a Deus, eles tenham lembrado de desligar o fogo antes de saírem. O cheiro de bacon e molho de carne estava pesado no ar, mal cortando o aroma do velho, e muito passado café.

Eles não pararam. Michael os levou direto para a porta da cozinha, direto para a sala.

Bishop tinha ido embora. Assim como os dois bonitos companheiros. Eram só Amelie e Oliver, sentados sozinhos na grande mesa de madeira. Eles descuidadamente empurram para o lado os pratos e os copos e taças em uma pilha, e entre eles havia um tabuleiro de xadrez. Nada que Claire tenha reconhecido a pertencer a casa; parecia velho, e bem usado. E lindo também.

Amelie estava jogando com as peças brancas. Ela ignorou a entrada deles enquanto observava o tabuleiro de xadrez. Na frente dela, Oliver estava inclinado na cadeira, braços cruzados, e deu aos quatro um olhar ilegível. Ele parecia em casa, o que fez Claire espumar, e ela só conseguia imaginar como Michael se sentia. Oliver tinha matado Michael – arrancado a existência humana dele e o prendido em um estado crepúsculo entre humanos e vampiros – bem aqui nessa casa. Na verdade, quase nesse ponto aqui. Tinha sido brutal, e sanguinário, e Michael nem por um segundo esqueceu quem e o que Oliver era, sempre que ele aparecia.

Amelie tinha oferecido a Michael a chance de escapar dessa prisão, e ele aceitou mesmo ao custo de se tornar um vampiro de verdade. Até agora, ele não parecia se arrepender. Muito.

“Você não é bem vindo aqui,” Michael disse para Oliver, que ergueu as sobrancelhas e sorriu.

“Esperando a casa me expulsar? Continue esperando,” ele disse. “Amelie, você realmente deveria ensinar boas maneiras aos seus bichinhos. Em seguida, eles vão estar arranhando o carpete e rasgando as cortinas.”

Ela não olhou para cima. “Tente ser civilizado,” ela respondeu. “Você é um hospede na casa deles. Minha casa.” Ela moveu uma peça do tabuleiro. “Sentem-se, todos vocês. Eu não gosto de ver pessoas de pé.”

Tinha a força de uma ordem real, e antes dela conseguir pensar, Claire estava sentando numa das cadeiras da mesa, e estava do lado de Oliver. Michael balançou a cabeça, cruzou os braços sob o peito, e se inclinou contra a parede.

Amelie olhou para ele, mas não forçou o assunto. “Então você conheceu o Sr. Bishop,” ela disse. “E ele com certeza conhecia você. Eu queria que isso não tivesse acontecido, mas já que aconteceu, temos de encontrar jeitos de proteger você contra ele e seus associados.” Oliver comeu um bispo dela e o colocou de lado. Ela não teve nenhuma reação visível. “Caso contrário, temo que essa casa estará no mercado para novos inquilinos em breve.”

Oliver riu. Ele parou de rir quando Amelie fez seu próximo movimento, e se concentrou no tabuleiro de xadrez com uma furiosa, expressão vazia.

“Quem é Bishop?” Michael perguntou.

“Exatamente quem ele disse que é. Ele não tem motivo para mentir.”

"Então ele é o seu pai?" Claire perguntou. Houve um longo silêncio, um que nem Oliver quebrou/ Amelie ergueu os olhos cinzas frios e se focou no rosto de Claire até Claire sentir a necessidade, não só de desviar o olhar, mas de fugir.

Amelie finalmente disse, "em um sentido, pelo menos, se você conseguir entender tal coisa. Tanto minha humana e imortal linguagem sanguínea passam por ele. Oliver, se apresse. Eu não sinto necessidade de ir para casa antes do sol nascer."

O sol não estava nem perto de nascer, o que deve ter sido uma idéia seca de Amelie para uma brincadeira. Oliver moveu um peão. Amelie o comeu sem esforço.

Michael se intrometeu. "Talvez a melhor pergunta seja, onde está o Sr. Bishop?"

"Foi embora," Oliver disse. "Eu o mandei com uma ótima limosine com um motorista. Ele vai ficar numa das casas do Fundador."

"Qual?" Claire sentiu uma onda de mal estar, uma que ficou pior quando nenhum dos vampiros respondeu. "Não é a casa dos meus pais, certo? Certo?"

"Eu prefiro que você não saiba a localização exata," Amelie disse, o que não era uma resposta, e certamente não a resposta exata. Ela moveu a rainha branca num longo, e deliberado movimento pelo tabuleiro de xadrez. "Cheque-mate."

Oliver estudou o tabuleiro, e não a estudou com igual irritação enquanto ele derrubava o condenado rei preto. "Precisamos discutir isso," ele disse. "Obviamente."

"Sua trágica falta de habilidade estratégica?" As sobrelhas de cor-congelada se ergueram devagar. "Estou deliberando o que fazer sobre nossos convidados. Por agora, vá para casa, Oliver. E obrigado por vir."

Ela disse sem nenhum traço de ironia - ela podia ter dispensado ele como um servo, mas pelo menos ela o agradeceu. Os olhos de Oliver ficaram ainda mais escuros, mas ele levantou sem nenhum comentário e andou até a cozinha. Claire ouviu a porta bater atrás dele.

Amelie tomou um deliberado inspiro, e então o soltou. Ela se levantou e acenou para Michael. "Eu acho que você estará seguro o bastante aqui hoje a noite," ela disse. "Não deixe ninguém entrar, por nenhuma razão." Um rápido e quase invisível sorriso. "A não ser por mim, é claro. Eu, você não pode parar."

"E quanto a Oliver?" Shane perguntou.

"O convite dele para entrar foi revogado. Ele não será capaz de incomodar você a não ser que você faça algo tolo." O que, pelo olhar que Amelie deu a ele, ela considerou improvável. "Bishop é problema meu, não de vocês. Vão cuidar da vida de vocês, e fiquem longe da dele. Todos vocês."

“Espera, meus pais - ”

Amelie não esperou. Com uma graça silenciosa, ela saiu da mesa e foi para as escadas, e a luminosa e pálida figura dela desapareceu no topo, Shane disse, “Onde diabos ela está indo? Não tem porta lá.”

Claire sabia. Ela sabia bem demais. “Seja como ela faça, ela foi embora” Todos eles olharam para ela, até Michael. “Deve ter alguma saída. O que ela vai fazer, trazer o pijama e dormir no sofá?”

“Você acha que ela tem algum?” Eve perguntou. “Porque eu aposto que ela dorme pelada.”

“Eve!”

“O que? Anda. Você realmente a vê de camisola? Com pantufas de coelho?” Michael se afundou na cadeira onde Amelie tinha estado, e encarou o tabuleiro de xadrez. Ele devagar o recolocou no lugar, mas Claire percebeu que ele não estava realmente pensando sobre o jogo. “Shane,” ele disse. “Vá se certificar que estamos fechados, ok?”

Shane acenou e saiu, indo direto para a cozinha primeiro. Claire sentou na frente de Michael, na cadeira que Oliver tinha ocupado. “Você está preocupado,” ela disse.

“Não,” Michael disse, e pegou o cavaleiro branco, para virar ele em seus dedos pálidos. “Estou assusto. Se esse cara deixou Amelie e Oliver nervosos, ele está fora da nossa liga. Morganville está fora da liga dele.”

Ele olhou para Eve, que não respondeu exceto para pressionar seus lábios juntos. Claire ouviu os passos de Shane enquanto ele ia em direção a porta da frente, checar a tranca e a fechadura, e então foi testar as janelas.

“Deveríamos descansar um pouco,” Michael disse. “Pode ser um longo dia amanhã.”

Enquanto ele levantava, a mão de Eve passou na dele, só um leve carinho, e os dois trancaram um olhar por meio segundo.

“Yeah,” Eve concordou. “Eu deveria ir descansar também.”

Claire jogou uma revista nela. “Arranjem um quarto.”

“Já pago por um,” Eve respondeu. “E vou fazer meu dinheiro valer, também.”

Ela correu pelas escadas, parando perto do topo para jogar um olhar de volta a Michael, que tinha o sorriso mais luminoso no rosto. Ele balançou a cabeça, como se não pudesse acreditar no que estivesse passando pela cabeça, e limpou a garganta quando viu Claire olhando para ele.

“Discreto,” Claire disse. “É melhor vocês pendurarem uma toalha na maçaneta ou algo assim.”

"Quieta." Mas Michael estava sorrindo, e quando ele sorria, o coração dela só decolava. Ela adorava ver ele feliz. Ele era normalmente tão... focado. "Se precisar de algo, sabe onde me encontrar."

"Yeah, você acha?"

Ele acenou se seguiu Eve para cima.

Shane voltou de onde estava checando todos os pontos de entrada, e sentou na cadeira que Michael tinha estado. "Onde eles foram?"

Ela apontou para cima.

"Oh," Ele sabia, bem demais. "Então. Quer jogar?"

"Eu quero ligar para meus pais," Claire disse. "Você seriamente que Amelie iria deixar o Sr. Bishop ficar na casa deles?"

"Eu não sei," ele disse. "Ligue se você acha que vai ajudar."

Ela pegou o telefone do bolso e discou para informações; os pais dela tinham uma nova lista, já que eles tinham acabado de chegar em Morganville. Enquanto ela esperava por uma resposta, Shane passou pela mesa e pos a mão livre dela na dele, e o toque quente da pele fez a sentir um pouco menos nervosa.

Até a mãe dela atender o telefone pelo menos. "Claire! Eu não esperava que você ligasse tão cedo. Você já está vindo para casa?"

Ela congelou por um segundo, então disse, o mais calmamente possível, "Não, mãe. Só queria me certificar que você estava bem. Tudo está bem?"

"É claro que tudo está bem. Porque não estaria?"

Claire fechou os olhos com força. "Nenhuma razão," ela disse. "Só queria checar e ver como você está se colocando. Como é a casa?"

"Bem, é antiga, sabe. Precisa de algumas instalações elétricas, e uma montanha de decoração, mas espero ansiosa por isso."

"Isso é ótimo. E - então, você não tem nenhum convidado ou algo assim?"

"Convidado?" A mãe dela riu. "Claire, querida, nós mal nos assentamos em nossa casa agora. Não estou pronta para convidados!"

Isso, pelo menos, era um alívio. "Ótimo. Bem - mãe, eu preciso ir. Boa noite."

"Boa noite, querida. Estou ansiosa para te ter em casa."

Claire desligou, e Shane deslizou o braço pela cintura dela. "Hey," ele disse. "Eles estão bem?"

"Por enquanto. Mas ele pode pegar eles, né? A qualquer hora que ele quiser."

"Talvez. Mas ele pode nos pegar tão facilmente quanto. Olha, você não pode ajudar eles agora, mas ele não tem nenhuma boa razão para machucar eles. Eles ficarão bem."

Shane era o otimista. Era assim que você sabia que as coisas estavam realmente ruins...

Claire forçou um sorriso, abriu os olhos, e tentou ser uma brava pequena robozinha. "Yeah," ela disse. "Yeah, vai ficar tudo bem. Sem problemas."

Os olhos escuros dele procuraram os delas, e ela sabia que ele podia ver que ela estava mentindo. Mas ele não falou para ela, provavelmente muito familiar com o conceito de negação. "Então," ele disse. "Que tal um bom, e civilizado jogo de xadrez?"

Uma pancada, e o inconfundível som de risadas abafadas, passando pelo teto através do segundo andar. Aproximadamente onde o quarto de Eve era.

"Hey!" Shane gritou. "Dá pra abaixar a trilha sonora pornô! Tentando me concentrar aqui!"

Mais risada, rapidamente abafadas. Shane se focou de volta em Claire, e Claire senti os lábios dela se curvando em um tipo mais genuíno de sorriso.

"Xadrez," ela disse. "Seu movimento, durão."

Outra pancada lá em cima. Shane balançou a cabeça e derrubou o rei. "Que diabos. Eu me rendo. Vamos ligar o vídeo game e matar alguns zumbis."

TRÊS

De manhã, foi... a manhã. Por alguns preciosos segundos quando Claire acordou, nada estava errado, nada mesmo. O corpo dela estava cheio de energia, e pássaros estavam cantando do lado de fora, e o sol queimava em faixas quentes pela cama dela.

Ela olhou o relógio. Sete e meia. Hora de levantar se ela pretendia chegar na primeira aula e ainda ter margem pra tomar café.

Não foi até ela estar no banho, e a água quente estar jogando senso de volta a cabeça dela, que ela percebeu que tudo não estava bem. Os pais dela estavam na cidade. Os pais dela estavam no radar dos monstros.

E os pais dela queriam que ela voltasse a morar com eles.

Isso terminou com o bom humor dela, e até a hora que ela finalmente desceu, arrastando a mochila cheia de livros e carregando os sapatos, ela estava franzindo. A casa estava uma bagunça. Ninguém tinha feito suas tarefas, incluindo ela. A cozinha ainda estava uma confusão, com o café da manhã congelando nas panelas. Ela resmungou para si mesmo enquanto o café era preparado, e jogava os pratos imundos e panelas na pia com e jogava água quente, e deixou uma bilhete para os colegas de casa dela. Especialmente Shane, que foi ainda mais preguiçoso que o normal.

Então ela colocou os tênis e foi para a escola.

Morganville parecia como qualquer outra empoeirada, e sonolenta cidade a luz do dia; pessoas indo para o trabalho, caminhando, empurrando carinhos de criança, passeando com os cachorros. Universitários com mochilas enquanto ela se aproximava do campus. Os visitantes casuais nunca sabiam, pelo menos durante o dia, que esse lugar era tão assustador.

Claire supôs que esse era o ponto.

Ela viu alguns caminhões de entrega em locais de comércio: esses entregadores sabiam? Eles só iam e vinham sem nenhum incidente? Havia alguma regra para os vampiros sobre quem eles podiam ou não caçar? Tinha que ter. Ter a policia estadual em Morganville não seria útil para os vampiros...

"Hey."

Claire piscou. Um carro estava próximo dela, mal mantendo o ritmo enquanto ela andava. Um vermelho conversível, duro e brilhante como sangue fresco no sol,. Dentro dele, três garotas com sorrisos identicamente falsos.

A motorista era Mônica Morrell, a filha do prefeito da cidade. O pior inimigo humano de Claire desde o dia que ela chegou em Morganville. Mônica tinha se recuperado do recente contato com a morte devido a drogas, ou pelo menos ela parecia assim – tão brilhante quanto o carro, e tão dura quanto. O cabelo loiro dela era brilhante e casualmente arrumado, a maquiagem dela perfeita, e se ela parecia só um tom mais

pálido que o de sempre, era difícil dizer.

"Hey," Claire disse, e se certificou de ir mais para dentro da calçada, fora do alcance para ser agarrada. "Como você está se sentindo, Mônica?"

"Eu? Ótima. Não poderia estar melhor," Mônica disse alegremente. Tinha algo muito mais negro nos olhos escuros dela do que no tom de voz. "Você tentou me matar, aberração."

Claire parou de andar. "Não," ela disse. "Eu não fiz isso."

"Você me deu aquela droga. Quase me matou."

"Você pegou de mim!" Os cristais vermelhos, os que ela tinha roubado de Myrnnin. Os que, mesmo que brevemente, tinham parecido uma boa idéia. Não tanto depois que ela viu os efeitos em Mônica, e o próprio rosto no espelho depois de ter tomado eles. Eles não tinham machucado ela, mas os efeitos em Mônica foram chocantes.

"Nem vem com essa. Você quase me matou," Mônica disse. "Eu dei queixa, mas com você sendo o bichinho da Fundadora e tudo mais, isso não vai adiantar. Então vamos ter que encontrar outro jeito de se certificar que você pague. Só queria te avisar, vadia - isso não acabou. Nem começou. Está acontecendo."

Ela deu a Claire um frio e duro sorriso, e acelerou para longe fazendo uma marca de borracha no asfalto.

Claire remexeu na mochila nervosa e olhou ao redor. Ninguém tinha prestado atenção, é claro. Não valia a pena, em Morganville, se meter nos assuntos de alguém.

Ela estava sozinha aqui. Eve trabalhava no campus, mas Claire não queria arrastar a amiga nisso. Eles já tinham problemas o bastante, e Mônica era problema dela.

Gostando ou não.

Mas enquanto ela passava pela porta da loja, ela sentiu alguém observando ela.

Ela tentou acreditar que era imaginação dela, mas tinha alguém realmente observando ela. Ela não conseguiu distinguir ele por alguns segundos, e então ela conseguiu, com outro choque desagradável. Magro como-um-viciado-por-heróina, pálido, cabelo sujo. Usando preto. O irmão de Eve.

"Jason," ela disse, e involuntariamente olhou ao redor procurando ajuda. Não havia ninguém ali, ninguém a quem ela podia recorrer. Nem mesmo uma patrulha policial passando - e a polícia definitivamente queria falar com Jason, depois do encontro dele com Shane.

Atingiu ela de novo: Ele atirou no namorado dela. Tentou matar ele. A polícia disse que foi legítima defesa, mas ela sabia melhor.

Jason tirou as mãos do bolso do casaco e as ergueu. "Não grite," ele disse. "A não ser que você esteja com vontade. Eu não vou machucar você."

Não em plena luz do dia numa rua cheia, de qualquer forma."

Ele soava... diferente. Mais estranho que o normal, e havia um padrão bem alto para estranho.

"O que você quer?" Ela agarrou a alça da mochila deixando um punho branco de tão apertado. Em uma emergência, faria um respeitável objeto de defesa. Ela podia derrubar ele com isso, ou pelo menos fazer ele tropeçar. Só faltava uma quadra para a Common Grounds - Oliver daria a ela Proteção assim que ela entrasse no prédio, mesmo de inimigos humanos.

"Pare de surtar, gênio. Não estou aqui para machucar você." Ele colocou as mãos de volta nos bolsos. "Como está Shane?"

"Porque você se importa?"

"Porque - " Ele franziu e deu nos ombros. "Olha, aquilo foi legítima defesa, ok?"

"Você fez uma emboscada para ele. Você ameaçou Eve e eu. Você queria que ele viesse pra cima de você."

"Yeah, bem, concordo, eu era ameaçador, mas o cara tentou fazer um home-run* com a minha cabeça, caso você não tenha visto."

(*baseball... é quando a bolinha sai do campo)

Inconfortavelmente, isso era verdade. "E quanto as outras pessoas que você matou? Aquilo foi legítima defesa também?"

"Quem disse que eu matei pessoas?"

"Você. Lembra? Você deixou uma garota morta no nosso porão para Shane encontrar. Você tentou colocar ele na cadeia."

Jason não disse nada sobre isso. Ele só a encarou, e nas sombras os olhos escuros dele eram como buracos no duro e pálido rosto dele. Ele parecia... morto. Mais morto do que a maioria dos vampiros.

"Eu preciso falar com a minha irmã," ele disse.

"Eve não quer falar com você, seu maluco. Nos deixe em paz!"

"É sobre o nosso pai," ele disse, e embora Claire estivesse se afastando, deixando ele e os problemas malucos dele para trás, ela olhou devagar para trás. "Eu preciso falar com Eve. Diga a ela que eu vou ligar. Diga a ela para não desligar."

Claire acenou, uma vez. Ela não odiava ele menos, mas havia algo diferente nele agora - algo que pedia por uma trégua, mas não o fazia ficar de joelhos e implorar também. "Não prometo nada," ela disse.

Jason acenou em resposta. "Não esperei nada."

Ele não disse obrigado. Ela continuou andando.

Quando ela olhou para trás, a porta estava vazia. Ela viu um deslumbre de uma jaqueta preta virando a esquina no fim da quadra. Droga, ele se move rápido, ela pensou, e isso deu a ela outro tipo de calafrio. E se Jason tinha conseguido realizar o desejo dele? E se alguém tivesse transformado ele em um vampiro completo, por mais difícil que parecesse?

Ela decidiu perguntou a Amelie, na primeira chance que tivesse.

As aulas da manha vieram e foram. Não era como se nenhuma delas fosse especialmente difícil, até mesmo os cursos de física mais altos que ela tinha participado. Ela trocou algumas das aulas chatas dela por um curso de mitologia, ou melhor Amelie tinha insistido nisso – que era uma coisa legal, e ela se encontrou esperando ansiosa. Nenhuma discussão sobre vampiros agora, infelizmente. Era tudo sobre zumbis, voodoo, e assuntos populares da mídia. Eles iam assistir a Noite dos Mortos vivos semana que vem. Claire não sabia muito sobre zumbis como os outros estudantes; a não ser pelo jogo em primeira pessoa para matar zumbis que Shane gostava de jogar, ela não conseguia se lembrar de algum dia ter prestado atenção na idéia.

É claro, desde que ela se mudou para Morganville, ela não excluía nada como improvável.

Depois de mitologia, o que acabou sendo uma informação saudável sobre voodoo, caso algum dia ela precisasse disso, Claire teve uma pausa antes da sessão de laboratório começar. Ela foi para o Centro Universitário. Era um prédio extenso, lar de uma grande área de estudo com longas mesas e cadeiras agrupadas, e possuía uma livraria, um bar que servia um fantástico sanduíche de queijo grelhado e saladas, e uma decente cafeteira.

Não havia fila hoje. Claire pagou pelo moca e se moveu para o lado do barista, onde Eve estava trabalhando. Eve parecia ótima hoje, e não só por causa do cuidado que ela teve com a roupa e maquiagem; ela meio que irradiava satisfação.

Oh. Certo.

Eve deu a ela um absolutamente atordoante sorriso e entregou a ela a bebida. “Hey, traça de livros. Tudo bem?”

“Claro. Você?”

“Nada mal. Está meio devagar hoje, depois da correria da manhã.”

Aquele sorriso tinha um segredo.

“Então? Como foi sua noite?” Claire estimulou. O segredo queria ser compartilhado, e além do mais, ela estava meio...curiosa.

“Fantástica,” Eve suspirou. “Eu só – yeah. Desde que eu tinha 14 anos, eu tenho uma queda naquele garoto, sabe? E ele nunca soube que eu existia. Eu fui a cada um dos concertos dele, desde que ele começou a tocar, até o ultimo aparecimento dele no Common Grounds. Eu nunca pensei – eu só nunca pensei que iria dar certo.”

"E como foi...?" Claire ergueu as sobrancelhas e deixou a pergunta em aberto para qualquer coisa que Eve quisesse que significasse.

O sorriso de Eve ficou travesso. "Fantástico."

Elas compartilharam gritinhos abafados. Eve fez uma dancinha de felicidade atrás do balcão, serviu doses em um drink, e mexeu. Claire nunca a tinha visto parecer tão cheia de felicidade.

A realidade voltou, e ela lembrou do porque ela estava ali em primeiro lugar. Ela teve a forte suspeita de que ela estava prestes a terminar com toda essa felicidade. O sorriso de Eve estava sumindo, como se alguém tivesse desligasse um botão nela.

"Claire, você está com a sua cara de preocupação. Qual problema?"

"Eu..." Claire hesitou, então continuou. "Eu vi Jason. Essa manhã."

Os olhos escuros de Eve se alargaram, mas ela não disse nada. Ela esperou.

"Ele queria que eu te dissesse que ele vai ligar. É algo sobre o seu pai, ele disse. Ele disse para você não desligar."

"Meu pai," Eve repetiu. "Tem certeza."

"Foi o que ele disse. Eu disse a ele, que não prometia nada." Claire bebeu o café, que estava perfeito, e observou a expressão de Eve. Não era fácil de ler, agora. "Ele não tentou me machucar."

"Em plena luz do dia, numa rua principal? Yeah, bem, ele é maluco, mas não idiota." Eve parecia distante, de repente. E todo o brilho de felicidade dela sumiu. "Eu não falo com nenhum dos meus pais desde meu aniversário de 18 anos."

"Porque não?"

"Eles tentaram me vender para Brandon," ela disse. "Como um pedaço de carne. Eu não sei porque Jason de repente ficou todo nostálgico sobre a família; não é como se fosse bons tempos para se lembrar."

"Mas eles ainda são seus pais."

"Yeah, infelizmente. Olha, essa é a história do clã Rosser: nós somos o núcleo familiar original. Como em, bomba nuclear. Tóxico mesmo que não exploda." Eve balançou a cabeça. "Seja qual for o problema do meu pai, eu não me importo. E eu não sei porque Jason se importaria também."

Outro estudante pagou por café, e Eve lançou a ele um ausente e vazio sorriso, e começou a fazer doses de expresso com uma precisão mecânica. "Não é nada," ela disse. "E eu vou desligar quando ele ligar. Se ele ligar. E mesmo que seja algo, eu não dou a mínima mesmo."

Claire só acenou. Ela não fazia idéia do que dizer. Eve estava claramente chateada, muito mais chateada do que ela esperava que ela ficasse. Ela acenou tchau e a foi para a mesa de estudo mais próxima, e

começou a mexer nos livros que ela pegou emprestado da biblioteca. O trabalho de PhD de alguém, que mostrava que o cara claramente não tinha se incomodado em ir nas aulas de Inglês.

Mas as equações eram boas. Ela estava muito envolvida nelas quando o celular dela tocou.

"Alô?" Ela não reconheceu o numero, mas era local, e não era dos pais dela.

"Claire Denver?"

"Sim, quem é?"

"Meu nome é Dr. Robert Mills. Fui eu que tratou seu amigo Shane no hospital."

Ela sentiu uma sensação perfurante de alarme. "Não tem nada errado com -"

"Não, nada disso," ele disse rapidamente. "Olha, era você que tinha os cristais vermelhos, certo? Os que quase mataram a filha do prefeito?"

A onda de alívio momentâneo queimou dela como papel fotográfico. "Eu acho que sim," ela disse. "eu dei eles para o médico."

"Bem, o negocio é o seguinte: eu estive pesquisando com aqueles cristais. Onde você conseguiu eles?"

"Eu - encontrei eles." Tecnicamente verdade.

"Onde?"

"Em um laboratório."

"Eu preciso que você me mostre esse laboratório, Claire."

"Eu não acho que posso fazer isso, desculpe."

"Olha, eu entendo que você provavelmente está protegendo alguém - alguém importante. Mas se ajuda, eu já tenho a aprovação do Conselho para trabalhar com esses cristais, e eu realmente preciso de mais informações sobre eles - quem os criou, como, os ingredientes. Eu acho que posso ajudar."

Amelie estava no Conselho dos Anciões. Mas ela não tinha dito nada sobre trabalhar com o doutor. "Me deixe descobrir se eu posso te contar," Claire disse. "Desculpe. Eu retorno a ligação."

"Logo," ele disse. "Me falaram que o objetivo é aumentar os efeitos da droga pelo menos 50% nos próximos 2 meses."

Claire piscou, surpresa. "Você sabe o que ele faz?"

Dr. Mills - que soava mais agradável e normal - riu. "Eu realmente sei? Provavelmente não. Isso é Morganville - inventamos o conceito de segredo

aqui. Mas tenho uma idéia bem decente do que é, e não é para consumo humano.”

Isso era o máximo que Claire queria falar pelo telefone, não importava o quão amigável ele parecesse. Depois de uma rápida desculpa, ela desligou e ligou para Amelie. Ela pretendia deixar uma mensagem, e isso, ela pensou, provavelmente seria o fim disso.

Amelie atendeu. Claire gaguejou, respirou fundo, e contou a ela sobre o Dr. Mills e o pedido dele.

“Eu deveria ter te dito ontem à noite. Eu decidi conceder o seu pedido de ter recursos adicionais nesse projeto,” Amelie disse. “Dr. Mills é um expert de confiança, um residente antigo na cidade, e ele não fará o tipo de julgamento moral que os outros podem fazer. Ele também é capaz de manter nosso segredo, e isso é imperativo. Você entende porque.”

Claire entendia, bem demais. Os cristais eram a droga que ajudavam a diminuir os efeitos da doença degenerativa dos vampiros – uma doença que todos eles tinham, uma que estava roubando a habilidade deles de se reproduzir. Amelie era a mais forte, mas ela estava doente, também, e os piores casos estavam insanos e trancados em celas abaixo de Morganville.

E até agora, alguns poucos vampiros sabiam sobre a doença. Quando eles soubessem, poderia não haver mais nada para impedir eles de se atacarem, culpar outros. Humanos inocentes, provavelmente.

O efeito na população humana seria tão ruim quanto. Quando eles soubessem que os vampiros não são invencíveis, quantos deles realmente iriam cooperar? Amelie há muito tempo tinha entendido que isso podia destruir Morganville, e Claire tinha certeza que ela tinha razão.

“Mas – ele quer ver o laboratório de Myrnin,” Claire disse. Myrnin, o mentor dela e algumas vezes até amigo dela, tinha se perdido na insanidade, e ele estava em uma daquelas celas. Lúcido as vezes, e outras vezes.... perigosamente não. “Eu devo levar ele lá?”

“Não. Diga a ele que você vai levar o que ele precisa para o hospital. Eu não quero nenhum humano fora você naquele laboratório, Claire. Tem segredos que devem ser mantidos, e eu confio em você para que fique assim. Restrinja a pesquisa dele em apenas em refinar e aumentar a formula que você já criou.” O que Amelie queria dizer, nesse jeito da realeza, era que se Claire falasse demais, ela ia acabar morta. Ou pior.

“Sim,” Claire disse fracamente. “Eu entendo. Quanto a meus pais – ”

“Eles estão seguros o bastante,” Amelie disse. Essa não era a mesma coisa que dizer que eles estavam seguros. “Você não verá o Sr. Bishop por enquanto. Se você acabar vendo os dois associados dele, seja educada, mas não tema; eles estão bem controlados.”

Talvez para os padrões de Amelie. Claire estava um pouco mais preocupada. “Ok,” ela disse com duvida. “Se algo acontecer -”

“Discuta com Oliver,” Amelie disse. “Curiosamente, as diferenças entre nós diminuiu dramaticamente desde que meu gerador veio visitar. Nada

como um inimigo em comum para unir vizinhos em disputa." Ela pausou por um momento, e então disse, quase embaraçadamente, "E seus amigos? Você está bem?"

Vamos falar papo furado agora? Claire tremeu. "Yeah, estamos bem. Obrigado."

"Bom." Amelie desligou. Claire murmurou um silencioso Oooo-k, e guardou o celular.

Enquanto ela estava indo embora, ela viu Eve na estação dos baristas, olhando de forma vazia para os botões da máquina enquanto ela trabalhava. O brilho de felicidade não tinha voltado. Na verdade, ela parecia amarga. E assustada.

Droga. Porque eu arruinei o dia dela assim? Eu deveria simplesmente ter dado o cano nele, o pequeno maluco.

Claire olhou o relógio, pegou a mochila, e foi para a aula de laboratório. Quando ela encontrou o Dr. Mills mais tarde naquela tarde, ela o fez no hospital, no escritório dele. Ele era um cara médio – altura média, idade média, tom de pele médio. Ele tinha um sorriso bonito, que parecia prometer que tudo ficaria bem, e apesar do fato de Claire saber que era totalmente ficcional, ela sorriu de volta.

"Sente-se, Claire," ele disse, e indicou uma das cadeiras azuis na frente da mesa dele. Atrás deles haviam prateleiras de livros que iam do chão ao teto – referências médicas em combinação de ligações, com alguns volumes mais novos sobre várias coisas. Dr. Mills tinha pilhas de revistas e artigos xerocados em um canto da mesa, e vários arquivos de pacientes no outro canto. Uma foto emoldurada estava virada de costas para Claire, então ela não podia ver se ele tinha família. Mas ele tinha uma aliança de casamento. Dr. Mills não falou imediatamente; ele se inclinou na cadeira, estalou os dedos, e olhou para ela por um tempo. Ela lutou contra a vontade de se contorcer, mas não conseguiu impedir que os dedos dela ficassem passando pelo tecido da jeans dela.

"Eu sabia que você era jovem," ele disse finalmente, "mas eu admito, estou ainda mais surpreso agora. Você tem dezesseis anos?"

"Dezessete em algumas semanas," Claire disse. Ela estava ficando ressentida de ter que ter essa conversa com cada adulto em Morganville. Ela pensou em simplesmente gravar e apertar play toda vez que ela encontrava alguém novo.

"Bem, pelas notas que Amelie me deu, você tem uma sólida compreensão do que está fazendo. Eu não acho que eu vou dirigir muito sua pesquisa só ajudar você a executar os experimentos. Onde eu ver alguma oportunidade de acrescentar algo, eu iriei. Obviamente, os laboratórios aqui no hospital tem equipamento muito mais sofisticado que eu imagino que você tenha – seja onde for que você tenha desenvolvido os seus cristais iniciais." Ele passou as folhas da enorme pasta no centro da mesa dela, e Claire viu cópias da própria escrita. As anotações dela, que ela tinha dado a Amelie. "Eu tomei a liberdade de fazer alguns cristais baseados na sua fórmula, usando nosso laboratório. Eu descobri que se você acelerar o processo de secagem com calor, você pode aumentar a força da

dosagem em 20%. E eu também criei uma versão líquida mais forte que pode ser colocada no corpo diretamente através de uma injeção."

Ela piscou."Injeção." Ela tentou se imaginar chegando perto o bastante de Myrnin para enfiar uma agulha no braço dele, especialmente quando ele estava fora de si.

"Pode ser aplicado através de um dardo," ele disse. "Como um tranqüilizante animal, embora eu não usaria essa analogia com mais ninguém. Seria desrespeitoso." Ela conseguiu sorrir. "Isso seria - muito útil. Eu não tentei esquentar o processo se secagem dos cristais. Isso é interessante."

"Não tem razão para você ter tentado. Eu tentei porque eu não tinha tempo ilimitado para sacar eles - nosso laboratório é ocupado, e eu não queria ninguém perguntando o que eu estava fazendo. Eu pedi para Amelie providenciar para nós algum tipo de espaço seguro no laboratório da universidade. Mais conveniente para você, e seguro para mim. Eu posso levar equipamento para lá conforme eu precise, ou requisitar para o Conselho." Dr Mills levantou a cabeça e olhou para ela de novo, os olhos marrons brilhantes e desafiadores. Como os de Myrnin, só que nem metade tão loucos."Sobre o meu pedido para visitar o laboratório onde você fez os cristais..."

"Desculpe, não posso."

"Talvez se você falar com Amelie -"

"Já falei."

Ele suspirou. "Então quando posso examinar nosso paciente?"

"Você não vai."

"Claire, isso não vai funcionar se eu não posso ter uma base com o paciente e determinar quais são as melhorias que precisam ser feitas enquanto mudamos a formula.!"

Ela sabia disso, na verdade, mas a idéia de colocar o gentil Dr. Mills em uma distancia para ser agarrado de Myrnin fez ela tremer. "Eu vou checar," ela prometeu, e se levantou. "Desculpe, está ficando tarde. Eu preciso - "

Dr. Mills olhou para janela do escritório. Do lado de fora, o céu estava escurecendo e desaparecendo em um anil. "É claro. Eu entendo. Aqui está uma amostra dos novos cristais. Mas antes de dar para ele, veja se consegue informações básicas - e o mais importante, uma amostra de sangue."

"Uma amostra de sangue," ela repetiu. Ele abriu uma gaveta e entregou a ela um pequeno e selado kit. Tinha uma seringa, gases, álcool, e alguns tubos a vácuo. "Você não está falando sério."

"Não estou dizendo que pode não ser difícil, mas se você não me deixa ir com você para fazer..."

Ela podia fazer muitas coisas, mas ela tinha certeza que não podia segurar Myrnin enquanto enfiava uma agulha na veia dele. Não quando ele estava...alterado.

Ela pegou o kit e o pôs na mochila. "Mais alguma coisa?"

Dr. Mills passou a ela uma arma – uma arma de dardos. Ele a abriu para mostrar a ela como carregar. "Uma dose já está carregada," ele disse. "Eu só fiz algumas – leva um tempo para destilar eles. Aqui tem mais dois extras, se você precisar." Enquanto ela colocava a arma na mochila, ele disse. "Não foi testada. Então tenha cuidado. Eu acho que pode ser mais forte e dure mais, mas não tenho certeza sobre os efeitos colaterais."

"E os cristais?"

Ele os entregou também. Eles pareciam um pouco mais fino do que os que ela tinha desenvolvido – mas como açúcar, Eles foram para a mochila também.

"Claire," ele disse, enquanto ela sustentava o peso, "você ouviu algum rumor sobre um vampiro novo na cidade?"

Ela congelou. O bracelete de ouro dela, o que tinha o símbolo de Amelie, foi atingido pela luz e fez réstia – não que ela precisasse de algum lembrete.

"Só Michael," ela disse. "Mas isso não é novidade."

"Eu ouvi falar que haviam estranhos."

Claire deu nos ombros. "Eu acho que você ouviu errado."

Ela saiu antes de ter que mentir mais. Ela não conseguia se impedir de olhar de volta para ele. Ele acenou e sorriu dando tchau.

Ela se sentia mal, mas havia só uma certa quantidade de verdade que ela estava preparada para dar, mesmo para alguém que era recomendado por Amelie.

"Você trouxe aquele hambúrguer?"

Claire nem teve tempo de colocar a mochila no corredor antes de Eve aparecer como uma Sininho cheia de cafeína, segurando uma colher de madeira.

"Uh – o que?"

"Hambúrguer. Eu te mandei uma mensagem."

Oops. Claire pegou o celular e viu que, certo o bastante, havia uma ícone de mensagem piscando. "Eu não peguei. Desculpe."

"Droga," Eve virou e marchou de volta pelo corredor, os botar Doc Martens* (*marca) batendo com ótimo desrespeito com o seguro chão de madeira. "Michael! Adivinha! Você tem tarefas a fazer!"

Michael estava tocando violão – algo rápido e complicado. Ele parava periodicamente, o que era raro para ele, e ele ignorou Eve, o que também não era normal. Enquanto Claire virava, ela o viu de pé na mesa de jantar, se inclinando para escrever as notas musicais no papel com linhas.

Acabou que ele não estava ignorando Eve tanto quanto não obedecendo. “Estou ocupado,” ele disse, franziu para o papel, e tocou o mesmo pedaço de novo, e então de novo. Balançou a cabeça em frustração e apagou as notas no papel. “Vão você e Shane.”

“Estou cozinhando!” Eve virou os olhos. “Pessoas criativas. Elas pensam que o mundo para quando elas pensam.”

“Eu vou,” Claire disse. A chance de ficar sozinha com Shane, mesmo com algo que era tão chato quanto uma visita a noite para o supermercado, era bom demais para se perder. “Melhor se eu fizer, mesmo. Eu tenho um passe livre.” Ela ergueu o bracelete.

Michael se afastou da música tempo o bastante para dar a ela um olhar. Ele bateu o lápis rápido, em um ritmo complicado na mesa. “30 minutos,” ele disse. “Vão e voltem. Nada de desculpas. Se vocês se atrasarem, eu vou atrás de vocês, e vou estar irritado.”

“Obrigado, pai.” Ela queria não ter dito isso – não por causa do desgosto no rosto de Michael, mas porque fez ela pensar no pai de verdade dela. E que o relógio estava andando sobre o tempo que ele iria permitir que ela continuasse em sua moradia atual.

Shane saiu da cozinha lambendo a ponta dos dedos. “O que está acontecendo?”

“Você não estava enfiando o seus dedos sujos no meu molho,” Eve disse, e apontou a colher de madeira para ele.

Ele rapidamente tirou o dedo da boca. “Em primeiro lugar, eles não estão sujos. Eu lambi eles primeiro. E em segundo lugar – eu ouvi algo sobre o super? Claire?”

“Yeah, estou pronta.”

Ele agarrou as chaves de Eve da mesa. “Então vamos nessa.”

Shane era um bom motorista, e ele conhecia Morganville com a palma da mão – é claro, Morganville era tão grande quanto a mão dele, e só havia um super que funcionava a noite, o Food King, dono local e funcionado. O estacionamento era iluminado como um estádio de futebol. Já haviam uns quinze carros lá, divididos igualmente entre veículos humanos e vampiros. Shane estacionou diretamente debaixo de um poste de luz e desligou o carro.

“Espera,” ele disse enquanto Claire ia pegar a maçaneta da porta. “Leva cinco minutos para chegar lá, cinco minutos para pegar as coisas, e cinco minutos para voltar para casa. Isso nos dá 15 minutos extras.”

Ela sentiu o coração gaguejar, e bater um pouco mais rápido. Shane estava olhando para ela com uma furiosa intensidade.

“Então o que você quer fazer?” ela perguntou, tentando soar casual.

“Eu quero conversar,” ele disse, o que não era o que ela esperava. Nenhum um pouco. “Eu não posso falar sobre isso em casa. Eu nunca sei quem está ouvindo.”

“Ou seja, Michael?”

Shane deu nos ombros. “É que nunca é exatamente privada.”

Ele não estava errado, mas ela ainda se sentia horrivelmente desapontada. “Claro,” ela disse, e ela sabia que soava dura e ferida. “Vá em frente. Fale.”

Os olhos dele se alargaram. “Você pensou – ”

“Só fale, Shane.”

Ele limpou a garganta. “Estive fazendo algumas pesquisas sobre Bishop.”

A idéia de Shane e pesquisa não parecia querer se encaixar na mesma frase. “Onde?”

“Na biblioteca da cidade,” ele deu nos ombros. “Coleções especiais. Eu conheço Janice, a bibliotecária – ela era amiga da minha mãe. Ela me deixou entrar nos fundos e olhar algumas coisas mais velhas, as coisas que eles não disponibilizam para o público ler.”

“Coleções dos vampiros.”

Ele acenou. “De qualquer forma, a única coisa que eu consegui descobrir foi uma referência a um Bishop – talvez não o mesmo – que matou muitas pessoas quinhentos anos atrás.”

“Não parece muito estranho...”

“Só que ele não estava matando humanos,” Shane disse. “Do jeito que as coisas estão escritas, Bishop estava matando os inimigos dele na sociedade vampira. Se fazendo o comandante do mundo. E então algo aconteceu, e ele saiu de vista.”

“Wow. Não é de se admirar que Amelie e Oliver estejam surtando.”

“Se ele esteve no subterrâneo todo esse tempo, e tiver vontade de pegar quem ficar no caminho dele, humano ou vampiro – yeah. Eu surtaria também. De qualquer forma, eu achei que você deveria saber. Pode ser importante.”

“Obrigado.”

Ele acenou, o olhar fixo nela.

“Mais alguma coisa?” ela perguntou.

"Yeah."

Ele se inclinou para frente e a beijou. O peso dela se colocou nela, inclinando as costas dela contra a porta, e ela sentiu toda a força e oxigênio saírem do corpo dela, substituídos por uma agitada e brilhante vibração. Oh. Os lábios de Shane eram quentes e úmidos, suaves mas exigentes, e ela se ouviu fazer um som como de uma lamuria em resposta. As mãos dele sabiam onde segurar ela – atrás da cabeça dela, nas costas, a puxando mais para perto. Encaixando o corpo deles juntos. Era tão bom, como o sol brilhante. Os dedos dela passavam no suave e despenteado cabelo dele e foram até as costas dele, e por um segundo ela imaginou como seria aqui, e agora, no grande carro de Eve. Parecia durar para sempre, um sonhador e eterno calor...

As mãos dele desceram os ombros dela, até a clavícula dela, e foram mais para baixo. Ela se ouviu fazendo um som que era mais um lamento do que qualquer outra coisa, um apelo nu, enquanto o calor do toque dele chegava a parte de cima do sutiã dela, e passava da borda para baixo...

Shane parou o beijo respirando profundamente, inclinando a bochecha dele contra a dela. O som da respiração dele no ouvido dela fez ela tremer de novo. Tão perto. Deus, estávamos tão perto...

"É – melhor entrarmos," ele disse. Soava como se ele estivesse se esforçando para soar normal, mas faltava um quilometro para isso, e quando ele sentou para trás, tudo que ela podia ver era o quente foco nos olhos dele, e os úmidos, avermelhados, e totalmente beijáveis lábios dele. Ela se perguntou o que ele estava vendo nela, e percebeu com choque que provavelmente era a mesma coisa.

Fome compartilhada.

"Yeah," ela também não soava normal. Na verdade, ela não tinha certeza se conseguiria andar; o corpo todo parecia derretido, especialmente perto dos joelhos. Ela respirou fundo algumas vezes, então parou quando os olhos de Shane se focaram no movimento do peito dela. "Nós deveríamos ir – para o super."

Shane olhou o relógio. "Não, nós deveríamos ir pegar o hambúrguer, jogar o dinheiro para a caixa, e quebrar o limite de velocidade de volta para a casa se não quisermos que Michael mande a equipe da SWAT."

Isso os sossegou, o bastante para fazer eles irem para a loja, mas eles seguraram as mãos o caminho todo.

Dentro, o lugar parecia brilhante demais, e ainda sim de alguma forma frio. Ilhas de pacotes coloridos. Havia alguns clientes empurrando carrinhos de supermercado, e alguns deles, Claire sabia, tinham que ser vampiros, mas ela não conseguia necessária mente distinguir quem, a primeira vista. Muitos deles tinham disfarces humanos perfeitos. Era a garota de vinte e poucos com o cabelo vermelho e a longa lista de compras? Ou a idosa com o pequeno cachorro no banco de crianças do carrinho? Não o pai com as duas crianças pequenas e o olhar perturbado – ela tinha certeza desse.

Claire não teve tempo para ficar olhando. Shane soltou a mão dela e apontou para uma ilha; ela foi até a sessão de carne. Escolher hambúrgueres era uma decisão sobre quantidade e Eve não tinha dito o quanto comprar. Claire se contentou com dois pacotes, e foi para a ilha onde Shane tinha desaparecido.

A ilha com salgadinhos, que choque.

A música no alto falante mudou para uma irritante e ligeiramente assustadora musica dos anos 70, algo sobre as estações no sol, e ela estava pensando sobre o quão irônico isso era quando ela estava passando pela mostra de equipamentos eletrônicos e encontrou Shane de costas contra uma prateleira, com uma mulher se pressionando contra ele.

Era a vampira que Bishop tinha trazido para cidade. Ela estava usando uma jeans apertada, uma camiseta marrom, e uma jaqueta de couro preta. Botas pretas, com fivela. Feminina, mas perigosa. O cabelo preto dela caia nos ombros em ondas luxuosas, e a pele dela era da cor de porcelana, só um pouquinho de blush nas bochechas dela.

Os olhos dela estavam fixos em Shane. Ele estava esmagando um pacote de batatinhas com a mão, mas ele claramente esqueceu disso.

A vampira se inclinou para frente e respirou fundo perto do pescoço de Shane. Shane fechou os olhos e não se moveu.

"Mmmmmm," ela disse com uma doce e devagar voz. "Você cheira a desejo. Eu posso sentir ele passando pela sua pele. Pobrie coisinha, toda frustrada e querendona. Eu podia te ajudar com isso."

Shane não abriu os olhos. "Fique longe de mim."

A mão da vampira bateu forte contra a prateleira perto da cabeça de Shane. A estrutura toda se balançou, mas não cedeu. "Não seja rude, Shane Collins. Sim, eu sei quem você é. Você esteve pesquisando por nós, então eu pesquisei um pouco sobre você. Você tem problemas com o papai, não tem? Eu entendo. Eu também tinha. Eu poderia te contar, se você vier comigo. Seria bom ter um homem forte para contar meus problemas."

Tão rápido quanto tinha vindo, a raiva dela tinha sumido, e ela voltou a ser a vampira gatinha sexy que ela tinha sido na Glass House, passando os dedos pálidos pela clavícula de Shane, pelo peito dele...

"Eu disse vá embora," Shane disse, e abriu os olhos para encarar o rosto dela. "Não estou interessando, sanguessuga."

"Meu nome é Ysandre, querido. Não sanguessuga, vadia, ou sugadora de sangue. E se você quer sobreviver a minha visita a essa cidade nojenta, você vai aprender a me chamar pelo nome, Shane." Os lábios pálidos dela se curvaram num sorriso. "Ou se você quiser que outras pessoas sobrevivam. Agora, vamos ser amigos."

Ela se inclinou para frente e passou os lábios de leve contra Shane, e Claire viu ele tremer e ficar completamente duro. Ysandre riu, passou por cima dele, e pegou um saco de batatas da prateleira.

"Mmmmm," ela disse. "Salgado. Diga a sua namorada que eu gosto do gosto do gloss dela."

Ela se afastou. Shane e Claire ficaram paralisados onde estavam até ela sair de vista, e então Claire correu até ele. Quando ela colocou a mão nele, ele se esquivou, só um pouco.

"Não me toque," ele disse. A voz dele era rouca, e a veia na garganta dele estava batendo muito, muito rápido. "Eu não quero –"

"Shane – sou eu, é a Claire – "

Ele a pegou então, como um homem se afogando agarrado a uma bóia, e a força dele a chocou enquanto ele a segurava. A cabeça dele se curvou, e ela sentiu o peso da força dele nos ombros. O febril e úmido calor da testa dele contra o pescoço dela.

Ela sentiu o calafrio passar por ele, só um, só o bastante para dizer a ela o quão horrível ele se sentia.

"Deus," ela sussurrou, e gentilmente passou a mão pelo cabelo dele. Estava todo molhado, coberto de suor."O que ela fez com você?"

Ele balançou a cabeça sem a levantar do ombro dela. Ele não podia, ou não iria, dizer. O peito dele se ergueu e caiu, pegando com a respiração que parecia ofegante mas era muito profunda para isso, e depois do que pareceu um minuto inteiro, o corpo de Shane começou a relaxar, se desenrolando daquela horrível tensão.

Quando ele se afastou, ela esperava olhar a expressão dele, mas ele virou tão rápido que foi apenas um borrão – olhos escuros feridos, uma máscara pálida. Ele olhou para baixo para as batatas que ele segurava, e as derrubou no chão enquanto se afastava.

Claire rapidamente as colocou de volta na prateleira e o seguiu. Ele continuou indo, passando as caixas registradoras. Ela entregou o dinheiro para a impaciente caixa pelo hambúrguer, agarrou a sacola de plástico, e correu pelas luzes que iluminavam a escuridão atrás do namorado dela.

Ele já estava destrancando o carro e entrando. Ela ainda estava pelo menos a alguns metros de distância quando ele ligou o carro, e ela viu o brilho dos freios quando ele mudava a marcha.

Por um segundo de parar o coração Claire achou que ele ia dirigir para longe, deixando ela no escuro, mas ele esperou. Ela abriu a porta do passageiro e entrou. Shane não se mexeu.

"Você está bem?" ela perguntou.

Ele nem olhou para ela.

Ele mudou a marcha do carro e fazendo marcas de pneu no asfalto saiu do estacionamento.

QUATRO

Shane foi direto para o quarto, e não desceu para comer o jantar que Eve tinha feito – spaghetti com molho de carne, pouco alho pelo bem do vampiro na mesa. Provavelmente estava delicioso, mas Claire não conseguia sentir o gosto de nada. Ela não conseguia tirar a cabeça do rosto branco e rígido de Shane, e o pânico e ódio dos olhos dele. Ela não entendeu o que aconteceu, e ela sabia que ele não queria ser questionado. Agora não.

“Bem?” Eve remexeu o spaghetti com o garfo enquanto encarava Claire.
“Como está?”

“Oh – fantástico,” Claire disse, com tanto entusiasmo que ela sabia que ninguém tinha sido enganado. Ela suspirou. “Desculpe. Eu só – ”

Eve apontou por cima da cabeça deles. “O diretor do departamento de drama?”

Michael olhou para ela, e por um segundo Claire viu os olhos azuis dele brilhar. “Ele tem os motivos dele,” ele disse. “Deixa pra lá, Eve.”

“Me desculpe, mas aquele garoto pode fazer um corte de papel parecer uma ferida mortal...”

“Eu disse para deixar para lá.” Michael surtou dessa vez, e havia um inconfundível comando na voz dele. Eve parou de mexer com a massa. Parou de fazer tudo a não ser olhar para ele com olhos estreitos, e cheios de rímel.

“Vamos rever,” ela disse, e pôs o garfo cuidadosamente num guardanapo. “Você deu uma de diva e decidiu que estava ocupado demais para ir para o super. A seguir, Shane tem uma explosão de raiva e sobe para o quarto para fazer uma festinha de auto piedade. E agora você está mandando em mim como se você fosse meu dono. Estamos sob aviso de tempestade de testosterona?”

“Eve.”

“Eu não terminei. Você pode achar que um par de presas crescer em você te faz ser o chefe aqui, mas é melhor checar sua lista de musicas. Você está seriamente ouvindo a faixa errada.”

“Eve.” Michael se inclinou para frente, e Claire prendeu o fôlego. Os olhos dele estavam completamente errados, os movimentos rápidos, e ela viu um deslumbre de dentes que eram muito brancos, e muito afiados.

Eve empurrou a cadeira para o trás da mesa, pegou o prato, e foi para a cozinha sem olhar para trás.

Michael pôs a cabeça nas mãos. “Deus, o que acabou de acontecer?”

Claire engoliu. Ela não sentia gosto de nada a não ser metal, como se ela tivesse tentado mastigar o garfo ao invés da comida. O corpo todo dela estava frio, doendo com a necessidade de fazer... algo.

Ela pegou o prato de Michael, o colocando junto com o dela. "Eu vou limpar," ela disse.

A mão de Michael se fechou no pulso dela. Ela não se atreveu a olhar a ele. De perto, ela não queria ver as mudanças nos olhos dele, a que Eve tinha visto tão claramente.

"Eu não ia machucar nenhum de vocês. Você acredita em mim, certo?"

Ela ouviu a de repente duvida na voz dele.

"Claro," ela disse. "É só que - Michael, eu não acho que você saiba o que você é ainda. O que mudou dentro de você. Eve acha que mostrar a você nossa fraqueza é uma má idéia. Eu não acho que ela está errada sobre isso."

Michael estava observando ela como se ele nunca a tivesse visto antes. Como se ela tivesse mudado na frente dele, de uma criança para um igual.

Ela engoliu com força. Esse era um olhar poderoso, e não era a parte vampira nele - era a parte de Michael. A parte que ela admirava, e amava.

"Não," ele disse suavemente. "Eu também não acho que ela está errada." Ele tocou a bochecha de Claire gentilmente. "O que aconteceu com Shane?"

"Você não acha que foi só outro festival de auto piedade como Eve?"

Michael nunca pareceu tão sério, ela pensou. "Não," ele disse. "E eu acho que ele pode precisar de ajuda. Mas eu não acho que ele ia aceitar de mim agora."

"Eu não tenho certeza que ele ia aceitar de mim, também," Claire disse.

Michael pegou os pratos dela. "Não se subestime."

O quarto de Shane estava escuro, a não ser pelo fraco brilho que vinha dos postes de luz distantes. Claire abriu a porta e, com a luz do corredor, viu os pés dele e parte da perna. Ele estava deitado na cama. Ela fechou a porta, respirou calma e vagarosamente, e andou para sentar ao lado dele.

Ele não se mexeu. Enquanto os olhos dela se ajustavam, ela viu que os olhos dele estavam abertos. Ele estava encarando o teto.

"Quer conversar?" ela perguntou. Nenhuma resposta. Ele piscou; só isso. "Ela te atingiu, não foi? De alguma forma, ela te atingiu."

Por longos segundos, ela achou que ele só ia ficar deitado ali e ignorar ela, mas então ele disse, "Eles entram na sua cabeça, os que são fortes. Eles podem fazer você - sentir coisas. Querer coisas que você não quer de verdade. Fazer coisas que você nunca faz. A maior parte deles não se incomoda, mas os que se incomodam - eles são pior."

Claire passou pela escuridão, e as mãos dele encontraram as dele no meio - frias a principio, então ficando mais quentes enquanto a pele deles se

tocava.

"Eu não quero ela, Claire," ele disse. "Mas ela me fez querer ela. Você entende?"

"Não importa."

"Importa. Porque agora que ela fez uma vez, vai ser mais fácil para ela fazer de novo." Os dedos dela se apertaram nos dela, com força o bastante para ela se contorcer. "Não tente parar ela. Ou eu, se chegar nisso. Eu tenho que lidar com isso sozinho."

"Lidar como?"

"Do jeito que eu puder," Shane disse. Ele se remexeu na cama. "Você está tremendo." Ela estava? Ela honestamente não tinha percebido, mas o quarto parecia frio, frio e cheio de desespero. Shane era a única coisa brilhante nele.

Ela se esticou olhando para ele. Muito perto, ela pensou, para o conforto do pai dela, se eles o vissem, muito embora eles só estivessem de mãos dadas.

Shane passou para o outro lado da cama, encontrou um cobertor, e jogou por cima dos dois. Tinha cheiro do - bem, do Shane, como a pele e cabelo dele, e Claire sentiu uma onda de calor passar por ela enquanto ela respirava. Ela se moveu mais para perto dele por baixo das cobertas, parcialmente para pegar o calor, e em parte - parte porque ela precisava tocar ele.

Ele a encontrou na metade do caminho, e o corpo deles se pressionou junto com cada curva e vazio. Os dedos entrelaçados deles se curvaram um nos outros. Embora eles estivessem próximos o bastante para se beijar, eles não se beijaram - era um tipo de intimidade que Claire não estava acostumada, ficar tão próximo e só... ficar assim. Shane soltou a mão dela e tirou o cabelo dela dos olhos. Ele tracejou levemente os lábios dela.

"Você é linda," ele disse. "Quando eu vi você pela primeira vez, eu pensei - eu pensei que você era jovem demais para estar por conta própria aqui, nessa cidade."

"Agora não?"

"Você passou melhor do que a maioria. Mas se eu pudesse fazer você sair desse lugar, eu iria." O sorriso de Shane era turvo e torto e um pouco quebrado, nas sombras. "Eu quero que você viva, Claire. Eu preciso que você viva."

Os dedos dela tocaram a franja do cabelo dele. "Não estou preocupada comigo," ela disse.

"Você nunca fica Esse é o meu ponto. Estou preocupado com você. Não só por causa dos vampiros - por causa do Jason. Ele ainda está lá em algum lugar. E - " Shane pausou por um segundo, como se ele não conseguisse

falar o resto. “E tem eu, também. Seus pais podem ter razão. Eu posso não ser o melhor – ”

Ela mexeu os dedos para os colocar na boca dele, por cima daqueles suaves e fortes lábios. “Eu nunca vou parar de confiar em você, Shane. Você não pode me obrigar.”

Uma risada balançada no escuro. “Meu ponto exatamente.”

“É por isso que vou ficar aqui,” Claire disse. “Com você. Hoje a noite.”

Shane respirou fundo. “As roupas ficam no lugar.”

“Na maior parte,” ela concordou.

“Sabe, seus pais realmente tem razão sobre mim.”

Claire suspirou. “Não, eles não tem. Ninguém te conhece, eu acho. Nem seu pai, nem Michael. Você é um profundo e negro mistério, Shane.”

Ele a beijou pela primeira vez desde que ela entrou no quarto, um calor que passou dos lábios para a testa dela. “Sou um livro aberto.”

Ela sorriu. “Eu gosto de livros.”

“Hey, temos algo em comum.”

“Estou tirando meu sapatos.”

“Tudo bem. Sapatos fora.”

“E minhas calças.”

“Não insista, Claire.”

Claire acordou sonolenta e pacífica, e levou um segundo para ela perceber que o calor nas costas dela estava sendo irradiado por outra pessoa, na cama, com ela.

De Shane.

Ela parou de respirar. Ele estava acordado? Não, ela achava que não; ela podia sentir a respiração devagar e firme dele. Havia um delicioso e proibido deleite nisso, um momento que ela sabia que ela carregaria com ela mesmo quando acabasse. Claire fechou os olhos e tentou se lembrar de tudo - como o jeito que o peito nu de Shane tocava as costas dela, quente e suave onde a pele deles se conectava. Ela negociou pela remoção das camisetas, já que ela estava usando uma camisola sem mangas por baixo, e Shane tinha sido forte o bastante para deixar para lá. Mas ele insistiu em manter as calças.

Ela não tinha mencionado que ela tinha se livrado do sutiã, embora ela soubesse que ele tinha notado a primeira vista.

Perigoso, uma parte dela disse. Você vai levar isso muito adiante. Você não está pronta - porque não? Porque ela não estava? Porque ela não

tinha 17 anos? O que tinha de tão mágico sobre esse número de qualquer forma? Quem decidia quando ela estava pronta a não ser ela?

Shane fez um som enquanto dormia – um profundo e contente suspiro que vibrou pelo corpo todo dela. Eu aposto que se eu virar e beijar ele, eu poderia convencer ele...

A mão de Shane estava descansando na parte cima logo abaixo do quadril dela, um quente e solto peso, e era assim que ela sabia quando ele acordou – a mão dele. Foi de mole para cuidadosa, se tencionando e relaxando mas não se movendo de onde estava.

Ela podia sentir cada dedo dele na pele dela.

Ela ficou muito parada, mantendo a respiração firme e devagar. A mão de Shane devagar e gentilmente se moveu para o lado dela, mal deslizando, e então ele se afastou dela e sentou, olhando para janela. Claire rolou ate ele, segurando o cobertor no nível do pescoço.

“Bom dia,” ela disse. A voz dela soava sonolenta e devagar, e ela viu um pedaço do rosto dele enquanto ele virou devagar em direção a ela. A luz do sol fez a pele nua dele brilhar, como se tivesse sido empoeirada com ouro.

“Bom dia,” ele disse, e balançou a cabeça. “Cara. Isso foi idiota.”

Não era o que ela estava pensando. Shane levantou, e ela engoliu em seco devido ao jeito que as jeans dele estavam baixas no quadril dele, o jeito que os ossos deles e músculos se curvavam juntos e imploravam para serem tocados –

“Banheiro,” ele disse, e se moveu quase tão rápido quanto um vampiro saindo dali. Claire sentou, esperando, mas então ele não voltou, e ela devagar começou a juntar as roupas de novo. Sutiã, colocado de volta no lugar. Camisola limpa e recatada, se enrugada. Ela ainda estava de jeans. O cabelo dela parecia como se ela tivesse sido penteado com uma batedora – ela ainda estava mexendo nele quando ela ouviu os sapatos pesados e de marca de Eve no corredor do lado de fora, passando pela porta de Shane, indo até o fim do corredor.

Para o quarto de Claire.

Oh, droga.

Eve bateu na porta. “Claire?”

Claire saiu silenciosamente do quarto de Shane, tentando não deixar obvio, e se certificou de ter dado vários passos neutros até território neutro e disse, “O que foi?”

Eve, que tinha aberto a porta de Claire e estava olhando para dentro, virou tão rápido que ela quase perdeu o equilíbrio. Ela estava ultra gótica hoje – vestido profundamente púrpura com padrões de crânio, meias com listras preto e branco, um colar com a cabeça da morte. O cabelo dela estava preso em um assustador rabo de cavalo, e a maquiagem dela era o usual branco e preto, com o adicional de um escuro batom de

cereja.

"Da onde você veio?" ela perguntou. Claire gesticulou vagamente em direção as escadas. "Eu acabei de vir de lá."

"Banheiro," Claire disse. E recebeu um franzido, mas Eve deixou para lá.

"É Michael," ela disse. "Ele sumiu."

"Foi trabalhar?"

"Não, desapareceu. Como em, saiu no meio da noite e não me disse onde ia, e não voltou. Eu chequei - ele não está na loja de musica. Estou preocupada, especialmente - " Eve parou, e os olhos dela se alargaram. "Oh meu Deus, você está usando a mesma coisa que estava usando ontem? Você não está fazendo a caminhada da vergonha, está? Porque eu totalmente não posso encarar seus pais se você estiver."

"Não, não é nada disso -" Claire sentiu uma onda de calor passar do pescoço dela a uma luz vivida no rosto dela. "Eu só - estávamos conversando, e eu peguei no sono. Eu juro, nós não, um - "

"Yeah, é melhor vocês não terem 'um,' porque se você fez, isso seria -" Eve lutou para não sorrir. "Isso seria ruim."

"Eu sei, eu sei. Mas nós não fizemos. E não vamos até - " Até eu convencer ele que está tudo bem. "Tanto faz. Sobre Michael - o que você quer fazer?"

"Ir fazer algumas perguntas. Common Grounds é o lugar para começar, por mais que eu odeie; Sam provavelmente está lá, ou podemos deixar uma mensagem para ele. Eu ouvi que ele voltou a andar em publico." Sam era o avó de Michael - e um vampiro. Ele quase tinha sido morto por uma estaca, e foi necessário a ajuda de Amelie para salvar ele. Mas ele tinha ficado fraco. Claire ficou feliz de saber que ele estava melhor - Sam era, ela sentia, um dos melhores vampiros. Um que ela podia confiar. "Bem? Vamos ou não?"

Shane ainda não tinha saído do banheiro. "Cinco minutos," Claire disse, resignada. Não havia chance para um banho quente, ou roupas limpas - o melhor que ela tinha disponível era não muito limpo, e não de dormir. Ela podia ser capaz de encontrar uma calcinha escondida na gaveta ...

Houve uma batida na porta da frente no andar de baixo. Um autoritário e urgente tipo de batida. Ainda era cedo, e o numero de visitas em Morganville era geralmente bem pequeno; Claire passou a menos enrugada das duas camisetas por cima da cabeça, pegou a calcinha nova e passou por cima a velha jeans, e correu pelo corredor ainda fechando o zíper. Eve estava na frente dela, já descendo, enquanto Claire passava pelo banheiro, Shane abriu a porta e enfiou a cabeça para fora. "O que está acontecendo?"

O que está acontecendo?"

"Não sei!" Ela olhou para trás, e correu atrás de Eve.

O que estava acontecendo era a entrega de um envelope, o qual Eve teve que assinar para receber. Quando ela o virou, Claire viu o nome, bem escrito com uma antiga e linda letra: Sr. Shane Collins. Tinha até uma decorativa flor debaixo do nome dele. O envelope era pesado e o papel era da cor de creme. Na parte de trás tinha um selo dourado com um tipo de escudo nele.

Eve ergueu o nariz, fungou, e ergueu a sobrancelha. "Wow," ela disse. "Perfume caro."

Ela acenou na direção de Claire, e pegou um deslumbre de uma escura e almiscarada fragrância – cheia de promessa e perigo.

Shane desceu, descalço e usando só a jeans a não ser pela toalha no pescoço dele. Ele diminuiu a velocidade quando as duas olharam para ele. "O que?"

Eve ergueu o envelope. "Sr. Shane Collins."

Ele o pegou dos dedos dela, franziu para ele, e o abriu. Dentro havia um cartão dobrado com o mesmo tipo de papel caro, com letras pretas. Shane olhou por um longo segundo, então colocou de volta no envelope e o entregou de volta para Eve. "Queime-o," ele disse.

E então ele subiu.

Eve não perdeu tempo em pegar o cartão, e desde que ela tinha pego, Claire não se sentiu muito ocupada por ler por cima dos ombros dela.

Você foi convocado a participar de um baile de mascaras para celebrar a chegada do Ancião Bishop, sábado dia 20 de outubro, no Salão do Conselho dos Anciões a meia noite.

Vira ira atender ao convite da senhora Ysandre, e é requerido que você a acompanhe como ela quiser.

"Quem é Ysandre?" Eve perguntou.

Claire estava muito ocupada se preocupando com a frase do "como ela quiser."

Elas localizaram Sam Glass na Common Grounds, sentando e conversando com dois outros que Claire não reconheceu, mas Eve claramente reconheceu, devido aos acenos que eles trocaram. Humanos, porque estavam usando braceletes. Eles deram tchau e liberaram as cadeiras para Eve e Claire.

Sam parecia muito com Michael – um pouco mais velho, talvez, com um queixo ligeiramente mais largo. Ele tinha cabelo ruivo e o de Michael era dourado, mas um tamanho e peso similar.

Isso tinha quase feito ele morrer, não muito tempo atrás, quando ele recebeu uma estaca que era para Michael. Ele ainda parecia tenso, Claire pensou – cansado também. Mas o sorriso dele era genuíno quando ele acenou dando boas vindas. "Senhoritas," ele disse. "É bom ver você. Eve,

eu não achei que você viria aqui de novo, não voluntariamente."

"Acredite em mim, se não fosse por você, eu não viria," ela disse, e bateu os dedos na mesa em agitação. "Você sabe onde Michael está?" Sam ergueu as sobrancelhas. "Ele não está no trabalho."

"Ele saiu ontem a noite, não disse onde ia. Não o vimos, e ele não está no trabalho. Então? Idéias?"

"Nada bom," Sam disse, e se recostou na cadeira. "Ele está de carro?"

"Yeah, até onde eu sei. Porque?"

"GPS. Todos os nossos carros são rastreáveis."

"Wow, bom saber caso eu entre no negocio de carros-para-dentes por aqui," Eve disse. "Quem tem o super secreto aparelho de rastreamento espião por aqui, e como eu posso por as mãos nele?"

"Você não pode," Sam disse. " Eu cuido disso."

"Logo?"

"Assim que eu puder?"

"Mas eu preciso encontrar ele! E se ele - " Eve se inclinou mais para perto, abaixando a voz dela para um sussurro. "E se alguém estiver com ele?"

"Quem?"

"Bishop!"

Os olhos de Sam se alargaram, e por toda cafeteria, outros cabeças viraram. Na maior parte vampiros, Claire pensou, que conheciam o nome, ou pelo menos sabiam dele. E que podiam ouvir um sussurro dentro de uma sala lotada.

"Quieta," Sam disse. "Eve, fique fora disso. Não é nada para nenhum de vocês se envolver. É assunto nosso."

"É nosso assunto também. O cara foi para nossa casa. Ele nos ameaçou, todos nós," Eve disse. "Não pode descobrir agora? Porque caso contrário eu vou ligar para Segurança Nacional e dizer a eles que temos vários terroristas andando no escuro."

"Você não iria."

"Oh, eu iria. Com alegria. E vou dizer a eles para trazer camas queimadas e conduzir entrevistas ao meio dia no estacionamento."

Sam balançou a cabeça. "Eve - "

Eve bateu a mão na mesa. Soou como um tiro, e cada cabeça virou na direção deles. "Não estou brincando, Sam!"

"Sim, você está," ele disse, deliberadamente quieto. "Porque se você estiver falando sério, você estaria ameaçando o povo que controla o destino da sua próxima batida do coração, e isso seria muito, muito idiota. Agora, diga que vai me deixar cuidar disso."

Os olhos escuros de Eve nem piscaram. "Isso é sobre Bishop? Porque ele está aqui? O que ele está fazendo? Porque você tem tanto medo dele?"

Sam levantou, e havia algo remoto e frio sobre ele ali. Algo que lembrou Claire, muito forte, que ele era um vampiro.

"Vá pra casa," ele disse. "Eu vou encontrar Michael. Eu duvido que ele esteja com problemas, e eu duvido que tem algo a ver com Bishop."

Eve levantou também, e pela primeira vez, Claire a viu como uma adulta – uma mulher, enfrentando ele em termos iguais.

"É melhor você ter razão," ela disse suavemente. "Porque se algo acontecer com Michael, não será o fim disso. Eu juro."

Sam as observou todo o caminho para fora da cafeteria. Assim como todo mundo. Alguns deles pareciam preocupados; alguns deles pareciam assustados. Alguns pareciam com raiva.

Mas ninguém ignorou as duas enquanto elas saíam. Ninguém. E isso era... preocupante.

Elas entraram no carro, e Eve encarou sem dizer uma palavra. Claire finalmente se aventurou em fazer uma pergunta. "Onde estamos indo?"

"Casa," Eve disse. "Vou dar a Sam a chance de manter a palavra dele."

Isso, Claire pensou, ia envolver Eve mastigando os cantos das paredes e fazendo buracos no chão. E Claire não fazia idéia do que fazer para ajudar ela.

Mas era para isso que basicamente os amigos serviam... para estar lá para te impedir de enlouquecer.

Elas estavam em casa a exatamente uma hora quando o telefone tocou. Shane estava sentado perto do telefone – ele se apropriou do lugar, porque ele estava preocupado que Eve ficasse pegando o telefone para checar se ele tinha linha – e atendeu no primeiro toque. "Glass House," ele disse, e ouviu. Claire observou cada músculo do corpo dele ficar tenso e duro. "Vá se fuder."

E ele desligou.

Claire e Eve ficaram boquiabertas olhando para ele. "O que diabos - ?" Eve disse, e se lançou para pegar o telefone. Ela o tirou do gancho.

"Comece a falar," Claire sugeriu. "Shane – quem era?"

Ele não respondeu. Ele cruzou os braços por cima do peito. Eve freneticamente digitou o código. "Está tocando," ela disse – e então, como Shane, ela ficou dura.

Ela afundou na cadeira.

"Deveria ter deixado em paz," Shane disse.

Eve fechou os olhos, e os ombros dela baixou. "Yeah, estou aqui," ela disse com força. "O que foi, Jason?"

Claire viu o olhar de Shane, e ela deve ter parecido suspeitosamente sábia, porque ele franziu para ela. "Você o viu?" Shane perguntou.

Verdade, ou mentira? "Sim," Claire disse, embora definitivamente esse não fosse o caminho da menor resistência. "Eu o vi ontem de manhã a caminho da escola. Ele disse que queria falar com Eve."

Oh, aquele olhar. Poderia ter derretido aço. "E você esqueceu de ter conversado com o serial killer local? Que legal, Claire. Muito inteligente."

"Eu não esqueci. Eu - esquece." Não tinha como explicar a vibração que ela recebeu do Jason, não para o Shane, que tinha as memórias mais vividas das nerds que tinham a ver com Jason afundando uma faca nele. "Desculpe. Eu deveria ter dito a você."

Eve fez um movimento para eles se calarem e então se agarrou o telefone, ouvindo com força. "Ele disse o que? Você não está falando sério. Você não pode estar falando sério."

Aparentemente, ele estava. Eve ouviu por mais alguns segundos, e então disse, "Ok, então. Não, eu não sei. Talvez. Tchau."

Ela colocou o telefone de volta na base e encarou. O rosto dela parecia congelado.

"Eve?" Claire perguntou. "O que foi?"

"Meu pai," Eve disse. "Ele - ele está doente. Ele está no hospital. Eles não acham - eles não acham que ele vai conseguir. É o fígado dele."

"Oh," Claire sussurrou, e se inclinou através da mesa para pegar a mão de Eve. "Sinto muito."

Os dedos de Eve estavam frios e frouxos. "Yeah, bem - ele pediu por isso, sabe? Meu pai bebia muito, e ele - eu e Jason não tivemos exatamente a melhor infância." Ela trocou olhares com Shane. "Você sabe."

Ele acenou. Ele pegou a mão esquerda dela e encarou a mesa. "Nossos pais eram companheiros bêbados as vezes," ele disse. "Mas para Eve era pior. Muito pior."

Claire, conhecendo o pai de Shane, não conseguia imaginar isso. "Quanto tempo -?"

"Jason disse alguns dias, talvez. Não muito." Os olhos de Eve se encheram de lágrimas que não caíram. "Filho da puta. O que ele espera de mim, de qualquer forma? Ir correndo e ficar sentada lá olhando ele

morrer?"

Shane não respondeu. Ele não ergueu a cabeça. Ele só...ficou sentado. Claire não fazia idéia do que fazer, como agir, então ela seguiu o exemplo dele. As mãos de Eve de repente se fecharam nas deles, com força.

"Ele me expulsou," ela disse. "Ele me disse que se eu não deixasse Brandon me morder, eu não podia ser filha dele. Bem, então ele está morrendo, boohoo. Eu não me importo."

Sim, você se importa, Claire queria dizer, mas ela não podia. Eve estava tentando se convencer, isso era tudo, e em cerca de 30 segundos ela balançou a cabeça dela, e as lágrimas se libertaram e correram pelo rosto pálido dela.

"Eu levo você," Shane disse quietamente. "Assim, você não precisa ficar a não ser que queira."

Eve acenou. Ela não parecia conseguir respirar. "Eu queria - Michael - "

Claire lembrou, com um choque, que eles ainda estavam esperando a ligação de Sam. "Eu fico," ela disse. "Eu ligo quando souber de Sam. Eu faço o Michael ir para lá," ok?"

"Ok," Eve disse fracamente. "Eu - preciso da minha bolsa, eu acho."

Ela limpou os olhos e foi para o outro quarto. Shane olhou pra Claire, e ela se perguntou o que tudo isso ia trazer para ele - memórias do pai dele, da morte da mãe e irmã dele, de uma família que ele nem tinha mais.

Você é um profundo e negro mistério, ela disse a ele, e agora, mais do que nunca, isso era verdade.

"Cuide dela," Claire disse. "Me ligue se precisar de algo."

Ele a beijou nos lábios, e em alguns minutos ela ouviu a porta da frente se fechando. E sendo chaveada. Claire sentou perto do telefone e esperou.

Ela raramente se sentia tão sozinha.

O telefone tocou depois de 10 minutos. "Ele está indo para casa," Sam disse, e desligou. Nenhuma explicação.

Claire cerrou os dentes e ficou esperando.

Levou mais uns 20 minutos para o carro de Michael parar na estrada. Ele cruzou a curta distancia da garagem para a porta de trás em alguns passos largos, cobrindo a cabeça com um guarda chuva que ele deixou perto dos degraus. Mesmo assim, quando ele entrou na cozinha, Claire sentiu o fraco cheiro de queimado vindo dele, e ele estava tremendo.

Os olhos dele pareciam vazios e exaustos.

"Michael? Você está bem?"

"Bem," ele disse. "Eu preciso descansar, só isso."

"Eu - onde você esteve? O que aconteceu?"

"Eu estava com Amelie." Ele esfregou a mão no rosto. "Olha, tem muita coisa acontecendo. Eu deveria ter deixado um bilhete para vocês. Desculpe. Eu vou tentar informar vocês da próxima vez - "

"Eve está no hospital," Claire disse. "O pai dela está morrendo."

Michael devagar se ajeitou. "O que?"

"Algo sobre o fígado dele, eu acho que é porque ele bebia. De qualquer forma, eles falaram que ele está morrendo. Ela e Shane foram ver ele.' Claire o estudou por alguns segundos. "Eu disse que ia ligar quando você chegasse. Se você não quer ir - "

"Não. Não, eu vou. Ela precisa - " Ele deu nos ombros. "Ela precisa de pessoas que a amam. Vai ser difícil, encarar os pais dela."

"Yeah," Claire concordou. "Ela parecia chateada." É claro que ela estava chateada. Que coisa idiota para se dizer. "Eu acho que ela gostaria que você estivesse lá por ela."

"Eu estarei." Michael ergueu as sobrancelhas. "E quanto a você? Está tudo bem em ficar aqui?"

Claire olhou para o relógio na parede. "Você pode me levar em um lugar?"

"Onde?"

"Eu preciso ver Myrnin. Desculpe, mas eu prometi."

Não que visitar o vampiro mentor louco dela fosse ser mais agradável que ir ao hospital.

CINCO

Alguém tinha feito uma reforma na cela de Myrnin, e não foi Claire; ela pensou sobre isso, mas ela não tinha certeza sobre o que Amelie permitiria que ele tivesse.

Então quando ela passou da porta do laboratório para as celas, onde os mais doentes e perturbados vampiros de Morganville estavam presos, ela ficou surpresa por ver o brilho da luz elétrica vindo do fim... da cela de Myrnin. Quando ela se aproximou mais, ela notou outras coisas. Música. Algo clássico tocando suavemente, do rádio do lado de fora das barras. Havia uma televisão, também, desligada.

A cela de Myrnin, que era tão nua quanto um macaco no início, estava com um felpudo tapete Turco que parecia caro. A estreita cama dele tinha sido substituída por uma cama muito mais confortável. Havia livros empilhados de cima a baixo no canto da cela dele.

Myrnin estava deitado na cama, as mãos dobradas no estomago dele. Ele parecia jovem – tão jovem quanto Michael, verdade – mas havia algo indefinidamente velho sobre ele, também. Longo e encaracolado cabelo preto, um senso de estilo bem fora de época. Ele estava vestido com um longo roupão azul de ceda com dragões nele – legal e limpo.

Alguém tinha estado ali antes dela para cuidar dele. Ela se sentia culpada.

Os olhos dele não se abriram, mas ele disse, “Olá, Claire.”

“Oi.” Ela foi para trás, observado ele. Ele parecia calmo o bastante, mas Myrnin não era tão previsível. “Como você está?”

“Entediado,” ele disse, e riu. “Entediado, entediado, entediado. Eu não fazia idéia de que uma cela pudesse ser tamanha prisão.”

Os olhos dele se abriram, e as pupilas dele eram enormes. Havia um olhar infeliz nos olhos dele que fazia a pele junto com a espinha dorsal tremerem e se apertar.

“Você me trouxe algo para comer?” ele perguntou. “Algo gostoso?”

Ele definitivamente não estava bem. Ela odiava quando ele ficava assim – cruel e preguiçoso, disposto a dizer ou fazer qualquer coisa. Era como se o Myrnin que ela gostava só... desaparecesse, deixando para trás nada a não ser uma concha negra.

Myrnin saiu da cama dele, tão silencioso e sem ossos como um réptil. Ele segurou as barras, com os fortes e brancos dedos e fixou o buraco negro dos olhos dele no rosto dela.

“Doce, doce, Claire,” ele murmurou. “Tão corajosa por vir aqui. Venha, Claire. Chegue mais perto. Você vai precisar se quiser ajudar.”

Ele sorriu, e embora ele não estivesse mostrando os dentes de vampiro, ela sentiu o hálito do predador na nuca dela.

“Eu tenho um pouco de remédio novo,” ela disse, e colocou a mochila no chão. Ela a abriu e pegou a garrafa com os cristais – uma garrafa de plástico, graças a Deus, então ela podia jogar sem ter medo de quebrar. Ela o jogou pelas barras da jaula. Ela parou contra os pés de Myrnin. “Eu preciso que você tome, Myrnin.”

Ele não se abaixou para pegar. “Eu não acho que gosto do seu tom,” ele disse. “Você não manda em mim, escrava. Eu mando em você.”

“Não sou sua escrava.”

“Você é propriedade.”

Claire abriu a mochila, pegou a arma de dardos que o Dr. Mills tinha dado a ele, e atirou nele.

Myrnin foi para trás, olhando para o estomago dele, e passou os dedos pela cerda amarela do dardo hipodérmico. “Sua pequena vadia,” ele disse, e sentou pesadamente na cama.

Os olhos dele viraram enquanto a droga entrava na corrente sanguínea dele, e ele caiu duro no colchão.

“Eu posso ser uma vadia, mas não sou sua propriedade.” Claire disse. Ela não saiu de onde estava enquanto carregava um segundo dardo, só por precaução. Ela observou o corpo e músculos dele se contorcerem, e então relaxarem. “Myrnin?”

Os olhos dele piscaram, e ela viu as pupilas começarem a diminuir para pontos pretos do tamanho normal. “Claire?” Ele pegou e puxou o dardo do estomago. “Ouch.” Ele examinou o dardo com curiosidade, então o colocou cuidadosamente de lado. “Isso foi interessante.”

Bem, ele soava mais são. “Como você está se sentindo?”

“Dolorido?” Ele passou os dedos por cima do ferimento. “Envergonhado?” O olhar dele se ergueu para olhar para ela. “Eu tenho o pressentimento de que fui – desagradável.”

“Eu não saberia,” Claire disse. “Acabei de chegar aqui. Hey, quem te trouxe todas essas coisas?”

Myrnin olhou ao redor, franzindo. “Eu – para ser honesto, não tenho muita certeza. Eu acho que pode ter sido uma das criaturas de Amelie.” Ele não soou muito certo. “Eu fui cruel com você agora pouco, não fui?”

“Um pouco,” ela concordou. “Mas eu atirei em você afinal.”

“Ah, sim. Alias, tem alguma razão em particular para você ter atirado no estomago e não no peito?”

“Menos ossos,” ela disse. “E minhas mãos estavam tremendo. Como você está agora?”

Ele suspirou e sentou. “Melhor,” ele disse. “Mas não confie em mim. Não sabemos quanto tempo isso vai durar, sabemos?”

"Não." Claire guardou a arma, e se aproximou das barras. Mas não perto o bastante para ser agarrada.

"Essa é uma nova formula? Em líquido?"

Ela acenou. "É mais forte, mas não tenho certeza que vá durar tanto tempo. Seu corpo pode se perder mais fácil, então temos que ter cuidado."

"Comece a marcar o tempo," ele disse. Ele olhou para baixo para ela. "Meu lado negro se veste melhor do que eu." Ele levantou e pegou as roupas que estavam bem dobradas em cima da mesa de lado enquanto soltava o nó do roupão dele. Ele hesitou, sorriu, e ergueu as sobrancelhas. "Se você não se importa, Claire...?"

"Oh. Desculpe." Claire virou de costas. Ela não gostava de dar as costas para ele, mesmo com a porta da cela trancada. Ele se comportava melhor quando ele sabia que ela estava olhando. Ela se focou na fraca e distorcida imagem do reflexo dele na tela da TV enquanto ele soltava o roupão e começava a vestir as roupas. Ela não podia ver muito, a não que ele era pálido em toda parte. Quando ela teve certeza que ele estava de calças, ela olhou para trás. Ele estava de costas para ela, e ela não podia se impedir de comprar ele com o único outro homem que ela realmente estudou semi-nu.

Shane era largo, forte, sólido. Myrnin parecia frágil, mas os músculos dele se moviam como cabos debaixo da pele pálida - muito mais fortes que os de Shane, ela sabia.

Myrnin virou enquanto abotoava a camisa. "Já faz um tempo desde que uma garota bonita olhou para mim com tamanho interesse," ele disse. Ela desviou o olhar, sentindo a onda do vermelhão subir pelo pescoço até as bochechas dela. "Está tudo bem, Claire. Não estou ofendido."

Ela limpou a garganta. "Algum efeito colateral com a nova mistura?"

"Me sinto quente," ele disse, e sorriu. "Que agradável."

"Muito quente?"

"Não faço idéia. Faz tanto tempo desde que senti algo assim, não tenho certeza se eu sou capaz de saber a diferença." Ele prendeu as mãos soltamente ao redor das barras. "Quanto tempo você vai esperar?"

"Da primeira vez, esperamos até os efeitos colaterais começarem a sumir, para termos uma boa base e sabermos quanto tempo você pode ficar fora. De forma segura."

"E você vai manter sua arma de dardos pronta, sim?" Ele se inclinou casualmente contras as barras, elegante e relaxado. Ainda havia um fraco brilho nos olhos dele, só um pouco alterado. "Do que devemos falar então? Como vão seus estudos, Claire?"

Ela deu nos ombros. "Você sabe."

“Eles ainda são muito simples, é o que eu espero.”

“Vê? Você sabe.” Claire hesitou. “Temos visitantes na cidade.”

“Visitantes?” Myrnin não parecia muito interessado. “Já é volta para casa?” (*Nos EUA, os estudantes universitários vivem em dormitórios no campos da faculdade. Nas férias eles voltam para casa.) Porque diabos Amelie tolera essas tradições humanas, eu simplesmente nunca vou entender - “

“Visitas vampiras,” ela disse. E então conseguiu a atenção total dele.

Por um segundo congelado, ele não falou, só encarou, e então disse, baixo pela garganta. “Em nome de Deus, quem?” Os dedos dele se apertaram nas barras, apertando com tanta força que ela ficou com medo dos dedos dele quebrarem. Ou o aço. “Quem?”

Ela não esperava aquela reação. “O nome dele é Bishop,” ela disse. “Ele diz que é o pai de Amelie- “

O rosto de Myrnin ficou duro e pálido como uma máscara de plástico. “Bishop,” ele repetiu. “Bishop - aqui. Não. Não pode ser.” Ele tomou um deliberado fôlego - só que ele não precisava - e ele o soltou devagar. As mãos deles relaxaram nas barras. “Você disse visitantes. Plural.”

“Ele trouxe duas pessoas com ele. Ysandre e François.”

Myrnin disse algo suave e viciosamente por debaixo da respiração. “Eu conheço os dois. O que aconteceu desde a chegada dele? O que Amelie disse?”

“Ela disse que deveríamos ficar fora disso. Assim como Sam e Oliver, para falar a verdade.”

“Ela fez algum anuncio publico? Ela está planejando algum evento publico?”

“Shane recebeu um convite,” ela disse. “Para algum tipo de baile. Ele - diz que ele tem que ser o acompanhante de Ysandre.”

“Jesus,” Myrnin disse. “Ela vai fazer. Ela vai reconhecer o status dele com um banquete de boas vindas.”

“Como assim?”

Myrnin de repente agarrou as barras. “Me solte. Agora.”

Claire engoliu. “Eu - não posso, desculpe. Você sabe como isso funciona. Da primeira vez que testamos uma nova formula você tem que ficar - “

“Agora,” ele rugiu, e os olhos dele tomaram aquela horrível tonalidade vampira. “Você não faz idéia do que está acontecendo lá, Claire! Não podemos nos dar o luxo de tomar cuidado.”

“Então me diga o que está acontecendo! Por favor! Eu quero ajudar!”

Myrnin visivelmente se controlou, soltou as barras, e sentou na cama. "Muito bem. Sente-se. Eu vou tentar explicar."

Claire acenou. Ela pegou uma cadeira de aço industrial – deixado nessa instalação usada como uma prisão, ela pensou – e se sentou. "Me conte sobre Bishop."

"Você o conheceu?" Claire acenou. "Então você já sabe tudo que precisa saber. Ele não é como qualquer vampiro que você já conheceu aqui, Claire, nem mesmo o pior de nós. Amelie e eu somos predadores modernos, tigres na selva. Bishop é de uma época mais fria e dura. Um tiranossauro Rex, digamos assim."

"Mas ele realmente é o pai de Amelie?"

Myrnin virou para acenar. "Ele é um lorde de guerra. Um assassino em uma escala que você vai achar difícil de medir. Eu – eu achei que ele tinha morrido, muitos anos atrás. O fato dele estar aqui, agora – é muito ruim, Claire. Muito ruim de fato."

"Porque? Eu quero dizer, se ele é o pai de Amelie, talvez ele só queira ver ela – "

"Ele não está aqui pelas lembranças felizes," Myrnin disse. "É mais provável que ele esteja aqui para ter sua vingança."

"Sobre você?"

Myrnin devagar balançou a cabeça. "Não fui eu que tentei matar ele," ele disse.

Claire segurou o fôlego. "Amelie? Não – ela não pode. Não com o próprio pai."

"É melhor você não fazer mais perguntas, pequenina. Tudo o que você precisa saber é que ele tem razões para odiar Amelie – razões o bastante para o trazer aqui e para ele tentar destruir tudo que ele trabalhou para conseguir."

"Mas – ela está tentando salvar os vampiros. Para a doença. Ele tem que entender isso. Ele não iria – "

"Você não faz idéia do que ele quer, ou do que ele fará." Ele se inclinou para frente, cotovelos nos joelhos, a imagem da serenidade. "Bishop vem de uma época antes de haver o conceito de cooperação e auto sacrifício entre os vampiros, e ele não sente nada a não ser desprezo por isso. Como você diria, ele é um mal da velha escola, e tudo o que importa para ele é o próprio poder. Ele não tolerará Amelie ter o próprio poder."

"Então o que a gente faz?"

"Primeiro, você me solta," ele disse. "Amelie vai precisar dos amigos perto dela."

Claire balançou a cabeça devagar. Os minutos estavam passando, e Myrnin

parecia estável, mas ela tinha que seguir as regras.

“Claire.”

Ela olhou para cima. O rosto de Myrnin estava duro e sóbrio, e ele parecia estar no controle de si mesmo. Esse era um Myrnin que ela raramente via – não tão encantador quanto a versão maníaca, nem tão aterrorizante como a versão irritada. Uma pessoa real e balanceada.

“Não se deixe ser arrastada nisso,” ele disse. “Humanos não existem para Bishop a não ser como peões, ou comida.”

“Eu não achava que existíssemos para muitos de vocês,” ela disse. Os olhos de Myrnin se alargaram, e ele sorriu.

“Você tem razão. Como espécie, temos uma – falta de empatia,” ele respondeu. “Mas pelo menos estamos tentando. Bishop e os amigos dele não vão se incomodar.”

A fórmula era muito, muito melhor que a última – a estabilidade de Myrnin durou pelo menos quase 4 horas, um escorço que o deleitou quase tanto quanto a deleitou. Mas quando ele ficou cansado, e começou a deslizar de volta para a confusão e a raiva, Claire parou o relógio, fez anotações, e chegou o massivo refrigerador no centro da prisão. Ela pensou que ele provavelmente tinha sido construído como um depósito para as cozinheiras – cozinheiras que tinham sido mortas muito tempo atrás – mas ele parecia um gigante necrotério de aço inox.

Alguém tinha esquecido de refazer o suplemento de sangue. Claire fez uma anotação enquanto ela pegava um pouco para Myrnin, e jogou o sangue na cela dele. Ela não esperou para ver ele rasgar as bolsas de sangue.

Isso sempre a deixava enjoada.

Os outros vampiros estavam em sua maioria além de qualquer conversa – silenciosos, reduzidos aos instintos de sobrevivência básicos. Ela encheu um carrinho e fez as entregas com o resto do sangue. Alguns deles tinham controle o bastante para dar um aceno silencioso de agradecimento para ela; alguns deles só encararam com raivosos e vazios olhos, vendo ela como apenas uma gigante e locomotora versão da bolsa de sangue.

Sempre dava calafrios nela, mas ela não aguentava ver eles passarem fome. Era a responsabilidade de outra pessoa alimentar e manter as celas deles limpas – mas ela não tinha certeza que esse alguém fazia um bom trabalho.

Quando ela acabou, já era tarde. Claire foi até a porta na parede da prisão, se concentrou, e formou o portal de volta para o laboratório de Myrnin. Estava vazio. Ela estava cansada e chateada sobre o que Myrnin tinha dito sobre Bishop, e considerou pegar o portal que a levava direto para a Glass House... mas ela não gostava de usar isso; era necessário muito dela. Ela também não queria explicar para os outros do porque ela sair de uma parede.

“Acho que vou andando,” ela disse para o laboratório vazio. Ela subiu as

escadas da fraca cabana que cobria a entrada, e saiu no beco atrás da Casa da Fundadora da Vovó Day. Era outro espelho da Glass House – ornamentos ligeiramente diferentes, cortinas diferentes nas janelas. Vovó Day tinha um balanço na varanda, e ela gostava de ficar sentada do lado de fora com a limonada e observar as pessoas, mas ela não estava do lado de fora hoje. O vazio balanço se balançava fracamente devido ao vento.

O sol ainda parecia poderoso, embora a temperatura estivesse caindo firmemente, dia após dia; Claire estava suando quando ela finalmente passou pelas tortuosas avenidas e esquinas de Morganville para a Rua Lot.

O suor ficou gelado quando ela viu um carro de polícia estacionado na frente da casa. Claire começou a correr, passando pela cerca branca, e subindo as escadas. A porta estava fechada e trancada. Ela pegou as chaves e entrou, então seguiu o som das vozes pelo corredor.

Shane estava sentado no sofá, usando o que Eve gosta de chamar de Cara de Idiota. Ele estava olhando para Richard Morrell, que estava parado na frente dele. O contraste era extremo – Shane parecia que tinha esquecido de ser dono de uma escova de cabelo, as roupas dele estavam enrugadas de terem ficado na cesta de roupas por uma semana, e toda a linguagem corporal do corpo dele gritava PREGUIÇOSO.

Uma pessoa totalmente diferente da que estava tão quietamente preocupada com Eve mais cedo.

Richard Morrell, por outro lado, era uma historia de sucesso em Morganville. Limpo e afiado com seu uniforme policial azul escuro, cada dobra perfeita, cada cabelo regulado em altura. A arma no quadril dele parecia tão bem cuidada quanto.

Ele e Shane transferiram seus olhares para Claire. Ela se sentia suada, desgrenhada, e em pânico. “O que aconteceu?”

“O oficial Dick (*Dick nos Eua é um nome próprio mas também se refere as genitálias masculinas) passou para me lembrar que eu perdi alguns compromissos,” Shane disse. Ele tinha um olhar chato e escuro nos olhos, o tipo que ele tinha quando ele comprometido com uma luta. “Eu estava dizendo a ele para se mandar.”

“Você está meses atrasado com sua doação,” Richard disse. “Você tem sorte por ser eu parado aqui, não alguém menos simpático. Olha, eu sei que você não gosta disso, e você não precisa. O que você tem que fazer é levar a sua bunda ao Centro de Doação.”

Shane não se moveu. “Você vai me obrigar, Dick?”

“Eu não entendo,” Claire disse. “Do que você está falando?”

“Shane não está pagando os impostos dele.”

“Impostos – “ Tudo se juntou de repente. O sangue que ela tinha tocado nas celas dos raivosos e malucos vampiros. Oh. “Doação de sangue.”

Shane ergueu o pulso. A etiqueta do hospital, marcada com uma cruz vermelha, ainda estava funcionando. "Ninguém pode me tocar por mais duas semanas. Desculpe."

Richard não se mexeu. Ele nem piscou. "Não, desculpe, mas isso não serve. Sua exceção hospitalar te proteger de um ataque. Não te libera do seu dever cívico."

"Dever cívico," Shane zombou. "Certo. Tanto faz, cara. Vamos fazer o seguinte, você entregou sua mensagem. Vá acabar com algum crime ou algo assim. Talvez prender sua irmã – ela provavelmente merece hoje, se é um dia que termina com e."

"Shane," Claire disse, com apenas um pouco de pedido na voz. "Onde está Eve?"

"No hospital," Shane disse. "Eu deixei ela lá com Michael. É bem difícil para ela, mas ela está lindo com isso. Eu voltei para me certificar que você estava bem."

"Eu estou," ela disse. Não que algum deles estivesse ouvindo ela mais. Richard e Shane estavam se encarando de novo, e era uma coisa de homem. Uma competição de vontades. "Então você está se recusando a me acompanhar ao Centro de Doação," Richard disse. "Está certo?"

"Certíssimo, Dick."

Richard passou a mão por trás das costas, destrancou as brilhantes algemas prateadas no cinto, e as colocou do lado dele. Shane ainda não se mexeu.

"Levanta." Richard disse. "Anda, cara, você sabe como isso vai ser. Ou você acaba preso ou você vai passar cinco minutos com uma agulha no braço."

"Eu não vou deixar nenhum vampiro me comer, nem por controle remoto."

"Nem Michael?" Richard perguntou. "Porque quando o suplemento fica baixo, o vampiro mais jovem, mais baixo ele está na lista de prioridades. Michael é o ultimo em Morganville a conseguir sangue. Então você não está fazendo nada a não ser machucar os seus, cara."

Os punhos de Shane se apertaram, tremeram, e relaxaram. Ele olhou para Claire, e ela viu a mistura de fúria e vergonha nos olhos dele. Ele odiava isso, ela sabia. Odiava os vampiros, e queria odiar Michael mas ele não conseguia.

"Por favor," ela sussurrou. "Shane, só faça isso. Eu vou também."

"Você não precisa," Richard disse. "Estudantes da faculdade são exceção."

"Mas eu posso me voluntariar, certo?"

Ele deu nos ombros. "Não faço idéia."

Claire virou para Shane. "Então vamos os dois."

"O diabos que nós vamos." Shane cruzou os braços. "Vá em frente, me algeme. Eu aposto que você está morrendo para usar essa nova e brilhante arma de choque."

Claire soltou a mochila, foi até ele, e o encarou. "Pare," ela assoviou. "Não temos tempo para isso, e eu não preciso de você preso agora, ok?" Ele a encarou nos olhos, por tanto tempo que ela estava com medo que ele fosse dizer a ela para cuidar da própria vida – mas então ele suspirou e acenou. Ela se afastou e ele levantou e estendeu os pulsos para Richard Morrell.

"Acho que você me pegou, Oficial," ele disse. "Seja gentil."

"Cala a boca, Shane. Não torne isso mais difícil do que é."

Claire seguiu atrás, incerta sobre o que ela deveria estar fazendo; Richard não parecia interessado nela nem um pouco. Ele usou o rádio preso no ombro dele para fazer algum tipo de ligação policial pelo corredor, em código. Ela não tinha certeza se ela gostava disso. Morganville não era grande o bastante para precisar de códigos, a não ser que fosse algo realmente ruim.

Enquanto ela parou para trancar a porta atrás deles um grande, e brilhante RV* (*trailer) preto passou pela esquina – tão preguiçoso que parecia quase um predador. Tinha uma cruz vermelha pintada no nariz, e do lado, haviam janelas escuras e pintadas, e letras vermelhas que diziam BANCO DE SANGUE MOVEL DE MORGANVILLE. Em letra cursiva abaixo disso, dizia, NÃO É NECESSÁRIO HORA MARCADA.

Shane parou de se mexer. "Não," ele disse. "Eu não vou fazer isso."

Richard usou a vantagem para fazer ele andar de novo. "É isso ou o Centro de Doação. Essas são suas opções, você sabe disso. Eu estava tentando facilitar."

Claire engoliu com força e desceu os degraus com pressa. Ela ficou na frente de Shane, bloqueando o caminho dele, e o olhou nos olhos. Ele estava furioso, e assustado, e algo mais, e algo que ela mais que ela não conseguia entender.

"Qual problema?"

"As pessoas entram nessa coisa e não saem," ele disse. "Eu não vou fazer isso. Eles prendem você, Claire. Eles prendem você e ninguém pode ver lá dentro." Ela mesmo se sentiu um pouco doente com a imagem mental. O rosto de Richard Morrell estava cuidadosamente em branco. "Senhor?"

Ele não se importava muito com ela pedindo a ele; ela sabia. "Eu não posso te dar uma opção, mas de um jeito ou outro, ele tem que fazer isso."

"E se você levar nós dois para o Centro de Doação ao invés disso?"

Richard pensou sobre isso por alguns segundos, então acenou. Ele tirou o rádio do ombro de novo, murmurou algumas palavras quieto, e o motor do Banco de Sangue Móvel ligou com um suave barulho.

Ele se afastou como um tubarão procurando a presa. Todos observaram ele ir.

“Droga, eu odeio aquela coisa,” Shane disse. A voz dele tremeu um pouco. “Eu também,” disse Richard, para surpresa de Claire. “Agora entre no carro.”

SEIS

O Centro de Doação ainda estava aberto, embora estivesse ficando escuro. Enquanto Richard estacionava o carro policial, duas pessoas que Claire vagamente reconheceu saírem, acenaram uma para outra, e foram para direções separadas. "Todo mundo vem aqui?" ela perguntou.

"Todo mundo que não usa o banco de sangue móvel," Richard respondeu. "Todos os humanos que são protegidos tem que doar um certo numero de bolsas por ano. A doação vai para o Patrono dele primeiro. O resto vai para quem precisar. Vampiros que não tem alguém para doar para eles."

"Como Michael," Claire disse.

"Yeah, ele é o nosso mais recente projeto de caridade." Richard saiu e abriu a porta de trás para ela e Shane. Ela saiu, Shane, depois de uma hesitação longa o bastante para a deixar preocupada, a seguiu. Ele enfiou as mãos nos bolsos e encarou a brilhante cruz vermelha acima da porta. O Centro de Doação não parecia exatamente convidativo, mas era bem menos assustador que o Banco de Sangue Móvel. Para uma coisa, haviam janelas claras que ofereciam uma boa vista de uma limpa e grande sala. Pôsteres emoldurados nas paredes – o mesmo tipo que você encontra em qualquer cidade. Claire pensou – listando as virtudes de se doar sangue.

"Alguma parte vai para os outros humanos?" ela perguntou enquanto Richard mantinha a porta aberta para Shane. Ele deu nos ombros.

"Pergunte ao seu namorado," ele disse. "Eles usaram algumas unidades nele depois que ele levou o tiro, se eu me lembro bem. É claro que é usada nos humanos. É nossa cidade também."

"Você está sonhando se você realmente acha isso," Shane disse, e deu um passo para o lado. Enquanto Claire seguia, ela sentiu uma definitiva mudança na atmosfera – não só no ar, que era frio e seco, mas algo mais. Um sentimento, mal contido, de desespero. Lembrou ela do jeito que as áreas de espera do hospital pareciam – industriais, impessoais, encharcadas com uma grande quantidade de medo. Mas ainda era limpo, bem iluminado, e cheio de cadeiras confortáveis.

Nada muito assustador sobre o lugar. Nem mesmo a senhora parecendo uma mãe sentada atrás da mesa de madeira na recepção, que deu a todos o mesmo brilhante sorriso de boas vindas.

"Bem, Oficial Morrell, é bom ver você!"

Ele acenou para a senhora. "Rose. Tenho um desertor para você aqui."

"Eu vejo. Shane Collins, não é? Oh, querido, desculpe soube da sua mãe. Tragédia aparece a sua porta com muita frequência." Ela ainda estava sorrindo, mas ele era tranqüilo. Respeitoso. "Posso te colocar para dois sacos hoje? Para compensar um pouco pelo que você está devendo?"

Shane acenou. A mandíbula dele estava apertada, os olhos brilhantes e estreitos. Ele estava lutando por controle, Claire pensou. Ela deslizou os dedos dela nos dele onde eles estavam algemados nas costas dele.

"Você lembra mim, não lembra?" Rose continuou. "Eu conheci sua mãe. Costumávamos jogar cartas juntas."

"Eu lembro," Shane disse. Mais nada. Richard ergueu as sobrancelhas, teve um olhar espelhado de Rose, e bateu no cotovelo de Shane para guiar ele a uma das cadeiras vazias. Elas estavam todas vazias, Claire notou. Ela viu duas pessoas saindo do prédio, mas ninguém entrando.

Uma coisa sobre o Centro de Doação, eles eram melhores que a maioria dos lugares médicos em manter as revistas atualizadas. Claire encontrou uma nova edição da Seventeen e começou a ler. Shane se sentiu duro, em silêncio, e observou a porta de madeira no fim da sala. Richard Morrell conversou com Rose na mesa, parecendo relaxado e amigável. Claire se perguntou se ele vinha aqui para doar sangue, ou se ele usava a unidade móvel. Ela supôs que independente da escolha, os vampiros não seriam loucos o bastante para machucar ele – o filho do prefeito, respeitado policial. Não, Richard Morrell provavelmente estava mais seguro que qualquer um em Morganville, protegido ou não.

Era fácil para ele ficar relaxado.

A porta no fim da sala abriu, e uma enfermeira entrou. Ela estava vestida com uma roupa cirúrgica florida, completa com a toca na cabeça, e como Rose, ela tinha um bom e nada ameaçador sorriso. "Shane Collins?"

Shane respirou fundo e levantou da cadeira. Richard virou para soltar as algemas dele. "Bom comportamento, Shane," ele disse. "Confie em mim, você não quer começar a fazer problemas aqui."

Shane acenou duramente. Ele olhou para Claire, e então fixou sua atenção na enfermeira que estava esperando. Ele andou em direção a ela com uma calma deliberada.

"Eu posso ir com ele?" Claire perguntou, e Richard olhou surpreso para ela.

"Claire, eles não vão machucar ele. É como qualquer outra doação de sangue em qualquer lugar. Eles enfiam uma agulha no seu braço e te dão uma bola para apertar. Suco de laranja e biscoitos no final."

"Então eu posso doar?"

Ele olhou para Rose para ajuda.

"Quantos anos você tem, criança?"

"Eu não sou uma criança. Eu tenho quase dezessete."

"Não há nenhum requerimento legal para alguém menor de 18 anos pra doar sangue." Rose disse.

"Mas tem uma lei contra?"

Ela piscou, começou a responder, e parou. Ela abriu uma gaveta e pegou um pequeno livro que tinha o título Doações de Sangue em Morganville: Regulamentos e Requerimentos. Depois de virar algumas páginas, ela deu

nos ombros e olhou para Richard. "Eu não acho que tenha," ela disse. "Eu só nunca ouviu falar de alguém que doe voluntariamente para o Centro de Doações. Oh, nós levamos a unidade móvel para a universidade de vez em quando, mas -"

"Ótimo," Claire interrompeu. "Eu gostaria de doar uma bolsa, por favor."

Rose imediatamente ficou toda ocupada.

"Formulários," ela disse, e pegou uma pasta e uma caneta.

Dizer que Shane estava surpreso por ver ela era pouco.

Dizer que ele estava feliz seria uma mentira.

Enquanto ela pegava o sofá perto dele, Shane assoviou, "O que diabos você acha que está fazendo? Você está louca?"

"Estou doando sangue," ela disse. "Eu não preciso, mas não me importo." Pelo menos, ela não achava que se importava. Ela nunca tinha doado antes, e a visão do tubo de borracha saindo do braço de Shane para o bolsa era um pouco assustadora. "Não dói, certo?"

"Cara, eles enfiam uma enorme agulha na sua veia - é claro que dói." Ele parecia pálido, e ela não achou que fosse pelo inteiramente pelo fato dele estar na segunda bolsa. "Você ainda pode dizer não. Só levante e diga que mudou de idéia."

A mesma enfermeira amigável que chamou Shane pegou um banco com rodas e um cartão. "Ele tem razão," ela disse. "Se você não quer fazer isso, você não precisa. Eu vi sua papelada. Você é um pouco jovem." Os olhos marrons brilhantes da enfermeira se focaram além dela, em Shane, e então de volta nela. "Fazendo isso por apoio moral?"

"Mais ou menos," Claire admitiu. Os dedos dela estavam gelados, e ela tremeu quando a enfermeira pegou a mão dela. "Eu nunca fiz isso antes."

"Você tem sorte. Eu fiz. Agora, eu vou furar seu dedo e fazer um rápido teste, e então vamos começar. Ok?"

Claire acenou. Deitar no sofá parecia ter afetado a vontade dela de se mexer. O furo no dedo veio com uma rápida e afiada velocidade, então sumiu, e Claire ergueu a cabeça do travesseiro para ver a enfermeira usando uma pipeta para juntar o sangue da ponta do dedo dela. Passou cerca de cinco segundos, e então o furo estava com um curativo. A enfermeira fez algo com o cartão, acenou em satisfação, e acenou para Claire. "O-," ela disse. "Excelente."

Claire deu a ela um fraco dedão para cima. A enfermeira pegou o braço dela e apertou o torniquete de borracha acima do cotovelo dela. "Fale com seu namorado," ela aconselhou. "Não olhe."

Claire virou a cabeça. Shane estava observando ela com olhos escuros e intensos. Ele sorriu só um pouco, só o bastante, e ela retornou o sorriso.

“Então,” ela perguntou. “Vem muito aqui?”

Ele riu baixo. Ela sentiu algo furar o braço dela, um choque que passou para desconforto, e então uma fita sendo colocada. Uma bola estava pressionada na mão dela, e a pressão do torniquete se soltou. “Aperte,” a enfermeira disse. “Você está pronta.”

Surpresa, Claire olhou para baixo. Ela tinha um negocio no braço dela, um tubo, e havia algo vermelho saindo por ele...

A cabeça dela caiu para trás contra o travesseiro, e ela não conseguia ouvir com o zunido dentro do crânio dela. Ela achou que alguém estava chamando o nome dela, mas por um momento isso não parecia muito importante. Ela tentou respirar, devagar e firme, e depois do que pareceram horas, o zunido sumiu, e o mundo assumiu cores brilhantes de novo. Havia um pôster no teto em cima da cabeça dela, um de uma gatinha sentado numa xícara de chá, parecendo adorável. Ela se fixou naquilo e tentou não pensar sobre o sangue que estava saindo dela. É assim que parece, ela não conseguiu se impedir de perceber. Isso deve ser o que Michael sentiu quando Oliver estava tirando o sangue dele. É assim que todas as pessoas se sentem quando os vampiros as matam. É só um pedaço da morte, dificilmente o bastante para importar.

A enfermeira colocou um cobertor quente em cima dela, sorriu, e disse, “Está tudo bem. Você não é a primeira a desmaiar. É por isso que os assentos reclinam, querida.”

Claire não tinha desmaiado, não de verdade, mas ela não estava se sentindo a melhor também. A enfermeira rolou o carrinho e banco até Shane.

“Feito,” ela anunciou, e Claire tentou virar a cabeça naquela direção, mas ela não queria ver a agulha saindo tanto quanto ela não queria ver ela entrar. Sensível. Ela era sensível sobre agulhas, e ela nunca tinha percebido isso antes. Engraçado.

Uma mão quente cobriu a dela, e quando ela abriu os olhos, ela viu que Shane estava perto dela, pálido e com olhos vazios mas direto.

“Shane,” a enfermeira disse. “Vá tomar um pouco de suco.”

“Quando ela acabar,” ele disse.

A enfermeira deve ter percebido que não havia porque discutir, porque ela empurrou o banco com rodas até ele. “Então pelo menos sente-se. Eu realmente não quero te juntar do chão.”

Provavelmente levou menos tempo do que pareceu, mas Claire estava desesperadamente feliz quando a enfermeira voltou para remover a agulha e fazer o curativo. Ela não olhou para a bolsa de sangue. A enfermeira disse algo gentil, e Claire tentou responder em gentilmente mas ela não tinha absoluta certeza do que saiu da boca dela. Shane a levou para a próxima sala, que era uma área de espera com uma televisão de plasma ligada num canal de notícias, suco e soda e água, e uma bandeja de bolachas e frutas. Claire pegou uma laranja e uma garrafa de água. Shane foi direto para o choque de açúcar – Coca e biscoitos.

Claire esfregou os dedos por cima do curativo roxo ao redor do cotovelo dela. "É sempre assim?"

"Assim como?" Shane murmurou com a boca cheia de bolacha de chocolate. "Assustador? Eu acho que sim. Eles tentam fazer ser bom, mas eu nunca esqueço na boca de quem aquele sangue vai parar."

Ela sentiu uma onda de náusea, e parou de descascar a laranja. De repente, o cheiro da fruta era demais. Ela bebeu um pouco de água, que caiu frio e pesado como mercúrio.

"Eles usam em hospitais, no entanto," ela disse. "Para vítimas de acidente e coisas assim."

"Claro. Reutilizando as sobras." Shane enfiou outro biscoito na boca. "Eu odeio essa merda. Eu jurei que nunca faria, mas aqui estou. Me diga de novo porque eu fico nessa cidade?"

"Eles vão te caçar se você for embora?"

"Boa razão." Ele tirou as sujeiras dos dedos. Ela descascou o resto da laranja, pegou uma fatia, e a comeu, com uma determinação metódica – sem fome, não senhor, mas muito ciente que ela ainda estava abatida. Ela comeu mais três pedaços, então passou para Shane o resto.

"Espera," ela disse. Ele pausou quando ia morder a laranja. "Você nunca fez isso antes, fez? Eu quero dizer, você saiu da cidade antes de ter 18 anos, então você não precisou fazer. E então desde que você voltou você evitou. Certo?"

"Muito certo." Ele terminou a laranja e bebeu o resto da coca.

"Então você nunca viu o interior da unidade móvel."

"Eu não disse isso." Shane tinha um olhar desgostoso de novo. "Eu fui com a minha mãe uma vez – não precisava doar, mas ela queria que eu me acostumassem com a idéia. Eu tinha 15 anos. Eles arrastaram um cara – ele era louco, totalmente por fora. O prenderem e começaram a drenar ele. Eles tiraram o resto de nós de lá, mas quando saímos ele ainda estava lá. Eu vi. Eles saíram com ele. Ninguém o viu mais."

Claire engoliu mais água. Ela se sentia fraca, mas ela queria sair dali. A sala confortável parecia mais como uma armadilha, uma caixa sem janelas ou ar. Ela jogou o resto da água e a casca da laranja no lixo. Shane jogou a coca e pegou a mão dela.

"Eve vai ficar no hospital?" ela perguntou.

"Não a noite toda. É bem desconfortável; o pai dela sóbrio, e ele está fazendo os arranjos." A boca de Shane se torceu. Ele claramente não achava muito sobre isso. "A mãe dela só fica sentada lá chorando. Ela sempre foi praticamente um saco de lenços."

"Você não gosta muito deles."

"Você não iria também."

"Algum sinal de Jason?"

Shane balançou a cabeça. "Se ele está aparecendo para fazer seus deveres familiares, ele está indo de fininho na escuridão da noite. O que, pensando bem, provavelmente funcionaria para ele. De qualquer forma, Michael disse que vai levar Eve para casa. Eles provavelmente já estão lá."

"Eu espero que sim. Michael disse onde ele estava, você sabe, antes?"

"Quando ele estava desaparecido? Algo sobre esse porcaria de baile," Shane disse.

Eu deveria perguntar a ele sobre os convites. Ela quase perguntou – ela abriu a boca para fazer isso – mas então ela lembrou como Shane parecia ontem à noite, quão profundamente Ysandre tinha mexido com ele.

Ela não queria ver ele ficar assim de novo.

Talvez ela devesse só deixar para lá. Ele iria falar quando quisesse. Havia duas portas – uma dizia SAÍDA, e uma que não era nada. Shane passou pela porta que não tinha nenhuma placa, hesitou, e se afastou.

"O que?" Claire perguntou. Shane pegou a maçaneta e abriu a porta.

"Só um palpite," ele disse. "Shhhhh."

Do outro lado havia outra área de espera, e haviam pessoas na fila. Essa parte do Centro de Doação era mais escuro, com algumas luzes. Três pessoas estavam paradas na frente de um balcão branco, como uma farmácia, e atrás dele estava uma mulher usando um jaleco. Ela não sorria, e ela era tão quente quanto um nitrogênio.

"Oh droga," Shane disse, e ao mesmo tempo Claire percebeu que o cara loiro o primeiro da fila no balcão era Michael. Ele não estava em casa... Ele estava aqui.

Ele terminou de assinar algo e empurrou a prancheta de volta, e a mulher entregou a ele uma garrafa de plástico, do tamanho da garrafa de água que Claire tinha bebido.

Essa não tinha água. Suco de tomate, Claire disse a si mesma, mas não parecia nem um pouco com suco. Muito escuro, muito grosso. Michael virou ela para um lado, depois outro, e o rosto dele – ele parecia fascinado.

Não, ele parecia com fome.

Claire queria desviar o olhar, mas ela não podia. Michael tirou a tampa da garrafa enquanto saía da fila, pôs o sangue nos lábios, e começou a beber. Não, a beber avidamente. Claire estava distintamente ciente que Shane o apertou de Shane na mão dela estava tão apertado que era doloroso, mas nenhum deles se mexeu. Os olhos de Michael estavam fechados, e ele colocou a garrafa para trás e bebeu até ela estar fazendo a não ser pela fina linha vermelha no plástico.

Ele lambeu os lábios, suspirou, e abriu os olhos, e olhou direto para os dois.

Os olhos dele eram de um claro, e brilhante vermelho. Ele piscou, e sumiu, substituído por um brilho estranho. Ele piscou de novo, e tudo sumiu, e ele voltou a ser o Michael de novo.

Ele parecia tão horrorizado quanto Claire se sentia. Traído e envergonhado.

Shane fechou a porta e arrastou Claire em direção a saída. Eles não a tinham alcançado antes de Michael vir correndo atrás deles.

"Hey!" ele disse. A pele dele tinha tomado um corado e fraco tom de rosa, que Claire lembrou de ter visto antes. "O que estão fazendo aqui?"

"O que você acha que estamos fazendo? Eles me trouxeram aqui algemado, cara," Shane surtou. "Você acha que eu estaria aqui se tivesse escolha?"

Michael parou, e o olhar dele passou para os curativos nos braços deles. Reconhecimento passou por ele, e ele parecia... triste, de alguma forma. "Eu - eu sinto muito."

"Pelo que? Não é como se nós já não soubéssemos o quanto você deseja essa coisa." Ainda sim, Claire ouviu a traição na voz de Shane. A repulsão. "Só não esperava ver você engolindo como um bêbado a tarde, só isso."

"Eu não queria que você visse," Michael disse baixo. "Eu bebo aqui. Eu só mantenho um pouco em casa para emergência. Eu nunca quis que você visse - "

"Bem nós vimos," Shane disse. "E daí? Você é um vampiro sugador de sangue. Isso não é novidade, Michael. De qualquer forma, não é nada demais, certo?"

"Yeah," Michael concordou. "Nada demais." Ele se focou em Claire, e ela não conseguia colocar as duas coisas juntas - Michael com aqueles olhos vermelhos aterrorizantes, bebendo sangue fresco, e esse Michael na frente dela, com a expressão triste. "Você está bem, Claire?"

Ela acenou. Ela não confiava em si mesma para falar, nem mesmo uma palavra;

"Estou levando ela pra casa," Shane disse. "A não ser que aquele fosse seu petisco, e agora você esteja procurando o prato principal."

Michael parecia enjoado. "É claro que não. Shane - "

"Está tudo bem." A luta saiu do tom de voz de Shane. Ele soava resignado. "Estou bem com isso."

"E aquele inseto que te assusta, não está?"

Shane olhou para cima, e encarou. Os dois se encaram, e então Shane apertou o braço de Claire de novo. "Vamos," ele disse.

"Te vejo em casa."

Michael acenou. "Te vejo lá."

Ele ainda estava segurando a garrafa vazia, Claire percebeu. Havia pequenos rastros de sangue sobrando na garrafa.

Enquanto a porta se fechava atrás deles, ela viu Michael perceber o que ele tinha na mão, e a jogar violentamente na lata de lixo.

"Oh, Michael," ela sussurrou. "Deus." Naquele gesto, ela percebeu algo enorme.

Ele realmente odiava isso. Ele realmente odiava, e em algum nível, e ele odiava o que ele era, por causa do que ele viu nos olhos deles.

O quanto isso era ruim?

O resto da noite passou rapidamente. Na manhã seguinte, eles acordaram com o telefone tocando.

O pai de Eve tinha morrido.

"O funeral é amanhã," Eve disse. Ela não estava chorando. Ela não parecia muito com ela mesma essa manhã – nenhuma maquiagem, nem um esforço para fazer o de sempre.

Os olhos dela estavam vermelhos, e o nariz quase produzia calor. Ela chorou a noite; Claire tinha ouvido ela, mas quando ela bateu na porta, Eve não queria companhia. Nem mesmo de Michael.

"Você vai?" Michael perguntou. Claire achou que essa era uma pergunta engraçada – quem não iria? Mas Eve só acenou.

"Eu preciso," ela disse. "Eles tem razão sobre a coisa de encerramento, eu acho. Você vai...?"

"É claro," ele disse. "Eu não posso ficar do lado do tumulo, mas – "

Eve deu nos ombros. "Então não vá. A igreja já é ruim o bastante."

"Igreja?" Claire perguntou, enquanto servia café para os três. Shane como sempre tinha dormido mesmo com o telefone tocando. "Verdade?"

"Você nunca conheceu o Padre Joe, conheceu?" Eve conseguiu dar um fraco sorriso. "Você vai gostar dele. Ele – é algo."

"Eve gostava dele quando ela tinha 12 anos," Michael disse, e recebeu um olhar duro.

"O que? Você gostava, e você sabe disso."

"Foi uma paixãozinha,ok? Acabou."

Claire ergueu as sobrancelhas. "O Padre Joe é ...?" Ela fez a imitação de dentes no pescoço. Os dois sorriram.

"Não," Michael disse. "Ele só não julga."

Eve passou o dia sem muitos problemas; ela fez as coisas normais - ajudando com as roupas sujas, pegando metade dos trabalhos de limpeza do dia. Era dia de folga do trabalho dela. Claire tinha algumas aulas, mas ela matou três que ela sabia que já sabia o bastante, e foi apenas aquelas que pareciam críticas. Michael não foi para ensinar as aulas de violão também.

Era bom. Era como... família.

O funeral foi ao meio dia do dia seguinte, e Claire se encontrou tentando escolher o que usar. Roupas de festa pareciam muito... festivas. Jeans eram muito informais.

Ela pegou emprestado uma legues preta com Eve e a usou com uma saia preta também emprestada. Junto com uma camiseta branca, parecia moderadamente respeitoso.

Ela não tinha certeza de como Eve estava planejando se vestir, porque as 11 da manha, Eve ainda estava sentada na frente do espelho, olhando seu reflexo. Ainda com a camisola preta.

"Hey," Claire disse. "Posso ajudar?"

"Claro," Eve disse. "Eu devo usar meu cabelo preso?"

"Parece bom assim," Claire disse, e pegou a escova de cabelo. Ela escovou o grosso cabelo preto de Eve até ele brilhar, então o virou num nó e o prendeu em cima da cabeça dela. "Aí."

Eve pegou o pó de arroz, e então parou. Ela encontrou os olhos de Claire no espelho.

"Talvez não seja a hora certa," ela disse.

Claire não disse nada. Eve colocou um pouco de batom - escuro, mas não o tom normal - e começou a procurar algo no armário.

No fim, ela foi com um vestido preto, longo o bastante para chegar até os sapatos. E um véu preto. Era subjulgado para Eve.

Os três foram a igreja com 15 minutos sobrando, e enquanto Michael estacionava, Claire viu vários carros com janelas escuras de vampiros já presentes. "Esse é o único funeral?" ela perguntou.

"Yeah," ele disse, e desligou o motor. "Eu acho que o Sr. Rosser tinha mais amigos do que pensamos."

Não tantos, como acabou sendo; quando eles entraram no vestibulo da igreja, ele estava quase vazio, e não haviam muitos nomes no registro. A

mãe de Eve estava perto do livro, esperando para atacar qualquer um que entrasse.

Verdadeira a descrição de Michael, a Sra. Rosser não parecia ser capaz de chorar; ela estava toda de preto, como Eve, só que muito mais teatral – movimentos dramáticos de cetim preto, um grande e formal chapéu, luvas.

E, Claire refletiu, quando você era mais teatral que Eve, você definitivamente tinha problemas.

A Sra. Rosser estava usando muito rímel, e havia uma massiva corrente pelas bochechas dela. O cabelo dela era tingido de loiro, e se estendia ao redor do rosto dela. Se ela queria o papel de Ofélia numa produção de Hamlet, Claire achou que ela provavelmente ia conseguir.

A mãe de Eve se jogou em Claire como um cobertor molhado, chorando no ombro dela e manchando de rimel a camiseta branca dela. “Obrigado por vir!” ela disse, e Claire embaraçosamente deu tapinhas nas costas dela. “Eu queria que você tivesse conhecido meu marido. Ele era um homem tão bom, uma vida tão difícil – ”

Eve ficou parada ali parecendo distante e um pouco enojada. “Mãe. Solta ela. Ela nem te conhece.”

A Sra. Rosser se afastou, segurando o choro. “Não seja cruel, Eve, só porque você não amava seu pai – ”

O que era a coisa mais fria que Claire já tinha ouvido. Ela trocou um olhar com Shane.

Michael se meteu entre mãe e filha, o que era muito bravo dele. Talvez estivesse no gene vampiro. “Sra. Rosser. Sinto muito pelo seu marido.”

“Obrigado, Michael, você sempre foi um bom garoto. E obrigado por cuidar de Eve quando ela seguiu o próprio caminho.”

Sra. Rosser assoprou o nariz, que foi assim que ela não ouviu Eve dizer casualmente, “você quer dizer quando você me jogou na rua?”

“Assine nossos nomes,” Michael disse para Claire, e pegou o braço de Eve e a levou para a igreja. Claire rapidamente escreveu o nome deles no livro, acenou para a Sra. Rosser – que estava encarando a filha com uma expressão que revirou o estomago de Claire – e agarrou o braço de Shane para seguir eles.

Ela já tinha estado numa igreja antes. Era bom – não muito chique, mas pacífico em sua simplicidade. Nenhuma cruz a vista, mas agora, o foco era um grande, e preto caixão no fim da sala. Ela foi atingida pela curva da madeira, e o quanto ela o lembrou do banco de sangue móvel.

Isso fez Claire tremer e agarrar o braço de Shane com ainda mais força enquanto eles andavam para ficar ao lado de Michael e Eve.

Havia cerca de 15 pessoas espalhadas pelo santuário, e mais chegaram enquanto os minutos passavam. Dois homens de terno – da funerária,

Claire supôs – colocaram arranjos florais perto do caixão. De alguma forma não parecia real. E o som do choro da Sra. Rosser continuou, respondendo a cada murmúrio na entrada, deixou tudo ainda mais estranho.

Eve saiu do banco e foi até o caixão. Ela olhou para baixo por alguns longos segundos, então se curvou e pôs algo nele e voltou para sentar. O véu estava para baixo, mas mesmo com o suave borrão, a expressão dela parecia congelada e dura.

“Ele era um filha da mãe,” ela disse quando ela viu Claire observando ela. “Mas ele ainda era meu pai.”

Ela se inclinou contra o ombro de Michael, e ele pos os braços ao redor dela.

A Sra. Rosser finalmente entrou no santuário e sentou na primeira fila, na frente de onde os quatro estavam. Um dos empregados da funerária entregou a ela uma caixa de lenços. Ela puxou alguns e continuou chorando.

E um alto e bonito cara com um manto preto e um sobrepeliz branco; com um sudário púrpura ao redor do pescoço, apareceu atrás dos arranjos florais e se abaixou perto dela, dando tapinhas na mão dela. O Padre Joe, Claire supôs. Ele parecia legal – um pouco serio, e mais jovem do que ela esperava. Cabelo marrom e olhos dourados que eram bem diretos atrás de um óculos dourado. Ele ouviu a Sra. Rosser falar sobre o marido com uma simpática, e distante, expressão, acenando quando ela parou. O olhar dele foi para longe uma ou duas vezes, para o relógio, e ele finalmente se inclinou para frente e sussurrou algo para ela. Ela acenou.

Mais pessoas chegaram de última hora, o bastante para encher metade da igreja. Claire, virando, viu rostos familiares: os detetives Joe Hess e Travis Lowe, que acenaram na direção dela enquanto sentavam no fundo da igreja. Ela reconheceu mais algumas pessoas, incluindo um total de quatro vampiros com ternos pretos e óculos de sol.

Um deles era Oliver, parecendo entediado. É claro – a família de Eve estava sob proteção de Brandon, e quando Brandon morreu, eles foram para a autoridade superior dele. O aparecimento de Oliver aqui tinha menos a ver com sentimento genuíno do que com relações públicas.

O Padre Joe subiu no altar e começou a elogiar o homem que Claire nunca tinha conhecido, e um que ela duvidava que Eve reconhecia; a não ser pelo fatos e figuras da vida dele, o caráter dele parecia melhor do que qualquer coisa que a filha dele já tinha mencionado. Pelo jeito que a Sra. Rosser acenava e chorava, ela estava caindo nos elogios ficcionais.

“Quanta merda,” Shane sussurrou para Claire. “O pai dela batia nela, sabe. Eve.”

Claire o encarou silenciosamente.

“Só mantenha isso em mente,” ele terminou. “E não derrame uma lagrima. Não por isso.”

Shane podia, Claire pensou, ser uma das pessoas mais duras que ela já conheceu. Não que ele estivesse errado. Só – duro.

Mas ajudou. As emoções passando, enfatizadas pela mãe de Eve, passaram por ela e saíram sem fazer nada além dos olhos dela doerem. Quando o Padre Joe terminou, o órgão começou, e a Sra. Rosser foi a primeira a ir ao caixão.

“Oh, Deus,” Eve suspirou enquanto a mão se envolvia dramaticamente por cima da madeira e gritava. Horríveis e teatrais gritos. “Eu acho que é melhor eu –”

Michael foi com ela, e fosse a presença masculina dele ou o rosto angelical ou o sangue vampiro, ele foi capaz de levar a Sra. Rosser para longe e a levar de volta para o banco, onde ela sentou tendo um completo colapso, e chorando.

Eve ficou ali no banco por alguns segundos, as costas bem retas, a cabeça inclinada, e então se afastou.

Lágrimas caíram por de baixo do véu dela e no vestido preto, mas ela não fez nenhum som.

Claire se aproximou, mas deu ao pai de Eve apenas um rápido olhar; ele parecia – nada natural. Não nojento, mas claramente morto. Ela tremeu e pegou o braço de Shane, e seguiu Eve enquanto passava pela mãe dela sem dizer uma palavra até a saída. Eve quase deu um encontrão no irmão dela.

Jason foi para trás. Até onde Claire podia ver, o garoto não tinha mudado suas roupas desde – nunca – o cheiro podre dele era evidente mesmo a alguns metros de distância.

Ele parecia alto também. “Bonito disfarce, Mana,” ele disse.

Eve parou, o encarou, e tirou o véu do rosto. “O que você está fazendo aqui?”

“Estou de luto.” Ele riu. “Tanto faz.”

Eve deliberadamente olhou para o lado, onde os detetives Hess e Lowe estavam sentados. “Eu acho que é melhor você ir.” Eles não o tinham notado ainda, mas eles iriam. Só seria necessário uma voz alta, ou Eve estalar os dedos.

“Ele é meu pai também.”

“Então mostre algum respeito a ele,” ela disse. “Fora.”

Ela passou por ele. O resto deles a seguiu, embora Shane tenha diminuído a velocidade, e Claire teve que agarrar o braço dele para fazer ele continuar andando.

Jason fez um movimento para frente. Shane balançou a cabeça. “Não vale o problema,” ele disse.

E então todos eles saíram do vestíbulo, para longe do cheiro das flores

e o cheiro de morte, e tudo que Claire pode pensar era, como isso é um encerramento?

Mas Eve parecia melhor, e era isso que importava. "Vamos comer um hambúrguer," ela disse.

Como idéia, essa era popular, e o espírito de Claire melhorou enquanto eles se afastavam da igreja e iam até o estacionamento, em direção ao carro de Michael. Eles foram interceptados.

Michael sentiu primeiro - ele parou, virou em um círculo tentando achar a origem de um som que eles não conseguiam ouvir.

Uma pequena sombra passou pelo concreto, pousou abaixada, e deu uma risada.

Ysandre. Ela se ergueu com graça esforçada e foi na direção dos quatro.

"Entrem no carro," Michael disse. "Vão."

"Não vou deixar você," Shane disse. Ele não tirou os olhos de Ysandre.

"Não seja um idiota. Ela não está atrás de mim."

Os olhos de Shane foram para o rosto de Michael.

"Vá."

Claire agarrou o braço de Shane. Ele se deixou ser guiado para o carro. Michael jogou as chaves.

Ysandre passou pelo espaço aberto e as pegou no ar. Ela as jogava para cima e para baixo com a mão, e o frio e metálico barulho era o único som no estacionamento.

"Não fiquem paranóicos," ela disse. "Eu só passei para dar oi. É um país livre."

"É roubo de carro se você pega minhas chaves," Michael disse. Ele ergueu a mão, e ela deu nos ombros e a jogou de volta. "O que você quer?"

"Só queria me certificar que o Sr. Shane recebeu meu convite," ela disse. "Você recebeu, querido?"

Shane não se mexeu. Não falou. Até onde Claire sabia, ele não estava nem respirando.

"Pelo ultimo batimento do seu coração, acho que você recebeu," Ysandre disse, e sorriu. "Te vejo no sábado, então. Tenham um bom resto de semana."

Ela se afastou, com botas de salto alto batendo no pavimento, e desapareceu nas sombras.

Shane soltou devagar a respiração.

Nenhum deles sabia exatamente o que dizer. Michael abriu o carro, e dirigiu queito por pelos cinco minutos, até eles pararem no Denny's.

"Ainda vamos comer?" ele perguntou.

"Eu acho que sim," Shane disse. "Não vou deixar ela arruinar meu apetite."

Havia uma cobertura se esticando do estacionamento até a porta da frente, o que Claire nunca tinha pensado antes – aparentemente, Danny's se enchia tanto de vampiros quanto de humanos durante o dia. Havia folhetos locais nas portas de vidro, e Claire olhou para eles. Ela parou tão de repente que Shane deu um encontrão nela.

"Hey! Eu estava andado!"

"Olha." Claire apontou para o papel

Dizia APENAS UMA NOITE! E havia uma foto preto e branco de um jovem segurando um violão.

Embaixo dizia Michael Glass volta para o Common Grounds, e a data era... hoje a noite.

Shane abriu a porta, agarrou o ombro de Michael, e o mostrou para ele. "Hey," ele disse. "Lembra de alguma coisa? Quando você ia nos contar?"

Michael parecia surpreso, e então embaraçado. "Eu – não ia. Olha, é só um teste, ok? Eu queria ver se eu ainda podia – eu não quero que vocês vão. Não é nada."

Eve agarrou o folheto e o encarou. "Nada? Michael você vai tocar! Em publico!"

"Isso é novidade?" Claire sussurrou para Shane.

"Ele não toca em lugar nenhum a não ser nossa sala desde – "Imitação de dentes. "Você sabe. Oliver."

"Oh."

O rosto de Michael ficou rosado. "Só coloque no lugar, ok? Não é nada demais!"

Eve beijou ele. "Sim, é." Ela disse. "E eu te odeio por não me contar. Você ia sair de fininho ou algo assim?"

"Absolutamente," Michael sussurrou. "Porque se eu for uma droga, eu não quero nenhum de vocês ouvindo em primeira mão."

Claire colocou o folheto cuidadosamente de volta na porta. "Você não vai ser uma droga."

"Não com o violão, pelo menos." Shane disse, com cara de pau. Claire socou ele no braço. "Ow."

SETE

Michael passou duas horas sintonizando sua guitarra, o que era chato, e ele saiu cedo. Eve foi com ele, apesar de seu protesto isso realmente não era grande coisa.

Isso deixou Claire e Shane para se decidirem sobre o que eles iam fazer.

Ela fez 'cachorro-quente' de chili e foi colocando o queijo ralado por cima enquanto Shane, festeja o triunfo no vídeo-game, e entrava na cozinha. "Hey", disse ele. "Legal".

"Obrigada". Ele colocou parte do chili em sua boca, se apoiando no balcão da cozinha.

"Você poderia sentar-se, pelo menos," ela suspirou. "Nós temos mesas. Elas têm cadeiras."

"Você quer ir?" Murmurou ele. "Para a coisa?"

Ela queria? Claire comeu um pedaço de seu próprio cachorro quente, nem sequer tendo consciência de que ela estava quebrando suas próprias regras sobre o comer-em-pé, e pensando sobre a situação. Por um lado, significava sair à noite, e sair para a Common Grounds para fins recreativos, que era sorte de não ter nada acontecendo em sua casa nos dias de hoje.

Mas - Michael. Em público. Tocando.

"Sim", disse ela. "Gostaria, se você não se importar. Eu sei que você não gosta do lugar, mas-"

"Eu gosto disso tanto quanto Eve, confie em mim. Além disso, eu não quero que ela esteja lá embaixo sozinha. Ela precisa de alguém para salvar suas costas enquanto ele morde o pescoço de suas groupies ou qualquer coisa assim".

Ela riu.

"Oh, você acha que é engraçado? Devia ter visto ele no colégio. O cara passava a ser 'quente' toda a vez que ele pegava na guitarra."

"Ele ainda pode, eu vou apostar."

"Exatamente meu ponto. Come. Eles geralmente começam em torno de sete."

Claire terminou a sua refeição e correu para cima de uma ducha rápida e mudança de roupas. Após alguma discussão, ela voltou com uma saia curta e meias que tinha passado usado na desastrosa festa de Monica Morrell, e um simples top preto apertado o suficiente para agitar, mas solto o suficiente para que ela não morresse se os pais dela a vissem.

Shane piscou em surpresa, quando ela chegou lá em baixo. Ele tinha colocado diferentes roupas, também, mas ele ainda era um preguiçoso-casual. O único sinal de que ele estava tentando fazer uma impressão

para ela era que ela suspeitava que ele tivesse penteado seu cabelo penteado. Um pouco.

"Você está ótima," disse ele, e sorriu. Ela parou no último degrau, que colocava-os em níveis aproximadamente iguais, e ele beijou-a. Longa e lentamente.

Ele tinha gosto de pasta de dente, num primeiro momento, mas depois ele só era o Shane, e que era tão delicioso que ela subiu em seus próprios pés para chegar ainda mais perto.

"Espera aí, menina. Eu pensei que íamos sair. Beijo como esse, você está fazendo eu pensar em ficar por aqui."

Claire teve que admitir, ele a fez pensar sobre isso, também. Especialmente com a casa vazia, e eles estavam sozinhos.

Ela viu a idéia atravessa a mente de Shane, também, por um segundo e ampliou seus olhos, fazendo assim suas pupilas brilharem.

Oh, as possibilidades.

"É melhor ir se vamos," disse Claire infelizmente. "Só - como é que vamos até lá?"

Shane ofereceu-lhe o braço dele. "Bela noite para uma caminhada, eu penso."

"Tem certeza?"

Ele tocou em sua pulseira de ouro, então na sua pulseira branca. "Esta pode ser a única noite que poderemos fazer isso nesta cidade. Vamos viver perigosamente."

Era bom, então passeando o braço no braço de Shane e não se preocupar (bem, não demasiado) sobre perigo que estava prestes a vir até eles depois do anoitecer.

Hoje à noite, pelo menos, os perigos se mantiveram a distância. Foi uma curta distância a pé até a Common Grounds, mas solitário; Claire sentiu um pouco irreal, caminhando lentamente no escuro com as casas de janelas fechadas. As pessoas não saíam muito depois do trabalho, e se fizessem, eles iam em grupos, e de carros.

Duas pessoas, numa noite como esta... parecia errado, e quando estavam a cerca de metade do caminho, Claire viu alguém parar um carro em frente à eles e saltar. O olhar da mulher era de pânico enquanto ela olhava para eles, e Claire percebeu que ela tinha pensado que eram - Vampiros. O que era engraçado e triste.

A mulher agarrou os mantimentos e se apressou para sua casa, fechando a porta com um estrondo e travando-a com uma dura fechadura de metal.

Claire não disse nada a Shane, e ele não fez nenhum comentário, mas ela não tinha qualquer dúvida que ele sentiu a mesma inquietante culpa. Mas o que eles poderiam ter dito?

Está bem, senhora, nós não estamos aqui para te comer?

Claire estava feliz quando o calor da luz dourada derramou da janela da frente da Common Grounds. Obviamente era um bom negócio – carros alinhados nas ruas de ambos os lados, e mais no estacionamento enquanto ela e Shane se aproximavam da entrada. “Vai ser doido,” Shane disse, mas ele não soava chateado. “Dá próxima vez eu vou levar você num lugar agradável e tranquilo.”

Claire pesquisou em sua memória. Tanta coisa tinha acontecido desde que ela tinha conhecido Shane, mas ela estava quase certa de que este era seu primeiro, real encontro sozinhos. Que era surpreendente, e doce, e precioso para ela e ela suspeitava que Shane nunca iria imaginar. Ela saboreou o calor de suas mãos nas delas, sorriu para ele, e entrou no Common Grounds enquanto segurava a porta para ela.

O nível de ruído era incrível. O café era normalmente calmo, embora nunca enfadonho, mas como o sol se pondo, o nível de emoção subiu, e esta noite era algo como subir no telhado. Cada mesa já estava lotada de pessoas - seres humanos, principalmente, mas nos cantos da sala Claire viu uns poucos vampiros que ela enfrenta, incluindo Sam. O único da família de Michael na cidade para apoiar ele. Sam enviou-lhe um sorriso e uma onda, que Claire devolveu.

Michael ele estava de pé na zona clara atrás do bar, parecendo tenso e um pouco vazio. Ele estava vestido com uma camiseta cinza claro e jeans, e ele tinha a sua guitarra acústica pendurada em torno de seu corpo. Claire pensou que o colar de concha que ele usava parecia novo – um presente de Eve? Um presente de boa sorte? Eve estava em pé ao lado dele e, embora ela não pudesse ver claramente, Claire achou que eles estavam de mãos dadas.

Claire e Shane empurrou a multidão para chegar ao bar. Shane olhou para Michael, que olhou de volta - todos muito viris - e em seguida Shane foi para algum lugar para pegar bebidas, deixando Claire sem saber o que dizer.

“Você vai fazer isso ser grande,” ela finalmente disse. Os olhos azuis de Michael piscaram centrando no aqui e agora.

“Cara, eu não sei,” disse ele. “Era suposto ser casual – me mostrar e tocar algumas canções. Só para se habituar a isso novamente. Mas isto –”

Alguém no canto da sala começou batendo palmas, e de repente todo mundo estava fazendo, uma onda rítmica.

Michael não poderia ficar mais pálido, mas Claire viu isso definitivamente nos olhos dele. Eve viu, também, e deu-lhe um rápido beijo.

“Você pode fazer isso, Michael,” disse ela. “Vamos. Saia daí. É o que você faz.”

Claire concordou e sorriu em apoio. Michael levantou a parte da dobradiça

do bar e caminhou para fora, para um trovejante onda de aplausos. Havia um pequeno palco criado na extremidade final do lugar, próximo à porta fechada que dizia ESCRITÓRIO, e quando Michael subiu nele, as luzes capturaram e brilharam em seu cabelo dourado, mostrando um azul celeste nos seus olhos.

Uau, Claire pensou. Isso não era mais Michael. Isso era... outra coisa.

Eve passou para o Aldo do público e ficou próxima à Claire, braços cruzados. Ela tinha um sorriso em seus malignos lábios vermelhos. "Ele é bonito," disse ela. "Certo? Ele é."

Claire só poderia concordar com isso.

Michael ajustou o microfone, testou-o, fez um rápido exercícios com os dedos que ela sabia que ele usava para se acalmar e, em seguida, sorriu para multidão. Era um sorriso diferente do que ela tinha visto ele antes - mais, de alguma forma.

Mais intenso, mais alegre, mais pessoal. Ela sentiu uma lava quente em algum lugar profundo dentro do seu olhar para ela, e imediatamente se sentiu envergonhada com isso.

Mas cara, ele era quente. Ela compreendeu que Shane estava falando, e ela não estava imune.

Shane tocou seu ombro e entregou-lhe uma bebida enquanto Michael dizia, "Eu acho que todos sabem quem eu sou, certo?"

E cerca de oitenta por cento da sala riu como o trovão. Os outros - estudantes da faculdade, que não sabiam se estavam lá porque queriam ou porque estavam entediados - estavam perdidos.

Michael fez um último ajuste, o final. Suas mãos estavam firmes agora, se deslocam com confiança. "Meu nome é Michael Glass, e eu sou de Morganville."

Mais risadas. Antes que desaparecessem, Michael começou a tocar, uma rápida e complicada canção que Claire tinha ouvido ele brincando em casa - mas isso não era brincar; era um enorme talento. Ele brilhava como ouro branco, e a música fluía para fora de suas mãos como os fluxos da luz. Era embalada em torno de Claire brilhando como uma rede, e ela não ousava respirar, nem se mover, enquanto Michael tocava como ela nunca tinha ouvido ninguém antes tocar, nunca.

Ela conseguiu olhar para o lado vendo Shane, cujos olhos estavam fixados em Michael, também. Ela se aconchegou nele. Ele deu-lhe um agitar de cabelos com sua cabeça.

Eve estava sorrindo, como se ela tivesse conhecido tudo isso.

Michael fazia a canção parecer um líquido, acabamento em chamas, quando a guitarra fez silêncio e as cordas ainda soavam, a multidão estava completamente parada. Michael esperou, tal como imóvel e, em seguida, o lugar espontaneamente irrompeu em aplausos e vivas.

Claire pensou que o sorriso que se espalhava em todo o rosto Michael valia tudo sobre Morganville, por este momento.

Sua canção seguinte era mais lenta, doce e com um choque Claire percebeu que era uma versão mais lenta da canção que ele tinha escrito na outra noite, quando ele estava demasiado ocupado para ir até a loja. Tinha letras também, e a voz de Michael se transformou em algo triste, mas cheio beleza.

Era uma canção para Eve.

Claire percebeu que seu peito estava doendo, tanto da pressão das lágrimas e o fato de que ela não estava respirando. Ela nunca soube que a música poderia ter tanto poder. Como ela olhava em volta do café, ela viu a mesma coisa nos outros rostos - arrebatamento. Mesmo Oliver, de pé atrás do bar, estava transtornado. E nas sombras, Claire vislumbrou alguém - Amelie, parecendo pensativa, como se ela tivesse conhecido isso durante todo o tempo, como Eve.

Os olhos de estavam cheios de lágrimas, mas ele estava sorrindo.

Michael transformou a voz para um sussurro, e ele terminou a canção. Desta vez, os aplausos não pararam, e as vivas eram uma total exaltação.

Michael colocou o microfone de pé novamente. "Valeu, rapazes," disse ele sobre o ruído, e sorriu. "Nós estamos apenas começando."

Foi a melhor noite Claire tinha tido em Morganville. Ela nunca sentiu tanto como parte de algo - nunca viu tanta unidade em uma sala cheia de pessoas tão diversas. Estudantes patricinhas estavam juntas com nativos de Morganville e suas pulseiras, vampiros sorrindo imparcial para seres humanos, e mesmo Oliver parecia afetado pela euforia geral.

Quando Michael entrou 'offstage', foi somente após três vivas e trovejante ovações. Ele fez um caminho mais curto direto à Eve, deu uma abraço nela, e em seguida beijou-a tão profundamente que Claire teve que desviar o olhar. Quando eles pararam para o ar, Michael ainda era sorria.

"Então?" Questionou. "Não chupe, certo?"

Shane ofereceu sua mão. "Não chupe. Parabéns, cara."

Michael ignorou a mão e abraçou-o, então virou-se para Claire. Ela não hesitou em abraçar ele. Ele era mais quente do que o habitual, e suado; ela não sabia que vampiros poderiam suar. Talvez eles geralmente só não se exercessem tanto assim. "Você foi incrível," Claire sussurrou. "Eu- incrível. Uau. Eu já disse incrível?"

Ele deu-lhe um beijo na bochecha e, em seguida se afastou para apertar a mão de alguém da imprensa local. Havia um monte deles, e muitos deles eram bastante jovens. Claire recuou para trás ao lado Shane.

"Viu o que quis dizer?" Shane disse. "Boa coisa Eve estar aqui. Isso

pode subir a cabeça de alguém.”

“Mesmo a de um vampiro?”

“Heh. Especialmente de um vampiro.”

Demorou cerca de quinze minutos para a corrida de fãs instantâneas deixarem o local, e então as mesas esvaziaram, deixando apenas alguns loucos por cafeína para fechar a noite. Claire e Shane agarraram cadeiras e bebidas frescas enquanto Eve ajudava Michael a guardar suas coisas.

“Hey,” disse Claire, e tenho toda a atenção de Shane. “Obrigado.”

Suas sobrancelhas levantaram. “Pelo quê?”

“Pelo melhor encontro que já tive.”

“Este? Nah. Apenas a média. Eu posso fazer muito melhor.”

Ela levantou a cabeça dela. “É mesmo?”

“Absolutamente.”

“Você se dispõe a provar?”

De alguma maneira, as mãos dele estavam segurando as dela, e os seus dedos quentes faziam calafrios em sua palma. “Algum dia,” disse ele. “Logo. Absolutamente.”

Ela se encontrou não respirando novamente, capturando todas as possibilidades. Shane sorriu, lento e ímpio, e ela queria beijar-lhe bem agora, por um tempo muito longo.

“Prontos?” Michael estava de pé em cima da mesa, esperando para se juntar a eles. Algo do brilho dele tinha ficado no palco, e ele era apenas o regular Michael novamente, um pouco cansado, também. Claire terminou de beber o chocolate quente e concordou.

Mesmo as melhores noites tinha de chegar ao fim.

Claire estava se preparando para dormir quando ela ouviu Eve gritar - e não era a coisa do ‘não me faça cócegas, idiota’, mas um completo grito de alarme, um que foi ouvido através da casa como uma buzina. Ela colocou o resto do pijama, colocou seu robe, e foi para o corredor. Shane já estava lá, descendo as escadas, ainda vestido em jeans e uma camiseta solta.

Quando eles chegavam à sala da frente, eles encontraram Michael sentado no chão, segurando uma sangrenta menina em seus braços. Eve foi tirando as fechaduras da porta.

“Miranda,” disse Michael, e tirou o cabelo sangrento dela do rosto.

“Miranda, você pode me ouvir?”

Claire percebeu com choque que a amiga de Eve, Miranda – era apenas uma criança, na verdade, estava na fase em que as meninas ainda tinham jeitos de ingênuas e temiam virar mulheres. Mir tinha se tornando um pouco mais madura desde última vez que Claire a viu – não tão assustada – mas ela ainda parecia ser uma criança abandonada. Uma ferida. Havia uma ferida na cabeça, e o sangue escorrendo no pescoço dela manchava o jeans e os dedos de Michael.

“Ow,” Miranda sussurrou, e começou a chorar. “Ow. Bati minha cabeça-”

“Você está bem, você está segura agora,” Eve disse. Ela caiu de joelhos em frente de Michael e ajudou com os braços; Michael rapidamente transferiu a garota. Suas pupilas estavam dilatadas, e ele se sentiu – diferente. “Michael, talvez seja melhor você ir – se lavar.”

Ele concordou suavemente e passou empurrando Shane e Eve, subiu as escadas tão rápido que ele era apenas um borrão.

“Ambulâncias?” Shane perguntou.

“Não! Não, eu não posso!” Miranda soava frenética. “Por favor, não me envie para lá. Você não sabe – não sabe o que eles vão fazer – o fogo –”

Eve tentava acalmar a garota, de alguma forma, apesar de Miranda estar dando uma de louca. “Ok, chill, não iremos. Eu prometo. Relaxe. Shane – talvez os primeiros socorros? Toalhas e água quente?”

“Eu vou ajudar,” disse Claire, e ela e Shane foram para a cozinha. Quando ela olhou de volta, ela viu que Miranda tinha parado de lutar e estava esgotada nos braços de Eve. “Que diabos aconteceu com ela?”

“Morganville,” disse Shane, e voltou aos afazeres. Ele voltou pela porta da cozinha e foi direto para os armários de baixo da pia. O estojo de primeiros socorros estava cheio de coisas, Claire pensou na água quente e reunir toalhas limpas na cozinha.

A primeira seção de auxílio de Miranda não estava tão mau como Claire temia – a cabeça ferida sangrava, mas era superficial, e Eve ajeitou com algumas ataduras.

Os buracos no pescoço de Miranda pareciam frescos, apesar de tudo. Quando Eve perguntou sobre os mesmos, Miranda parecia envergonhada e puxou a gola de sua camisa. “Não é da sua conta,” disse ela.

“É Charles, certo? Filho da puta.” Eve tinha um problema com vampiros que predavam os menores – na realidade, de acordo com o que Claire sabia, havia muitos outros vampiros fazendo isso. Havia leis contra isso, depois de tudo. Ela perguntou se Amelie sabia sobre Charles e Miranda. Ou desconfiava. “Você não pode deixá-lo fazer isso em você assim, Mir! Você sabe isso!”

“Ele estava com fome,” disse Miranda, e baixou a cabeça dela. “Eu sei. Mas isso não machuca, não de verdade.”

Isso fez Claire querer vomitar. Ela trocou um olhar com Shane.

"Há um cara que precisa ser estaqueado," disse ele.

Miranda olhou-o com raiva. "Isso não tem graça!"

"Eu to fazendo minha cara engraçada? Miranda, o cara é um pedófilo. O fato dele apenas sugar o seu sangue, em vez de -" Shane pausou, olhando para ela. "É vez de, né?"

Era impossível dizer se Miranda tinha entendido o que ele estava querendo dizer, mas Claire pensou que sim, e ele fez a menina se sentir profundamente desconfortável. Miranda tentou sair da cadeira que foi colocada. "Eu preciso ir para casa."

"Uau, uau, você mal pode se levantar," disse Eve, e conseguiu levá-la novamente. "Claire, você poderia checar Micahel? Ver se ele está bem?"

Em outras palavras, havia questões que Shane e Eve estavam prestes a fazer, perguntas pessoais. Claire concordou e foi lá para cima. A porta do banheiro estava fechada. Ela bateu suavemente.

"Michael?"

Sem resposta. Ela tentou a maçaneta. Trancado.

Claire se virou e ouviu passos vindo do final do corredor, mas ela não viu ninguém.

Ela não ouviu a porta abrir, mas quando ela olhou para trás, o banheiro estava aberta, e Michael estava cerca de dois centímetros de distância dela.

Ela tropeçou para trás. Em vez de apenas lavar-se, ele tomou banho, seu cabelo estava úmido e cacheado e mais escuro do que é habitual, e ele estava vestindo uma toalha em volta da cintura. Havia muito mais de Michael em exibição do que ela costumava ver, e isso era... impressionante.

Claire se apoiou, em todo o caminho até a parede.

"Desculpe," disse ele. Não é como se ele realmente se desculpasse. Ele parecia incomodado, estressado, e nervoso. "Ela ainda está aqui." Não era uma questão, mas Claire concordou de qualquer maneira. "Ela não pode ficar. Temos de tirá-la daqui."

"Eu não acho que ela tenha como ir," Claire ofereceu. "Ela parecia muito histérica. Shane e Eve estão -"

"Ainda posso cheirar o sangue dela," Michael interrompe-a. "Eu me lavei. Eu levei minhas roupas. Tomei banho. Nada disso importa, ainda posso sentir - ela precisa ir. Agora."

"O que há de errado com você? Pensei que você -" Ela hesitou, então fez um movimento de bebendo algo.

"Eu fiz." Michael esfregava o rosto com as mãos. "Acho que tudo foi queimado hoje à noite no show. Eu estou com fome, Claire."

Isso custou muito a ele dizer. Claire engoliu, e concordou. "Espere aqui."

Ela foi lá embaixo, passando onde Shane e Eve ainda conversavam fervorosamente com Miranda, e entrou na cozinha. Na parte traseira do inferior da prateleira geladeira tinha algumas garrafas que poderiam ter sido cheias de cerveja, e não foram. Lá estavam três delas. Ela agarrou sem olhar muito de perto para ela e ter certeza estava ocultando seu conteúdo quando ela passou pelo grupo.

Ninguém realmente olhou em seu caminho, eles estavam muito interessados em manter os seus próprios segredos.

Michael ainda estava à espera, inclinado contra o portal do banheiro, braços cruzados.

Ele brilhou quando viu o que ela tinha na mão. Ela lhe deu silenciosamente. Michael nunca tirou os olhos de cima dela enquanto ele abria a tampa com o seu canino e levava a fria garrafa para os lábios. O conteúdo parecia mais xarope do que sangue, e Claire quase engasgou.

Michael fez cara feia. Mas ele engoliu tudo. E continuou a beber até que o frasco estava vazio.

Seus olhos azuis se tornaram vermelho quente, e depois voltaram ao seu normal de cor.

Ela viu algo parecido com horror passar por ele. "Eu não devia fazer isso na sua frente."

"Sim, sim. Você disse." E não tinha sido definitivamente algum tipo de desafio nisso, também. Algum tipo de 'vamos lá', mesmo. Qual era mais louco e assustador, e ainda...

E ainda.

Michael limpou os lábios com as costas da mão, olhou para baixo, e voltou para a pia para se lavar.

Ele ficou se olhando no espelho por tanto tempo, que Claire achava que ele tinha esquecido que ela estava lá, e então ele disse; "Obrigado."

Claire tentou pensar em algo para dizer que não fosse totalmente absurda. "Meio nojento, não é? Quando está frio?" Que não era.

Felizmente, Michael estava disposto para ter qualquer tipo de conversa, após o estranho momento. "Sim," disse ele. "Mas ele mantém a garrafa boa. Isso que é importante." Ele olhou para a garrafa com cuidado, em seguida, jogou-a fora e deu um suspiro profundo. "Vou me vestir. Voltarei em um segundo."

Foi estranho, mas bom, e Claire se manteve serena desta vez, e voltou para a sala.

Quando Shane e Eve estavam, com a cabeça em ângulos idênticos, olhando.

"O que está acontecendo?" Claire sussurrou.

"Shhh," tanto Shane e Eve fizeram, em uníssono.

Porque Miranda estava falando em uma estranha voz monótona, e ela parecia... morta. Inconsciente. Só falava.

"Vejo uma festa," ela estava dizendo. "Tanta raiva... tanta mentira. Todos os mortos, tudo morto, caindo. Trata-se de propagação. Ele vai matar todos nós."

Claire sentiu um sinal de alarme. Tudo morto, caindo. Trata-se de propagação.

Miranda tinha episódios psíquicos - Claire sabia. Era parte da razão de Eve deixá-la ficar de vez em quando. Às vezes as visões eram falsas, mas na maior parte do tempo, elas eram tão sérias como um ataque cardíaco, e Claire sabia de alguma forma que este era real.

Ela estava falando sobre a doença infectando os vampiros, e ela estava falando sobre ela se espalhar para os seres humanos. Não, isso não pode acontecer. Ou pode? Eles não tinham sequer sido capaz de identificar o que a doença era, só o que ela fazia, e que aquilo fazia diminuir a sanidade dos vampiros, se mantendo constante até o que restasse fosse incapaz de funcionar.

A primeira coisa a ir - para todos os vampiros de Morganville - tinha sido a capacidade de se reproduzirem. Para criar novos vampiros. Apenas Amelie ainda tinha a força, e criando Michael tinha quase destruído a sua.

Trata-se de propagação. Claire pensou em todos os seres humanos em Morganville, todas as famílias, todos os jovens que estiveram no café hoje à noite, e se sentia fria e instável.

Não poderia ser verdade.

"Festa," disse Miranda novamente. "Vocês todos são tolos, todos tolos - não deixem enganar você. Não são apenas três - são mais -"

"Quem?" Eve se sentou ao lado da cadeira de Miranda e colocou uma mão sobre seu ombro.

"Mir, de quem está falando?"

"Ancião," disse ela, e agora lágrimas desciam pelas pálidas bochechas de Miranda.

"Oh não. Oh não... eles estão voltando. Eles estão todos com fome, não podem detê-los -"

Michael, que estava descendo as escadas, parou. Ele olhou calmo novamente, mas preocupado. "Do que ela está falando?"

"Shhh!" Desta vez, todos os três pediram silêncio ao mesmo tempo. Eve curvada mais perto de Miranda. "Querida, você está falando de vampiros? O que vai acontecer com os vampiros?"

"Morrer," Miranda sussurrou. "Tantos morrendo. Achamos que estamos seguros, mas não estamos. Eles não vão ouvir - eles não nos vêem -" Ela girava freneticamente a pulseira prata pelo seu punho e se contorcia em sua cadeira. "Ele está fazendo isso. Ele está fazendo isso acontecer."

"Oliver?" Eve perguntou. Porque Oliver era o único vampiro homem ancião na cidade.

Mas Miranda balançou a cabeça dela. Ela não disse outra palavra, mas ela chorava, chorava tão forte que abalou ela própria e a fez sair do transe e agarrou em Eve como uma fina folha no vento.

"Bishop," disse Michael. Eles todos olharam para ele. "Não é Oliver. Ela está falando sobre o Bishop. Ele vai tentar destruir Morganville."

Miranda acabou dormindo no sofá, e quando Claire desceu na manhã seguinte, ela encontrou a garota embrulhada em uma bola sob montanhas de cobertores, tremendo, mas ainda dormindo. Ela parecia ainda mais frágil. Sua pele estava pálida translúcida, e tinha escuros, exausto círculos em torno de seus olhos.

Claire se sentia triste por ela, mas era uma espécie de distante desculpa - Miranda realmente não convidava a uma devoção. Ela não tinha qualquer amigo para falar disso, ou como Eve disse; era tolerada pelo povo, mas não exatamente desfrutava da sua companhia. Era difícil para uma criança, mas Claire poderia compreendê-la. Miranda era uma mistura de negação e loucura definitiva, e mesmo em Morganville, ela ia ter um período difícil.

Não admira que ela defendeu o vampiro que se alimentava dela. Ele era provavelmente o único que realmente mostrou à ela qualquer tipo de afeto.

Claire parou para ajeitar os cobertores mais firmemente em torno da menina que tremia antes que ela corresse para a cozinha para fazer café e torradas. Enquanto o café passava, isso era solitário e básico, mas o sol se levantava e nenhum dos outros eram o que você pode chamar de pessoas matutinas.

Tinha momentos em que se inscrever para aulas cedo parecia uma péssima idéia.

Quando o telefone tocou, Claire quase teve um troço. Ela saltou para a extensão pendurada na parede na porta da cozinha e pegou antes do segundo toque acontecer. "Alô?"

Houve uma pausa na outra extremidade e, em seguida, a mãe dela disse, "Claire?"

"Mãe! Oi - o que está errado?"

"Por que deve ser alguma coisa errada? Porque não posso ligar porque eu só queria falar com minha filha?" Ah, ótimo. Agora, a mãe dela soava agitada e defensiva. "Eu sei que é cedo, mas eu queria apanhar com você antes que saísse para as aulas do dia."

Claire suspirou e se inclinou contra a parede, chutando futilmente o chão de linóleo.

"Ok. Como você e o pai estão? Tudo já está desembalado?"

"Bem," disse a mãe dela, em um tom tão falso que Claire queria ir embora, rápido.

"É apenas um ajuste - isso é tudo. Uma cidade pequena e tudo."

"Sim," concordou Claire calmamente. "É um ajuste." Ela não tinha idéia do que a mãe e pai sabiam sobre Morganville agora, mas eles tinham de estar recebendo algum tipo de - do que eles chamavam? Orientação? Morganville não era nada eficiente quanto a isso, ela suspeitava. "Você conheceu - algumas pessoas?"

"Nós fomos para uma agradável festa de boas-vindas na cidade," Mãe disse. "Sr. Bishop e a filha dele nos levou."

Claire teve de morder seu lábio para segurar um gemido. Bishop? E Amelie? Oh Deus.

"O que aconteceu?"

"Nada, realmente. Era um coquetel. Hors d'oeuvres* e bebidas, um pouco de conversa. Houve uma apresentação sobre a história de - de" Com chocantes fungadas, a mãe de Claire começou a chorar. "Eu juro, não sabíamos, nós não sabíamos - ou não teríamos enviado para este terrível lugar, oh, querida-"

*Comida de coquetel

Claire mal conseguia engolir devido ao caroço na garganta. "Não chore, mãe. Está tudo ok. Tudo vai ficar bem agora." Ela estava mentindo, mas ela tinha que fazer. O som da mãe dela se quebrando em lágrimas era muito difícil. "Olha, você conheceu Amelie, né?"

Fungadas na outra extremidade. "Sim, ela parecia legal."

Legal não era como Claire queria colocá-la. "Bem, Amélie é a mais poderosa pessoa em Morganville, e ela está definitivamente do nosso lado." Um exagero, mas era o melhor que ela poderia fazer para descrever a situação em termos simples. "Portanto, não há realmente nada para se preocupar, mãe. Eu trabalho para Amelie. Ela tem algumas responsabilidades para mim e para você, para certificar-se de que estamos seguros. Ok?"

"Ok." Era fraco e abafado, mas pelo menos era um acordo. "Eu estava tão preocupado com seu pai. Ele não parece bem, não bem em tudo. Eu queria que ele fosse ao hospital, mas ele disse que estava bem -"

Claire tinha um frio flashback de Miranda, que dizia, Por favor não me enviem para lá. Você não sabe o que eles fazem.... Ela falava sobre o hospital.

"Mas ele está bem?"

"Ele parece bem hoje." A mãe de Claire limpou seu nariz, e quando ela voltou ao telefone, ela pareceu mais clara e mais forte. "Sinto muito o que fizemos com você, querida. Eu não tinha idéia - que você estava nessa situação e nunca nos disse uma palavra sobre - essa situação." Traduzindo, os vampiros.

"Bem, para ser honesto, eu não achei que você acreditaria em mim," disse Claire. "E fora da cidade as chamadas são monitoradas. Disseram isso, né?"

"Sim, eles falaram. Então você estava nos protegendo." Sua mãe riu freneticamente. "Pais supostamente devem proteger os seus filhos, Claire. Fizemos uma grande mudança de trabalho por isso, não fizemos? Nós realmente pensamos que seria muito mais seguro para você aqui do que em Massachusetts ou Califórnia por conta própria..."

"Está tudo ok. Vou chegar lá um dia."

Elas mudaram a conversa para as coisas mais fáceis - coisas a desempacotar, para o vaso que tinha quebrado durante a mudança ("Honestamente, eu odiava qualquer coisa que sua tia - nos deu no Natal daquele ano, lembra?"), A forma como Claire pretendia passar seu dia. No final, a mãe parecia mais ou menos estável, e o café de Claire estava muito frio. Tinha apenas a torrada.

"Claire," Mãe disse. "Sobre sair da casa -"

"Eu não estou saindo," disse Claire. "Sinto muito, mamãe. Eu sei que vai perturbar o pai, mas estes são meus amigos, e é aqui que eu pertenço. Eu fico."

Houve um breve silêncio do outro lado e, em seguida, a mãe dela disse, muito suavemente, "Estou tão orgulhosa de você."

Ela desligou com um suave clique. Claire ficou por um momento, com lágrimas nos olhos, e então disse ao silêncio, "eu te amo."

E então ela pegou seu material e foi para a aula.

OITO

Os dias passaram, e para varias, não houve futuras emergências. Vida normal – ou o que se passava por isso, pelo menos – se assentou. Claire foi para as aulas, Eve foi trabalhar, Michael ensinava nas suas aulas de violão – ele era muito mais requisitado desde o concerto na Common Grounds – e Shane... Shane era preguiçoso, na verdade Claire achou que ele parecia preocupado.

Finalmente caiu a ficha dela, ele estava pensando sobre sábado, e o convite. E que ele não queria falar disso com ela.

“Então o que eu deveria fazer?” ela perguntou a Eve. “Quero dizer, ele não pode só dizer que está doente para ir para festa ou algo assim?”

“Você tá brincando,” Eve disse. “Você acha que eles iam cair nessa desculpa? Se você recebe um convite para algo assim, você vai. Fim de papo.”

“Mas –” Claire, que estava pegando os copos do armário enquanto Eve colocava os pratos, quase derrubou tudo. “Mas isso significa que aquela bizarra vad - ”

“Linguagem, mocinha.”

“ - bruxa vai fazer ele ir com ela!” Isso a deixava furiosa, e não totalmente devido ao quão chateado Shane tinha estado antes. Era a idéia de Shane ter que fazer isso. De Ysandre colocar aqueles magros e pálidos dedos no peito dele, sentir o batimento cardíaco dele.

Shane não disse uma palavra para ela sobre isso. Nem uma única palavra. E ela não sabia como ajudar.

Eve a encarou pensativa por alguns segundos antes de dizer, “Bem, ela não é a única que vai, é claro. Shane não ficará por conta própria.”

“O que?”

“Michael também vai. Eu conheci o convite quando ele chegou. Mas não abri.”

Ainda sim, Eve tinha completa razão em esperar que Michael pelo menos a convidasse para ir com ele. Claire, por outro lado, estava completamente excluída.

O que a deixou irracionalmente raivosa de novo, e dessa vez por ela mesma. Você está com ciúmes, ela percebeu. Porque você não quer que ele vá a lugar nenhum sem você.

Ela não queria ser essa pessoa, mas ali estava. E ela não fazia idéia do que fazer sobre isso.

Quando ela colocou o copo de coca de Shane na frente dele, ela o fez com provavelmente um pouco de ênfase demais; ele olhou para ela com uma expressão interrogativa. Eve já tinha sentado na cadeira do outro lado da mesa. Michael não estava em casa, mas Eve não parecia incomodada com

isso dessa vez. Talvez ele tivesse dito a ela onde ia.

Bom saber que alguém estava falando, Claire pensou.

“O que?” Shane perguntou a ela, e tomou um gole. “Eu esqueci de dizer obrigado? Porque, obrigado. A melhor coca que já tomei. Você mesma fez? Receita especial?”

“Tem algum plano para sábado a noite?” ela perguntou. “Eu estava pensando que talvez pudéssemos ir ao cinema, ou – ”

Muito transparente. Shane sabia instantaneamente, e Eve se afogou com sua lasanha de microondas. O silêncio se esticou. Claire remexeu na comida, só para ter algo para fazer.

“Não posso,” Shane finalmente disse. “Eu acho que você sabe porque.”

“Você vai aquele baile,” Claire disse. “Com a – amiga de Bishop.”

“Eu não tenho exatamente uma escolha.”

“Tem certeza sobre isso?”

“É claro que tenho certeza – porque estamos falando sobre isso exatamente?”

“Porque –” Ela enfiou o garfo na lasanha tão profundamente que arranhou o prato. “Porque Michael vai. E eu acho que Eve, também. E o que eu deveria fazer, exatamente?”

“Você está brincando. Você está drogada? Porque eu acho que você acabou de insinuar que você quer ir ao assustador negocio dos vampiros. O que, por sinal, eu não quero ir.”

Claire tentou não olhar de forma furiosa. “Eu achei que você odiava ela. Ysandre. Mas você vai com ela.”

“Eu odeio. E eu vou.” Shane enfiou comida na boca, uma desculpa fraca para acabar a conversa, ou pelo menos a evitar.

Eve limpou a garganta. “Talvez eu devesse, eu não sei, sair? Porque isso está começando a soar como um daqueles reality shows que eu não quero estar. Talvez vocês queiram se revezar na cabine de confissão.”

Shane e Claire a ignoraram. “Eu não te disse porque não tem nada que você possa fazer,” Shane disse. “Não tem nada que ninguém possa fazer.”

“Pare de falar com a boca cheia.”

“Cara, você perguntou!”

“Eu –” Claire sentiu uma repentina queimação de lágrimas nos olhos. “Eu só queria que você falasse comigo, só isso. Mas eu acho que nem isso você pode fazer.”

Ela pegou a intocada lasanha e a bebida e as levou para o quarto. Era a

vez dela surtar, bater a porta, e ficar aborrecida, e droga, ela ia fazer isso bem.

As lágrimas saíram no segundo que a porta fechou, ela pôs tudo na escrivaninha, e caiu chorando no canto. Ela não chorava assim a muito tempo, não por algo tão idiota, mas ela só não podia – não conseguia – houve uma batida na porta. “Claire?”

“Vá embora, Shane.” O coração dela não estava nisso, e ele deve ter ouvido isso. Ele abriu a porta. Ela meio que esperava que ele corresse até ela e desse um enorme abraço, mas ao invés disso Shane só... ficou parado ali. Parecendo uma mistura de irritação e confusão.

“Porque isso é sobre você?” ele perguntou a ela. Era uma pergunta perfeitamente razoável, tão lógica que fez ela ofegar e chorar ainda mais. “Eu tenho que ir vestido com uma roupa idiota. Eu tenho que fingir que não quero enfiar uma estaca no coração daquela vadia. Você não precisa.”

“Mas você vai! Porque você vai? Você – eu achei que você odiasse ela –”

“Porque ela disse que vai matar você se eu não aparecer. E porque eu sei que não é só uma ameaça. Ela faria. Feliz agora?”

Ele fechou a porta quietamente. Claire não conseguia recuperar o fôlego. A dor no peito dela parecia estar sufocando ela, como se cada batida do coração pudesse ser a última. Ela se ouviu fazer um som, mas ela não sabia dizer se era lágrimas ou raiva ou angústia.

Eventualmente, as lágrimas pararam, e Claire limpou os rastros molhados das bochechas dela. Ela se sentia dolorida, sozinha, e culpada de tudo. O jantar dela não parecia bom, e tudo o que ela queria fazer essa se esconder nos cobertores e abraçar o maior animal de pelúcia que ela pudesse encontrar.

Mas ela não podia fazer isso.

Quando ela abriu a porta, ela encontrou Shane sentado do lado de fora, costas contra a parede. Ele olhou para cima para ela.

“Acabou?” ele perguntou. Os olhos dele estavam vermelhos também. Não exatamente de lágrimas, mas – algo. “Porque não é como se o chão fosse realmente confortável.”

Ela afundou perto dele. Ele pôs os braços ao redor dela, e a cabeça dela afundou contra o peito dele. Tinha algo tão suave sobre a carícia dos dedos dele no cabelo dela, o suave ritmo da respiração dele. A segurança do sólido calor dele perto dela.

“Não deixe ela machucar você.” Ela sussurrou. “Deus, Shane –”

“Não se preocupe. Michael estará lá, e eu tenho certeza que ele vai se meter se ela tentar. Mas eu quero que você fique segura. Promete que enquanto eu estiver fora, você vai ficar com seus pais ou algo assim. “Não –” porque ela já estava tentando protestar. “Não, me prometa. Eu preciso saber que você vai estar bem.”

Ela acenou, ainda miserável. "Eu prometo," ela disse, e respirou fundo para soltar tudo. "Então que fantasia idiota você vai usar?"

"Não pergunte."

"Envolve couro?"

"Yeah, na verdade, eu acho que envolve." Ele soava como se temesse essa possibilidade. Ela conseguiu sorrir, apesar de tudo.

"Mal posso esperar."

Shane bateu a cabeça contra a parede. "Garotas."

A próxima visita dela ao laboratório de Myrnin trouxe uma surpresa. Quando ela desceu os degraus, ela viu o brilho de lâmpadas, e o primeiro pensamento dela foi, Oh Deus, ele saiu da cela. O segundo foi que era melhor preparar a arma de dardos, e ela estava abrindo a mochila para pegar quando ela viu que não era Myrnin.

O super lotado e mal iluminado laboratório - que era mais como um depósito de equipamentos velhos, na verdade - tinha uma cadeira e uma lâmpada para leitura. Sentado na cadeira, virando as páginas de jornais antigos e frágeis, estava ninguém menos que Oliver.

Claire colocou a mão na arma de dardos, só por precaução, embora ela não tivesse certeza do que uma dose de antídoto faria nessa situação.

"Oh, relaxe, não vou atacar você, Claire," Oliver disse com uma voz entediada. Ele nem olhou para cima. "Além do mais estamos no mesmo lado, esses dias. Ou você não ficou sabendo?"

Ela desceu os degraus que faltavam devagar. "Eu acho que não. Houve um memorando?" Claro, ele veio correndo quando Eve ligou sobre Bishop, mas isso não necessariamente o colocava na categoria de aliados no livro de Claire.

"Quando alguém de fora ameaça a comunidade, a comunidade se junta contra o estrangeiro. É uma regra tão velha quanto o sistema tribal. Você e eu estamos na mesma comunidade, e temos um inimigo em comum."

"Sr. Bishop."

Oliver olhou para cima, marcando a página do jornal com um dedo. "Você tem perguntas, eu assumo. Eu teria, no seu lugar."

"Está bem. A quanto tempo você o conhece?"

"Eu não conheço ele. Eu duvido que alguém que conheça ainda esteja vivo hoje."

Claire colocou uma cadeira na frente dele. "Mas você o encontrou."

"Sim."

"Quando você o encontrou, então?"

Oliver inclinou a cabeça, olhos estreitos, e ela lembrou como uma vez ela tinha achado que ele era legal, só uma pessoa normal. Nem tanto agora.

Nem uma pessoa também.

"Eu o encontrei na Grécia," ele disse. "Um tempo atrás. Eu não acho que as circunstâncias vão ser particularmente esclarecedoras para você. Ou reconfortantes, pensando bem."

"Você tentou matar ele?"

"Eu?" Oliver sorriu devagar. "Não."

"Amelie tentou?"

Ele não respondeu, mas continuou a sorrir. O silêncio continuou até ela querer gritar, mas ela sabia que ele queria que ela tagarelasse.

Ela não tagarelou.

"Os assuntos de Amelie não são seus," Oliver disse. "Eu assumo que você tem ouvido o papo de Myrnin. Eu confesso, eu acho fascinante ele ainda estar conosco. Eu achei que ele tinha morrido e desaparecido, muito tempo atrás."

"Como Bishop?"

"Ele está bem louco, sabe. Myrnin. E ele é assim desde que eu me lembro, embora certamente tenha ficado pior recentemente." Os olhos de Oliver tomaram um jeito de despedida. "Ele adorava a caça, mas ele ficava pateticamente chorando depois. Não me surpreende que ele queira culpar a própria fraqueza com um tipo de - doença mítica. Algumas pessoas simplesmente não foram feitas para essa vida."

De todas as coisas que Claire esperava, essa a pegou de guarda baixa.

"Você não acredita que exista uma doença?"

"Eu não acredito que porque Myrnin e alguns outros estão - defeituosos - que isso significa que todos vamos decair, não."

"Mas - você não pode, um -"

"Reproduzir?" Oliver disse sem emoção. "Talvez a gente não deseje fazer isso."

"Você tentou transformar Michael."

Oh, ela não deveria ter dito isso, ela realmente não devia; O rosto de Oliver ficou tenso, e ela viu o crânio por debaixo daquela lisa e pálida pele. Um brilho de vermelho passou pelos olhos dele. "Assim diz o Michael."

"Assim diz Amelie. Você queria – você queria sua própria base de poder aqui. Seus próprios convertidos. Mas você não conseguiu fazer. Isso te surpreendeu, não foi? Porque de repente você não – foi capaz."

"Criança." Oliver disse, "você deve pensar com cuidado sobre a próxima coisa que você disser para mim. Muito, muito cuidado."

Se seguiu outro longo silêncio, e dessa vez Claire não desviou o olhar. Ela pegou uma invisível bandagem na mochila. "Eu deveria ir trabalhar," ela disse. "E você não deveria estar aqui sem Amelie saber."

"Como você sabe que ela não sabe?"

"Haveria outra pessoa aqui observando você se ela soubesse," Claire disse, e recebeu um pequeno e frio sorriso como resposta.

"Garota inteligente. Sim, muito bem. Você vai me mandar sair?"

"Eu acho que não posso mandar nada para você, Oliver, mas se você quer que eu ligue para Amelie –" Ela pegou o celular, o abriu, e passou pela agenda telefônica.

Oliver pensou em matar ela. Ela viu a idéia passar pelo rosto dele, simples como o amanhecer do sol, e ela quase discou o número por reflexo.

Então sumiu, e ele estava sorrindo, e ele levantou e deu um aceno. "Não tem porque incomodar a Fundadora com tamanha bobagem," ele disse. "Vou sair. Só tem uma quantidade ridícula de notícias que uma pessoa pode ler, mesmo."

Ele soltou o jornal em uma pilha perto da cadeira e se afastou, movendo com uma graça sem esforço ao redor das pilhas de livros e barreiras dos moveis. Ele não pareceu se mover rapidamente, mas antes dela piscar, ele sumiu, uma sombra nos degraus.

Claire soltou um suspiro abalado, pegou a arma de dardos da mochila, e foi ver Myrnin.

"Magnífico," Myrnin disse, olhando as mãos. Ele as flexionou para que ficassem em punhos, as virou, e estendeu os dedos. "Eu não me sinto bem assim em – bem, anos. Eu tinha dormência nas mãos – sabia?"

Era um sintoma que Myrnin tinha esquecido de mencionar, e Claire escreveu no caderno. Ela tinha iniciado o relógio – uma nova adição ao laboratório, um que ela encomendou pela internet – na parede, e os números vermelhos lembravam os dois que Myrnin tinha o máximo de cinco horas de sanidade com a formula atual.

Myrnin seguiu o olhar dela para o relógio, e a excitação na expressão dele sumiu. Ele ainda parecia um jovem, a não ser pelos olhos; era assustador pensar que ele parecia exatamente do mesmo jeito gerações antes dela nascer, e iria parecer assim muito depois dela morrer. Ele amava a caça, Oliver tinha dito. Só havia um tipo de caça para vampiros. Caça de gente. Ele sorriu para ela, e era o sorriso que a tinha

conquistado – doce, gentil, convidando ela a partilhar maravilhosos segredos. “Obrigado pelo relógio, Claire. É uma grande ajuda. Tem alarme junto”?

“Começa a fazer um barulho quinze minutos antes do contador chegar a zero,” ela disse. “E tem barulho a cada hora que passa também.”

“Muito útil. Bem, então. Agora que eu tenho o uso dos meus dedos – o que devemos fazer?”

Myrnin balançou as sobrancelhas sugestivamente, o que foi engraçado, vindo dele. Não que ele não fosse fofo – ele era – mas Claire não conseguia imaginar achar ele sexy.

Ela se perguntou se isso iria magoar os sentimentos dele.

“Que tal se começarmos a colocar na estante alguns desses livros?” ela disse. Estava ficando uma algazarra: ela tropeçou nas pilhas mais de uma vez mesmo quando não era uma emergência. Myrnin, no entanto, fez uma cara.

“Eu só tenho algumas horas de lucidez, Claire. Arrumar a casa parece algo pobre para passar o tempo.”

“Muito bem, o que quer fazer?”

“Eu acho que fizemos um incrível progresso com essa última fórmula,” ele disse “Porque não ver se podemos destilar ainda mais a essência? Esticar os efeitos?”

“Eu acho que é melhor fazer algumas análises químicas com o que acontece com o seu sangue antes de fazer isso.”

Antes dela conseguir parar ele, ele passou por cima da mesa, pegou uma enferrujada faca, e cortou o braço. Ela estava abrindo a boca para gritar quando ele pegou um béquer limpo da mesa e pegou o sangue. A ferida curou antes dele perder mais do que algumas colheres de chá.

“Tem jeitos - mais fáceis de fazer isso,” ela disse fracamente. Myrnin entregou o béquer para ela. O sangue parecia mais escuro do que sangue de humano normal, e mais grosso, mas ela supôs que seria assim – ele não era tão quente. Ela tentou não pensar em todas aquelas pessoas doando sangue, mas ela não conseguiu evitar. O sangue de Shane ia acabar nas veias de Myrnin? E como isso funcionava, de qualquer forma?... os vampiros digerem o sangue, ou de alguma forma só passam ele para o sistema circulatório? O tipo sangüíneo importa? Fatores Rh conflitantes? E quanto a doenças no sangue, como malária, Ébola e AIDS?

Haviam muitas perguntas a se responder. Ela achava que o Dr. Millers estaria no paraíso com essa possibilidade.

“Dor não importa muito,” Myrnin disse, e abaixou a manga do pálido e sem marcas braço depois de limpar os rastros de sangue que ficaram. “Se aprende a ignorar, eventualmente.”

Claire duvidava disso, mas ela não discutiu. “Eu vou levar parte disso

para o hospital," ela disse. "O Dr. Mills queria uma amostra de sangue. Eles tem muitos equipamentos legais lá, ele pode nos dar informações detalhadas que podemos conseguir lá."

Myrnin deu nos ombros, claramente desinteressado com o Dr. Mills ou qualquer humano além de Claire. "Faça como quiser," ele disse. "Que tipo de equipamento?"

"Oh, todo tipo. Espectrômetros, análises de sangue – você sabe."

"A gente devia pegar essas coisas."

"Porque?"

"Como podemos operar como deveríamos se não tivermos os equipamentos mais atuais?"

Claire piscou para ele. "Myrnin, você não tem exatamente espaço aqui. E eu não acho que você maluco vai nos deixar te plugar num eletroscópio elétrico. Não é assim que os cientistas trabalhar mais, de qualquer forma. O equipamento é muito caro, muito delicado. Os maiores hospitais e universidades o compram. Nós só alugamos tempo."

Myrnin parecia surpreso, e então pensativo. "Alugam tempo? Mas como você pode marcar algo assim quando você não sabe o que está procurando ou quanto tempo vai levar?"

"Você tem que aprender a marcar suas epifânia. E ser paciente."

Isso fez ele rir. "Claire, eu sou um vampiro. Não somos conhecidos pela paciência, sabe. O seu Dr. Mills – talvez devêssemos visitar ele. Eu gostaria de conhecer ele."

"Ele – provavelmente gostaria de te conhecer também,' ela disse devagar. Ela não tinha certeza do que Amelie ia achar disso, mas ela sabia que Myrnin iria fazer o que quisesse ela querendo ou não. "Da próxima vez, ok?"

Os dois olharam para o relógio. "Sim," Myrnin disse. "Da próxima vez. Ah! Eu queria te perguntar. O que você ficou sabendo sobre Bishop e o banquete de boas vindas?"

"Não muito. Eu acho que Michael e Eve vão. Shane – Shane diz que tem que ir."

"Com Ysandre?"

Claire acenou. Myrnin virou para longe dela, e passou por uma pilha e livros com entusiasmo, e depois outra. Ele deu a ela um choro de deleite e passou pela pilha de volumes para pegar um que, aos olhos de Claire, parecia como qualquer outro.

Ele o jogou para ela. Claire conseguiu agarrar antes de bater no peito dela.

"Ow!" ela reclamou. "Não com tanta força, por favor.'

"Desculpe." Ele não sentia na verdade. Havia um subversivo e negra tendência nele hoje. "O que é, de qualquer forma?"

Myrnin voltou para o lado dela, pegou o livro, abriu, e virou as páginas. Ele parou perto da metade e entregou para ela.

"Ysandre," ele disse.

O livro estava escrito em inglês, mas era do século 18, e não era fácil de se entender, considerando o estado das páginas.

Ela era de uma beleza tão rara e malévola que o avô dela ficou fascinado pela vista deslumbrante, e a confundiu com um anjo que Deus tinha mandado para consolar ele no leito de morte. As linhas puras do perfil dela, os lindos olhos pretos líquidos, as nobres sobrancelhas, o cabelo brilhante como asas de corvos, a boca delicada, todo o efeito do lindo rosto na mente daqueles que a contemplavam era que havia uma profunda melancolia e doçura, impresso uma vez e para sempre nela. Alta e delgada, mas sem a excessiva finura de alguma garota jovem, os movimentos dela tinham uma graça que lembrava o balanço das flores com o vento.

"Oh," Claire disse, surpresa. Essa era Ysandre; ele tinha razão. "Ela era -"

"Uma assassina muito famosa. Ela ajudou o marido e primos matarem um rei logo depois da morte do avô dela. Ela foi enforcada, no final, mas isso foi depois dela virar vampiro. Teve sorte."

O livro continha uma nojenta descrição do assassinato do rei, e de vários outros. Claire tremeu e fechou o livro. "Porque você me mostrou isso?"

"Eu não quero que você faça o que o avô dela fez - subestimar ela porque ela tem a aparência de um anjo. Ysandre destruiu mais vidas do que você pode começar a imaginar, começando com a dela mesma." Os olhos de Myrnin eram escuros, e muito muito sérios. "Se ela quer Shane, deixe ela ter. Ela vai terminar com ele rápido. Amelie não vai deixar ela o matar."

"Eu acho que ela quer outras coisas," Claire disse.

"Ah. Sexual então. Ou uma versão disso. Ysandre sempre foi um pouco - estranha."

"Como eu impeço ela?"

Myrnin balançou a cabeça devagar. "Desculpe. Não posso te ajudar. Minha única sugestão - que eu tenho certeza que você não vai gostar - é deixar ele lidar com isso do próprio jeito. Ela vai deixar ele vivo, e praticamente intacto, a não ser que ele resista a ela."

"Você tem razão. Eu não gosto."

"Reclame para o gerente, minha querida." O acesso de seriedade dele passou, como uma nuvem no sol. "Que tal um jogo de xadrez então?"

"Que tal eu só analisar o seu sangue, porque você só tem mais alguns minutos antes de ter que te colocar de volta no seu, hum, quarto?"

"Cela," ele corrigiu. "Está perfeitamente ok em dizer. E você trabalha demais para alguém tão jovem."

Ela trabalhava demais, Claire pensou em frustração, porque alguém precisava. Myrnin certamente não trabalhava.

Na quinta, o baile de máscaras que estava por vir era a agitação de Morganville. Claire não conseguia evitar ouvir sobre isso. Na cafeteria da universidade, isso era inevitável; pessoas dizem as coisas mais estranhas em privadas em público, como se houvesse uma invisível privacidade ao redor deles. Ela ouvia demais sobre os colegas e suas aventuras sexuais nas últimas semanas; aparentemente, era meia estação, agora que todo mundo estava com o semestre garantido. Garotas avaliavam os caras. Caras avaliavam as garotas. Os dois queriam o que não podiam ter, ou tinham o que não queriam de verdade.

Mas enquanto Claire bebia seu café e escrevia a redação sobre mecânica, calor, e campos – o que não tinha a ver com lojas de carros, tempo, ou fazenda – ela ouviu algo que fez a caneta dela parar na folha.

"– convite," alguém estava dizendo. O alguém estava sentado atrás dela. "Dá pra acreditar! Meu Deus, eu realmente recebi um! Eles dizem que só tem 300 convites sendo enviados, sabe. Vai ser realmente incrível. Eu estava pensando em ir como Maria Antonieta – o que você acha?" Isso tinha que ser sobre o baile de máscaras. Claire se mexeu na cadeira. Isso não ajudou – ela ainda não conseguia ver quem estava falando.

"Bem, eu acho que alguém pode ter a conhecido, naquela época," a outra garota disse. "Então talvez você queira ir com algo seguro, como a mulher gato. Não haverá nenhuma outra Mulher gato."

"Mulher gato é bom," a primeira garota concordou. "Couro apertado nunca sai de moda. Eu pareceria totalmente gostosa como Mulher Gato."

Claire derrubou café, mais ou menos deliberadamente, e deu um pulo para pegar guardanapos no distribuidor público no balcão. Quando voltou, ela viu quem eram as duas que estavam conversando.

Gina e Jennifer, as sempre presentes amigas de Mônica. Só que, dessa vez, Mônica não estava a vista. Interessante.

Jennifer olhou para ela. "O que você está olhando, klutz?"

"Absolutamente nada," Claire disse impassiva. Ela não tinha medo delas, e nem de ninguém. "Eu não iria como Mulher Gato. Não com essas coxas."

"Oh, mee-yow."

Ela juntou os livros e o café, e foi para a mesa mais perto do bar. Eve estava trabalhando. Ela parecia animada hoje, olhos brilhantes e

sorrindo; ela estava usando vermelho, e era uma cor boa para ela; Gótico, mas um pouco alegre. Ela ainda sofria pelo pai dela – Claire viu em momentos estranhos, quando ela achava que ninguém estava olhando – mas Eve se recompôs, e estava se segurando apesar de todas as probabilidades.

Ela teve uma folga com a fila do café, e deu a colega de trabalho um sinal de cinco – cinco minutos de folga, Claire adivinhou enquanto Eve tirava seu avental e se abaixava debaixo do bar para sentar na cadeira do lado oposto a ela.

“Então,” ela disse, “Eu ouvi de Billy Harrison que o pai dele recebeu um convite para esse negocio do baile, da Tâmara – a vampira que é dona de todos aqueles armazéns do lado norte, e comanda o jornal? E ele disse que todos os vampiros da cidade vão, e estão levando humanos com eles – eu não sei, como encontros? Isso é estranho, certo? Todos eles levarem humanos?”

“Nunca aconteceu antes?”

“Não que eu saiba,” Eve disse. “Eu perguntei, mas ninguém viu nada assim. Esse é o evento do ano.” O sorriso dela diminuiu levemente. “Eu acho que Michael esqueceu de mandar o meu. Meu convite. Eu deveria lembrar ele.”

Claire sentiu um nó se apertar dentro dela. “Ele não te convidou?”

“Ele via.”

“Mas... é no dia depois de amanhã, não é?”

“Ele vai. Além do mais, não é como se eu tivesse que ir com alguma elaborada fantasia. Você viu minhas roupas? Metade do que eu uso se qualifica como fantasia.”

Eve olhou para ela, e então para baixo. “Você?”

“Ninguém vai me convidar para ir.” Yeah, a amargura estava na voz dela. Claire não podia impedir. “Você sabe com quem Shane vai.”

“Não é culpa dele. É dela. Ysandre.” Eve fez uma cara. “Que tipo de nome é esse afinal?”

“Francês. Myrnin me deu um livro sobre ela,” Claire disse. “Eu sabia que ela era perigosa, mas honestamente, ela é pior do que eu achava. No início ela só tentava passar, mas ela era uma jogadora de verdade, na época em que política era guerra.”

“E quanto ao cara? François?” Eve virou os olhos quando disse o nome dele, fazendo a melhor pronuncia francês meia boca. “Ele acha que é mais quente que a superfície do sol. Quem ele vai levar?”

“Não faço idéia,” Claire disse. “Mas – não é um encontro, sabe. É –” Ela não fazia idéia do que era. “É outra coisa.”

“Parece um encontro para mim, vestimenta de encontro, é um encontro como

um encontro," Eve disse. "E eu pretendo ficar linda para o Michael e proteger ele do grande e malvado barreira social que espera agarrar o mais novo vampiro da cidade."

"Ele não é," Claire disse. "O mais novo. Não mais. Bishop e seus companheiros são mais novos que ele, pelo menos nos termos de novidade."

Eve franziu. "Yeah," ela disse. "Eu acho que isso é verdade."

Uma sombra cruzou a mesa delas, mas antes delas poderem olhar para cima, algo bateu a superfície da mesa entre elas, e ambas Claire e Eve involuntariamente se focaram naquilo. Era um dos convites cor de creme.

Elas olharam para cima. Mônica. Ela jogou o cabelo perfeito e loiro para trás dos ombros, ergueu as sobrancelhas, e deu a Eve um sorriso malvado devagar.

"Que pena," ela disse. "Eu acho que seu namorado gostosinho sabe onde o pão social dele é assado, afinal de contas."

Os olhos de Eve se alargaram. Ela virou o convite e o leu, mas mesmo de cabeça para baixo, Claire viu a evidencia incriminadora.

Você foi convocado a atender ao baile de máscara e banquete para celebrar a chegada do Ancião Bishop, no sábado 20 de outubro, no Conselho dos Anciões a meia noite.

Você irá estar presente devido ao convite de Michael Glass, e é requerido que você o acompanhe ao prazer dele.

O nome pulou para ela como um ataque de presas surpreso. Michael Glass. Michael tinha convidado Mônica.

Eve não disse mais nada. Ela empurrou o convite de volta para Mônica, levantou, e se abaixou por debaixo do balcão e colocou o avental de novo. Claire encarou ela, abatida. Ela podia ver a angustia nos movimentos a amiga, mas não o rosto. Eve estava se mantendo cuidadosamente virada, e mesmo quando ela foi para máquina de espesso de novo para servir doses, ela ficou olhando para baixo, escondendo sua dor. O choque de Claire se transformou em raiva. "Você é uma vadia completa, sabia disso?" ela disse. Mônica ergueu uma perfeita sobrancelha. "Você não precisava fazer isso."

"Não é minha culpa se vocês não conseguem segurar seus homens. Eu ouvi que Shane é o brinquedinho de Ysandre. Que pena. Eu aposto que você nunca nem o pegou entre os lençóis, pegou? Ou espera... talvez você tenha pego. Porque eu aposto que foi isso que fez ele ir para cama de outra."

Claire fantasiou por alguns segundos sobre jogar o livro de física direto no sorriso cheio de gloss de Mônica. Ela encarou, ao invés disso, lembrando o quão efetivo tinha sido o período de silêncio gelado que Oliver tinha dado. Mônica finalmente deu nos ombros, pegou o convite, e o enfiou no bolso do casaco de couro

"Eu diria "te vejo mais tarde," mas provavelmente não vou," Mônica

disse. "Eu acho que você pode fazer sua própria festa de Perdedor sábado, com doses especiais de cianeto ou algo assim. Aproveite." Ela se juntou a Gina e Jennifer, e as três garotas se afastaram, virando as cabeças. As douradas, garotas afortunadas, juntas e malhadas e perfeitas.

Rindo.

Claire percebeu que estava com as mãos em punhos, se forçou a relaxar e respirar, e pegou a caneta de novo. Os detalhes da redação estavam sumindo, porque tudo que ela podia ver era Mônica se exibindo ao lado de Michael, esfregando o rosto de Eve em humilhação. E mesmo quando ela conseguiu ver além disso, havia Ysandre, e Shane, e isso doía ainda mais.

"Porque?" ela sussurrou. "Michael, porque você faria isso com ela?" Eles brigaram ou algo assim? Eve não parecia achar isso. Ela agia como se tivesse vindo como uma bomba do céu azul.

Com o sentimento de que ela estava cometendo um terrível erro, ela discou o primeiro número da agenda do celular dela.

"Sim, Claire," Amelie disse.

"Eu preciso falar com você. Sobre esse negócio de baile de máscaras. O que está acontecendo?"

Por alguns segundos Claire tinha certeza que Amelie ia desligar, mas então a vampira disse, "Sim, eu suponho que devemos falar sobre isso. Eu te encontro no andar de cima da sua casa. Você sabe onde."

Ela se referia ao quarto escondido. "Quando?"

"Eu estou, é claro, a sua conveniência," Amelie disse, o que era um frio invernal de mentira. "Uma hora é o bastante?"

"Estarei lá," Claire disse. As mãos dela estavam tremendo, pequenos tremores que eram um sinal de terremoto interior. "Obrigado."

"Oh, não me agradeça, criança," Amelie disse. "Eu imagino que você vai achar tudo o que eu tenho a dizer nada reconfortante para você."

A casa estava vazia quando Claire chegou lá. Ela checkou cada quarto, incluindo a lavanderia no porão, para ter absoluta certeza. Eve ainda estava trabalhando; Michael ainda tava na loja de música. Shane - ela não fazia ideia de onde Shane estava, a não ser que a casa estava livre de Shane.

Claire pressionou o botão escondido no corredor do segundo andar, e o painel se abriu com os degraus empoeirados levando ao quarto escondido. Ela fechou a abertura atrás dela e subiu, se sentindo enjoada e mais isolada a cada degrau.

No topo, cor se espalhava pelas paredes; Lâmpadas vitorianas, todas de tom de jóias e com uma luz pálida. Não havia janelas nem saída dali. Só alguns moveis empoeirados, e Amelie.

E os guarda costas dela, é claro. Amelie dificilmente ia a qualquer lugar sem pelo menos um. Havia dois dessa vez, nos cantos. Um deles acenou para Claire. Ela estava acenando para os assustadores guarda costas. Ótimo. Ela realmente estava se mexendo na escala social de Morganville.

"Senhora," Claire disse, e ficou de pé. Amelie estava sentada, mas ela não parecia estar no humor de alimentar a fantasia de que Claire era igual a ela. Era difícil determinar como Amelie estava se sentindo, mas Claire tinha certeza que dessa vez ela se qualificava como impaciente, com uma possível evolução para irritada.

"Eu tenho pouquíssimo tempo para alisar suas penas enrugadas," Amelie disse. Ela se remexeu um pouco, o que foi surpreendente; Amelie normalmente era muito dura, muito composta. Isso era quase inquietante. Tinha mais uma coisa estranha sobre ela hoje - a cor do terno dela. Ainda era muito clássico e com um lindo corte, mas era em um cinza escuro, muito mais escuro do que Amelie normalmente preferia. Ele transformava os olhos dela na cor de nuvens de tempestade. "Ainda sim você fez mais do que eu pedi com Myrnin. Estou inclinada a perdoar sua impaciência, se você entender que é uma indulgência da minha parte. Não um direito seu."

"Eu entendo," Claire disse. "Eu só - esse baile de máscaras. Myrnin o chamou de banquete de boas vindas. Ele agiu como se tivesse algo importante a ver com o Sr. Bishop."

Os olhos de Amelie, que normalmente a encaravam com foco impessoal, de repente se afiaram. "Você falou com Myrnin sobre a chegada de Bishop?"

"Bem - ele me perguntou o que estava acontecendo na cidade, e -" Claire parou, porque Amelie de repente estava de pé. E os guarda costas delas tinham saído do canto e estavam muito próximos, próximos o bastante para machucar. "Você não disse que eu não podia!"

"Eu te disse para ficar fora dos meus assuntos!" Algo pálido e faminto brilhou nos olhos dela, tão assustador quanto era o Sr. Bishop. Amelie deliberadamente relaxou. "Muito bem. O mal está feito. O que Myrnin te disse?"

"Ele disse -" Claire molhou os lábios e olhou para os guarda costas se amontoado assustadoramente perto. Amelie ergueu uma sobrancelha e acenou, e Claire viu eles se afastarem. "Ele disse que vocês dois achavam que Bishop estava morto, então ele ficou surpreso por descobrir que ele veio a cidade. Ele disse que Bishop quer vingança. Contra você."

"O que ele te disse sobre o banquete?"

"Só que é parte de algum tipo de cerimônia de boas vindas para Bishop na cidade," Claire disse. "E que você não vai lutar com ele se você vai fazer esse banquete."

O sorriso de Amelie foi rápido e frio. "Myrnin sabe algo sobre o mundo e a política. Não, não vou lutar com ele. Não a não ser que eu precise. Ele te disse mais alguma coisa?"

"Não," Claire engoliu a coragem dela. "Ysandre vai levar Shane. E Michael – eu acabei de descobrir com quem ele vai, ele vai levar Mônica. Não Eve."

"Você imagina que eu tenho o menor interesse por saber com quem seus amigos arranjam seus casos românticos?"

"Não, é só que – eu quero que você me convide. Por favor. Todos os vampiros vão levar humanos. Porque você não me leva?"

Os olhos de Amelie se alargaram. Não muito, mas foi o bastante para Claire pensar que a tinha deixado bem surpresa. "Porque você possivelmente gostaria de ir?"

"Mônica disse que o evento social do ano," Claire disse. Ela não tinha certeza que uma piada era um bom jeito para responder; ela sabia que Amelie tinha senso de humor, mas ele era obscuro.

Hoje, ele aparentemente não existia.

"Muito bem, a verdade é que, estou preocupada com Michael e Shane. Eu só quero me certificar – me certificar que eles vão ficar bem."

"E como você vai assegurar isso, se eu não posso?" Amelie não esperou uma resposta, porque obviamente não havia uma. "Você quer observar o garoto para se certificar, que ele não caia nas garras de Ysandre. É isso?"

Claire engoliu e acenou. Isso não era tudo, mas era grande parte.

"É um desperdício de tempo. Não," Amelie disse. "Você não pode participar, Claire. Eu te digo isso, explicitamente, para que você entenda: Não posso te arriscar nisso. Você não ira a esse evento. Nem você nem Myrnin. Está claro?"

"Mas –"

A voz de Amelie se ergueu em um grito. "Está claro?" A fúria cortava como faca, e Claire ofegou e acenou. Ela queria dar um passo para trás contra o horrível brilho dos olhos de Amelie, mas ela sabia que seria uma péssima idéia. Ela esteve perto de Myrnin o bastante para entender que recuar é um sinal de fraqueza, e fraqueza engatilha o ataque.

Amelie continuou a encarar, fixamente e em silencio, e havia uma selvageria nela que Claire não conseguia entender.

"Mestra," disse um dos guarda costas. "Deveríamos ir." Ele fez soar como se eles tivessem que ir a algum lugar, mas Claire tinha o pressentimento que ele entrevir era algo deliberado. Providenciando a Amelie uma desculpa para se afastar.

"Sim," Amelie disse. Havia um tom duro na voz dela que Claire nunca tinha ouvido antes. "Por todos os meios, vamos acabar com isso. Você ouviu minhas palavras, Claire. Eu te aviso, não me teste com isso. Você é de valor para mim, mas você não é insubstituível, e você tem amigos e

família nessa cidade que são bem menos úteis.”

Não havia confundir isso com nada a não ser uma ameaça. Claire acenou devagar.

“Diga as palavras,” Amelie disse.

“Sim. Eu entendo.”

“Bom. Agora não me incomode de novo. Você pode ir.”

Claire se afastou em direção as escadas. Ela até desceu dois degraus de costas antes de virar e correr para descer o resto, e quando ela tava na metade do caminho, ela percebeu que o controle que abria a porta do lado de dentro ficava em cima, no sofá onde Amelie estava sentada.

Se Amelie não soltasse ela, ela não ia a lugar nenhum.

Claire chegou no fim da escada. A porta ainda estava fechada. Ela olhou para cima e viu sombras se mexendo, mas não ouviu nada.

As luzes se apagaram.

“Não,” ela sussurrou, e medo desceu como um balde de água gelada, da cabeça aos pés. A mão dela se estendeu cegamente para tocar a porta fechada. “Não, não faça isso - ”

Algo tinha mudado em Amelie. Ela não era a legal e remota rainha que ela era antes. Ela era mais - animal. Mais raivosa.

E Claire finalmente admitiu para si mesma: Amelie estava mais faminta.

“Por favor,” ela disse para o escuro. Ela sabia que haviam orelhas ouvindo. “Por favor de deixa sair agora.”

Ela ouviu um clique afiado, e a porta se moveu pelos dedos dela, balançando para dentro. Claire agarrou a ponta com as duas mãos e a abriu. Ela estava de repente no corredor, e quando ela olhou para trás, a porta estava se fechando.

Ela caiu contra a parede, tremendo.

Isso foi bem, ela pensou sarcasticamente. Ela queria gritar, mas ela tinha quase certeza que essa seria uma idéia muito, muito ruim.

Lá embaixo, a porta da frente se abriu e fechou, e Claire ouviu o barulho de passos pesados no chão.

“Eve?” Ela chamou.

“Yeah.” Eve soava exausta. “Indo.”

Ela parecia ainda pior do que ela soava. A roupa vermelha que a tinha caído tão bem nela antes parecia gritar agora, sobrepujando ela: ela parecia pronta para cair, e pelo estado da maquiagem dela, ela já tinha derramado muitas lágrimas.

"Oh," Claire disse. "Eve..."

Eve tentou sorrir, mas não tinha como. "Bem idiota ficar chateada por causa de Mônica, né? Mas eu acho que é por isso que dói tanto. Não é como se ele estivesse levando alguém pelo menos decente ou algo assim. Ele foi pego pela doença social."

Eve limpos os olhos com a mão. O delineador e o rímel tinham feito uma verdadeira confusão gótica, escorrendo grossamente pelas bochechas dela. "Não tente me dizer que ele recebeu ordens pra fazer isso. Eu não me importo se ele foi - ele podia ter me contado primeiro. E porque você não está discutindo comigo?"

"Porque você tem razão."

"Pode ter certeza que eu tenho razão." Eve chutou a porta do quarto dela, entrou, e se jogou de barriga pra baixo na cama preta. Claire ligou as luzes, que na maior parte consistiam em fracas luzes brancas de natal e uma lâmpada com uma manta vermelha em cima para fazer sombra. Eve gritou no travesseiro e o socou. Claire sentou no canto da cama.

"Eu vou matar ele," Eve disse, ou pelo menos foi isso soou filtrado pelo travesseiro. "Empalar ele bem no coração, enfiar um alho no traseiro dele, e - e"

"E o que?"

Michael estava parado na porta Claire pulou da cama alarmada, e Eve sentou com o travesseiro preso com as duas mãos. "Quando você chegou em casa?" Claire exigiu.

"Aparentemente em tempo de ouvir os planos para o meu funeral. Eu especialmente gosto do alho no traseiro. É... diferente."

"Yeah, bem, eu não terminei," Eve disse. Ela escorregou para fora das cobertas, soltou o travesseiro, e olhou o Michael com braços cruzados. "Eu também foi de empalar do lado de fora no sol, em cima de uma formiga vermelha*. E rir."

(*aquelas minúsculas que quando te mordem dói pra caramba)

"O que eu fiz?"

"O que você fez?" Eve olhou para ele furiosa o bastante para arrancar até o coração de um vampiro para fora do peito. "Você não pode estar falando serio."

Michael ficou muito duro, e Claire pensou que a expressão nos olhos dele eram a definição de pego na lata. "Mônica. Ela te contou."

"Duh. Porque ela iria perder a chance de esfregar na minha cara, seu perdedor? E falando nisso, Mônica? Você perdeu uma aposta ou algo assim? Porque essa é a única razão que eu posso pensar para você me humilhar desse jeito."

"Não," Michael disse. O olhar dele foi para Claire um inconfundível

apelo para ela sair. Ela não saiu. "Eu não posso explicar, Eve. Desculpe, eu só não posso. Mas não é o que - "

"Nem diga que não é o que parece, porque sempre é o que parece!" Eve se jogou para frente, empurrou o peito de Michael, e o fez dar um passo para trás, para fora do quarto dela. "Eu não posso falar com você agora. Fora! E fique fora!"

Ela bateu a porta e a trancou. Não, Claire refletiu, que uma fechadura fosse servir, considerando o quão forte Michael era. Mas ele provavelmente não iria sair arrombando as portas da própria casa, pelo menos.

"Eve, você tem que me ouvir. Por favor."

Eve se jogou de volta na cama, pegou o iPod da gaveta, e enfiou os fones no ouvido e apertou o botão de play. Claire podia ouvir o barulho do metal no quarto.

"Eve?"

Claire abriu a porta e olhou para Michael. "Eu não acho que ela esteja ouvindo," ela disse. "Você realmente fez porcária - você sabe disso, certo? Pelo menos Shane recebeu uma ordem para ir. Você escolheu, não foi?"

"Yeah," Michael concordou suavemente. "Eu escolhi. Mas você realmente não faz idéia de quais eram as escolhas, faz?"

Ela viu ele se afastar, entrar no quarto no fim do corredor, e fechar a porta.

Talvez ele tivesse razão. Talvez não fosse o que parecia. Não que Eve fosse ouvir. Claire ficou parada ali por um tempo, ouvindo o frio silêncio, e então balançou a cabeça e desceu.

Cachorros quentes de Chili não eram a mesma coisa se comidos sozinha.

Shane chegou em casa depois do escurecer, e no segundo que Claire o viu, ela sabia que algo estava errado. Ele parecia - distraído. Diferente.

E ele mal acenou para ela a passando da sala para a cozinha. Ela estava no sofá marcando os textos do livro de inglês, se perguntando pela centésima vez porque saber sobre as Irmãs Brontë era importante e assistindo um programa de culinária na TV.

"Hey," ela o chamou. "Eu deixei chili para você!"

Ele não respondeu. Claire tampou o marcador e foi para a porta da cozinha. Ela não a abriu, mas ela ficou parada ali ouvindo. Shane não estava fazendo os barulhos normais de um cara louco para jantar; na verdade, ele não estava fazendo barulho nenhum.

Claire estava debatendo se ela deveria volta a estudar quando ela ouviu a porta de trás da casa. Vozes, apressadas e abafadas. Ela abriu a porta só um pouquinho, e ouviu com mais atenção.

"Você tem sorte de não chamar a polícia," Shane estava dizendo. "Vá embora, cara."

"Eu não posso. Eu preciso falar com ela."

"Você não vai chegar perto de nenhuma das garotas, você me entendeu?"

"Eu não vou machucar ninguém!"

Ela conhecia aquela voz, ou ela achou que conhecia. Mas isso não podia estar certo, só não podia.

Shane não podia estar falando com o irmão de Eve, Jason, especialmente não na porta dos fundos. Ela tinha que estar imaginando coisas. Talvez fosse outra pessoa, alguém que só soava como Jason Rosser...

Claire abriu a porta o bastante para dar uma espiada

Não, aquele era o Jason. Não havia absolutamente nenhuma dúvida sobre isso. Ele estava usando a mesma manchada e nojenta jeans e jaqueta de couro. O cabelo dele estava lambido e até mais engordurado do que da última vez que ela tinha visto ele, e ele parecia pálido e doente.

"Anda, cara," ele disse. "Só me deixe falar com Claire. Se você me fizer ficar parado aqui no escuro, eu sou almoço."

"Bom saber."

Jason ergueu a mão para impedir Shane de fechar a porta. "Por favor, cara. Estou pedindo."

Shane hesitou. Claire não conseguia imaginar porque. Jason tinha perseguido Eve; ele matou - ou pelo menos disse que matou - garotas inocentes numa tentativa de fazer os vampiros escalar ele para o serviço. Ele deu um tiro em Shane.

Shane tentou acertar um taco nele antes, a voz da consciência de Claire disse. Ela disse para ela calar a boca. Jason tinha orquestrado a briga, ele provocou Shane, e foi só o fato deles terem tido uma ambulância que chegou lá rápido que salvou a vida de Shane.

Jason não parecia um assassino maluco agora. Ele parecia como um viciado faminto e assustado que estava assustado e fora de si. E desesperado.

Claire entrou na cozinha. O rosto de Jason se iluminou. "Claire! Claire, diga a ele - diga a ele que está tudo bem. Eu prometo, eu não vou machucar ninguém. Diga a ele que está tudo bem me deixar entrar para falar com você."

"Não está tudo ok," Claire disse. "Mas ele já sabe disso."

Shane acenou. Ele empurrou Jason para trás, fazendo ele perder o equilíbrio, para fora da varanda. Jason tropeçou e caiu de bunda. Ele olhou para Shane e levantou. "Claire, eu deveria te falar algo. Vindo do Oliver."

"Oliver não tem nada para falar que a gente queira ouvir, cara. Especialmente de você."

"Tem certeza sobre isso?"

Shane fez uma careta. "Absoluta. Boa sorte em sobreviver aí no escuro."

Shane começou a fechar a porta. Ele quase conseguiu antes de Jason dizer, "Bishop está fazendo uma armadilha. Ele pode de dizer quando e onde."

Claire pôs a mão no ombro de Shane, e ele manteve a porta aberta, só uma fresta. "Do que você está falando?"

"Me deixe entrar e eu te digo." Jason parecia desesperado o bastante para arranhar a pintura da porta. "Por favor, Claire. Eu juro, estou no nível aqui."

"Não," ela disse. "Se Oliver tem algo a dizer, eu vou falar com ele, não você."

Ressentimento passou pelos olhos escuros de Jason como fogo, e ele levantou e enfiou as mãos nos bolsos. "Yeah? Vai jogar assim?"

"Eu não estou jogando," Claire disse.

"Eu acho que você está. Então talvez a gente faça do jeito difícil afinal de contas." Jason se jogou contra a porta com tal força que Shane foi jogado para trás, e Claire perdeu o equilíbrio e caiu de costas no chão da cozinha. Enquanto ela se virava para tentar levantar, ela sentiu a mão de Jason se fechar no cabelo dela, dolorosamente apertado. Ele a fez levantar e arrastou para a noite. Ela gritou e lutou, mas ele tinha muita experiência em fazer as garotas fazerem o que elas queriam.

E ela parou de lutar quando ele colocou uma arma na cabeça dela.

"Bom," ele disse no ouvido dela, e mesmo com a raiva cegante ela achou que o hálito dele era nojento o bastante para descascar tinta. "Se acalme, eu não vou te machucar. Eu estava falando sério. Você precisa me ouvir."

Shane foi para o lado de fora, se movendo devagar mas sem nunca tirar os olhos de Jason. E da arma. "Solta ela."

Jason riu, e arrastou de costas para a garagem, onde um grande carro preto estava. Shane seguiu com uma distancia segura. Não, Claire falou mudamente. Ela já tinha visto Jason quase matar Shane antes. Ela não ia agüentar ver acontecer de novo. Ia ficar tudo bem.

Jason abriu o lado do motorista do carro, a empurrou para dentro, e entrou logo depois. Ela imediatamente se lançou contra a outra porta.

Trancada.

Jason bateu a porta do carro e virou a chave para ligar o motor. Ele pegou firmemente o cabelo de Claire. "Fique quieta!"

Algo pesado caiu no teto do carro, afundando ele quase até o nível da cabeça deles; Claire e Jason ambos se abaixaram, e Claire gritou com a idéia de que com o pânico ele pudesse apertar o gatilho.

Ele não apertou.

Um punho passou pelo teto de metal do carro, agarrou as margens de metal, e a puxou para trás como uma lata. E o rosto que olhou para baixo era Michael. Não – não Michael; era o Vampiro Michael. Presas completamente para baixo, os completamente carmesim.

Michael estava com raiva. E também, assustador.

Ele se abaixou no buraco como a luz da lua, pegou a arma de Jason, e a arrancou ele para longe de Claire como um brinquedo. Um quebradiço brinquedo. Jason gritou. A arma disparou, e Claire recuou e cobriu a cabeça, tentando se colocar como uma bola no canto. O carro se chacoalhou enquanto Michael arrancava Jason para fora, direto para cima na abertura do teto. Jason gritou todo o caminho para cima, e todo o caminho para baixo. Ele bateu no chão com uma pancada e rolou para o lado.

Michael se lançou para fora do carro, pousou de pé na frente dos faróis dianteiros, e andou até onde Jason estava se arrastando para longe. Jason virou. Ele ainda estava com a arma.

Ele atirou em Michael seis vezes, a queima roupa. Claire recuou com cada alto disparo. Michael não.

Ele alcançou Jason, pegou a arma, a quebrou no meio, e jogou os dois pedaços na lata de lixo que estava do lado da casa. Jason parecia chocado, então resignado, enquanto Michael se abaixava para pegar ele pelo colar da jaqueta.

Shane passou pelo telhado quebrado, abriu a porta do carro, e agarrou Claire. Ele a tirou e colocou de pé. "Você está bem?" Ele parecia profundamente abalado, e ele ficava passando as mãos nela, procurando por buracos de bala, ela adivinhou.

"Claire, diga algo!"

"Pare ele," ela sussurrou, olhando para Michael. "Não deixe ele fazer isso." Porque Michael ia morder Jason, e quando ele o fizesse, não haveria volta. Shane mandou a ela um olhar, um que provavelmente significa que ele achava que ela estava louca, mas ela se forçou a ficar parada e calma, mesmo que dentro dela ela estivesse tremendo em horror.

"Shane," ela disse, e tentou o máximo possível focalizar a autoridade fria de Amelie. "Pare ele."

Ela viu a realidade do que estava acontecendo atravessar Shane, e ele acenou e virou em direção de Michael, que não parecia estar no humor para ser tirado da véspera do assassinato.

Mas Shane não teve que tentar, porque Michael olhou para cima e viu Eve parada na porta, as mãos pressionando a boca, os olhos largos em horror, vendo o namorado dela ameaçando sugar o sangue do irmão mais novo dela.

Michael o soltou. Jason caiu no chão, chorando, e tentou rastejar para longe.

Michael pôs o pé nas costas de Jason, segurando ele no lugar. "Não," ele disse. A voz dele soava baixa e muito, muito perigosa. "Eu acho que não. Tentativa de seqüestro, assalto a mão armada, e tentativa de assassinato a um vampiro? Você está acabado, cara. Tudo acabou menos os gritos."

"Seu idiota!" Jason gritou. "Estou trabalhando para Oliver! Você não pode me tocar!"

Ele dobrou a manga da jaqueta, e ali, no pulso, estava um bracelete de prata.

Michael respondeu pressionando o pé ainda com mais força nas costas de Jason. "Então você e eu vamos conversar com Oliver sobre ele mandar o verme dele a minha casa para atirar em mim," ele disse. "Eu acho que você não vai gostar muito disso. Porque eu tenho certeza que Oliver não te pediu para fazer isso."

"Michael," Shane disse. Era um aviso, e enquanto Claire virava, ela viu porque - outro carro estava chegando, um carro de polícia com a sirene ligada. Ele parou na entrada, e Richard Morrell saiu do lado do motorista carregando uma espingarda. Os detetives Joe Hess e Travis Lowe e cada um deles tinha uma arma.

Ela nunca viu os três parecendo tão desgostosos, mas ela estava feliz por ver eles. Pelo menos isso significa que alguém ia parar as loucuras de Jason finalmente. Michael tinha razão: ia ser um bom final para ele, mas -

Richard Morrell colocou a espingarda no ombro. Ele estava mirando em Michael. Os outros dois homens tomaram posições para atirar.

Claire ofegou.

"Fora do meu caminho," Detetive Hess ordenou a Shane, com um movimento de cabeça. Shane não discutiu. Ele ergueu as mãos e se afastou. Michael virou e viu os policiais mirando nele, e franziu.

"Solte ele, Michael," Travis Lowe disse. "Vamos fazer isso com calma."

"O que está acontecendo?"

"Uma coisa por vez. Solte ele."

Michael tirou o pé. Jason se sentou e tentou correr; Richard Morrell suspirou, entregou a espingarda para Joe Hess, e saiu correndo atrás dele. Por mais rápido que Jason fosse, Richard era ainda mais rápido. Ele o derrubou antes dele estar na metade do caminho para a cerca. Ele virou Jason de costas e o algemou com uma eficiência brutal, o ergueu, e

marcou com ele de volta para onde os dois policiais apontavam armas para Michael.

"O que está acontecendo?" Michael repetiu. "Ele tenta seqüestrar Claire, e você vem atrás de mim? Porque?"

"Vamos apenas dizer que estávamos salvando você de você mesmo," Detetive Hess disse. "Você está bem? Está calmo?"

Michael acenou. Hess abaixou a arma, e Travis Lowe também. Richard Morrell estava colocando Jason na traseira do carro policial.

"Recebemos uma denuncia," Hess continuou, "que você ficou louco e estava tentando matar seus amigos. Mas já que eu vejo que os três estão parados ali vivos e bem, eu aposto que o pequeno Jason seja o problema real."

Richard voltou, limpando as mãos num lenço. Claramente, ele não gostava de tocar Jason também. "Ele invadiu?"

"Não," Shane disse. "Ele sacou uma arma e agarrou Claire na porta dos fundos. Ele estava tentando levar ela para longe. Michael impediu ele."

Michael, Claire percebeu quando a frequência cardíaca dela diminui, também tinha levado 6 tiros no peito a queima roupa. A camisa branca solta dele tinha os buracos de bala para provar, cada um pequenos rastro de vermelho. Ela lembrou de Myrnin passando a faca na braço, abrindo as veias e artérias e músculos para pegar uma amostra de sangue.

Ela não podia ter certeza, mas não parecia haver uma marca no peito de Michael debaixo da camisa, e ele não estava se movendo como um homem com buracos de bala nele. E nem mesmo como um que estava em choque.

Wow.

"O que ele queria?" Detetive Hess perguntou. "Ele disse?"

"Ele disse que queria falar comigo," Claire disse. Isso era verdade, mas ela não queria arrastar Oliver nisso. Já estava uma bagunça o bastante. "Eu acho que ele realmente queria isso. Ele só sabia que não seria capaz de fazer aqui. Eu não - eu não acho que ele realmente queria me machucar." Dessa vez.

Shane estava olhando para ela como se tivesse crescido uma segunda cabeça nela, uma com serio dano cerebral. "É o Jason. É claro que ele queria te machucar! A arma apontada na sua cabeça não era uma dica?"

Ele tinha razão, é claro, mas - ela viu o olhar de Jason, e não tinha o brilho predatório que ela tinha visto antes quando ele estava jogando seus jogos sádicos. Isso tinha sido um ato de desespero. Ela não conseguia explicar, mas ela acreditava em Jason.

Dessa vez.

Shane ainda estava olhando ela com um franzido. Assim como Michael. "Você está bem?" Shane perguntou, e passou os braços ao redor dela. O quente peso do corpo dele se pressionou contra ela, e ela percebeu o

frio que ela estava sentindo. Ela estava tremendo, e os joelhos dela pareciam fracos. Eu podia cair, ela percebeu. E ele me pegou.

Mas ela ficou de pé, se afastou, e olhou para os olhos dele. "Estou bem," ela disse. Ela o beijou. "Tudo está bem."

NOVE

Eve não disse uma palavra, mas ela permitiu que Michael a levasse de volta para dentro quando os policiais se afastaram; ela deu apenas uma olhada no irmão dela enquanto ele era algemado, mas isso tinha sido o bastante. Além do choque da morte do pai dela, e dos problemas com Michael, Eve não parecia ter mais emoções sobrando.

Com um consentimento mútuo, nenhum deles foi para cama. Eles não comeram. Os quatro ficaram no sofá, agradecidos pelo calor e a companhia, e colocaram um filme. Um assustador, como acabou se mostrando, mas Claire estava feliz em ter que se focar nos problemas de outra pessoa para variar. Ser caçado por uma cidade cheia de zumbis pode parecer um alívio de algumas formas – pelo menos você sabia de quem correr, e para onde correr. Ela deitou a cabeça no peito de Shane, ouvindo mais a respiração dele do que os personagens conversando uns com os outros. A mão dele manteve um ritmo devagar e firme no cabelo dela, acariciando toda a tensão e medo dela para longe. Eve e Michael não ficaram juntos, mas depois de um tempo, ele colocou o braço ao redor dela e a puxou mais para perto, e ela não resistiu.

Quando o menu do DVD apareceu depois dos créditos, todos eles soavam adormecidos, e os problemas estavam muito, muito distantes.

Sextas normalmente eram um dia bom, em termos de aula; mesmo a maior parte dos professores ia com um humor melhor.

Não essa sexta, no entanto. Havia uma estranha tensão no ar, junto com um aumento da frieza do vento. O primeiro professor do dia dela tinha perdido a calma com um celular tocando, e reduziu uma garota caloura as lágrimas tirando ela da aula com uma nota ruim. A segunda aula não foi muito melhor; o professor assistente estava com dor de cabeça, talvez de ressaca, e ele estava super mal humorado – demais para se incomodar em diminuir a velocidade enquanto ensinava, ou para responder qualquer pergunta.

A única coisa boa sobre os horários estranhos dela é que ela tinha confiança que iria acabar em menos de uma hora. O professor Anderson tinha advertido altamente sobre o suposto teste surpresa de hoje; só um paciente em coma não saberia que era para vir preparado. Anderson era um daqueles professores – os que te davam várias chances, mas a prova era A Prova, inteira. Ele só fazia duas por ano, e se você não se saía bem nas duas, você estava ferrado. Ele tinha a reputação de ser um cara legal que sorria muito, mas ele nunca permitiria trabalho para crédito-extra, ou foi o que Claire ouviu.

Os que estudam história gostam de chamar a aula dele de Andersonville, o que era uma referência não muito engraçada a um campo de prisão da Guerra Civil. Claire tinha estudado até o cérebro sair para fora, e ela tinha certeza absoluta que ia gabaritar a prova, e ainda ter tempo extra sobrando.

Ela passou no banheiro, já que era um pouco cedo, e cuidadosamente colocou a mochila contra a porta da cabine do banheiro enquanto ela ia fazer suas necessidades. Ela estava repassando encontros e eventos na cabeça quando ela ouviu uma suave e abafada risada vindo de perto da

pia. Algo sobre isso a fez congelar – não era inocente, aquela risada. Tinha algo estranho sobre ela.

“Eu ouvi que tem uma prova em Andersonville hoje,” a voz disse. Uma voz familiar. Era Mônica Morrell. “Hey, essa cor é boa?”

“Ótima,” Gina disse, cumprindo seu trabalho de Afirmar sua Amiga #1. “Esse é o novo vermelho invernal?”

“Yeah, ele é pra ser mais brilhante. É mais brilhante?”

“Oh, yeah.”

Claire deu a descarga, agarrou a mochila, e se segurou para o impacto. Ela tentou parecer como se não se importasse que Mônica, Gina, e Jennifer estivessem ocupando três das quatro pias do banheiro. Ou que o resto do lugar estivesse deserto.

Mônica estava retocando seu batom vermelho-vadia, assoprando beijos para o reflexo dela.

Claire manteve os olhos para frente. Pegou o sabão. Ligou a água. Lavar –

“Hey, aberração, você faz aula com o Andersonville, certo?”

Claire acenou. Ela lavou bem, sacudiu a mão, e foi pegar o papel para secar. Jennifer agarrou a mochila dela e a tirou do alcance dela.

“Hey!” Claire tentou agarrar as coisas dela, mas Jennifer desviou para fora do alcance dela, e então Mônica botou a mão no pulso dela e passou algo metálico e frio ao redor dele. Por um segundo maluco Claire pensou, ela trocou de braceletes comigo. Agora eu sou propriedade Oliver...

Mas era o frio metal de uma algema, e Mônica se abaixou e prendeu a outra ponta num poste de metal na parte de baixo da cabine do banheiro mais próxima.

“Bem,” ela disse enquanto ela se afastava e colocava as mãos nos quadris, “eu acho que você vai descobrir o quão duro o general pode ser, Claire. Mas não se preocupe. Tenho certeza que você é tão inteligente, que você vai encontrar um jeito de responder as perguntas da prova com o poder da sua mente ou algo assim.”

Claire puxou inutilmente a algema, embora ela soubesse que isso era idiota; ela não ia a lugar algum. Ela chutou a cabine do banheiro. Era duro o bastante para agüentar vários estudantes da faculdade; a frustração dela ia fazer um buraco.

“Me de a chave!” ela gritou. Mônica balançou na frente dela – pequena, prateada, e inalcançável.

“Essa chave?” Mônica jogou na patente e deu a descarga. “Ooops. Wow, isso é uma pena. Espere aqui. Vou buscar ajuda!”

Todas elas riram. Jennifer desdenhosamente empurrou a mochila dela pelo

chão até ela. "Aqui," Jennifer disse. "Você pode querer se preparar para o teste ou algo assim." Claire começou a remexer na mochila com raiva, procurando algo, qualquer coisa, para poder usar para abrir a fechadura. Não que ela soubesse algo sobre arrombar fechaduras, exatamente, mas ela podia aprender. Ela precisava aprender. Ela mal olhou para cima enquanto as três garotas saíam do banheiro, ainda rindo.

As escolhas dela eram alguns clips de papel, um grampo de cabelo, e o poder da fúria dela, o que infelizmente não podia derreter metal. Só o cérebro dela.

Claire pegou o celular do bolso e considerou suas escolhas. Ela não ficaria surpresa por descobrir que Eve ou Shane tinham experiência com algemas – ou sobre se soltar delas – mas ela não tinha certeza que queria fazer a pergunta.

Ela ligou para o departamento de polícia de Monganville, e perguntou por Richard Morrell. Depois de uma curta espera, ela foi transferida para o carro patrulha dele.

"É Claire Danvers," ela disse. "Eu – preciso de ajuda."

"Que tipo de ajuda?"

"Sua irmã meio que me – algemou no banheiro. E eu tenho uma prova. Eu não tenho a chave. Eu estava esperando que você –"

"Olha, desculpa, mas estou indo para o chamada de briga doméstica. Vai levar uma hora para mim chegar aí. Eu não sei o que você disse para a Mônica, mas se você só –"

"O que, me desculpar?" Claire surtou. "Eu não disse nada. Ela me emboscou, e deu descarga da chave, e eu tenho aula!"

Richard suspirou no telefone. "Eu chego aí o mais rápido que puder."

Ele desligou. Claire começou a trabalhar com o grampo, e viu os minutos se arrastarem. Tick, tack, e lá se foi a nota dela em Andersonville.

Quando Richard Morrell finalmente chegou para soltar ela, a sala estava escura. Claire correu todo o caminho até o escritório do professor Anderson, e sentiu uma onda de alívio quando viu que a porta dele estava aberta. Ele tinha que dar a ela uma chance.

Ele estava falando com outra estudante cujas costas estavam para Claire; ela parou na porta, tremendo e ofegando, e recebeu um franzido do professor Anderson. "Sim?" ele era jovem, mas o cabelo loiro dele já estava diminuindo no topo. Ele tinha o hábito de usar jaquetas esportivas que um homem do dobro da idade dele teria gostado; talvez ele achasse que a lã e o couro deixasse as pessoas sérias.

Claire não se importava em como ele parecia. Ela se importava que ele tivesse a autoridade para assinar notas.

"Senhor, oi, Claire Danvers, eu estou na –"

"Eu sei quem você é, Claire. Você perdeu a prova."

"Sim, eu -"

"Eu não aceito desculpas a não ser em caso de doença ou doença seria." Ele olhou para ela. "Eu não vejo nenhum sinal de nenhum dos dois."

"Mas - "

A outra estudante que estava olhando ela agora, com uma luz maliciosa nos olhos, Claire não a conhecia, mas ela usava um bracelete prateado, e Claire estava disposta a apostar que ela era uma das próximas e queria amigas de fraternidade de Mônica. Cabelo preto brilhante, cortando num estilo de franja, *maquiagem perfeita. Roupas que fediam a abuso de cartão de crédito.

(*http://switchboutique.com/images/InitialSet/4967_final.gif),

"Professor," a garota disse, e sussurrou algo para ele. Os olhos dele se alargaram. A garota junto os livros e saiu, dando a Claire um amplo espaço.

"Senhor, eu realmente não tive - não foi minha culpa - "

"Pelo que eu ouvi, é sua culpa," Anderson disse. "Ela disse que você estava dormindo. Ela disse que passou por você no caminho para aula."

"Eu não estava! Eu estava - "

"Eu não me importo onde você estava, Claire. Eu me importo onde você não estava, ou seja, na sua mesa na hora certa, fazendo a prova. Agora por favor vá."

"Eu estava algemada!"

Ele parecia brevemente dividido com isso, mas ele balançou a cabeça. "Não estou interessado em trotes de fraternidade. Se você trabalhar bastante pelo resto do semestre, você ainda pode conseguir uma nota para passar. A não ser que você largue a aula. Eu acho que você ainda tem um dia ou dois para fazer essa decisão."

Ele simplesmente não estava ouvindo. E, Claire percebeu, ele não ia ouvir. Ele não se importava com os problemas dela. Ele nem se importava com ela.

Ela o encarou por alguns segundos em silêncio, tentando encontrar um pouco de simpatia nele, mas tudo o que ela viu foi um aborrecimento auto-absorvido.

"Bom dia, Srta. Danvers," ele disse, e sentou na mesa. Ignorando ela.

Claire engoliu as palavras que provavelmente iam fazer ela ser expulsa, e matou o resto das aulas e foi pra casa.

Em algum lugar no fundo da mente dela, o relógio estava passando. A contagem regressiva para o baile de máscaras do Bishop.

A única coisa reconfortante sobre a teoria do apocalipse completo: pelo menos isso significa que ela não ia rodar em nenhuma matéria.

Justo quando ela pensou que a sexta dela não podia ficar pior, visitantes passaram na casa na hora do jantar.

Claire espiou pelo olho mágico, e viu um cabelo preto e em ondas. Um sorriso travesso.

“Melhor me convidar,” Ysandre disse. “Porque você sabe que eu só vou machucar seus amigos até você convidar.”

“Michael!” Claire gritou. Ele estava na sala, trabalhando em músicas novas, mas ela ouviu a música parar. Ele estava do lado dela antes do eco terminar. “É ela. Ysandre. O que eu faço?”

Michael abriu a porta e a encarou. Ela sorriu para ele. François estava com ela, os dois preguiçosos e convencidos e tão arrogantes que fez os dentes de Claire se cerrarem.

“Eu quero falar com Shane,” Ysandre disse.

“Então você vai ficar desapontada.”

François ergueu as sobancelhas, se abaixou, e tirou uma evidente forma humana dos arbustos ao lado dos degraus. Claire arfou.

Era Miranda, parecendo completamente apavorada. Mãos e pés amarrados, e amordaçada.

“Vamos colocar assim,” Ysandre disse. “Você pode nos deixar entrar para conversar, ou vamos tomar nosso jantar ao ar livre, bem aqui na sua varanda.”

Não havia absolutamente nenhuma resposta certa para isso, Claire pensou, e ela viu Michael brigar com isso, também. Ele deixou o silêncio se esticar por tanto tempo que Claire tinha medo que Miranda fosse morta – François parecia feliz por ter a chance – mas então Michael acenou. “Muito bem,” ele disse. “Entrem.”

“Ora, obrigado, querido,” Ysandre disse, e entrou. François soltou Miranda no corredor de madeira e a seguiu. Claire se ajoelhou perto da garota e soltou as mãos dela.

“Você está bem?” ela sussurrou. Miranda acenou, os olhos tão grandes quanto um pires. “Saí daqui. Corra para casa. Vá.”

Miranda tropeçou nas cordas ao redor dos tornozelos, se soltou, e escapou. Claire fechou a porta e correu para a sala.

François tinha tirado o violão de Michael para fora do caminho e tinha sentado na cadeira. Ysandre estava no sofá, tão confortável como se ela fosse dona do mundo e tudo nele. “Que gentil da sua parte nos convidar, Michael. Eu não acho que tenhamos tido um bom começo. Eu quero recomeçar.”

François riu. "Sim," ele disse. "Deveríamos ser amigos, Michael. E você não deveria ficar vivendo com gado."

"É só isso que você tem? Porque se é, eu acho que acabamos."

"Oh, ainda não," Ysandre disse.

"Eles estão fazendo o jantar," François disse. "Isso é irônico, não acha? Quando eles deixaram o nosso escapar."

"Esses humanos, tudo que eles fazem é comer," Ysandre disse. "Não é de se admirar que eles sejam gordos e preguiçosos."

Shane saiu da cozinha. Ele não estava surpreso, Claire viu; ele deve ter ouvido eles. "Você não foi convidada," Shane disse. Ysandre beijou os lábios e jogou para ele.

"Oh, Shane, eu realmente não me importo se eu fui ou não, e você não é nem perto o bastante de ser poderoso o suficiente para me fazer sair," ela disse. "É sexta, meu amor. Você recebeu a fantasia que eu quero que você use amanhã?"

Shane acenou sem vontade, como se o pescoço dele estivesse congelado e duro. Os olhos dele eram mais do que um pouco loucos.

"Você precisa ir," Claire disse para Ysandre, com uma bravata que ela não sentia de verdade.

"O que você acha, Michael? Eu preciso?" Ysandre trancou seu olhar nele, e tinha algo horrível nos olhos dela. "Eu preciso ri?"

"Não," ele disse. "Fique."

Claire ofegou.

Eles fazem você sentir coisas. Fazer coisas, você querendo ou não, Shane disse, mas Claire não imaginou que isso funcionasse em outros vampiros. Mesmo um jovem e inexperiente como Michael.

"Michael!"

Ele não olhou para ela. Ele parecia completamente preso na teia da atração de Ysandre.

Claire tirou o celular do bolso. Ela hesitou na agenda telefônica.

"Decidindo quem ligar para pedir ajuda?" François arrancou o celular da mão dela e o jogou do outro lado da sala. "Amelie não era te agradecer por distrair ela de todas as preparações. Ela está ocupada, ocupada, ocupada, se certificando que tudo esteja certo para dar as boas vindas ao nosso amado pai apropriadamente."

"Talvez você devesse perguntar a Michael o que fazer," Ysandre disse, e riu, mostrando as presas. Ela pronunciou como se fosse Michael. "Eu tenho certeza que ele vai ajudar a se livrar de nós. Tão corajoso, não é?"

Os olhos de Michael estava devagar se tornando carmesim.

Eles podem fazer você sentir coisas. Fazer coisas.

"Shane," Claire disse. "Precisamos sair daqui. Agora."

"Eu não vou deixar Michael."

"Michael é o problema."

Ysandre riu. "Você é realmente inteligente, ma chérie."

François estalou os dedos na frente do rosto de Michael. "O jantar está pronto."

Michael abriu a boca e rosnou. Presas totalmente a mostra.

E ele virou e fixou seu olhar em Claire.

"Oh, merda," Shane disse. Ele agarrou o braço de Claire. "Cozinha!"

Eles se afastaram. Shane empurrou a mesa contra a porta, por todo o bem que faria, e eles se afastaram em direção a porta de trás.

Claire abriu a geladeira e pegou as ultimas duas garrafas fechadas de Michael. Tenho que dizer a Michael pegar mais, ela pensou, e o quão estranho era isso? Ficar sem sangue estava ficando tão normal quanto precisar de coca ou manteiga.

Ela estava gaguejando dentro da cabeça, era isso. E ainda sim, ela estava estranhamente calma.

Michael entrou na cozinha e foi direto até eles.

Claire ficou na frente dele, entregou as garrafas, e disse, "Você não é um deles. Você é um de nós. Um de nós, e nós te amamos."

"Claire -" Shane soava agonizando, mas ele não se moveu. Talvez ele soubesse que ele iria estragar tudo.

Michael parou. Os olhos dele ainda estavam vermelhos, mas ele parecia ver ela. E o vermelho vacilou um pouco.

Ela ergueu a garrafa.

"Beba," ela disse. "Você vai se sentir melhor. Confie em mim, Michael. Por favor."

Ele estava olhando ela nos olhos.

E dessa vez, foi ela que o desafiou. Me veja. Saiba o que está fazendo.

Tire ela da sua cabeça.

Os olhos dele ficaram brancos. Ele agarrou a garrafa com as duas mãos,

abriu a tampa, e virou a garrafa, bebendo o conteúdo o mais rápido que ele podia engolir.

Ele não desviou o olhar.

E nem ela.

Os olhos dele voltaram a ser azuis, e ele baixou a garrafa ofegando. Uma linha fina de sangue pingou do lábio dele, e ele limpou com a mão tremula.

“Está tudo bem,” Claire disse. “Ela mexeu com a sua cabeça. Ela pode fazer isso. Ela –”

Shane tinha sumido. Enquanto ela estava tão focada em Michael, ele só... desapareceu.

A porta da cozinha ainda estava balançando.

Seria mais fácil para ela da próxima vez, Shane tinha dito a ela.

Claire foi para a sala. Michael tentou parar ela, mas ele parecia fraco. Doente. Ela se lembrou do quão abatido Shane tinha ficado.

Porque não eu? Porque ela não me controla?

Talvez ela não possa.

Shane estava sentado no sofá ao lado de Ysandre, e a camisa dele estava desabotoada. Ysandre estava passando a mão no peito de Shane, traçando linhas invisíveis, e enquanto Claire observava, a vampira começou a morder o pescoço de Shane. Não seriamente, sem tirar sangue, mas pequenos mordiscadas provocativas. Lambidas.

O rosto de Shane estava duro e vazio, mas os olhos dele eram piscinas de pânico. Ele não queria isso, Claire percebeu. Ela está obrigando ele.

Claire jogou a segunda garrafa de sangue em Ysandre. A mão da vampira se ergueu incrivelmente rápido para a pegar no ar antes de fazer contato com o lado da cabeça dela.

‘Você está com fome, coma,’ ela disse. “E tire suas garras do meu namorado.”

Os olhos de Ysandre se estreitaram. Claire sentiu algo passar na mente dela, mas era como andar numa teia de aranha, fácil de quebrar.

Ysandre abriu a tampa da garrafa, cheirou, e fez uma cara de nojo.

“Não seja tão possessiva. Shane está no meu comando. É o que o convite diz.”

“Ele está ao seu comando amanhã. Não hoje.”

“Que encantador. Tão jovem para uma advogada.” Ysandre virou a garrafa,

bebeu, e balançou a cabeça. "Enquanto os seus vampiros se sujeitam a essa indignidade é além do meu entendimento. Isso está rançoso. Uma sujeira que não dá para beber." Ela jogou a garrafa de volta para Claire, que não deve escolher a não ser tentar pegar; ela conseguiu, mas o conteúdo se espalhou no rosto e pescoço dela. "Remova de nossa presença." Os olhos dela tomaram um horrível brilho, raivoso e cruel. "E se limpe. Você é tão inútil quanto a hospitalidade que você oferece."

"Fora," Claire disse. Ela sentia o poder da casa agora, se reunindo como uma tempestade ao redor dela. Correndo no silêncio frio, se partindo com a energia. "Fora da nossa casa. Agora."

Explodiu através dos pés dela, dolorosamente e chocante, e atingiu Ysandre e François como um choque de um raio invisível. Os derrubou, os pegou pelos tornozelos, e os arrastou para a porta da frente, que abriu antes deles a alcançarem.

Ysandre gritou e arranhou o chão, mas foi inútil. Naquele momento, a casa não ia pegar prisioneiros.

Ela os jogou no sol. François e Ysandre se assustaram para levantar, cobriram as cabeças, e correram para o carro.

Claire parou na porta, manchada com o sangue frio, e gritou, "E não voltem!"

O poder parou, e o repentino vaziou a deixou abalada. Claire se segurou na porta por alguns segundos, por tempo o bastante para ver eles dirigirem para longe, e então voltou para a sala. Shane estava sentado no sofá com a camisa desabotoada até a cintura, a cabeça nas mãos.

Tremendo.

"Você está bem?" ela perguntou.

Ele acenou convulsivamente sem olhar para ela. Michael abriu a porta da cozinha e foi direto para ela. Ele tinha uma toalha, e ele limpou o sangue do rosto e mãos com movimentos bruscos e ansiosos.

"Como você fez isso?" ele perguntou. "Nem mesmo eu posso - não mandando. Não assim."

"Eu não sei," ela disse. Ela se sentia doente e abatida, e sentou no sofá perto de Shane. Shane estava abotoando a camisa. Os dedos dele se moviam devagar, e não pareciam muito firmes também.

"Shane?" Michael parou perto dele, e a voz dele era muito gentil.

"Yeah, cara, estou bem," ele disse. A voz dele estava surrada de exaustão. "Ela pode ser minha dona, mas ela não pode tomar posse até amanhã. Eu não acho que ela vai arriscar voltar aqui. Não só por mim." Ele olhou para Michael, e Michael acenou apertadamente. "Eu não quero pedir, mas -"

"Você não precisa pedir," Michael disse. "Eu vou cuidar de você. O máximo que puder." Eles bateram punhos.

"Eu preciso de um banho," Shane disse, e foi para cima. Ele não estava se mexendo como o Shane, nem um pouco – muito devagar, muito pesado, muito.. derrotado.

Michael tinha feito uma promessa, mas Claire estava com medo – muito medo – que ele não fosse capaz de manter. Quando eles estivessem longe dessa casa, isolados e separados, ninguém podia impedir Ysandre de fazer o que ela quisesse com Shane. Com Michael. Com ninguém.

Se Jason estivesse falando a verdade quando ele foi na casa querendo conversar, então Oliver tinha algo para dizer. Talvez ele ainda tivesse.

Talvez, de alguma forma, ajudasse Shane.

Era a única coisa que Claire conseguia pensar que podia ajudar.

Quando ela foi para a cafeteria de Oliver, ela se meteu em problemas, embora não fosse tão óbvio quando Ysandre e François tomando a sala. Na verdade, levou vários segundos para Claire identificar o que estava estranho sobre o que ela estava vendo, porque na superfície parecia normal.

Mas não era.

Eve estava sentada pacificamente na mesa na frente de Oliver, quem ela tinha jurado que preferia empalar do que olhar de novo. E o que quer que fosse que ela estivesse dizendo, Oliver estava ouvindo com atenção, cabeça abaixada, expressão composta. Ele tinha um fino sorriso no rosto, e os olhos dele estavam fixos no rosto de Eve com tanto foco que fez a pele de Claire se arrepiar.

Ela ia chamar a atenção deles, parada como uma idiota no meio do lugar, mesmo que o lugar estivesse cheio. Ela virou para longe, foi para o bar, e pediu um moca que ela não queria, só para ter uma razão para estar ali. Eve estava muito envolvida no seu próprio negócio para perceber que Claire tinha entrado, mas Oliver sabia; Claire podia sentir, embora ele não tivesse nem olhado para onde ela estava.

Ela pagou os 4 dólares, e tomou o caro, mas delicioso, café na mesa vazia perto da janela da frente, onde haviam vários estudantes para cobrir ela. Ela não precisava realmente se preocupar, no entanto; quando Eve levantou e saiu, ela andou direto para fora, e ela não olhou para direita ou esquerda enquanto abriu a porta e andava para a rua. Ela estava usando uma saia que ia até o tornozelo preto que lembrou Claire do interior de um caixão, e um top púrpuro de veludo, e ela parecia magra e frágil.

Ela parecia vulnerável.

"Terrível, o que algumas garotas fazem para chamar atenção," Oliver disse, e sentou na cadeira na frente de Claire. "Você não acha que a obsessão dela com o mórbido é um pouco demais?"

Ela não pegou a isca, ela só olhou para ele. A linha da luz do sol estava muito perto dele, e continuava se aproximando. Em alguns minutos,

iria tocar ele no ombro. Ela sabia que ele, como a maior parte dos vampiros mais velhos, tinha imunidade parcial a luz do sol, mais ainda podia doer.

Oliver sabia o que ela estava pensando. Ele olhou para a linha quente de luz e afastou sua cadeira, o bastante para ter mais alguns minutos na sombra.

“Porque você mandou Jason a outra noite?” ela perguntou.

“Porque você acha que eu mandei ele?”

“Ele disse.”

“Jason é uma fonte tão confiável? Eu achei que ele era um assassino maluco que estava perseguindo a própria irmã.”

“Sobre o que você acabou de falar com Eve?”

Oliver ergueu as sobrancelhas. “Eu acredito que seja da conta de Eve, não sua. Se tem outra coisa –”

“Ysandre e François acabaram de tentar brincar de poder na nossa casa. Na nossa casa, Oliver. Porque você mandou Jason?”

Oliver ficou quieto por um momento. Ele não estava olhando para ela; ele estava olhando as pessoas passando na rua, e os carros passando. O olhar dele passou pelas os estudantes dentro da cafeteria, rindo e conversando. Tinha algo estranho na expressão dele, como se – como Eve – ele estivesse ciente da própria vulnerabilidade. E a dos outros.

“Eu não admito que eu o mandei,” Oliver disse. “Mas se eu mandei, obviamente eu teria uma boa razão, sim?”

Ela não respondeu. O olhar dele voltou para ela, brilhante em muito, muito focado. “Eu nunca fiz nenhum segredo em relação ao meu desejo por poder, Claire. Eu não gosto de Amelie, e ela não se importa comigo, mas nossos jogos são honestos. Sabemos as regras e as seguimos. Mas Bishop – Bishop está além de todas as regras. Ele pegaria nosso jogo de tabuleiro e o viraria completamente, e isso eu não quero. Nem mesmo se eu ganhar no processo.”

A luz diminuiu, finalmente. “Bishop tentou te recrutar. Contra Amelie.” O sangue de Claire esfriou alguns graus. “Você não podia dizer a ela diretamente. Então você quis usar Jason para me falar, e me deixar falar para ela.”

“Muito tarde agora. As coisas estão se movendo rápido demais. Não está mais no meu poder, e nem no dela. Muito menos no seu, Claire.”

Claire percebeu que estava agarrando a mesa com força, e a soltou. Os dedos dela doíam devido a pressão. “Sobre o que você estava falando com Eve?”

Os olhos de Eve se fixaram nos dela, e ele disse, “ela vai me acompanhar no banquete.”

Eve vai ao baile de máscaras. Com Oliver.

Claire sentou para trás, incapaz de pensar uma única coisa pra dizer, e então o que ele quis dizer a atingiu. "Michael sabe?"

"Francamente, eu não poderia me importar menos. Eve pode explicar como quiser; não é da minha conta. Eu acredito que terminei de ajudar você com suas dúvidas, Claire. Mas se eu puder te dar um conselho –" Oliver se inclinou para frente, e se pôs completamente no sol. Ele não se esquivou, embora as pupilas nos olhos dele tivessem se contraído a quase nada, e a pele dele tivesse começado a tomar um tom rosa. "Fique em casa amanhã. Tranque as portas e janelas, e se você é uma pessoa religiosa, um pouco de reza pode não ser desnecessária."

Era uma coisa tão surpreendente para ele dizer que Claire quase riu. "Eu deveria rezar? Por quem, você?"

Oliver não piscou. "Se você quiser," ele disse, "isso seria reconfortante. Eu não acho que alguém o tenha feito a algum tempo."

Ele levantou e se afastou. Claire ficou sentada por um tempo olhando o a luz do sol da tarde, bebendo o café a muito tempo gelado e sentindo o gosto de nada. Quando um grupo de jogadores perguntaram a ela, não muito educadamente, se ela já tinha usado a mesa, ela saiu sem protestar. Ela foi dar uma caminhada, seguindo a calçada sem um real conhecimento de onde ela estava, ou para onde ela podia ir.

Todas aquelas pessoas. Ela estava longe da multidão da faculdade agora, e os nativos de Morganville tomam vantagem com a luz do sol de qualquer jeito que puderem – tomando banho de sol, trabalhando no jardim, pintando suas casas.

E amanhã, se Oliver tinha razão, tudo acabaria. Se Bishop conseguisse tomar as rendias de Amelie...

Claire percebeu com um susto que o sol estava começando a se por no horizonte, e virou na rua mais próxima para ir para casa. Ela conseguiu chegar com o dia ainda oficialmente na fase de fim de tarde, embora o crepúsculo estivesse chegando, mas enquanto ela abria o portão e passava pela porta, ela percebeu que alguém estava nos degraus da frente esperando por ela.

Shane.

"Hey," ele disse.

"Hey," ela respondeu, e sentou perto dele. Ele estava olhando para rua, e para os carros que passavam ocasionalmente. Uma brisa bagunçou o cabelo dele, e a luz do sol fez a pele dele parecer de um fraco dourado.

Deus, ele era tão... perfeito. E ele estava quebrando o coração dele com aquele olhar nos olhos.

"Então," Shane disse. "Eu estava pensando que a gente deveria sair hoje a noite."

“Sair?” ela repetiu inexpressivamente. “Para onde?”

Ele deu nos ombros. “Não importa. Cinema. Jantar. Eu te levaria num bar local para um jantar, mas seu pai me mataria.” Shane olhou para ela por alguns segundos, e então voltou a cuidadosamente estudar o nada. “Eu só quero passar um tempo fazendo algo com você. O que quer que seja.”

Porque amanhã, tudo podia mudar. Era o mesmo sentimento que Claire tinha sentindo andando pela cidade: o sentimento de que o mundo estava acabando, e só algumas pessoas tinham idéia do que estava vindo.

“Algum lugar que você sempre quis ir?” Claire perguntou.

“Claro. Eu jogo um grande jogo de Qualquer lugar menos Aqui. Você quer dizer em Morganville?” Ele ficou quieto por um segundo, como se a pergunta o tivesse pego de surpresa. “Talvez. Está afim de dar uma volta?”

“No carro de quem?”

“Eve.” Ele levantou as chaves do carro e as balançou. “Eu fiz um trato. Eu pego o carro duas noites por semana; e eu faço as tarefas dela por mais dois dias. Estou exercitando meu cupom de aluguel.”

“O sol está baixando,” Claire se sentiam compelida a apontar.

“Ele está.” Ele balançou as chaves do carro de novo. “E então?”

Verdade, ele sabia qual seria a resposta.

Eles foram para um restaurante perto da área da cidade que era dos vampiros – longe o bastante para ter na maior parte humanos protegidos, mas ele ainda estava aberto até tarde. Havia um lounge com uma pista de dança, e um jukebox que tocavam musicas antigas. Shane tinha uma cerveja que ele era jovem demais para pedir. Claire tinha uma coca, e eles gastaram muito dinheiro escolhendo musicas, uma depois da outra.

“Esse é o maior iPod que eu já vi,” Claire disse, o que fez ele se afogar com a cerveja. “Brincando. Eu já vi um jukebox antes.”

“Do jeito que você está alimentando ela, eu não tenho tanta certeza. Você acha que escolheu musicas o bastante?”

“Eu não sei,” ela disse. “Quantas serão precisas para tocar a noite toda?”

Ele pôs a cerveja na mesa, pôs os braços ao redor dela, e eles ficaram juntos enquanto as musicas mudavam, e mudavam, e mudavam.

E ao redor deles, Morganville vagorosamente ficou silenciosa.

DEZ

Sábado amanheceu mais frio e invernal, com uma brisa fria que cortava como metal. Shane e Claire foram para casa logo antes do amanhecer, exaustos mas pacíficos. Eles dançaram até o restaurante fechar, e então deram uma volta, e estacionaram. Tinha sido doce e urgente e Claire tinha quase, quase querido ir além... pelo menos no banco de trás.

Mas Shane manteve sua palavra, não importava o quão frustrante isso era para os dois, e ela supôs que isso ainda era uma boa coisa.

Na maior parte, ela só queria tirar as roupas dele e mergulhar na cama com ele e nunca, nunca sair. Mas ele a beijou no quarto, e ela sabia pelo olhar dele que ele não confiava em si mesmo para ir além disso.

Não hoje a noite. Nem mesmo com todo o mundo mudando.

Claire adormeceu logo antes do amanhecer e dormiu até o sol se por. Passou o almoço. Ela só acordou porque o vizinho ligou o seu cortador de grama monstruoso para cortar a última vez na estação. Era como um motor de jato no jardim, e não importou quantos travesseiros Claire pôs na cabeça, não ajudou.

A casa estava muito quieta. Claire colocou seu roupão e passou pelo corredor até o banheiro. Ela bateu na porta de Eve no caminho, mas não houve resposta. Nem de Shane ou Michael. Ela tomou o banho mais rápido do registro e desceu, só pra encontrar... nada. Nem Michael, nem Shane, nem Eve. E nenhum bilhete. Havia café na jarra, mas a muito tempo ele tinha passado demais e virado lama.

Claire sentou na mesa da cozinha e passou pelos números no telefone dela. Nenhuma resposta do celular de Eve, o de Michael caiu na caixa postal. Assim como o de Shane.

"Hey," Claire disse quando a voz gravada dele disse para deixar uma mensagem. "Eu - eu só estava esperando ver você. Você sabe, essa manha. Mas - olha, você pode me ligar, por favor? Eu quero falar com você. Por favor."

Ela se sentia tão sozinha que as lágrimas encheram seus olhos. O banquete. Era hoje.

Tudo estava mudando.

Uma batida na porta de trás fez ela pular, e ela olhou pela janela por um longo tempo antes de abrir um pouco a porta. Ela deixou a corrente nela.

"O que você quer, Richard?"

O carro de polícia de Richard Morrell estava estacionando na entrada. Ele não tinha ligado nenhuma luz ou as sirenes, então ela supôs que não era uma emergência, exatamente. Mas ela o conhecia bem o bastante para saber que ele não fazia visitas sociais, pelo menos não na Glass House.

E não de uniforme.

"Boa pergunta," Richard disse. "Eu acho que eu quero uma garota legal que saiba cozinhar, goste de filmes de ação, e fique bem de saia curta. Mas eu me conformo com você tirando a corrente da porta e me deixando entrar."

"Como eu vou saber que você é você?"

"O que?"

"Ysandre. Ela – bem, vamos apenas dizer que eu preciso ter certeza que é realmente você."

"Eu te soltei das algemas no banheiro feminino na universidade essa semana. Que tal isso?"

Ela soltou a corrente e se afastou enquanto ele entrava. Ele parecia cansado – não tão cansado quanto ela se sentia, mas ela imaginava que isso não era humanamente possível, de verdade.

"O que você quer?"

"Eu vou a esse negócio hoje," ele disse. "Eu achei que você também ia. Eu estava pensando que você podia precisar de uma carona."

"Eu – eu não vou."

"Não?" Richard parecia surpreso com isso. "Engraçado, eu podia jurar que você seria a primeira escolha de Amelie para ir em algo assim. Ela tem orgulho de você, você sabe."

Orgulho? Porque diabos ela teria orgulho? "O que, como um cachorro com pedigree?" Claire perguntou amargamente. "O melhor no show?"

Richard ergueu as suas mãos se rendendo. "Tanto faz, não é da minha conta. Onde está sua turma, de qualquer forma?"

"Porque?"

"É da minha conta saber onde estão os encenqueiros."

"Nós não somos encenqueiros!" Richard deu a ela um olhar. Um que ela tinha que admitir ela merecia. "Sua irmã vai, sabe."

"Yeah, eu sei. Ela esteve se enfeitando pela casa por dias. Gastou uma fortuna naquela porcaria de fantasia. Papai vai matar ela se ela derrubar algo nela. Acho que ele está planejando devolver."

Claire agitou a caneca de café novo inquietamente, e Richard acenou e sentou na mesa da cozinha. Ela serviu uma caneca para ele, e observou enquanto ele bebia. Ele parecia – diferente hoje. Tudo estava mudando. Richard parecia mais vulnerável também. Ele sempre era o firme, o são dos Morrell. Hoje, ele mal parecia ser mais velho que Mônica.

"Eu acho que algo vai acontecer," Claire disse. "Você não acha?"

Richard acenou devagar. Havia linhas de tensão no rosto dele, e as bolsas embaixo dos olhos eram grandes o bastante para segurar roupas. "Esse Bishop, ele não é como os outros," ele disse. "Eu o conheci. Eu - eu vi algo nele. Ele não é humano, Claire. Nem mesmo um pouco. Qualquer humanidade que ele possa ter tido, ele vendeu a muito tempo atrás."

"O que você vai fazer?"

Richard deu nos ombros. "O que diabos eu posso fazer? Ficar com a minha família. Cuidar das pessoas nessa cidade. Desejar estar a um milhão de quilômetros de distância." Ele ficou quieto por alguns segundos, bebendo o café. "O negócio é, eu acho que vai ser pedido que a gente faça alguma promessa de lealdade para ele, e eu não acho que posso fazer isso. Eu não acho que quero fazer isso."

Claire engoliu. "Você tem escolha?"

"Provavelmente não. Mas vou fazer meu melhor para manter as pessoas seguras. Isso que eu sei como fazer." Os olhos dele deslizaram por ela, como se ele não se atrevesse a olhar mais profundamente. Os outros vão, não vão?"

Ela acenou.

"Você sabia que seus pais vão?"

Claire arfou, cobriu a boca com as mãos, e balançou a cabeça. "Não," ela disse. "Não, eles não vão. Eles não podem ir."

"Eu vi a lista," Richard disse. "Desculpe. Eu achei que você estivesse só em outra página. Eu não consegui acreditar que você foi deixada de fora. Isso é bom, no entanto, que você possa ficar em casa. É - eu acho que vai ser perigoso."

Ele drenou o resto do café e empurrou a caneca de volta para ela.

"Eu vou cuidar os seus amigos e pais," ele disse. "O máximo que puder. Você sabe disso, certo?"

"Você é gentil," Claire disse. Ela ficou surpresa por dizer em voz alta, mas ela falou serio. "Você realmente é, sabe."

Richard sorriu para ela, e embora ela tenha desenvolvido uma imunidade parcial a caras gostosos sorrindo para ela, graças a Shane e Michael, uma parte dela ainda foi Ooooooooooh.

"Estou alugando você como minha agente da imprensa," Richard disse. "Tranque tudo e fique aqui dentro, certo?"

Ela o observou pela porta e fechou tudo, já que ele estava parado esperando ouvir as trancas. Ele acenou e voltou para o carro de polícia, e silenciosamente saiu da entrada para a rua.

Que estava, Claire percebeu, deserta. Morganville normalmente era ativa a tarde, mas ali estava o melhor horário para caminhar, e ela não podia ver uma alma ali. Nem andando, nem dirigindo, nem no jardim. Nem o

vizinho tinha ligado o cortador de grama.

Era como se todos... soubessem.

Claire ligou o laptop e checkou seus emails, o que era mais checkar spam. Hoje, tinha vindo de garotas russas triste e um homem da Nigéria desesperado para se livrar de milhões sem impostos o que não a divertiu muito. Nem as coisas aleatórias, ou o Estou me Sentindo com sorte, do Google. Ela tinha horas para matar, e o corpo todo dela doía de tensão.

Você podia visitar Myrnin. Myrnin também não vai.

Oh, isso era muito tentador. Myrnin era trabalho. E trabalho era uma grande distração.

Richard disse a ela para ficar trancada. Yeah, mas ele não tinha dito onde, tinha? O laboratório de Myrnin era bem seguro. Assim como a prisão onde Myrnin era mantido. E pelo menos ela teria companhia.

"Nope," Claire disse. "Não posso. Muito perigoso."

Só que ainda era dia do lado de fora. Então, não era tão perigoso quanto podia ser. O lado sensível dela jogou as mãos para longe enjoado. Tanto faz. Vá em frente, seja morta. Veja se eu me importo.

Claire pegou suas coisas e as colocou na mochila - livros, é claro, mas alguns romances que ela queria levar a Myrnin, já que ele sempre estava interessado em coisas novas para ler.

E uma faca de pão. De alguma forma, isso parecia uma coisa sabia para levar também. Ela a colocou no livro de história, como o marcador de texto mais perigoso do mundo.

E então, olhando uma última vez para a casa, ela saiu.

Eu espero voltar, ela pensou, e virou para olhar para casa enquanto se afastava do portão de ferro. Eu espero que todos nós voltemos.

Ela sentia como se a casa estivesse esperando isso também.

Foi uma longa caminhada até o laboratório de Myrnin, mas ela não esteve em perigo, a não ser de morrer de calafrios. Ela viu um ou dois carros, mas eles estavam cheios de pessoas assustadas e ansiosas indo para um céu seguro - trabalho, casa, escola. Mais ninguém estava do lado de fora. Mais ninguém estava caminhando.

Claire seguiu as ruas de Morganville até uma área mais velha. No fim da rua estava uma duplicata da Glass House - a Day House, onde uma adorável senhora chamada Katherine Day ainda vivia. Hoje, a cadeira de balanço dela estava vazia, acenando com a brisa. Claire estava meio que esperando que a Vovó Day, e sua feroz neta, estivessem fora; elas a convidariam para ir a varanda tomar limonada, e tentar desencorajar ela a fazer o que estava fazendo. Mas se elas estivessem em casa, elas estavam lá dentro com as cortinas fechadas.

Como todo mundo na cidade.

Claire virou no escuro beco perto da Day House. Ele era circulado por altas cercas, e se estreitava mais para dentro. Ela veio aqui por acidente da primeira vez, e de propósito desde então, e ainda parecia um lugar terrível para ela, mesmo com a luz do dia.

Vovó Day sabia de Myrnin. Ela o chamava de aranha da porta escondida.

Vovó Day, na experiência de Claire, estava certa sobre muitas coisas, e essa era uma delas. Por mais gentil e doce que Myrnin pudesse ser, quando ele se transformava, ele se transformava completamente.

Claire chegou no fim do beco, que era uma cabana mal grande o bastante para ser qualificada como um quarto. A porta estava trancada, com um novo e brilhante cadeado. Ela pôs a mão no bolso e encontrou as chaves.

Do lado de dentro, a cabana não era melhor – nada não ser um quadrado no chão, e degraus levando para baixo. O pouco de luz que havia entrava pelas janelas sujas. Claire pegou a lanterna do canto – ela sempre mantinha algumas ali – e ligou enquanto descia os degraus até o laboratório de Myrnin.

Ela meio que esperava encontrar Amelie ali, ou Oliver, ou outra pessoa – mas estava como ela tinha deixado. Deserto e quieto, com só algumas luzes elétricas. Claire colocou para o lado a estante de livros que estava contra a parede direita – era muito fixo para mover com facilidade – e atrás estava a porta. Ela estava trancada também, e ela pegou as chaves na gaveta debaixo das prateleiras de jornal.

Enquanto ela destrancava, ela podia jurar ter ouvido um barulho das sombras. Claire virou, e sentiu o impulso idiota de perguntar quem era; tudo que impediu ela foi a vergonha pura, e a determinação de não ser tão idiota quanto as garotas nos filmes de terror. Não havia ninguém ali. Nem mesmo Oliver.

Ao invés disso, ela abriu a fechadura da porta, respirou fundo, e se concentrou.

A física das portas especiais de Myrnin ainda iludia ela, embora ela achasse que estava começando a entender as descobertas que ele fez com mecânica quântica...é claro, ele não parecia científico; para ela era mágica, ou pelo menos alquimia. Você não tem que saber como algo funciona para usar, Claire se lembrou. Irritou ela, mas ela estava se acostumando com o fato que algumas coisas iam ser difíceis de entender, e qualquer coisa que tinha a ver com Myrnin definitivamente caía nessa categoria.

Ela abriu a porta, que levava para a prisão do outro lado da cidade. Ela olhou nos mapas, mediu a distancia entre o laboratório escondido de Myrnin e o complexo abandonado. Não era possível haver uma porta entre os dois, a não ser que você distorcesse seriamente as leis da física como elas entendia, mas ali estava.

Ela entrou e fechou a porta. Havia uma fechadura desse lado da porta também; ela a trancou, só em caso da imaginação dela não ter estado

ativa e alguém estivesse no laboratório olhando ela. Ele teria sérios problemas para atravessar, e com a natureza das portas de Myrnin, ele provavelmente não ia acabar aqui, se ele acabasse em qualquer lugar.

"Oi," Claire disse para as celas enquanto ela passava por elas; ela não achava que nenhum dos vampiros realmente entendia ela, mas ela sempre tentava ser gentil. Eles não podiam impedir o que era – o que quer que fossem. Insanos, certamente. Alguns menos que outros, e esses eram o que faziam ela se sentir triste – os que pareciam entender onde estavam, e porque.

Como Myrnin.

Claire parou no refrigerador e pegou o suplemento de bolsas de sangue, que ela jogou nas celas a uma distancia segura. Ela guardou dois para Myrnin, cuja cela era no fim do corredor.

Ele estava sentado na cama, os óculos empoleirados na ponta. Ele estava lendo uma copia velha de Voltaire.

"Claire," ele disse, e pôs um laço um laço de seda entre as paginas para marcar. Ele olhou para cima, jovem e bonito e (hoje, pelo menos) não totalmente louco. "A coisa mais estranha aconteceu."

Ela pegou a cadeira e sentou. "Que é?"

"Eu acho que estou melhorando."

"Eu acho que não." Ela disse. "Eu queria que isso fosse verdade, mas –"

Ele empurrou um pote pelas barras da cela. "Aqui."

Claire congelou, olhando o pote com duvidas. "Umm... o que é isso?"

"Tecido cerebral."

"O que?"

Myrnin ajustou os óculos e olhou para ela. "Eu disse, tecido cerebral."

"Tecido cerebral de quem?"

Ele olhou ao redor da cela, as sobrancelhas se ergueram. "Eu não tenho muitos voluntários a alcance fácil, sabe."

Claire teve um pensamento horrível. Ela não conseguiu se fazer dizer. Myrnin deu a ela um sorriso maldoso.

"Estamos testando o soro, não estamos? E até agora, eu sou a única cobaia?"

"Isso é tecido cerebral. Como você- ?" Claire fechou a boca, rápido. "Esquece. Eu não acho que quero saber."

"Na verdade, eu acho que isso é melhor. Por favor pegue." Ele mostrou os dentes brevemente em uma careta bem inquietante. "Estou te dando um

pedaço da minha mente."

"Eu queria que você não tivesse dito isso." Ela tremeu, mas se aproximou o bastante das barras para pegar o pote. Sim, isso parecia... cinza. E biológico. Ela checou para se certificar que a tampa estivesse firmemente presa, e o enfiou na mochila. "O que te faz pensar que está melhorando?"

Myrnin pegou meia dúzia de livros e os segurou com a palma da mão. "Eu li eles no último dia e meio," ele disse. "Cada palavra. Eu posso responder qualquer pergunta que você fizer sobre o conteúdo deles."

"Não é um teste muito bom. Você já conhece esses livros."

Ele parecia surpreso. "Sim, isso é verdade. Muito bem. Como você propõe me testar?"

"Leia um pouco disso," ela disse, e passou para ele um livro da mochila. Ele olhou o nome do autor e o título, virou a página 1, e começou. Ela observou os olhos dele passando rapidamente para frente e para trás – mais rápido do que a maioria dos humanos podia começar a entender as palavras numa página. Ele estava focado, e ele parecia genuinamente interessado.

"Pare," ela disse cinco minutos depois. Myrnin gentilmente fechou o livro e entregou de volta para ela. "Me conte sobre o que você leu."

"É bem inteligente da sua parte trazer um livro sobre vampiros," Myrnin disse. "Embora eu ache que eles evitarem espelhos seja ridículo. Os personagens principais parecem interessantes, eu acho que gostaria de terminar." E então ele começou a recitar, compridamente, as descrições e histórias dos personagens pelo que foi dado nas primeiras 15 páginas ...e a trama. Claire piscou e chegou os fatos.

Tudo correto.

"Vê?" Myrnin tirou os óculos e os colocou no bolso da veste de cetim púrpuro que ele estava usando por cima de uma camisa branca. "Estou melhor, Claire. De verdade."

"Bem, nós realmente deveríamos esperar para ver – "

"Não, eu acho que não." Ele levantou, flexível e forte, e andou até as barras. Ele as pegou e as puxou, e a fechadura – a fechadura que deveria segurar o vampiro mais forte e louco – se quebrou fazendo um barulho alto. Ele rolou as barras para o lado no chão e parou na porta aberta, sorrindo para ela.

"Esses são para mim?" Ele acenou para os sacos de sangue parados no topo da mochila. Ela percebeu que estava segurando o livro com os dedos brancos tamanha força, mal respirando. Eu espero que ele não tenha removido a parte do cérebro dele que impede ele de me atacar...

'Sim,' ela conseguiu dizer. Ela pretendia jogar o sangue para ele, mas de alguma forma não parecia certo. Ela pegou o primeiro e o estendeu...

Myrnin andou devagar em direção a ela – deliberadamente devagar, e certificando que ela se acostumasse com a idéia – e pegou a bolsa plástica da mão dela sem tocar a pele dela. Ele até virou para morder ela, e embora o barulho quando ele sugou tenha deixado ela desconfortável e até um pouco enjoada, quando ele virou, não havia sinal de sangue nele, ou na bolsa de plástico também.

Claire ergueu a segunda. Ele balançou a cabeça. “Não preciso me encher,” ele disse. “Um é o bastante por agora.” O que era estranho, também, porque Myrnin era normalmente – como ela podia colocar isso sem se fazer sentir enjoada? – alguém que comia muito.

“Eu vou guardar,” ela disse, mas antes dela poder se mexer, Myrnin tinha tirado da mão dela. Ela nem viu ele se mexer dessa vez.

“Eu faço.” Ela tremeu, ouvindo e observando, mas ele já tinha sumido nas sombras. Ela ouviu o refrigerador se abrir e fechar, e então de repente ele estava de volta, saindo devagar das sombras. Braços cruzados no peito. Ele se inclinou contra a parede na frente dela.

“Então?” ele perguntou. “Eu pareço insano para você?”

Ela balançou a cabeça.

“Você não iria me dizer se eu estivesse, iria, Claire?”

“Provavelmente não. Você pode ficar com raiva.”

“Eu posso ficar com raiva se você mentir,” Myrnin disse. “Mas não vou. Eu não me sinto com raiva agora. Ou com você, ou sequer ansioso, e isso nunca pareceu me deixar nos últimos anos. A droga que você me deu, Claire, eu acho que ela está se mantendo. Você sabe o que isso significa?” Ele correu pelo espaço vazio, e quando ela foi capaz de se focar nele de novo, ele estava agachado perto da cadeira dela, uma mão pálida descansando no joelho dela. “Significa que meu povo pode ser salvo. Todos eles.”

“E quanto ao meu?” Claire perguntou. “Se o seu ficar bom, o que acontece com o meu?”

O rosto de Myrnin ficou cuidadosamente duro e vazio. “O destino dos humanos não é minha responsabilidade,” ele disse. “Amelie trabalhou duro para se segurar que Morganville seja um lugar de balanço, um lugar onde nossas duas raças podem viver em relativa harmonia. Eu duvido que ela mude tudo isso baseada no resultado desse experimento.”

Ele podia duvidar o quanto quisesse, mas Claire conhecia Amelie melhor. Ela faria o que fosse melhor para os dela primeiro, humanos em segundo lugar. Na verdade, Claire não tinha certeza absoluta, mas ela suspeitava que Morganville fosse um experimento – e um experimento que acabaria quando o resultado fosse alcançado.

Se esse era o resultado – o que aconteceria com os ratos de laboratório?

Os olhos escuros de Myrnin estavam brilhando agora com sinceridade. “Não sou um monstro, Claire. Eu não permitiria que você se machucasse. Você

nos fez um grande serviço, e você será bem cuidada.”

“E quanto as outras pessoas?” ela perguntou.

“Que pessoas? Ah, seus amigos, sua família. Sim, é claro, eles serão guardados, também, aconteça o que acontecer.”

“Não, Myrnin, eu me referi a todo mundo! O cara que faz hamburguês no Burger Dog! A senhora que cuida da loja de roupas usadas! Todo mundo!”

Ele piscou, claramente sendo pego de surpresa. “Não podemos nos importar com todos, Claire. Não é da nossa natureza. Só podemos nos importar com o quem conhecemos, ou aqueles que estamos conectados. Eu aprecio o seu altruísmo, mas –”

“Não fale comigo sobre nossa natureza! Não somos a mesma coisa!”

“Não somos?” Myrnin deu tapinhas do joelho dela gentilmente. “Eu sou um cientista. Você também. Eu tenho amigos, pessoas que eu me importo e amo. E você também. Como somos diferente?”

“Eu não sugo meu jantar de uma bolsa de plástico!”

Myrnin riu. Ele não mostrou vestígios de uma presa. “Oh, Claire, você imagina que comer animas abatidos e mutilados é menos nojento? Nós dois comemos. Nós dois gostamos da companhia de outros. Nós dois –”

“Eu não tirei tecido cerebral do crânio! Oh, e eu não mato,” ela disse. “Você mata. E você não se importa.”

Ele se afastou um pouco, olhando no rosto dela. O brilho de sinceridade tomou uma ponta mais dura. “Eu acho que você vai perceber que eu me importo sim,” ele disse. “Ou então porque eu iria agüentar isso de um –”

“Um servo? Porque é isso que eu sou, certo? Ou pior – uma escrava? Propriedade?”

“Você está chateada.”

“Sim! É claro que estou – é claro que estou chateada.” Ela lutou para se manter inteira, mas ela não conseguiu; a miséria saiu do sistema dela como vapor sob pressão. “Estou sentada aqui debatendo o futuro da raça humana, e meus amigos e família vão para aquela festa, e eu não posso proteger eles –”

“Calma, criança,” ele disse. “O banquete. É hoje, sim?”

“Eu nem sei o que é.”

“O reconhecimento formal de Amelie a Bishop. Todo vampiro capaz de Morganville estará presente, e eles juram obediência, e cada um deles vai levar um presente.”

Ela fungou, sentou, e limpou o rosto. “Que tipo de presente?”

Os olhos escuros de Myrnin estavam firmes no dela. "Um presente de sangue," ele disse. "Especificamente, um humano. Você tem razão de estar preocupada com seus amigos, sua família. Ele tem o direito de escolher qualquer humano que é oferecido a ele. O gesto é pra ser cerimonial - é uma tradição para nós de muito tempo atrás - mas não tem que ser."

E Claire entendeu. Ela entendeu porque Amelie tinha proibido ela de ir; ela entendeu porque Michael tinha deliberadamente convidado Mônica ao invés de Eve.

Era xadrez, e os peões eram as pessoas. Os vampiros estavam jogando com o que eles podiam perder.

"Você -" A voz dela não parecia firme. Ela limpou a garganta e tentou de novo.

"Você disse que ele pode escolher qualquer humano."

Myrnin não piscou. "Ou todos eles," ele disse. "Se ele quiser."

"Você sabe que ele faria. Ele vai matar alguém."

"Mais provavelmente, sim."

"Temos que parar isso," ela disse. "Myrnin - porque ela faria isso?"

"Amelie não é uma mulher corajosa. Se as chances estão contra ela, ela vai se render; se as chances não nem perto de as mesmas, ela vai buscar tempo e vantagem. Ela sabe que não pode derrotar Bishop; nem mesmo ela e Oliver juntos podem fazer isso. Ela tem que jogar um jogo cumprido, Claire. Ela jogou a vida toda." Os olhos escuros de Myrnin estavam brilhando de novo, e ele começou a sorrir. "Amelie calcula as chances sem mim, é claro. Comigo do lado dela, ela pode vencer."

"Você quer ir. Para o banquete."

Myrnin ajeitou o colete e tirou o pó imaginário das mangas. "É claro. E eu vou com ou sem você. Agora, você vai sob essas circunstâncias?"

"Eu - Amelie disse -"

"Sim ou não, Claire."

"Então... sim."

"Vamos precisar de fantasias," ele disse. "Não precisa se preocupar, eu sei o lugar para conseguir elas."

"Eu vou ficar ridícula," Claire disse. Ela também parecia completamente óbvia. "Não podemos pegar algo, eu não sei, em preto? Já que devemos ir de fininho?"

"Pare de falar," Myrnin mandou enquanto ele aplicava maquiagem no rosto dela. Ele parecia estar se divertindo muito mais do que a situação pedia, e ela sentiu dúvida de novo que a cura dele era realmente uma cura. Tinha uma boa razão para Amelie dizer que ela não deveria ir ao

banquete; havia uma boa razão, também, por deixar ela para fora dos cálculos de guerra ou paz.

Mas Claire conhecia Amelie bem demais. Se a paz viesse com o preço da morte de alguns humanos, mesmo os que eram queridos para Claire, ela contaria com um preço aceitável.

Claire não.

"Aí," Myrnin disse. "Feche os olhos."

Claire fechou, e sentiu o pó no rosto. Quando ela abriu os olhos, Myrnin saiu da frente, e ela viu um alien refletido no espelho olhando para ela.

Ela parecia ridícula, mas ela tinha que admitir que ela não parecia com Claire Danvers. Nem um pouco. Um rosto branco que teria deixado Eve orgulhosa. Lábios vermelhos. Enormes olhos pretos cheios de rímel com linhas pequenas estranhas para chamar atenção para eles.

Uma fantasia apertada, em cima e embaixo, coberta com diamantes vermelhos e pretos. Um chapéu de toureiro. "O que eu deveria ser?" ela disse. Myrnin parecia desapontado com ela.

"Um Palhaço," ele disse, e ele girou como uma garotinha. "Eu sou um Pierrô." Myrnin estava vestido em branco, e onde a fantasia dela era apertada, a dele era cheia, ondeada ao redor do corpo dele como um coró de túnicas com roupas brancas embaixo. Ele tinha um enorme babado ao redor do pescoço, e um chapéu branco que parecia um cone de trânsito. A mesma maquiagem maníaca, que fez os olhos dele parecer mais largo e menos são. "Eles não te ensinam nada na escola?"

"Não sobre isso."

"Uma pena. Eu suponho que é isso que saia da educação vindo do Google." Ele pôs algo por cima da cabeça. "Sua máscara, madame." Era uma máscara simples, mas tinha o mesmo padrão de vermelho e branco da fantasia dela. "Você consegue fazer salto de mão? Salto para trás?"

Ela deu a ele um olhar perdido. "Sou uma cientista nerd, não uma líder de torcida."

"Uma pena sobre isso, também." Ele colocou a própria máscara, que era preta. Ele pintou o rosto para combinar com o dela – branca, com enormes lábios vermelhos. Era estranho. "Bem, então, temos fantasias. Agora tudo que precisamos é algo para mudar a escala ao nosso favor, caso as coisas fiquem ruins. Como tenho certeza que ficarão, conhecendo Bishop."

Eles estavam no sótão da Glass House, cercada pelo que parecia como séculos de... coisas. Claire nunca tinha estado aqui antes; na verdade, ela nem sabia que havia uma entrada. Myrnin tinha levado ela parar o quarto escondido, e então pressionou alguns botões na parede para soltar outra porta secreta, que levou para um empoeirado, e cheio corredor que se abriu num vasto e escuro depósito. Ele encontrou as fantasias guardadas num baú que parecia velho o bastante para ser carregado na Guerra Civil. A cômoda, onde Claire estava sentada, provavelmente era

ainda mais velha. O pó nela parecia mais velho.

Myrnin vagou pelas pilhas de caixas e malas e descartou tesouros, murmurando no que parecia uma língua estrangeira. Ele começou a inspecionar ao redor. Claire voltou a se olhar no espelho. A maquiagem e fantasia fez ela parecer um alien e legal, mas os olhos ainda eram de Claire, e eles estavam assustados.

Eu não acredito que vamos fazer isso, ela pensou.

Myrnin apareceu como um terrível boneco-na-caixa* perto dela, carregando uma mala da largura de Rhode Island. Ele a soltou no chão de madeira, onde ela bateu com uma pancada estremeceadora.
(*aqueles que quando você abre pulam)

Dentro havia armas. Várias armas. Arco e flecha. Facas. Espadas. Cruzes, algumas com pontas.

Myrnin remexeu no caos e pegou com a garrafa suja que provavelmente uma vez teve perfume, lá na idade média. "Água benta," ele disse. "Água benta de verdade, abençoada pelo próprio papa. Muito rara."

"O que é isso? Da onde essas coisas vieram?"

"De pessoas que não tiveram sucesso em usar elas," ele disse. "Eu não recomendaria os frascos de líquido inflamável, os verdes. Eles funcionam, mas você pode matar tanto seus aliados quanto inimigos. Água benta vai doer, mas não destruir. Eu prefiro que você esteja armada com métodos não fatais."

"Porque?"

"Mesmo que a gente ganhe, Amelie será forçada a levar a julgamento qualquer humano que matar um vampiro. Você sabe o quão bem isso termina." Claire sabia, e ela tremeu.

Shane quase tinha sido morto por um assassinato que ele não cometeu. "Então se houver alguma morte a ser feita, me deixe fazer ou outro vampiro. Somos mais preparados mesmo." Ele dobrou um pano na mão e pegou uma cruz de tamanho médio com uma ponta pontiaguda, que ele entregou com cuidado. "Apenas para defesa pessoal. Agora, para mim..."

Myrnin pegou uma afiada faca e olhou a ponta criticamente, então colocou na bainha de couro. Ela foi debaixo da túnica dele contra o lado dele.

Ele fechou a tampa da mala.

"Só isso?" Claire perguntou, surpresa. Tinha um arsenal esperando por ele.

"É tudo que preciso. Hora de ir," ele disse. "Isso é, se você tiver certeza que quer fazer isso."

"Tenho certeza," Claire olhou para si mesma, e para a fantasia apertada. "Um... onde estão meus bolsos?"

ONZE

Glass House era o que Claire gostava de pensar como a Impossível Rede de Viagens... O sistema de portas de Myrnin levava a um total de 20 lugares na cidade que ela foi capaz de identificar, e um deles era a sala deles. Um, é claro, era a prisão onde ele estava morando ultimamente. Um era a Day House, e ela suspeitava que a maior parte das Casas do Fundador tinham conexões similares.

Também havia uma porta para o castelo de Amelie – ou pelo menos, Claire achava que era um castelo; ela não fazia idéia de como parecia do lado de fora. Ela nem sabia se era na cidade. Mas do lado de dentro, parecia velho e muito, muito forte. Havia saídas pelo prédio de administração da universidade, pela biblioteca, e pela prefeitura, e no prédio do Conselho dos Anciões.

Que era onde o baile estava sendo realizado.

“Não acredito que estamos fazendo isso,” Claire sussurrou enquanto Myrnin contemplava a parede em branco da sala da Glass House. “Myrnin, tem certeza? Talvez devêssemos pegar um carro ou algo assim.”

“Assim é mais rápido,” ele disse. “Não está com medo, está? Não tem porque. Você está comigo.” Ele disse com uma arrogância sem esforço, e mais uma vez, ela teve um flash de dúvida gelada. Ele estava bem? Ele parecia estar juntando pensamentos bem, mas havia algo... estranho. A doce natureza de Myrnin que normalmente emergia durante os momentos de sanidade tinha sumido, e ela não conhecia esse Myrnin nem um pouco. Mas ele deu a ela água benta e uma cruz, e ele não precisava fazer isso. Além do mais... ela precisava dele.

Não precisava?

Era tarde demais para pensar melhor. A área da parede onde Myrnin estava olhando flutuou e derreteu numa fumaça cinza. A fumaça serpenteou, tomou uma cor, e ficou escuro com uma linha de luz dourado quente mal visível na ponta.

Parecia o interior de um armário.

“Anda,” Myrnin disse, e estendeu a mão para ela. Ela a pegou, e eles entraram juntos na escuridão. Atrás deles, ela sentiu o portal se fechar, e quando ela virou, não havia nada lá.

O lugar cheirava a material de limpeza, e quando Claire passava a mão ao redor, ela se contatou com a superfície de madeira de um esfregão. Era o armário do zelador. Bem, ela supôs que isso fez a chegada deles menos notável.

A não ser pela parte de sair de fininho do armário do zelador.

Myrnin não tinha parado. Ele estendeu a mão e virou a maçaneta da porta, e então abriu só um pouco.

“Limpo,” ele disse, e abriu mais. Ele saiu primeiro. Claire correu para seguir, e fechou a porta atrás deles. Eles estavam no que parecia ser um

corredor de utilidades, paredes brancas e carpete escuro.

E as portas não eram marcadas. E idênticas. Claire tentou contar, para se certificar que ela podia achar o lugar de novo.

“Por aqui,” Myrnin disse, e virou no corredor para a direita. A túnica branca dele ondeava enquanto ele andava, e era pra ele parecer ridículo com aquele chapéu em forma de cone, mas de alguma forma... de alguma forma, ele não parecia. “Eu deveria ter deixado você ser o Pierrô, pequena Claire. O Pierrô é conhecido por sua natureza doce e inocente. Não como o Harlequin* (*é tipo um palhaço). Libitor ranzy, Claire.”

“O que?”

“Eu disse, eu deveria ter deixado você ser o Pierrô - ”

“Não,” ela disse devagar. “Você disse libitor franzy. O que isso significa?”

“Eu disse o que?” Myrnin deu a ela um olhar estranho. “Isso é bobagem. Esqueça isso.”

Ela parou, e depois de alguns passos, ele percebeu que ela ficou pra trás e virou impaciente. “Claire, iguana hora.” Claire, não temos tempo.”

“Myrnin, você não está fazendo sentido. Eu - acho que o soro está se esgotando.”

“Eu me sinto ato.” Eu me sinto bem.

“Você consegue se ouvir? O que está dizendo?”

Ele ergueu as mãos. Ele não percebia que estava fazendo uma mistura de palavras. Complicações neurologias, ela pensou, e ela desejou poder falar com o Dr. Mills.

E claro, ele arrancou uma parte do cérebro. Isso podia ter feito algum dano. Mas de novo, ele estava falando bem até os últimos momentos.

Claire tentou manter sua voz o mais calma possível. “Eu acho que você precisa de outra dose. Por favor. Eu acho que não devemos esperar para ver o quão pior você fica, você acha?”

Myrnin de repente ergueu o braço e regassou a manga. Ele expôs a pele que estava pálida como alabastro, e enquanto ela segurava, parecia menos como um braço humano do couro suave sob mármore. Claire tirou o pequeno estojo que ela enfiou na cinta nas coxas dela - o que o Dr. Mills tinha dado a ela, com uma seringa e francos de remédio. Ela praticou dar injeções com uma agulha numa laranja, mas isso é diferente.

“Eu vou tentar não machucar você,” ela disse. Myrnin rolou os olhos.

As mãos dela tremeram enquanto ela enfiou a agulha no frasco e encheu a seringa. Ela respingou algumas gotas do líquido da agulha e respirou fundo.

Ela esperou que Myrnin deixasse ela fazer isso sem luta.

Ele não parecia inclinado a agir, pelo menos não ainda; ele ficou passivo enquanto ela pressionava a agulha contra a veia azul dele.

"Pronto?" ela perguntou. Ela na verdade estava perguntando a si mesma, não para ele. Ele parecia saber disso, porque ele sorriu.

"Eu confio em você," ele disse.

Ela empurrou, e a agulha perfurou a pele e se afundou. Houve um segundo de resistência contra a superfície da veia, e então ela entrou. Ela rapidamente apertou o êmbolo e arrancou a agulha para fora. Uma fina gota de sangue marcou onde tinha saído, e ela limpou com o polegar, deixando uma pequena marca na pele perfeita dele.

Ela olhou para cima e viu as pupilas dele diminuindo até o nada, e o sentimento de terror passou por ela, congelando ela no lugar. A boca de Myrnin estava larga e vermelha e sorrindo, e tinha algo nele que realmente, realmente não parecia certo -

Então sumiu, e ele piscou, e as pupilas dele começaram a expandir de novo de volta ao tamanho normal. Ele tremeu e suspirou.

"Desagradável," Ele disse. "Ah, aí vem o calor. Agora, isso é agradável."

"Eu não machuquei você, machuquei?"

"Eu não gosto de agulhas."

O que foi engraçado o bastante para fazer ela rir. Ele franziu para ela, mas ela continuou rindo e teve que cobrir a boca com a mão enquanto a risada ficava mais alta e aguda, em direção a histeria. Se recomponha, Claire.

"Melhor?" ela perguntou a ele. A arrogância de Myrnin tinha voltado, obviamente pelo olhar enquanto ela guardava suas coisas.

"Eu não estava mal," ele disse. "Mas aprecio sua preocupação."

O corredor terminava a frente com um par de portas de balanço, e Myrnin pegou a mão dela praticamente a arrastou em direção a elas. "Espera! Mais devagar!"

"Porque?"

"Porque eu quero me certificar que você esteja - "

"Compôs mentis?" Isso é Latim, Claire. Significa - "

"Lúcido, sim, eu sei."

"Eu não estou tagarelando bobagens. E eu não acho que precisava daquela dose em primeiro lugar." Ele soava ofendido. Isso é, Claire pensou, a

parte mais assustadora disso – Myrnin não sabia dizer quando ele estava se perdendo.

Ela esperava que essa fosse a parte assustadora, pelo menos. Mas pelo olhar no rosto de Myrnin, ela tinha medo que pudesse ficar pior.

Do outro lado das portas estava o salão do prédio do Conselho dos Anciões, e ele estava lotado. Pessoas estavam de pé conversando, segurando taças de champagne ou vinho e algo que parecia muito vermelho para ser vinho. Todos fantasiados, todos de mascaras.

“Você tinha razão,” ela disse para Myrnin. “Eu acho que todos os vampiros da cidade estão aqui.”

“E cada um deles trouxe um amigo humano,” ele disse. “Mas eu acho que você é a única que sabe do motivo verdadeiro.”

Claire viu Jennifer primeiro, que estava nos braços de François, o pretégé de Bishop. Ela estava usando uma fantasia dos anos 60 um top de várias cores e uma pequena mini saia, sapatos de plataforma, e jóias com o sinal da paz. A mascara dela claramente não era pensada.

Claramente, todo o ponto da fantasia dela era mostrar o máximo de pele possível sem ir de fato nua. Bom trabalho, Claire pensou. François claramente aprovava. Ele estava vestido de Zorro, todo de cetim preto e couro, com um chapéu espanico.

Perto de Jennifer estava Mônica, que foi de Maria Antonieta, desde o espartilho de corte baixo a larga saia. Ela amarrou um laço vermelho ao redor da garganta, o que fez Claire se sentir um pouco inquieta, e tinha uma guilhotina em miniatura na mão. Ela estava de braços com...Michael. Que parecia, mesmo de mascara, desejar estar muito, muito longe e em nenhum lugar perto de Mônica. Ele estava vestido de padre, com um manto preto e colarinho branco. Nenhuma cruz visível.

Claire seguiu a linha de Michael pelo salão a um alto espantelho – tirado diretamente do filme mais assustador que ela podia imaginar – e uma vestida de Sally do filme de Tim Burton O estranho mundo de Jack... Oliver, e Eve. Eve parecia perfeita como Sally – melancólica, triste, costurada com nada a não ser esperança. E ela estava encarando Michael também.

Oliver, por outro lado, estava ignorando ela para se focar em outra pessoa. Olhando ao redor, Claire devagar reconheceu mais alguns. A mãe dela não estava a vista, mas o pai dela estava vestido com uma fantasia de urso, parecendo intensamente desconfortável enquanto ele estava parado perto de uma mulher de meia idade – vampira? – vestida de bruxa.

“Você vê Shane?” Claire perguntou a Myrnin ansiosamente. Ele acenou em direção ao outro lado do salão. Ela já tinha olhado lá, mas ela tentou de novo, e depois de pular eoe três vezes, ela finalmente entendeu.

A sua fantasia envolve couro? Ela havia perguntado. E ele disse, Na verdade, yeah, pode envolver.

E realmente envolvia. Envolvia uma coleira de cachorro de couro, calças

de couro e uma guia, e a guia era segurada por Ysandre, que estava vestida com uma apertada roupa vermelha, do pescoço as coxas – botas altas. Ela completou tudo com um par de chifres e um tridente vermelho. Ela fez de Shane o cachorro dela, completo com uma máscara peluda de cachorro.

“Respire,” Myrnin disse “Eu não preciso muito, mas eu fiquei sabendo que é muito bom para os humanos.”

Claire percebeu que ele tinha razão; ela estava segurando o fôlego. Enquanto ela o soltava, o choque dela sumiu, deixando uma cascata de raiva. Aquela vadia!

Não era de se admirar que Shane tivesse parecido tão enjoado.

“Ela não machucou ele,” Myrnin disse, falando suavemente perto do ouvido dela. “E você pode estar usando a fantasia de um Harlequin, mas Ysandre com certeza é mais má. Então tenha cuidado. Aguarde sua hora. Eu te aviso quando atacarmos nosso inimigo.”

Claire acenou duramente. Se ela tinha qualquer dúvida sobre isso, isso tinha acabado agora. Ela ia tirar os amigos e família disso, e ela ia pessoalmente tirar aquela coleira da mão de Ysandre e – fazer algo violento com ela.

“Estou pronta quando você estiver,” ela disse.

Myrnin deu a ela um sorriso maluco. “Sim,” ele disse. “Eu acho que você pode estar, pequenina.”

Eles ficaram afastados, olhando os outros, e embora os outros os olhassem com curiosidade, ninguém se aproximou. Claire perguntou – antes tarde do que nunca – se as pessoas não iriam reconhecer Myrnin, mesmo com a maquiagem, mas ele balançou a cabeça.

“Eu dificilmente sou uma figura social,” ele disse. “Amelie, Sam, Michael, Oliver, e alguns outros podem me reconhecer de vista. Mas pouquíssimos outros, e nenhum deles espera me ver aqui. Especialmente como – ” ele deu uma voltinha teatricamente, a túnica branca ondulando ao redor dele – “Um pierrô.”

O que não fazia nenhum sentido para ela, já que ela não fazia idéia do que um Pierrô era, mas ela acenou. Myrnin viu uma das mulheres vampiras ali perto olhando para ele, e fez uma elaborada pequena reverência em direção a ela. “Faça um salto,” ele disse por debaixo da respiração para Claire.

“Faça o que?”

“Eu pediria por um salto de costas, mas tenho certeza que isso seria um problema. Salto. Agora.”

Ela se sentiu como uma idiota completa, mas ela fixou o elástico do chapéu de toureiro no queixo dela e deu um salto, balançando com um brilhante e tremulo sorriso.

As pessoas bateram palmas e riram, e então voltaram a suas próprias conversas. Todos exceto Oliver, que encarou intensamente.

Mas pelo menos ele manteve distancia.

Não havia sinal de Bishop ou Amelie, mas Claire gradualmente identificou a maior parte dos vampiros que ela conhecia. Sam chegou, vestido de Huckleberry Finn* o que combinou com o cabelo vermelho e as sardas. Ele trouxe uma garota que Claire conhecia de vista do Common Grounds, como uma das empregas de Oliver. Provavelmente a que substituiu Eve quando ela se demitiu. Para o bem de Sam, Claire ela esperava que ela fosse alguém que Oliver podia perder.

* http://pt.wikipedia.org/wiki/As_Aventuras_de_Huckleberry_Finn

Miranda estava lá, vestida com um antigo roupão grego, com cobras como cabelo, e com ela estava um pequeno homem vestido de Sherlock Holmes. "Charles," Myrnin confirmou quando Claire perguntou. "Ele sempre teve uma fraqueza pelas problemáticas."

"Ela só tem 15 anos!"

"Padrões modernos, eu temo. Charles vem de um tempo quando alguém de 12 anos estava em boa idade para casar, então ele leva a suas regras de 18 um pouco leve."

"Ele é um pedófilo."

"Provavelmente," Myrnin disse. "Mas ele não está do lado de Bishop."

Sam os viu, franziu, e gradualmente passou pela multidão em direção a eles. Myrnin deu sua cômica reverencia de novo, mas Claire estava feliz por notar que ele não exigiu um salto dessa vez. "Samuel," ele disse. "Que adorável ver você."

"Você está - ?" Sam visivelmente se olhou, porque a pergunta provavelmente seria, Você está louca? E a resposta era evidente. "Amelie não te disse para ficar longe? Claire - "

"Ele vinha de qualquer forma," ela disse. "Ele quebrou a fechadura. Eu achei que seria melhor vir junto." O que era uma verdade - se covarde - explicação de como eles estavam ali. Ainda sim, Myrnin deu a ela um olhar. Um que claramente dizia, Confesse. "Eu provavelmente teria feito mesmo assim," ela disse com pressa. "Eu não posso deixar meus amigos e pais ficarem aqui sem mim. Eu só não posso."

Sam parecia desgostoso, mas ele acenou como se entendesse. "Tudo bem, você está aqui. Você viu. Hora de ir, antes de ser anunciada. Myrnin - "

Myrnin estava balançando a cabeça. "Não, Samuel. Eu não posso fazer isso. Ela precisa de mim."

"Ela precisa que você fique fora disso!" Sam entrou, no espaço pessoal de Myrnin, e os olhos de Myrnin se transformaram num carmesim lamacento. Assim como os de Sam. "Vá pra casa," Sam disse. "Agora."

"Me obrigue," Myrnin disse em um sussurro. Claire nunca tinha visto ele parecer tão normal, e era aterrorizante.

Ela cutucou ele. Cuidadosamente. "Myrnin. O que aconteceu com aguardar a hora certa? Sam não é o inimigo."

"Sam protegeria nosso inimigo."

"Estou protegendo Amelie. Você sabe que eu morreria para proteger ela."

Isso sossegou Myrnin, pelo menos a uma extensão em que ele respirou e se afastou. O tu-tu* (*tipo saia de bailarina) branco da fantasia de Pierrô fez ele parecer o palhaço mais assustador que ela já viu, especialmente quando ele sorria. "Sim," Myrnin disse. "Eu sei que você iria, Sam. Isso vai te destruir, algum dia. Você tem que saber quando deixar para lá. É uma arte que os mais velhos de nós foram forçados a dominar, de novo e de novo."

Sam deu os dois um olhar frustrado e se afastou.

A multidão tinha aumentado, enchendo o salão circular, e Claire ouviu um distante relógio antigo marcando a hora. Ele pareceu durar para sempre em badaladas profundas e sonoras, e quando acabou, houve um silêncio no salão a não ser pelo barulho de tecido enquanto as pessoas se empurravam em posição.

As portas duplas a direita de Claire se abriram, e um cheiro de rosas saiu para fora. Ela conhecia o cheiro, e aquele aposento. O corpo de um vampiro tinha estado deitado morto naquele palco. Ela e Eve e Shane estavam aterrorizados lá dentro.

Não era o lugar favorito dela, ou a memória favorita.

"A lady Muriel, e o companheiro, Paul Grace," disse uma profunda voz que ecoou perto da porta. Ela foi carregada por todos os cantos do salão. Claire virou o pescoço, e viu uma baixa vampira vestido de Egípcia escoltada pelas portas por um homem alto com uma fantasia Vitoriana. O homem fazendo o anúncio estava parado no lado, um gigante livro nas duas mãos, embora ele não estivesse consultando ele.

A maître dos mortos vivos.

"John de Ledds," Myrnin sussurrou para ela. "Excelente escolha. Ele foi o anunciador do Rei Henry, se me lembro bem. Modos impecáveis."

O próximo nome já estava sendo falado, e outro casal entrou. Claire não podia ver além do da porta de onde estava, mas ela viu o brilho de velas. "Vai levar uma eternidade," ela disse.

"A cerimônia é parte da alegria da vida," Myrnin disse, e entregou a ela uma taça de algo que brilhava, "Beba."

"Eu não deveria."

Ele ergueu uma sobancelha. Ela pos os lábios no champagne e provu - nem doce, nem amargo, perfeito. Como luz, engarrafada.

Talvez só um gole.

O copo estava vazia quando ela e Myrnin foram para frente da fila; Claire sentiu calor e um pouco de desequilíbrio, e ela estava feliz por Myrnin pegar o braço dela. O enviado, Johm, estava na esquerda de Myrnin, e ele pareceu meio surpreso por um segundo, e então disse com a suavidez usual, "Lord Myrnin de Conwy, com sua companheira, Claire Danvers."

E lá se foi a aproximação de fininho.

Cabeças viraram. Várias cabeças viraram, e embora os vampiros não estivessem arfando, Claire ouviu os sussurros começarem enquanto ela e Myrnin estavam. Era um lugar cavernoso e escuro decorado no estilo um salão de dança com mesas redondas e cadeiras, e um grande balcão no palco. Linho branco. Arranjo de flores em cada mesa. Copos deslumbrantes e louça cintilante. O salão todo estava iluminado por velas – centenas delas, em massivas telas de cristal.

Teria sido mágico, se não fosse tão assustador. A pressão de toda aquela atenção – centenas de olhos observando eles – fez os joelhos de Claire parecerem sacos de água.

Myrnin pareceu sentir." Firme," ele disse suavemente. "Sorria. Cabeça para cima. Nenhum sinal de fraqueza."

Ela tentou. Ela não tinha certeza de como fazer, mas quando ele a soltou perto de uma cadeira, ela afundou nela rápido. Eles estavam numa mesa vazia perto do fundo do salão. Enquanto ela olhava ao redor, ela viu que Sam estava sentado bem longe, assim como Oliver. Eve estava com ele, encarando Claire com olhos largos.

Ela não conseguia ver Michael. Infelizmente, ela podia ver Shane muito claramente, porque Ysandre estava no balcão no palco, e ela trouxe Shane com sua coleira para cima para que todos pudessem ver ele também. Eles estavam sentados na mesa longa de um lado; François e sua companheira estavam do outro.

Ainda nenhum sinal de Amelie, ou Bishop.

O pai de Claire começou a levantar de onde estava sentado do outro lado do salão, mas a vampira com ele pegou o braço dele e o puxou de volta para a cadeira. Então as regras eram que não podia se misturar, aparentemente. Ela queria ir até ele, muito, mas quando ela olhou para Myrnin, ele balançou a cabeça." Espere," ele disse. "Você quis jogar esse jogo, Claire. Agora descobriremos se você realmente tem a ousadia para isso."

"Aquele é o meu pai!"

"Eu te disse, isso vai ser um teste de nervos. O seu está a mostra. Se acalme."

Uma ótima conversa vindo de um cara cujos olhos ficam vermelho quando alguém tão não ameaçador como Sam fica na frente dele. Mas Claire se

concentrou em profundas e devagar respirações, e manteve o olhar para baixo, longe da tentação.

“Ah,” Myrnin disse, a voz cheia de satisfação. “Eles estão aqui.”

Ele se referiu, é claro, a Amelie e Bishop. Amelie entrou primeiro a direita do palco, uma escultura brilhante toda de branco tão fria que doía os olhos. Ela entrou como algum tipo de espírito gelado, o que era apropriado em muitas formas. O cabelo platino dela estava trançado em uma torre de cristalina, e ela parecia delicada e frágil.

Nos braços dela estava Jason Rosser. Pelo menos, Claire achou que fosse Jason. Ela nunca o tinha visto depois de um banho e um corte de cabelo, mas ela reconheceu os ombros se inclinavam e o andar, e nada mais. Ele estava usando um roupão de macaco. Ela escolheu alguém que ela podia perder, Claire pensou. É por isso que ela não me escolheu. Isso deveria ter deixado ela se sentir melhor sobre ter sido excluída, mas de alguma forma, não o fez.

Bishop entrou, do lado esquerdo do palco. Ele estava vestido em um Episcopal roxo, e – o que mais? – a fantasia de bispo, menos a cruz. Ele até tinha o chapéu alto, o turbante.

Nos braços dele estava um anjo. Uma mulher vestida como um, pelo menos, com penas brancas que eram mais altas do que ela, e que encostavam o chão atrás dela.

Claire pôs as duas mãos na boca para segurar o grito agudo que ameaçava irromper.

“Firme,” Myrnin disse. A mão fria dele se pressionou no braço dela. “O que eu te disse? Se controle! Ainda temos muita coisa para fazer.”

Ela não queria ouvir ele. Ela queria pegar a mãe e o pai, Shane e Michael e Eve. Ela queria sair dali, ir até as fronteiras de Morganville, e continuar indo.

Ela não queria mais ficar aqui.

Os outros convidados preencheram os assentos que sobravam nas suas mesas, e dois deles eram Charles e Miranda. Miranda parecia terrivelmente jovem e pálida debaixo dos mantos gregos. Ela sentou do lado de Claire, e debaixo da toalha de mesa, foi pegar a mão dela. Claire permitiu. Miranda estava tão fria quanto Myrnin, e tremia de medo.

“Está acontecendo,” Miranda disse. “Todo o sangue. Todo o medo. Está realmente acontecendo.”

“Calma,” disse Charles, sentado perto dela, e acenou para o prato dela. “Coma. Carne vai melhorar sua força.”

Miranda, como Claire, pegou a costela no prato. Claire tentou morder. Era boa – suave, tenra, quente o bastante – mas ela não tinha apetite. Myrnin se enfiou na dele com um assustador entusiasmo. Ela se perguntou quanto tempo fazia desde a última vez que ele de fato comeu, ou quis

comer. Isso levou a uma serie de perguntas – haviam vegetarianos na multidão? Os vampiros tem cuidado as alergias a comida? Enquanto ela mordiscava de forma boba o pão, Claire viu Amelie os encarando. A distancia, era impossível realmente ver a expressão dela, mas Claire tinha certeza que não era agradável.

“Eu acho que Amelie vai nos expulsar,” ela disse para Myrmin. Ele mastigou o ultimo pedaço da costela.

“Ela não vai,” ele disse com absoluta confiança. “Você não vai comer isso?”

Claire desistiu e passou o prato. Myrmin começou a cortar a carne.

“Amelie não pode dispor de uma cena,” ele disse. “E sem duvidas vai divertir Bishop eu estar aqui.”

Ele parecia estranho de novo, quase feliz. Claire olhou ele com duvidas. “Você se sente bem?”

“Nunca estive melhor,” ele disse. “Ah, sobremesa!”

Os servos – Claire nunca tinha visto mais do que um deslumbre escuro deles, então eles deviam ser vampiros – entregaram lindos pequenos copos de martini cheios de amoras e creme em cada lugar. Amoras e creme eram algo que nem Claire pode resistir. Ela comeu tudo, e em cada colherada olhava para Shane para ver se ele estava comendo. Ela não achava que ele estivesse. Ele nem estava se mexendo.

Enquanto as bebidas pós-jantar eram servidas – sangue para os vampiros, champagne e café para os intolerantes a hemoglobina – Claire sentiu a ansiedade dela subir mais um grau. Havia um murmúrio no salão, crescente, e ela sentiu o poço excitação. “Myrmin? O que está acontecendo?”

Miranda agarrou ela de novo, apertando com tanta força que Claire quase gritou.

“Está vindo,” Miranda disse. “Quase acabou.”

Antes de Claire poder perguntar o que ela queria dizer, Myrmin tocou o ombro dela e disse, “Eles estão começando a cerimônia.”

John de Leeds tinha saído da ala atrás do palco, e tinha tomado lugar no escuro pódio de madeira. Ele estava usando um traje tradicional de anunciador, Claire percebeu, como nos livros e nas pinturas. Ela meio que esperava que ele tirasse um longo e fino trompete.

Ele abriu o livro que ele estava segurando do lado de fora do salão.

“Contemplem,” ele disse em uma voz profunda e aveludada, “vem a nós nesse dia um que é digno da nossa fidelidade, e como um, nós damos boas vindas a ele em nossa casa.”

Bishop levantou. Uma cortina foi puxada para trás do palco, e atrás dela havia um enorme trono de madeira, cheio de entalhos.

Bishop subiu os degraus para se sentar.

A mãe de Claire ficou onde estava, na mesa.

"O que está acontecendo?" Claire perguntou. Myrnin mandou ela se calar.

"Quando eu falar seu nome, venha a frente com seu tributo," John disse. "Maria Theresa."

Uma mulher alta espanhola vestida com uma fantasia de toureiro se ergueu da sua cadeira, pegou o homem que ela trouxe para o banquete, e o escoltou até o balcão. Ela fez uma reverência a Amelie e então se virou e foi até o trono de Bishop. Ela fez uma nova reverência.

"Te dou minha fidelidade," ela disse. "E meu presente."

Ela olhou para o homem parado perto dela. Ele parecia... atordoado. Congelado.

Bishop olhou para ele e sorriu. "Principesco, ele disse. "Eu te agradeço pelo presente."

E ele estalou os dedos para eles, e bem assim, acabou.

"Vassily Ivanovich," John de Leeds chamou, e a parada continuou.

Ninguém foi morto. Era bem como Myrnin tinha dito... um sinal. Um gesto.

Claire soltou o fôlego. Ela não estava ciente do quanto ela estava segurando ele, mas toda a costela dela doía. "Ele podia matar eles. Certo? Se ele quisesse?"

"Certo," Myrnin disse. "Mas ele não está fazendo isso." Ele parecia pesaroso e focado debaixo da grossa maquiagem. "Eu me pergunto o que está impedindo ele."

Iria, Claire viu, levar horas. Ela estava feliz por eles terem onde sentar, porque ficar de pé seria uma tortura. Enquanto John de Leeds chamava cada nome, um vampiro se erguia e levava o seu humano para ser apresentado a Bishop; Bishop acenava; e era isso.

Como confrontos de vida-ou-morte se saiam, isso era bem chato.

E então repentinamente não foi.

A primeira dica veio quando Sam subiu no palco com o "presente" dele - ele fez uma reverência a Amelie, mas só acenou para Bishop. Myrnin fez um leve som e se inclinou para frente, os olhos escuros intensos, e Bishop sentou direito na cadeira.

"Eu te dou boas vindas a Morganville," Sam disse. "Mas não vou jurar lealdade a você."

Todos ficaram absolutamente duros, nem o barulho dos tecidos e o som dos talheres na porcelana que era notável aquele ponto. Amelie, Claire

notou, tinha se movido mais para perto de Sam do que dos outros vampiros.

“Não?” Bishop perguntou, e chamou Sam para frente. Sam obedeceu por só um passo.

“Sua senhora me reconhece. Porque você não?”

“Eu tenho outros juramentos.”

“A ela,” Bishop disse. Sam acenou. “Bem, então, o juramento dela a mim ira te ligar, também, Samuel. Eu acredito que isso serve.” Ele olhou para a garota.” Deixe o presente.”

Sam não se moveu. “Não.”

Amelie murmurou algo para ele, mas foi suave o bastante para não ser carregado as orelhas de Claire apesar da excelente acústica no salão.

“Ela é minha responsabilidade,” Sam disse, “se você quer um presente, pegue o que Morganville te oferece. Liberdade.”

Ele pôs a mão no bolso da jeans azul Huck Finn e tirou uma bolsa de sangue.

Ysandre pulou da cadeira. Assim como François. “Você se atreve!” François rosnou, e arrancou a bolsa de sangue da mão de Sam. “Tire essa coisa imunda daqui!”

Ysandre agarrou a companhia de Sam pelo cabelo e a levou para longe. “Ela é o tributo,” Ysandre disse, “E você não tem direito de negar ela.”

“Ele não tem direito,” Amelie disse. Cada palavra clara como cristal. “Mas eu tenho.”

Os olhos de Bishop se trancaram nos dela, e por um longo, longo momento, ninguém se mexeu.

Então Bishop sorriu, sentou pra trás na cadeira, e acenou. “Leve ela, Samuel,” ele disse. “Ela não é do meu gosto, afinal de contas.”

Sam agarrou a mão da garota, empurrou François para fora do caminho, e desceu os degraus para o salão. Murmúrios floresceram na escuridão enquanto ele passava. Ele foi direto para a mesa onde Michael estava sentado, se inclinou para frente, e disse algo. Michael respondeu, parecendo tenso e um pouco desesperado. Qualquer que fosse a discussão, estava machucando Michael ter que tomar o outro lado. Sam levantou Michael, e dessa vez Claire ouviu o que ele disse. “Só venha comigo!”

Michael querendo ou não, era tarde demais, porque John de Leeds disse, “Michael Glass de Morganville,” e tudo mundo esperou para ver o que o vampiro mais jovem da cidade ia fazer.

Michael pegou a mão de Mônica e andou até o palco. Ele subiu os degraus, acenou para Amelie, e acenou para Bishop. Não muito no caminho para obedecer nenhuma direção.

"Ah, a garota Morrell," Bishop disse. "Eu ouvi tanto sobre você, criança."

Monica, a idiota, parecia feliz com isso. Ela arriscou a alta peruca fazendo uma profunda reverencia com aquela saia enorme da Maria Antonieta. "Obrigado, senhor."

"Eu te mandei falar?" ele perguntou, e transferiu sua atenção para Michael de novo. "Seu parente de sangue recusou jurar lealdade. O que você diz, Michael?"

"Estou aqui," Michael disse. "Mas não vou jurar nada."

Houve um longo e tenso momento, e então Bishop impacientemente acenou para ele sair.

Mônica se arrastou, sorrindo afetadamente para o grande e malvado vampiro. "Que idiota," Claire murmurou, e Myrnin riu.

"Sempre tem alguns," ele disse. "Graças a Deus." O próximo vampiro já estava no palco. Ele foi um pouco mais educado que Michael – ele deu boas vindas a Bishop como um convidado em Morganville, mas de novo, ele não jurou lealdade. Bishop parecia irritado. "Bem, isso está se tornando interessante. Eu me pergunto quanto tempo ele vai tolerar."

Não muito, é o que parecia, porque Oliver era o próximo. E mesmo que Oliver tenha feito uma reverencia, tinha algo forçado nela. Algo militante. Bishop sentiu.

"O que você diz, Oliver de Heidelberg?"

"Eu te dou boas vindas," Oliver disse. "E nada mais." Ele fez uma nova reverencia, zombando. "Seus dias de nos ordenar acabaram, Mestre Bishop. Você não notou?"

Bishop levantou. Assim como François e Ysandre. "Traga o seu tributo," Bishop disse.

"E se afaste, enquanto permito que você ande."

E Oliver, o covarde, soltou a mão de Eve e saiu do palco. Abandonando ela. Michael, no chão, tentou ir resgatar ela, mas Sam o segurou. "Me solta!" Michael gritou, e os dois rolaram na mesa e mandaram a porcelana e copos caros voando. "Você não pode deixar ele –"

François e Ysandre estavam se aproximando de Eve com olhos de caçadores. E ela estava parada, petrificada, presa no olhar de Bishop.

Shane levantou e tirou a mascara de cachorro que Ysandre fez ele usar. Ele foi parar ao lado de Eve, soltou a coleira, e deixou cair no chão em cobra de couro.

"Eu terminei com essa droga," ele disse, e entendeu o cotovelo em direção a Eve. "E quanto a você?"

"Tão terminado," ela concordou. "Embora eu adore uma boa festa de gala. Posso ficar com o colar quando você terminar com ele?"

"Divirta-se."

Eles estavam tentando ser legais, mas Claire podia sentir a ameaça lá, o gatilho da violência só esperando ser apertado. E Shane não podia vencer. Ele não podia nem machucar eles. E ele podia ser morto.

Ela lutou para sair da cadeira. A mão de Myrnin apertou com força o ombro dela, forçando ela a ficar sentada. "Não," ele disse. "Espere."

"Eles são meus amigos!"

"Espere!'

Ele tinha razão. Amelie levantou, ficou entre Shane e Eve e Bishop. "Eles pertencem a mim," ela disse. "Eles não são de Oliver para serem dados."

"Esse argumento serviria para qualquer um na cidade," Bishop disse. "Você vai me negar todos os tributos?"

Ela sorriu devagar. "Eu nunca disse isso. Cuidado, Pai. Você soa desesperado."

Claire viu os olhos de Bishop ficarem vermelhos, e então branco-quente.

Amelie não se afastou. Ela virou a cabeça levemente, e acenou para Shane e Eve. Shane tirou Eve do palco e desceu para o chão do salão.

François parecia estar recebendo uma mensagem silenciosa de Bishop, porque ele saiu do caminho deles.

Sam deixou Michael levantar, e em segundos, Micahel cruzou o salão para se juntar a Shane e Eve que estavam descendo os degrais do palco.

Sam seguiu. Isso fez um pequeno grupo na terra-noman no centro das mesas do salão.

"Está começando," Myrnin disse. "Estamos a beira agora. Ele sabe que está perdendo. Temos que agir."

E então John de Leeds disse, naquela voz perfeitamente calma, "Lord Myrnin de Conwy." Houve as cabeças se virando de novo. Myrnin levantou da cadeira e ergueu a mão para Claire. Os olhos dele estavam brilhantes, um pouco brilhante demais. Um pouco maníacos demais. O sorriso dele assustou ela, e ela não achou que fosse só a maquiagem. "Pronta?" ele perguntou.

Ela não tinha escolha. Ela levantou e pos a mão na dele, e andou em direção da última coisa do mundo que ela queria fazer.

DOZE

Subir os degraus pareceu como uma marcha providencial até a forca. Amelie ficou de um lado, brilhando como um candelabro, e ela estava olhando para Myrnin com um furioso disprazer.

Ele pegou a mão pálida e perfeita dela e beijou. "Oh, não fique tão aflita, minha velha amiga," ele disse a ela. "Estou perfeitamente bem."

"Não," Amelie disse. "Você não está. E você está prestes a ficar ainda menos." Ela virou para Bishop. "Eu temo que o Lord Myrnin não esteja bem. Ele deve partir, para seu próprio bem."

"Ele parece bem o bastante," Bishop respondeu. "Deixe ele vir para frente."

"Seu tolo," Amelie sussurrou enquanto Myrnin fazia sua voltinha de Pierrô e acabou com uma dançante e perfeita reverencia. "Oh, meu amável tolo." Claire não sabia dizer se ela estava atemorizada, com raiva, ou triste. Talvez os três.

Bishop parecia estar se divertindo. "Já faz anos," ele disse. "E como você tem comido, Myrnin?"

"Tão bem quanto você esperaria," Myrnin disse.

"Pierrô. O quão.. estranho para você. Você é muito mais um Harlequin, eu acho.'

"Eu sempre achei que o Pierrô era o secretamente perigoso," Myrnin disse.

"Toda aquela inocência deve esconder algo."

Bishop riu. "Eu senti sua falta, tolo."

"Verdade? Estranho. Eu não senti sua falta, meu senhor."

Isso parou a risada de Bishop, e Claire sentiu o medo ao redor dela, de forma sufocante e fria. "Ah, eu lembro agora porque você parou de divertir, Myrnin. Você é honesto como um clube."

"Eu achei que fosse mais como um espadim, senhor."

Bishop terminou com conversa fiada. "Você vai jurar?"

E Myrnin disse, chocantemente, "eu vou." E ele procedeu com um juramento que fez Claire poscar. Ele terminou com, " - superficial total-nascido maçã-john! Criador de vandalismo e desafiante de cachorros mortos!" e ele fez outra voltinha e outra reverencia. Ele olhou para cima com um gracejo que era mais como um olhar malicioso. "É isso que você quis dizer, meu senhor?"

Claire arfou quando mãos frias se fecharam ao redor da garganta dela vindas de trás. Ela foi puxada para trás. Era Ysandre segurando ela, e a vampira se curvou para sussurrar, "Sim, por favor lute. Eu perdi seu

namorado antes de poder provar. Eu vou te pegar ao invés dele.”

Claire nem hesitou. Ela passou a mão debaixo da túnica, pegou o antiga garrafa de perfume que Myrnin tinha dado a ela, e tirou a tampa.

E ela derrubou a água benta bem na cabeça de Ysandre.

Ysandre gritou tão alto que os cristais na mesa tremeram. Ela se afastou chacoalhando a cabeça, derramando gotas que pousaram em François, que estava se movendo em direção a ela. Ele gritou também. Onde as gotas tocaram, elas entraram fundo na pele. Claire encarou, apavorada. Eles os machucou bem. Gravemente.

Myrnin riu, profundamente na garganta dele, e tirou uma pequena e afiada faca que ele tinha colocado no lado. Enquanto Bishop avançava até ele, ele o cortou, ainda rindo.

Ele conectou.

Foi um pequeno ferimento no braço de Bishop, mal um naco, mas Claire viu o corte no antigo manto do vampiro, e um fino traço de sangue na faca.

Bishop parecia surpreso o bastante para parar e examinar o dano na fantasia dele. A risada de Myrnin ficou cada vez mais alta, e ele deu mais uma voltinha, mais rápido, quase como um borrão.

“Myrnin!” Claire gritou. Ela estava se afastando de Ysandre, queimada e furiosa, que estava andando em direção a ela. Ela tropeçou e caiu de costas. “Myrnin, faça algo!”

Ele parou de dar voltinhas e olhou para a faca ensangüentada na mão dele.

“Eu disse a Sam antes, você tem que saber quando deixar para lá,” ele disse. “É hora, Claire.”

Ele soprou um beijo, e pulou por cima da mesa.

E ele fugiu, tremendo com a risada, ainda segurando a faca. Bem para fora do salão.

Por alguns segundos, ninguém se moveu. Claire encarou Ysandre, que parecia tão surpresa quanto, e olhou para Bishop.

Que passou os dedos contra o corte na vestimenta, e riu.

“Meu tolo,” ele disse, quase carinhosamente. “Loucos são a risada de Deus, você não concorda?”

Ele sentou no trono, sorrindo. “Ysandre, deixe a criança. Estou inclinado a permitir o pequeno ato de desafio de nossos amigos hoje a noite.”

“Ela me queimou!” Ysandre resmungou.

“E você ira se curar. Não reclame como um cachorro chutado. Não foi nada

além do que você merece."

Amelie, Claire percebeu, não havia se movido. Nem mesmo quando a vida de Claire estava em perigo. Agora ela se mexeu, se abaixando para ajudar Claire a levantar.

"Chega disso," ela disse. "Você teve sua diversão, Pai. Termine isso."

"Muito bem," ele disse. "É hora da prova, minha criança. Jure lealdade a mim, e tudo acabará."

"Se eu jurar fidelidade, nunca acabara," Amelie corrigiu ele. "Eu nunca vou fazer um juramento a você. Você realmente achou que hoje a noite isso mudaria?"

Os olhos frios dele se estreitaram. "Traidora do sangue," ele disse. "Bruxa assassina. Você me dá boas vindas a sua cidadezinha? Você me concede passagem para andar por suas ruas e pegar seus camponeses? Eu não acho que você vai se atrever. Eu te conheço bem demais."

"Eu te concedo nada," ela disse. "Eu não vou jurar lealdade a você. Não vou lhe dar boas vindas. Eu não te darei nada, Pai." Não parecia possível, mas enquanto Claire observava ela, Amelie parecia... humana. Vulnerável. Frágil e esperando para ser quebrada.

"Você me dara uma coisa se quiser manter o que construiu aqui," ele disse. "Eu quero meu livro. O que você roubou enquanto me rolava para minha apressada cova, filha."

Ela congelou, olhos bem abertos. Amelie, que não podia ser surpreendida, tinha sido completamente pega de surpresa dessa vez. "O livro."

"Você acha que eu quero sua patética cidade? Seus ridículos camponeses?" O olhar de contemplo de Bishop passou por Claire, e para o salão além. "Eu quero minha propriedade. De ela para mim, e eu vou partir. Ai. Agora as cartas são suas, criança. O que diz você?"

"O livro não é seu," Amelie disse.

"Eu o tomei das mãos mortas do meu rival," Bishop disse. "Isso faz dele meu. Direito de conquista." Ele deu a ela uma encarada fria e devagar. "Do mesmo jeito que você tomou de mim, se você se lembra, só que eu não estava morto o bastante. Uma pena você não ter se certificado, eh?"

Tudo estava indo errado. Myrnin tinha fugido, e ele deveria ficar, deveria lutar. Amelie não podia fazer isso sozinha; ele mesmo tinha dito.

Todos os outros vampiros estavam de pé mas deixando acontecer.

"Amelie," Bishop disse, "Eu vou te destruir se você se recusar. Você não sabe disso? Você não soube no momento em que vim a essa cidade?"

Claire se moveu para o lado dela. "Ela quer que você vá embora," ela disse. "Você precisa ir. Agora."

Bishop riu. "Uma ameaça de um pequeno cachorro latindo. Você vai me obrigar, mestiça?"

"Não," disse Sam Glass. Ele pulou do chão do banquete até a mesa em um pequeno e fácil movimento, e então desceu para parar do outro lado de Amelie. "Não sozinha, de qualquer forma." Ele tinha tirado seu chapéu de Huck Finn, mas mesmo que ele estivesse usando, a expressão dele era uma que exigia que ele fosse levado a sério.

Michael se juntou a ele, cruzando a distância com um pulo, enquanto Eve e Shane subiam os degraus.

Houve um segundo de pausa, e então os outros começaram a se mover. Oliver. Mônica. Charles e Miranda.

O pai de Claire subiu para pegar as mãos da mãe dela e colocar ela para o lado, fora do perigo.

Mais continuaram vindo.

Os vampiros e humanos de Morganville ficaram juntos, lotando o palco na frente de Bishop, Ysandre, e François. Não todos eles - mas mais da metade do salão.

"Você não é bem vindo aqui," Oliver disse, "Mestre Bishop. Essa é nossa cidade. Nossa gente. É hora de você partir."

"Uma rebelião," Bishop disse. "Que refrescantemente moderno."

Ele acenou para Ysandre e François. François arrancou Jennifer do assento dela na mesa.

Ysandre foi em direção a Shane, e então agarrou Jason Rosser afundou as pressas profundamente o pescoço dele.

Pandemônio. Sam e Michael ambos bateram em François, empurrando ele para trás enquanto ele tentavam afundar os dentes em Jennifer que gritava, e Claire perdeu vista deles quase que imediatamente. Bishop estava de pé, lutando mão a mão com Oliver. Amelie, olhos da cor e tão duros quanto diamante, agarrou Ysandre pela nuca e a arrancou para longe de Jason.

"Minha propriedade," ela surtou, e segurou os braços de Ysandre enquanto ela rugia e lutava. "Garoto! Garoto!" Ela se curvou em cima de Jason, os dedos pálidos dela tocando o rosto dele. Jason abriu os olhos. Ele estava chorando, Claire pensou, mas então ela viu o rosto dele, e ela sabia que ele não estava chorando.

Ele estava rindo.

"Perdedora," ele disse.

"Não!" Claire chorou, mas era tarde demais.

Jason tirou uma estaca da roupa de macaco e empalou Amelie, direto no coração.

Tudo parou.

Amelie tropeçou para trás. A estaca de madeira no peito dela parecia surreal, obscena, errada.

Amelie era invulnerável. Não podia ser ferida.

Um rastro de sangue se alastrou pelas roupas brancas dela ao redor da estaca, crescendo diante dos olhos de Claire.

Sam gritou. Ele abandonou François enquanto Amelie caía, e pegou ela, colocando ela devagar no chão de madeira do palco. O olhar no rosto dele – Claire nunca viu tanta dor, nunca.

Oliver socou Bishop com tanta força que o velho homem tropeçou para trás e caiu do lado do trono; então Oliver tomou seu lugar ao lado de Amelie.

“Não!” Oliver surtou enquanto Sam pegava a estaca para retirar ela. “Ela é velha. Ela vai sobreviver até você levar ela em segurança. Leve ela!”

E então ele virou enquanto Jason se lançava nele, com os olhos malucos, com outra estaca. Oliver o agarrou no meio do ar quebrou o braço dele com uma virada sem esforço, jogando ele pelo palco para bater em François, que segurava Michael no chão.

“Mãe! Pai! Saíam daí!” Claire gritou. O pai dela chamou ela para ir com eles, mas ela balançou a cabeça. Ela não ia deixar os amigos para trás. Não do jeito que Myrnin deixou ela.

Os pais dela saíram, passando pela porta. Outros estavam correndo, na maior parte aqueles que escolheram não enfrentar Bishop em primeiro lugar. Claire viu Maria Theresa passando pela porta, carregando o tributo humano pelo braço. Ele parecia aterrorizado, e ele estava tentando se soltar.

Na escuridão, ela ouviu gritos.

Amelie piscou, respirou, e sussurrou algo para Sam. Ele olhou para Claire, e o rosto dele era tão duro e pálido como mármore polido. “Fim de jogo,” ele disse. “Bishop contra-ataca.”

Claire olhou e viu que alguns que ficaram para trás estavam se voltando contra seus humanos, ou atacando outros vampiros. Bishop tinha trazido seus próprios agentes com ele, e era só uma questão de tempo antes chegarem no palco. Ia ser um livre-para-todos.

Michael se juntou a eles. As roupas dele estavam rasgadas, e ele tinha um corte sem sangue na bochecha.

“Tire eles daqui!” Oliver gritou para ele. “Agora!”

Oliver se lançou em Bishop, jogou o vampiro de volta contra o trono, e pegou sua fantasia de espantalho. Ele tirou uma longa e pontuda adaga, e enfiou no peito de Bishop para prender ele contra a madeira.

Irritou Bishop mais do que machucou ele. Bishop se soltou com violência e tirou a adaga, e então atacou Oliver com tanta força que o vampiro caiu completamente do palco na escuridão do salão do banquete.

"Sam!" Michael gritou. Sam colocou Amelie nos braços e pulou para fora do palco. A maior parte dos outros o seguiu. Michael agarrou Eve e Shane, e Claire e virou para seguir enquanto eles corriam escada abaixo.

Ysandre parou ela.

"Não tão rápido," ela disse. A voz dela não soava mais como um bramido; era um rugido, baixo e vicioso. "Você eu quero."

Claire buscou uma arma. Ela conseguiu um garfo caído, e o enfiou no braço de Ysandre. A vampira gritou, o arrancou para fora, e colocou as mãos ao redor da garganta de Claire, curvando as costas dela contra a mesa. Claire não conseguia respirar. Ela lutou contra a mão de ferro da vampira, e tentou se soltar, mas foi inútil.

Ela estava morrendo.

Oliver atingiu Ysandre em um salto. Ele a derrubou em Bishop, e os dois caíram. Antes deles baterem no chão, ele agarrou o pulso de Claire e a puxou em direção das escadas. Ela não estava se movendo rápido o bastante para ele. Ele a colocou nos braços, e o mundo ficou borrado ao redor deles.

Velocidade de vampiro.

Gritos pareciam ruídos, e Claire ouviu batidas e sirenes, e então nada.

Estranho, se sentir segura nos braços de Oliver.

Quando ela acordou, a cabeça dela estava no colo de Shane, e ele estava acariciando o cabelo dela. Ela ouviu o som murmurado de vozes. "O que -" A garganta dela doía. Doía muito. E a voz dela soava engraçada.

"Hey," Shane disse, e sorriu para ela. Não parecia certo, aquele sorriso. "Não fale. Estamos em casa - temos tudo seguro. Está tudo bem."

Ela duvida disso. Ela podia ouvir as sirenes do lado de fora, passando pela rua. Vozes dentro da casa, varias delas. Ela tentou sentar, mas Shane a segurou para trás. "Sam está lá em cima com Amelie, no quarto de recreação." Que era como Shane chamava o quarto escondido de Amelie. "A cidade está fechada. Bishop já tem muita gente na folha de pagamento dele. Varias surpresas. Ele tem estado ocupado."

Ela falou mudamente, Quem está aqui?

"Yeah, bem, temos convidados hoje a noite," ele disse. "Não conseguimos levar eles para suas próprias casas, então eles estão se refugiando aqui. Sua mãe e pai estão aqui -"

E ali estavam eles, empurrando Shane para fora do caminho. Mãe estava chorando enquanto ela acariciava o rosto de Claire. O pai dela foi mais

estóico, mas o rosto dele estava vermelho e mandíbula estava cerrada.

“Como você está, garota?” ele perguntou.

“Bem,” ela sussurrou, e apontou para eles.

“Estamos bem, querida,” a mãe dela disse, e beijou ela na testa. Ela ainda estava usando o longo vestido branco, mas as asas de anjo pareciam descentralizadas. “Quando Oliver te trouxe, eu pensei – eu pensei que era tarde demais. Eu pensei – ”

Eles acharam que ela estava morta. Claire se sentiu culpada, embora desmaiar não tivesse sido idéia dela, exatamente. “Estou bem,” ela conseguiu dizer. Ela tentou engolir, e descobriu que era só uma péssima idéia; era uma terrível idéia. Ela tossiu. Isso doeu ainda mais.

Patético.

“Oliver?” ela sussurrou. O pai dela acenou para um lugar atrás do sofá, onde ela estava esticada.

“No telefone,” ele disse. “Ele é bem um cara que toma controle, não é?”

As luzes da casa apagaram, e as pessoas gritaram. Quase imediatamente, os luzes de lanternas ligaram; Eve e Shane as tinha pronta, e Michael também.

“Se acalmem,” Michael disse. “Todo mundo relaxe. A casa é segura.”

Nada estava seguro de Bishop, Claire queria dizer a ele. Ysandre e François estiveram ali, e eles entrariam de novo se quisessem. A obscuridade parecia mais grossa e apenas ao redor dela. Se haviam fantasmas na casa – outros além do que Michael tinha sido – eles estavam vindo em força total hoje a noite, atraídos por fúria e medo.

“Hey,” Eve disse. Ela estava na frente da janela, olhando para fora. “Algo está pegando fogo lá.”

Um caminhão de incêndio passou, gritando, perseguido por vários carros de patrulha. Noite agitada para os serviços da cidade, Claire pensou tonta. Ela levantou, apesar das tentativas da mãe dela de manter ela deitada. A sala girou um pouco, e então se firmou. Ela se juntou a Eve na janela. Eve colocou um braço ao redor dela e a abraçou, olhos ainda no incêndio. Era um grande, talvez a três ruas de distancia. Chamas estavam a vários metros no ar.

“Como você está?” Eve perguntou.

Claire deu um silencioso polegar para cima, e viu Eve sorrir.

“Yeah, você deu uma de Spartacus lá. Eu estava orgulhosa, sabe. Bem, até você meio que apanhar.”

Claire tentou falar um indignado. “Hey!”

“Ok, então, talvez não tenha sido sua culpa.” Eve abraçou ela de novo.

“Água benta. Toque legal. Eu quase fiquei impressionada.”

“Casa de quem?” duas palavras, Claire conseguiu sussurrar. Isso era um progresso. “Pegando fogo?”

“Eu acho que é a casa Melville.” Eve buscou uma vista diferente. “Merda. Eu vejo algo mais. Isso não é bom.”

Michael se juntou a elas. “É parte do plano de Bishop,” ele disse. “Ou pelo menos, é o que eu acho. Criar caos. Manter Amelie desequilibrada.”

Claire aposta que falha no poder fosse parte do plano também. “Quanto deles tem?”

“Na casa? Cerca de trinta.” Eve virou os olhos. “Metade são vampiros. Ótimo, huh? Depois de tudo aquilo.”

Claire encarou ela. “Trinta?”

Eve acenou. “O que?”

“Nos faz um bom alvo.”

“Ela tem razão,” Michael disse. “Precisamos ficar alertas.”

Shane se pressionou do lado de Claire. Ele ainda estava usando as calças de couro, mas estava usando uma camisa do Marilyn Manson que parecia resgatada do fundo do cesto de roupa para lavar.

Ela não se importou. Ela caiu contra ele, e sentiu os braços dele ao redor dela, e apenas por um segundo, tudo estava bem.

“Matador de coelhos,” Shane disse carinhosamente, e beijou ela. “Qual é o da roupa?”

“Harlequin,” ela disse. “Myrnin – “ A memória do que Myrnin tinha feito voltou para ela. Ele zombou de Bishop. Ele armou para que Amelie caísse, e ele fugiu. Ele a deixou lá também, para morrer.

“Aquele era o Myrnin? O maluco? Claire. Como você pode ter confiado nele em primeiro lugar?” Shane colocou as mãos no rosto dela. “Ele te convenceu, não foi?”

Não exatamente. Ela queria acreditar em Myrnin. Ela queria acreditar naquela doce e inocente alma que ela via nele de vez enquanto – mas agora ela não tinha certeza que ela existia.

Ou se existia, talvez a cura dela a tivesse destruído.

“Eu não podia – “ Claire tentou juntar as palavras, mas era muito difícil, e os olhos de Shane eram muito clementes. Ele beijou ela, e mesmo sob as circunstâncias, com os pais dela bem ali, com a casa cheia de vampiros e metade de Morganville em perigo, ela achou que pudesse ficar a noite e dia todos ali, nos braços dele.

“Eu sei,” ele murmurou, com os doces e úmidos lábios dele nos dela. “Eu

sei."

Ela quase achou que ele soubesse.

"Desculpe por interromper," Michael disse atrás de Claire," mas acho que precisamos fazer uma patrulha no perímetro."

"Não é uma má idéia," Shane disse, e se afastou,"se eles estão incendiando casas para levar as pessoas para as ruas. É mais fácil pegar elas desse jeito, eu aposto."

"Exatamente." Michael entregou a ele um pé de cabra. Shane a girou e colocou no braço. "Como Claire disse, somos um bom alvo. Todas as Casas do Fundador são. Eu pego os fundos; você a frente."

"Eu faço," Claire ofereceu. Shane e Michael agarraram ela pelos braços e a levaram em direção ao sofá, onde ela foi jogada sem cerimônias. "Hey!"

Shane virou para os pais dela. "Se certifiquem que ela fique dentro de casa."

"Nós vamos," a mãe dela disse, e sentou ao lado de Claire.

"Honestamente, Claire, o que você está pensando? É perigoso lá fora!"

Era exatamente isso que Claire estava pensando, em relação a Shane. Mas ela sabia que na condição atual dela, ela não tinha muito uso. Não para isso, pelo menos.

"Banheiro," ela suspirou, e não havia no que discutir sobre isso. Os pais dela trocaram um olhar. Pai deu nos ombros.

"Eu vou com você," A mãe ofereceu.

"Mãe, sou velha o bastante para ir ao banheiro sozinha." A voz dela estava ficando mais forte a cada minuto; ela só teve que hesitar um pouco para falar tudo. Ela ainda soava como se tivesse o hábito de fumar um maço por dia, no entanto. Mas rouco era sexy, certo?

Mãe tinha dúvidas sobre a teoria de ser velha o bastante, mas ela ficou onde estava, no sofá. Ela e o pai trocaram uma contração de ombros. Claire passou por vários estranhos - todos vampiros, com olhos frios e suspeitosos - e subiu.

Miranda estava sentada no chão com as peruca de Medusa nas mãos. "Hey," Claire disse, e se abaixou perto dela. "Você está bem?"

Miranda acenou. "Te disse," ela disse. "Sangue. Fogo. Tudo está indo embora."

"Você pode ver algo sobre nós? Sobre a casa?"

Miranda balançou a cabeça. "Muito cansada." Ela soava como se - estivesse quase catatonia, gaguejando as palavras. "Cabeça dói."

"Vem," Claire disse, e fez Miranda levantar. "Eu tenho uma cama. Não tem porque alguém não usar ela."

Ela viu a garota se enfiar nela, já cochilando, e então – como tinha prometido a mãe e o pai – visitou o banheiro. Havia fila. Quando ela acabou, ela se sentiu livre para investigar suas opções.

Ela nunca prometeu voltar em seguida.

Ela nunca prometeu voltar em seguida.

O caminho que ela queria tomar estava bloqueado pelos guarda costas de Amelie – o que acenou para ela durante a visita mais cedo, na verdade. Ele era marginalmente menos como rosto de pedra que o resto da equipe dela, mas definitivamente intimidante. Claire olhou para ele, muito ciente que o machucado ao redor da garganta dela estava ficando roxo.

“Eu posso subir?” ela perguntou. O guarda costas pareceu considerar ela por um longo segundo antes de dar um acenou e se mover para o lado. Ele bateu. A porta escondida abriu, e Claire entrou e a ela fechou atrás dela.

Havia outro guarda costas vampiro na base das escadas, e ele não era tão amigável, mas depois de uma conversa sussurrada no topo das escadas, ele deixou ela subir.

Lá em cima estava apenas Amelie, deitada em uma congelada queda d’água de ceda branca no sofá, e Sam, e Oliver.

A estaca ainda estava no peito dela, e os olhos dela estavam abertos e vazios.

Oliver disse para Claire no segundo que ela apareceu nas escadas. “Vá embora!”

Ela quase foi, mas Sam pulou rapidamente. “Não,” ele disse. “Ela mereceu o direito. Ela foi a primeira a apoiar Amelie, não você. Nem mesmo eu.” Oliver parecia incomodado, mas ele voltou a se focar no rosto duro e pálido de Amelie. Os longos dedos dele estavam nas temporas dela, inesperadamente gentis. Ele tinha tirado sua fantasia de espantalho, ou a maior parte dela, mas ainda havia pedaços de palha no cabelo dele, e manchas de maquiagem na pele dele.

Ele se inclinou mais para perto, encarando os olhos dela, e ficou ali. Segundos passaram, e Sam esperou.

“Agora,” Oliver sussurrou.

Sam agarrou a estaca e tirou, uma única puxada. O corpo de Amelie seguiu para cima em um espasmo, e a boca dela abriu largamente. Os dentes de vampiro dela brilharam, afiados e mortais na luz.

Ela não fez som nenhum.

Sam parecia atormentado. Oliver estava sussurrando algo, muito fraco para Claire entender, e ele curvou a cabeça tão perto de Amelie que eles estavam quase se tocando. Quando Sam foi em direção a ela, Oliver olhou para cima e balançou a cabeça afiadamente. Sam congelou.

"Leve ela," Oliver disse, e removeu as mãos da cabeça dela. Sam rapidamente assumiu, deslizando as dele no lugar. Oliver dobrou as mangas, respirou fundo, e colocou o braço na boca de Amelie.

Claire recuou quando Amelie mordeu profundamente. Oliver não. O olhar de Sam alternou entre Amelie e Oliver, procurando por algo que Claire não entendia, e então ele soltou Amelie e agarrou o braço de Oliver e o afastou dela.

Oliver tropeçou e caiu, e cobriu os olhos com as duas mãos. A ferida aberta no braço dele deixando rastro de gotas de sangue, batendo no chão, então indo mais devagar. Parando enquanto ele se curava.

Amelie piscou e virou a cabeça em direção a Claire. Ela parecia morta, a não ser pelo fato de que ela estava se movendo; os olhos dela ainda estavam fixos, as pupilas dilatadas, e a pele dela era de um azul branco.

"A garota," ela sussurrou. "Deve ir. Fome."

Sam acenou e olhou por cima dos ombros para Claire. "Vá pegar sangue para ela," ele disse. "Deve ter um pouco na geladeira."

E Claire percebeu com um choque que não havia. Eles estavam sem sangue.

"Merda," Shane disse enquanto eles estavam parados juntos na frente da geladeira. As prateleiras tinham sobras de chilli, massa, e hambúrguers. O bastante para alguns dias. Não o bastante nem de perto para o numero de pessoas na casa, mesmo para os humanos. "Você está pensando o mesmo que eu?"

"Estou pensando que temos uns 15 vampiros e nada de sangue," Claire disse. "É isso?"

"Não, eu estava pensando que estamos sem batatas. É claro que era isso que eu estava pensando."

Shane moveu algumas garrafas de condimento de novo, procurando pela terceira vez algum sangue escondido nas garrafas. "Eu disse merda?"

"Mais de uma vez, yeah. Você não deveria voltar lá para fora?"

"Eu troquei de turno com um vampiro. É melhor ter eles andando no escuro do que nós, sabe? Alem do mais, quanto menos deles estiverem aqui agora _"

"Melhor," ela terminou. "Eu não discordo. Mas Sam disse que Amelie precisa se alimentar, e isso significa sangue. Ela não é a única também. E quanto ao Centro de Doação?"

"Eles não entregam?" Shane disse, e então estalou os dedos. "Espera. Espera um minuto. Sim, eles entregam."

"O que?"

Ele virou e pegou o telefone da base na parede, então o colocou de volta. "Sem linha."

Claire pegou o celular. "Eu tenho sinal." Ela o entregou para ele, e observou ele discar. "Pra quem você está ligando?"

"Pizza Hut."

"Perdedor."

Ele mostrou o dedo. "Hey, Richard?" Não, Claire notou, Dick. A situação tinha elevado ele para um status de nome completo. "Escuta, cara, temos uma situação aqui na Glass House."

Claire pode preencher a outra metade da conversa vindo de Richard Morrell quase literalmente. O que você acha que eu tenho, com a cidade enlouquecendo?

"Estamos sem sangue," Shane disse. "Amelie está ferida. Faça as contas, cara. Um pequeno serviço de entrega do Melhor de Morganville não seria ruim agora."

Seja o que for que Richard tenha dito, não era encorajador. "Você está brincando," Shane disse, em um tom totalmente diferente. Um preocupado. "Você não está brincando. Oh meu Deus." Uma curta pausa. "Yeah, cara, eu vou pegar. Eu vou pegar. Ok, certo. Cuide-se."

Isso, ela pensou, era definitivamente a conversa mais civil que ela tinha ouvido entre Ricahrd e Shane. Foi quase amigável.

Shane fechou o telefone e jogou de volta para ela, e o rosto dele estava duro em auto-controle.

"O que?"

"O centro de Doação está queimando," ele disse. "Como você se sente sobre sangue móvel?"

O Banco de Sangue Móvel chegou na frente da casa exatamente 15 minutos depois – brilhante, preto, e intimidador. Veio como uma guarda de carros e a policia usando colete a prova de balar que tomaram posto dos dois lados da rua.

Claire olhou para o relógio. Eram quase 4 da manha – ainda horas até o amanhecer, embora os incêndios estivessem deixando difícil diferenciar dia e noite. O Departamento de Bombeiros de Morganville foi superado em números. Qualquer que fossem os empregados incríveis que Bishop havia contratado eles definitivamente estavam fazendo o trabalho deles.

Claire se perguntou o que Bishop estava fazendo. Esperando, provavelmente. Ele não tinha realmente que fazer mais nada. Morganville estava se despedaçando, com ataques as centros de comunicação, Centro de Doação, e – como ela ouviu pela boca de alguns outros – o hospital. Até agora, a universidade parecia segura. Havia suplemento de sangue no campus, mas seria difícil pegar ele no caos.

Michael saiu para encontrar o vampiro dirigindo o Banco de Sangue Móvel.

Ele voltou balançando a cabeça. "Não sobrou nadam" ele disse. "Eles já tinham entregado as coletas do dia no Centro. Não tem nada guardado. Ele disse que ouviu que os suprimentos no hospital também foram sabotados.

"A não ser que a gente bata de porta em porta para reunir garrafas e bolsas, é só isso que tem," disse um vampiro parecendo preocupado. "Eu disse ao Conselho que deveria a ver mais suprimentos de reserva."

"E quando ao depósito da universidade?"

"O bastante para alguns dias," o motorista do Banco Móvel disse. "Eu não sei mais nada."

"Eu sei," Claire disse, e engoliu dolorosamente enquanto todos olhavam para ela. "Mas eu preciso de permissão de Amelie para te levar lá."

"Amelie não está em forma para dar permissão. E quanto a Oliver?"

Claire balançou a cabeça. "Tem que ser Amelie. Desculpe."

O motorista parecia cansado e muito frustrado. Ele apertou a ponte do nariz. "Tudo bem," ele disse. "Mas antes dela poder dar o consentimento, ela precisa se alimentar. E eu preciso de doadores."

Eve, que estava estranhamente quieta, deu um passo para frente. "Eu faço," ela disse. "Eu também." Essa foi Mônica Morrell. Ela tirou sua pesada peruca de Maria Antonieta e a jogou no chão. Claire pensou sobre o que Richard Morrell tinha tido sobre o prefeito querer devolver a fantasia por crédito, e quase riu. E lá se foi o plano. "Gina! Jennifer! Venham aqui! Tragam todos que vocês puderem."

Mônica, como uma imperial rainha francesa, pôs a habilidade dela de ameaçar e intimidar em bom uso. Em 10 minutos, eles tinham uma fila de doadores prontos, e todas as estações do Banco de Sangue móvel trabalhando.

Claire entrou. Os vampiros estavam olhando as janelas, cuidado por surpresas. A maior parte dos humanos estava lá fora, doando sangue.

Ela olhou a parede em branco da sala, perto da mesa. Tenho que fazer isso rápido. Ela some na nevoa, e ela passou e desapareceu quase antes do portal abrir.

Ela entrou na prisão, passou a mão por debaixo da parte de cima da fantasia de Harlequin, e tirou a afiada cruz que Myrnin tinha dado a ela. Use apenas para defesa. Ela estava pronta para fazer isso.

A cela de Myrnin estava vazia, e a televisão estava ligada num jogo. Claire checkou a geladeira da prisão. Havia uma boa pilha de sangue ali, se ela pudesse levar onde ele era necessário. Myrnin podia estar em qualquer lugar.

Não, ela pensou. Myrnin podia estar apenas em 20 lugar em Morganville, pelo menos se ele estava usando as portas.

Ela voltou para a parede do portal e se concentrou, formou o túnel até o laboratório, e entrou.

Lá estava ele.

Ele estava trabalhando fervorosamente, e todas as lâmpadas e velas estavam a toda capacidade. Ele não tinha parado para se trocar, embora ele tivesse perdido o chapéu de cone em algum lugar; enquanto Claire observava, ele pôs uma das mangas brancas muito perto de uma vela e ela pegou fogo.

"Droga!" ele disse, e rasgou a manga e a jogou no jogou para parar o incendio. Irritado, ele rasgou toda a parte de cima e a jogou no chão.

Ele olhou para cima, semi-nu, selvagem, e viu Claire observando ele.

Por um segundo nenhum deles se mexeu, e então Myrnin disse, "Não é o que você acha."

Claire se afastou da porta. Ela a fechou e trancou. "Se você não queria que ninguém viesse atrás de você, você deveria ter trancado."

"Eu não tenho tempo para isso, e nem você. Agora, você quer me ajudar, ou -"

"Eu terminei de ajudar você!" ela gritou. A voz abusada dela se quebrou como pequenos pedaços de vidro, e ela ouviu a fúria sair. "Você fugiu! Você nos deixou para morrer!"

Myrnin recuou. Ele desviou o olhar, de volta para o que ele estava fazendo no laboratório, e ela viu que ele estava preparando vários slides. "Eu tive meus motivos," ele disse.

"É um longo jogo, Claire. Amelie entende."

"Amelie foi empalada no coração." Ela disse.

A cabeça dele se ergueu devagar. "O que?"

"Bishop comprou o tributo dela, Jason. Jason empalou ela."

"Não." Mal foi um som. Myrnin fechou os olhos. "Não, isso não pode ser. Ela sabia - eu disse a ela - "

"Você deixou ela para morrer!"

As pernas de Myrnin falharam. Ele deslizou e ficou de joelhos e enterrou o rosto nas mãos, silencioso em sua angustia.

Claire pegou a cruz, segurando ela do lado, e andou em direção a ele. Ele não se mexeu.

"Ela está viva?" ele perguntou.

"Eu não sei. Talvez."

Myrnin acenou. "Então é minha culpa. Isso não deveria ter acontecido."

"E o resto deveria?"

"Longo jogo," Myrnin sussurrou. "Você não entende."

Havia um tabuleiro de xadrez, um familiar, armado no canto onde Myrnin normalmente lia. Um jogo que estava congelado em meio ataque. Claire o encarou, e por um segundo ela viu o espectro de Amelie sentada com Myrnin, movendo as peças brancas com seus dedos frios.

"Ela sabia," ela disse. "Ela te ajudou. Não foi?"

Myrnin levantou, e Claire ergue a cruz entre eles. Myrnin nem olhou para ela. Ela a puxou mais para perto. Talvez fosse uma coisa de proximidade?

Myrnin fechou a mão na dela, e pegou a cruz. Ele a segurou na palma da mão.

Nenhum tremor. Nenhuma reação.

"Cruzes não funcionam," ele disse "Todos fingimos que funcionam, mas não funcionam."

A boca dela se abriu. "Porque?" Que ótimo. As ultimas palavras dela iriam, como sempre, ser perguntas.

"Obviamente, impede as pessoas de saber o que realmente nos machuca." Myrnin ergueu as sobrancelhas, mas os olhos escuros abaixo delas estavam cuidadosos e tristes. "Claire. Eu não deveria ficar. Era para mim fazer uma distração, pegar minha amostra, e sair."

"Amostra."

Ele apontou para a mesa do laboratório, e no que ele estava fazendo. Claire viu o brilho prateado da faca que ele carregou no banquete - limpa agora, sem traços de sangue.

Mas havia sangue cuidadosamente colocado nos slides de vidro, vários deles.

"O sangue de Bishop?"

Myrnin acenou. "Nunca fomos capazes de obter uma amostra de qualquer vampiro alem de Morganville. Até onde sabíamos, não existem vampiros alem de Morganville. Olhe."

Claire não confiava nele. Ele se afastou, muito longe, e indicou o microscópio uma reverencia apologética.

"Se importa se eu segurar isso?" ela perguntou, e agarrou a faca.

"Desde que você mantenha a ponta longe de mim," ele disse. O peso dela acalmou os nervos um pouco, mas ainda foi necessário varias tentativas para olhar no microscópio por tempo o bastante para se focar, ou invés

de checar a posição dele.

Quando ela o fez, ela imediatamente reconheceu a diferença.

O sangue de Bishop era – para um vampiro – saudável.

Ela se afastou e olhou para Myrnin. “Ele não está infectado.”

“E fica melhor,” Myrnin disse, e acenou em direção aos slides. “Tente o número oito.”

Ela pegou o slide. “Eu não vejo nenhuma diferença.”

“Exatamente,” ele disse. “Esse é o meu sangue, misturado com o de Bishop. Agora cheque o número 7 – apenas o meu sangue.”

Era um pesadelo. Pior do que Claire já tinha visto. O que quer que fosse que o soro estivesse fazendo com Myrnin, estava destruindo ele.

Ela checou o slide 8 de novo.

Slide 7.

“Ele é a cura,” ela disse.

“Agora você vê,” Myrnin disse, “porque eu estava disposto a arriscar tudo e todas para ter certeza.”

A saúde de Myrnin falhou de novo depois de outra hora – mais tempo do que Claire pudesse ter dado a ele, baseado no que ela viu nos slides. Quando ele começou a ficar cansado e misturar as palavras, ela destrancou a porta da prisão e levou ele para a sua cela.

“Droga,” ela suspirou, quando lembrou que ele quebrou a porta. “Precisamos trocar você de lugar.”

Levou um tempo, embora ela só tivesse pego o que Myrnin apontou como os essenciais – roupas, cobertores, o tapete, os livros. Quando ela colocou tudo na próxima cela, e substituiu o antigo e imunda tarimba com o limpo cama portátil, Myrnin estava no canto, enrolado como uma bola. Se enrolando devagar para trás e para frente.

Ela se aproximou dele o mais cuidadosamente que pode. “Está pronto,” ela disse. “Vem. Vou pegar algo para você comer.”

Myrnin olhou para cima, e ela não sabia se ele tinha entendido ela até ele levantar e acenar para ela para sair da frente com a mão tremendo.

Ele fechou a porta da cela e testou a fechadura, então sentou na cama.

“Amelie,” ele disse. “Cuide de Amelie.”

“Nós vamos,” Claire prometeu. Ela entregou a ele uma bolsa de sangue – não jogou, entregou.

“Desculpe. Eu tinha entendido.”

O aceno dele foi mais um tremor convulsivo. O olhar dele foi atraído pelo sangue, mas ele se forçou a olhar para o rosto dela. "Longo jogo," ele disse. Use o que Bishop quer. Deixe ele pensar que está ganhando. Jogue por tempo. Traga o doutor."

"Dr. Mills?"

"Preciso de ajuda."

"Eu trago ele aqui de alguma forma.' Claire não queria deixar Myrnin, mas ele tinha razão. Havia coisas a serem feitas. "Você vai ficar bem?"

O sorriso de Myrnin era, mais um vez, quebrado, mas lindo. "Sim," ele disse suavemente.

"Obrigado por confiar em mim. Obrigado por acreditar."

Ela não tinha, na verdade. Mas agora ela acreditava.

Enquanto ela virava e se afastava, ela ouviu ele sussurrar, "Desculpe, criança. Sinto tanto por ter deixado você."

Ela fingiu não ouvir.

TREZE

Os portais eram mais confuso agora, pois o poder estava fora de Morganville.

A maioria das casas estavam completamente escuras, e não importa o quão forte Claire se concentrasse, ela não podia levantar três dos destinos ao todo.

O que significava, ela supõe, de que já não existia.

Ela centrou-se nas imediações da casa, mas novamente ficou escuro. Ela ouviu pessoas que falavam, no entanto, e pegou um vislumbre de velas sendo acesas.

O rosto de Eve entrou em cena.

Casa.

Ela estava se preparando para a próxima etapa quando alguma coisa bateu nela por trás, silenciosa e pesada. Ela perdeu o controle do portal enquanto ela caía em frente, gritando. Ela ouviu Myrnin, muito atrás dela, gritar, "Claire? Claire, o que é errado?"

Ela pensava que era um dos detentos, até que ela sentiu uma mão vento em profundidade em seus cabelos passando pelo pescoço e lábios.

Ela ouviu Bishop rir. "Obrigado," disse ele. "Por me levar ao meu tolo."

Atirou-lhe através do portal.

Ela bateu no chão do outro lado e rolou, então gritou e atirou-se na parede. Não abriu para ela. Ela batia nela com seus punhos.

Nada.

Claire virou, pois não se sentia em casa. Escuridão e absoluto silêncio.

"Olá?" Sem resposta. "Shane? Mãe?"

Ela não foi para Glass House. Bishop tinha mudado seu destino quando ele a jogou através do portal, e ela não tinha idéia de onde ela estava.

Meio chorando, Claire fez seu caminho por toda a sala. Seus dedos tocavam no pano macio, e ela procurou. Cortina, ela pensou. Ela puxou e capturou um lampejo de uma janela.

Luz Laranja.

Claire puxou as cortinas para o lado da janela, e olhou para fora de Morganville, brilhava. Deu-lhe luz suficiente para ver o interior da sala onde ela estava presa. Era o mesmo que a sala da Glass House, por isso, devia ser uma Casa do Fundador... uma das treze, então. Mas qual? Não a da Vovó Day; que estava ela estaria em case, e tinha muito

mobiliário. Este tinha um amontoado de caixas....

O olhar de Claire caiu sobre o esboço de um familiar sofá. Ela andou até ele e passou a sua mão sobre a suave curva do braço. Havia algo agarrado próximo a parte onde se juntava com a traseira, onde ela tinha derramado refrigerante uns dois anos atrás, mas não nunca tinha visto a viscosidade fora.

Algumas das caixas no canto estavam marcadas CLAIRE.

Era a nova casa da mãe e do pai.

Claire tinha mapeado ela na mente. Esta casa era para o noroeste, por isso, se ela fosse até o espelho do seu próprio quarto, ela deveria ser capaz de ver em direção a Glass House. Ela não tinha certeza se aquilo iria ajudá-la, exceto talvez uma idéia melhor de saber quais seriam as chances de voltar.

Mas ela precisava ver. Saber que seus amigos e familiares estavam bem.

Houve um incêndio numa casa nessa direção, mas foi a mesma que tinha sido queimada anterior. O Melville House. Claire não podia fazer nada a respeito da beleza antiga, exceto abrir um pequeno número de janelas.

Eles estão, ela pensou, ainda seguros.

Uma viatura policial correu em direção ao fogo, luzes piscando, e Claire esbofeteou sua testa em frustração. "Idiota," ela murmurou. Ela procurou em seus bolsos por seu telefone, ela é tão esquecida.

Graças à banda elástica, ela ainda se sentia com a cabeça meio tonta.

Claire respirou um suspiro de alívio quando ela cavou o telefone do buraco no forro, e discou Richard Morrell.

"Eu preciso de uma carona."

Richard estava no meio de um discurso retórico sobre como ele não era o seu táxi, e como era importante para manter a cidade em movimento, quando ele freou seu carro patrulha. Claire pulou para baixo os degraus da casa de seus pais e correu para a porta do carro que ele mantinha aberta.

Ela conseguiu, bateu a porta, e trancou. Richard olhou ela de cima a baixo.

Ele já não parecia perfeito e arrumado; ele estava com manchas de fumo, cansado, e desarrumado, e ele era a coisa mais linda que tinha visto.

"Que diabos você devia ser?" Questionou.

"Harlequim."

"Isso não é um vilão do Batman?"

"Eu pensei que você estava com pressa."

Richard engatou a primeira, e o carro saiu cantando os pneus. "Segure-se," disse ele em absoluto. Ela colocou o cinto de segurança. "Então. Bela noite para você?"

"Interessante," disse ela. "Você?"

"Fantástico." Ele girou o volante e o carro deu uma guinada para direita. "Há dois vampiros amigos de Amelie na usina agora, recusando-se a ligar as luzes. E três deles nos fez ficar de stand by enquanto o Centro de Doação queimava. Você tem idéia do que está acontecendo?"

"Um longo jogo," disse Claire. Ele deu-lhe uma olhada. "Não, não. Mas no xadrez você criar aberturas para que o adversário jogue errado."

"Xadrez," Richard disse com repugnância. "Estou falando de vidas. Criança, você está começando a me assustar."

"Estou assustada comigo mesma." Disse Claire. Ela não se sente como uma criança. Ela sentia com um milhão de anos, e muito cansada. "Apenas me leve para casa."

Porque ela estava indo para dizer à Amelie que ela iria deixar Myrnin, sozinho, a cargo da misericórdia de Bishop.

Amelie estava sentada quando Claire chegou, escoltada por Richard Morrell, que instantaneamente correu para sua irmã e seu pai para abraços e de informações. Ela não parecia bem, mas ela estava viva.

Por enquanto.

Claire não tinha qualquer simpatia por ela.

"Myrnin," disse Claire. "Você usou ele."

Sam, sentado sobre o braço da cadeira de Amelie, amarrou a cara para ela. "Não. Ela está muito cansada."

"Sim, bem, todos nós temos problemas." Claire apertou as mãos de Michael, também.

"O sangue de Bishop é a cura. Você e Myrnin estavam certos."

A Expressão de Amelie não se alterou. Ela parecia fria, distante, inacessível.

De repente, Claire sentiu uma urgência selvagens de machucar. Mal.

Então ela fez.

"Bishop está lá," disse ela. "Ele tem Myrnin."

Os olhos de Amelie incidiram sobre os olhos dela, e toda a fúria de Claire saiu. "Eu sei," Amelie disse. "Eu posso sentir isso. Sabíamos que

era um risco, usando Myrnin como um cavalo de perseguição, mas alguma coisa tinha que ser feito.”

“Você não pode deixá-lo lá. Você não pode.”

Amelie suspirou. “Não,” ela concordou. “Eu não posso. Eu ainda preciso de Myrnin, muito. É muito cedo no jogo para sacrificar ele.”

Claire engoliu duro. “Será que significa algo para você? Qualquer um de nós?”

Amelie olhou ao redor da sala. Todos os humanos, todos vestindo roxas ligaduras elásticas em seus cotovelos, o sinal que tinha dado sangue para salvá-la. No outro lado vampiros, todos à espera de comandos.

“Você quer dizer tudo para mim,” disse ela. “A sobrevivência do meu povo, e seu, é tudo que eu sempre quis, Claire. É por isso que estou aqui. É tudo que eu trabalhei.” Seus olhos cresceram frios, e algo da antiga Amelie voltou. “Sacrificaria Myrnin por isso. Oliver. Sam. Até eu mesma. Mas não é suficiente.”

Todos na sala ainda esperavam. Shane moveu-se para o lado de Claire, e ela tinha consciência de Eve e Michael logo atrás dela.

Mas Amelie ainda olhava direito para ela.

“O que vai sacrificar, Claire?” Ela perguntou. “Para ganhar?”

“Não é um jogo,” disse Claire.

Amelie inclinou a cabeça dela. “Verdade. É guerra. E agora temos que lutar todos por nossas vidas.”

Claire segurou na mão de seus amigos.

“Então diga-nos o que fazer.”

Amelie ficou quieta por um momento, e então ela levantou. Claire pensou que só quem conhecia ela, realmente a conhecia, poderia dizer que ia custar.

Ela levantou a voz para chegar a todas as partes da sala.

“Nossas forças devem ser divididas,” disse ela. “Não podemos perder as Casas do Fundador, o Sangue Móvel, a Universidade, e a Common Grounds. Iremos manter. Aqueles que seguem Bishop ganharam a liberdade para caçar. Aqueles de nós que estão suficientemente forte pode negar-lhes esse direito. Aqueles que estão presos serão armados para defender-se. Isto não é opcional. Todos os seres humanos serão armados e ensinados estaquear um vampiro.”

“Não há volta disso,” disse Oliver. Sua voz era neutra. Sua expressão não. “Você está dando-lhes muito.”

“Eu estou dando igualdade,” Amelie disse. “Você gostaria de discutir o ponto comigo agora, de todos os tempos?”

Oliver, depois de uma paragem cardíaca, sacudiu a cabeça dele.

"Então vá," Amelie disse. "Oliver, Eve, vão para Common Grounds e mantenha-o. Sam, escolha defensores para cada Casa do Fundador. Pelo menos dois vampiros e dois humanos por casa. Michael, Richard - vão para a universidade. Vou chamar o regente - você terá tudo que você precisar."

Seu olhar mudou-se para Claire. "Eu preciso de você comigo," disse ela. "Iremos buscar Myrnin."

"Bishop está lá," Claire lembrou à ela.

"Estou bem consciente. Iremos tomar precauções."

Shane limpou a garganta. "Você não vai a lugar nenhum sem mim."

"Eu temo que sim," Amelie disse. "Eu tenho um trabalho muito especial para você, Shane Collins."

"Eu não vou gostar disto, vou?"

Ela sorriu.

"Não acho que sim," Shane manteve sua respiração.

"Você estará a cargo do Sangue Móvel," Amelie disse. E uma outra coisa."

"Tal como o Carro de Sangue Móvel não é suficientemente mau?"

Amelie pegou no bolso do seu robe de cristal, e puxou um pequeno livro de couro.

Ele parecia muito, muito familiar. Era o livro que tinha colocado eles em problemas antes - o livro que Bishop queria.

"Você será responsável por este," disse ela, e entregou para ele.

Ele pegou, e, enquanto ele fazia, Claire percebeu o que Amelie tinha feito.

Ela acabava de fazer Shane de isca.

Traduzido por:

Andyinha <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=15348099849030902504>

Rafa <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=8671253721547740965>

Comunidades:

Tradução e Digitalização

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

The Morganville Vampire Series

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>